

AGOSTINHO BOTH

# RUMOR NAS FRONTEIRAS



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

“Eu, Francisco Oliveira, consegui aprendizado precoce da língua. Pude-  
ra! Filho de Amanda, exímia profes-  
sora de Língua Portuguesa e do hábil  
mestre de obras Gilberto de Oliveira.  
Este, de tanto ouvir a esposa, capri-  
chava, embora se desculpasse:

– Minha fala é precária.

Amanda ia produzindo efeitos na  
alma dos dois homens da casa, tendo  
especial atenção no menino. Ele cres-  
cia vendo o mundo cada vez melhor.

Dizia ela:

– O mundo se vê com palavras. As  
ideias dão o sentido, as palavras ali-  
mentam.

Eu, chateado, reclamava do dia.

– Se existe tristeza, guri, o jeito é fazê-  
lo melhor. Te fiz debaixo de mau  
tempo. Sofri horrores pra ter você,  
piá. Olhe pra você como se fosse o  
artista ou repórter do teu dia.”

# RUMOR NAS FRONTEIRAS





AGOSTINHO BOTH

RUMOR  
NAS  
FRONTEIRAS

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 26/11/2017

B749r Both, Agostinho

Rumor nas fronteiras [recurso eletrônico] / Agostinho  
Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

3,8 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-318-0

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros.

I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

# SUMÁRIO

UMA FAMÍLIA.....	9
MEUS ESCRITOS .....	13
A CONTUNDÊNCIA DE UM ACHADO .....	17
NOSSAS BODAS .....	23
MINHA TERAPEUTA.....	27
OS ESCRITOS DE AMANDA.....	29
A VIDA CONTINUA: LA NAVE VA.....	45
CONVERSA IMAGINÁRIA COM MEU PAI .....	49
MEMÓRIAS DE FRANCISCO: .....	55
EXTRAVIADO .....	55
O DIFÍCIL REENCONTRO .....	57
EM BUSCA DE UM LIVRO .....	59
O NASCER DE UM HOMEM .....	63
CHICO, O BOM.....	65
SILVANA E O PAI .....	71
CONVERSANDO COM A SOGRA.....	75
O ENCONTRO EM MAÇAMBARÁ.....	79
HISTÓRIAS DA SOGRA EUFRÁSIA .....	85
OS CURTOS DIZERES DA MÃE .....	89
LAURINDA E A CHUVA NO RIO .....	91
E POR FALAR NELA.....	93
MEUS ALUNOS: POUCO SE GANHA, MUITO SE TEM ...	95
CONVERSAS DE MULHERES.....	99

DEGAS APRENDE A ESCREVER.....	101
EUFRÁSIA, UMA HISTÓRIA .....	103
A VACA LUTADORA.....	107
TENTAÇÃO E QUEDA .....	109
ERA A NOITE DO DEGAS.....	111
CONVERSAS JUNTO AO BAR.....	115
VIAGEM PRA SANTO TOMÉ .....	117
DIVAGAÇÕES E SONHOS .....	121
EUFRÁSIA E OUTRAS HISTÓRIAS.....	125
IA ESQUECENDO A PEQUENA.....	127
MINHAS MULHERES.....	131
SEM MAIS O QUE DIZER.....	137
O VELHO RESSUSCITADO .....	141
DIAS DE VISITA.....	143
O COMEÇO DO FIM.....	145
MEMÓRIAS DE SILVANA.....	149
TANTOS CONFLITOS .....	159
MULHERES.....	163
BOAS NOTÍCIAS?.....	165
BONS E MAUS AUGÚRIOS.....	169
NA ESCURIDÃO.....	173
OS TEMPOS SUCEDEM.....	175
EU, ARTÊMIO O ESCRIBA .....	177
ARTÊMIO DESCOBRE VÔ FRANCISCO .....	181
REPENSANDO A VIDA DE FRANCISCO.....	189
SUSTOS NA CHEGADA.....	191
CONFISSÕES EM TORNO DE UM MORTO.....	197
A CAMINHO DE SANTO TOMÉ.....	201
EU, ARTÊMIO DE OLIVEIRA GONÇALVES, ME CONFESSO.....	207
O QUE TEM ESTA LOUCA FAMÍLIA?.....	217
CONVERSA COM MEU PAI.....	219
ANGÚSTIA DE MINHA MÃE .....	223
TEMPOS DOS VIVIDOS.....	227

SONHO DE UMA NOITE .....	229
PITACOS TEÓRICOS NOS VIVIDOS .....	233
E A SÍLVIA TÃO DISTANTE .....	237
OS REENCONTROS .....	241
AS DIFERENTES INTENSIDADES .....	245
MINHA MÃE .....	249
OS TEMPOS DE CAMILO .....	253
AO OLHAR MINHA FAMÍLIA .....	257
A ARTE DE NÃO SER O MESMO .....	261
VIVA O CANADÁ .....	265
MINHA SÍLVIA .....	267
ALISCHA .....	269
ELA VEIO COM TUDO .....	271
PALAVRA DE MÃE TEM PODER .....	275
DIAS DE CELEBRAÇÃO .....	277
DIAS DE LENDAS .....	281
POR MINHA AVÓ FELÍCIA .....	285
A BISAVÓ .....	287
OUTROS ESCRITOS DE DEGAS .....	295
DEPOIS DE ANDANÇAS .....	297
JOÃO VICENTE PROS TEMPOS DE EUFRÁSIA .....	301
EU, JOÃO VICENTE: UM COLONO .....	303
COLOMBINA .....	307
A MINHA DULCE .....	309
OS DIAS APRESSADOS .....	313
ESTEBAN SIGUE ADELANTE .....	317
EVENTOS BEM PRENUNCIADOS .....	321
PÉSSIMA NOTÍCIA .....	325
UM CASAMENTO OPORTUNO .....	329
TEMPOS DE ACERTOS .....	333
UMA LIÇÃO .....	337
CAMINHOS DOS CAMPOS E DAS ÁGUAS .....	339
PEDRO CONCLUI .....	343



# UMA FAMÍLIA

Eu, Francisco Oliveira, consegui aprendizado precoce da língua. Pudera! Filho de Amanda, exímia professora de Língua Portuguesa e do hábil mestre de obras Gilberto de Oliveira. Este, de tanto ouvir a esposa, caprichava, embora se desculpasse:

— Minha fala é precária.

Amanda ia produzindo efeitos na alma dos dois homens da casa, tendo especial atenção no menino. Ele crescia vendo o mundo cada vez melhor.

Dizia ela:

—O mundo se vê com palavras. As ideias dão o sentido, as palavras alimentam.

Eu, chateado, reclamava do dia.

— Se existe tristeza, guri, o jeito é fazê-lo melhor. Te fiz debaixo de mau tempo. Sofri horrores pra ter você, piá. Olhe pra você como se fosse o artista ou repórter do teu dia.

— Vai sair um filme de Frankstein.

— Não seja pessimista, filho.

— Sei que não sou.

— Para, então, de dizer bobagens!

— Aceito, vou ver de perto os meus dias.

— Vai firme. Acredite em mim. Se o diabo sabe porque é velho, eu digo: mais sábias que os diabos são as mães.

— Sinto medo e um vazio como se nem mãe eu tivesse.

— É natural, é o vazio pra caber ainda mais.

— Vou acreditar! Valeu, mãe! Tô um pouco melhor.

Nada mais foi dito. Iniciei com as tentativas de observar o cotidiano. Muitos foram os dias em que nada via de grandes fortunas. Cheguei-me mais uma vez até a minha senhora:

— Acho que estou cego. Nada tenho a dizer e nada vejo de interessante.

— Eu não te deixei uma camisa nova sobre a cama, questionou a mãe?

— Sim e daí? Camisa é camisa!

— Nada, filho. Aí tem amor, piá.

Fim de mais um mês:

— Viste algo, filho?

— Umas gramas verdes de manhã.

— Que bom! Para alguns a terra é apenas terra, para outros é visto um mundo nas gramas. É assim: a gente espia com os olhos, mas quem vê é a alma. Faça conforme a história de um treinador. A lenda narra: Ele pediu ao aprendiz de arqueiro para que atirasse numa aranha distante.

— Não vejo nada, instou o aprendiz.

— Ela está lá, disse o arqueiro. Olhe bem se quiser ser um bom arqueiro.

O aprendiz começou a olhar com um olho de cada vez. Com mais dias de exercício, distinguiu a aranha distante.

— Então minha alma vê pouco. Por isso os olhos pouco vêem.

— É possível.

— Vou me confessar pra ver se Deus limpa meu ser de toda a maldade.

— Peça, de carona, a ternura.

Mais três anos se passaram: dos treze pros dezesseis. Iniciara com a mãe a arte de ser professor de si mesmo. Por mais que estivesse crescendo, aumentavam os afetos voltados para mamãe. Até demais.

— Por que a senhora se encantou por meu pai?

— Pergunta pra ele. Ele explica melhor.

— Quero saber da senhora!

— Por que esta curiosidade?

— Às vezes eu vejo a senhora olhando pra longe, muito longe, como se tivesse deixado coisa melhor em algum lugar.

— Não seja desagradável!

— Não precisa ficar nervosa!

— Vai fazer os temas que rende mais.

Fiz os temas todos. Joguei bola com amigos, mas não conseguia esquecer a agitação materna. Custava ela dizer? Matutava

Dirigi-me ao pai assim que chegara das obras, cuidando que a mãe não ouvisse.

— Pai, me conta de minha mãe e o senhor.

— Tua mãe me encantou quando a conheci. Acho que ela mal suportava meu jeito. Sabe, ela sempre me ajudou em meu jeito tosco. Amo o jeito elegante. Acho ela feita de cristal. Eu de pedra. Ela me ama. Já basta.

— O senhor fala, eu acredito.

Vi uma sombra mal disfarçada no rosto do pai. Aí tem...

— Falo o que penso. Tenho uma boca grande demais.

— E eu também, filho. Ainda vou ver na uva, na parreira, na chuva e nas pedras uma beleza de encher minha boca. Podes crer, meu piá.

— Seja lá como for, eu te amo, pai.

— Já me contento em ver você todo sincero. Se sou como as pedras, me deixe como sou. Elas são rudes como eu, mas protegem contra os ventos.

— Seja assim, meu pai. O senhor tem a força. Ainda sou um fraco.

— Deixemos de palavras, filho. Conheço gente sem hospitalidade carregada de uma fala de vulto. Uma dessas pessoas até é exímia em promover palavras, entretanto, é a mais perversa das mulheres que encontrei. Quero dizer, filho, nem sempre a palavra é o principal.

— O que é o principal, então?

— É tornar-se interessante, simples como as águas da fonte e amáveis como um diálogo de gente humilde. Conheço pessoas sem cultura, de alma linda e junto delas gostamos de ficar por horas até em silêncio. Não desprezo a palavra, filho. É como um cano, serve para conduzir água boa. Se assim não for, o cano pode contaminar. Não esquecer, filho, a água é que conta. O jeito de ser conta mais. Somos semelhantes às casas. Algumas, acolhedoras, outras opressivas. Sejamos como as primeiras.

# MEUS ESCRITOS

Ao concluir o Ensino Médio, começaram meus espantos. Meu barco se precipitava entre rochas agudas. Em resumo, posso dizer algumas palavras, mas jamais a profundidade de minha confusão. Queria afastar as tristes imagens que me vinham ameaçadoras, turvo o pensamento, acelerado meu corpo. Queria dormir pra esquecer. Via minha mãe assustada, desconfiada, em silêncio.

— O que é que está acontecendo, mãe?

— Coisa de nada, filho.

— Vejo teu rosto diferente.

— Fique bem. É só fantasia.

— Sei que não é. Diga-me o que está acontecendo!

— Vou falar com o médico hoje pela tarde. Vou levar meus exames.

Minha mãe veio do médico. À noite, silencioso, fui ver os exames e li rapidamente a palavra: displasia. Pelo rosto de meus pais, avaliava o possível significado. Ainda ouvi de minha mãe:

— O médico disse: você deve torcer pra não haver metástase.

Fui ao dicionário ver sobre displasia: desenvolvimento anormal de tecidos. Pensei em câncer. O medo se desenhava ameaçador em nossa casa. Assustei-me com a explicação sobre metástase. Pela leitura, me pareceu a morte anunciada. Foi muito amarga a experiência de acompanhar os esforços dela, a mais amável criatura, procurando afastar a morte impiedosa no corpo. Em vigília e em sonhos, se precipitavam

em mim as mais terríveis ameaças. Comecei a pensar de quando ela começou a se queixar das dores. Um ano atrás meu pai e minha mãe se desentenderam. Não sabia ao certo o que acontecera. Meu pai dizia:

— Será possível?

— Nada a ver. Sou tua e nada mais nos pode machucar. Ela nada tem a ver comigo. Foi apenas uma loucura juvenil, meu bem, respondeu ela.

Depois disso nenhum registro a ser anotado. Via, porém, minha mãe pondo os olhos em distâncias. Minhas referências na causa possível do câncer eram precárias. Hoje tenho elementos com algumas convicções para melhor apreciar o que ocorreu com ela. Se suportar conflitos é uma forte razão então, aponto a eles minha desconfiança. Por aqueles dias das queixas lembro uma senhora muito linda. Veio de Porto Alegre para visitá-la. Ouvei também, uma conversa telefônica que no período me provocaram estranheza, entretanto, apenas um tempo depois se me abriram os olhos. Minha mãe pediu à interlocutora para que fosse embora da cidade e a deixasse com as lembranças do tempo em que estudara com ela.

— Disse minha mãe: Larga de meu pé mulher. Não tenho mais nada contigo. Meu marido supre a lembrança antiga.

Mais que isso foi o susto quando, na semana seguinte, a mesma senhora veio vê-la novamente. Entrei na sala no instante em que minha mãe se desvencilhava dela. Ficou lívida e a expulsou de casa. O choro convulsivo demonstrou toda a perturbação. Perguntei ao meu pai sobre o que levou a minha mãe a perturbar-se daquele jeito.

— Coisas de muito tempo atrás. Aquela senhora era colega de tua mãe quando faziam faculdade em Porto Alegre. Não é digna de ser conhecida.

— O que tem minha mãe que eu não posso conhecer?

— Na vida, filho, existem fatos que não merecem nossa atenção.

Dias depois inquiri minha mãe sobre a razão dela expulsar aquela mulher.

— Meu filho, não me perturbe mais do que estou. Por favor!

Nem bem se completara um ano de sofrimento, ela aos poucos foi se conformando apesar das repetidas intervenções em torno do

mal que a possuía. Em dois anos, minha mãe tornou-se um fantasma dela mesma. Mal eu reconhecia o rosto. Um ar soturno envolvia a casa enquanto percebia os esforços pra mostrar coragem. Quanto mais ela sofria mais eu via uma mulher a me amar com ternura. Assim mais um mês. O movimento do anúncio foi um tumulto. A pobrezinha não morreria novamente, então por que tanta pressa? A morte repentina de alguém íntimo se faz acompanhar de um silêncio cheio de presenças. Neste dia meu corpo tremia todo. Acompanhei todas as cerimônias sem uma lágrima, entretanto, sentiria a presença absoluta até depois de meu casamento.

Meu pai abateu-se por alguns meses. Ficamos como dois zumbis. A vida, porém, apresenta surpresas. Falecida mamãe, comecei a frequentar a Universidade de Letras. E aí encontrei uma garota, Silvana, realizando o curso de Biologia. Pensei comigo: “vou fazer de nós dois uma saga.” Sonho ainda disperso, sem convicção. Habitava-me em cheio a doçura de minha mãe.

Certa manhã, ouvi meu pai assoviando uma canção. Percebi nele uma nova face: a alegria aos poucos retornava dentro de casa. Não me contentei enquanto não descobri a razão da alegria. Uma morena de outro mundo: Laurinda. Achei o comportamento de meu pai indevido ou no mínimo precipitado, todavia, ela se mostraria uma das mulheres mais importantes de minha vida.



# A CONTUNDÊNCIA DE UM ACHADO

Manhã clara, céu limpo em toda extensão. Sentia um vazio como se alguém tivesse devorado minha alma. Se tivesse minha mãe... Falaria de um dia interessante. Foi a chave para me dirigir aos livros e pastas dela. Dentro de uma delas encontrei um conjunto de folhas postas como um livro. Abri... Retorno de sentimentos fortes como se a tivesse viva. Os versos de Camões, nos quais sucumbi, me vieram inteiros, tristes.

Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida descontente,  
Repousa lá no Céu eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.

Não pude, na tarde inteira, ficar atento a qualquer outra coisa. Minha mãe, ausente, me veio inteira. Lembrei-me de Silvana e nada dela reparava os sentimentos. Estava dominado por minha mãe escondida naquela pasta. As lágrimas me vieram insanas. Lá fora, a tarde, exibicionista, mostrava claridade. As máquinas da prefeitura, ruidosas, deixavam ruínas de velhos casarões. Uma ideia, em contraponto, me aliviou: “sou vítima de um sortilégio vindo de minha mãe a ocupar minha intimidade.” Ri de mim num riso sem graça. “Que será de mim,” pensei “de amor regressivo e tão forte a velar o que já deveria ter passado.” Mas não, o infortúnio extemporâneo me era vigoroso. Tomei da pasta. Devorei as folhas esparsas me escondendo nas ramagens do jardim, mal cuidado. Abracei a pasta: Quem és tu, minha mãe, meu secreto livro?

Aí tudo se esclareceu. As primeiras datas indicavam trinta anos passados, suspiros fundos em poesia de uma mulher. As últimas para meu pai. Li quase de um fôlego, embaraçados sentimentos vinham me possuindo como uma droga devastadora. Inebriavam-me, todos, com percebidas ambivalências. Por fim, tomei coragem pra me dirigir até a casa de Silvana. Coisa desastrosa essa deliberação. Carregava por inteiro minha mãe, aí, diante da mais bela mulher: minha Silvana. Estava com minhas forças em ruínas. Saí sem poder explicar minha perplexidade. Nem ao menos um beijo por fortuito que fosse. Voltei a seguir. Que mulher a minha Silvana: via em mim apenas um surto passageiro. Consolei-me por momentos. Saí agradecendo a compreensão. Pelo caminho diário em busca do socorro de Silvana, avaliava a trajetória afetiva de Amanda.

Lutou contra o desejo de ficar com Dolores, vindo ao interior. Entregou-se ao meu pai para afastar a paixão da juventude. Pensei: “a dividida eroticidade dela foi abrandada pela compreensão de meu pai.” Agora estava eu dividido entre minha mãe e Silvana. Não poderia sustentar a figura forte da primeira. Que coisa é essa de ser tão fraco. Sucumbia ao sofrimento de minha mãe, querendo tê-la como minha autoridade, eu o paciente. Ainda serei capaz de enfraquecer esta febre estúrdia em mim instalada. Que coisa é essa do ser humano, tão múltiplo em dificuldades? Tenho já a querida Silvana e porque essa divisão que age tão loucamente? Sofro por não dar à Silvana toda força de um jovem, mesmo que a vontade me diga do melhor a se fazer. Rezei para não haver lama em nossa estrada, mas eu mal sabia a direção da minha.

Conversamos como se nada estivesse acontecendo. Dizer que estava possuído pelo passado, que a mulher que me dera os dias estava em palavras dentro de mim, que uma virtude antiga se punha entre nós, dona louca de minha alma. Como dizer? Não, vou tomar conta dessa voz de maneira racional e, aos poucos, as palavras lidas não mais me perturbarão. Não é justo dividir este complexo, fazendo Silvana sofrer. Que eu mesmo me cure deste transtorno. Nem ao menos poderia saber a causa desta invulgar divisão. Apenas sei que não se faz um amor dividido. Nem ela merecia. Conversamos sobre nosso destino com certa naturalidade. Minha alma, porém, se negava a se entregar aos sonhos de Silvana. Pensei, então “não posso assumir a opressão de minha mãe.” Ouvi de Silvana palavras de futuro e isso me dava alento. Por certo somos mais que nossas intenções, todavia, não vou fazer de Silvana uma

mulher dependente de meus sentimentos. Enquanto o livrinho de minha mãe não estiver no devido lugar, não prometo nada. Sentia uma retração física e apenas débeis beijos me saíam. Prometi:

— Fique tranquila.

Ainda me teria como homem de músculos fortes a visitar sua casa com boa competência. Seria um bom visitador de intimidades. Vendo-me disposto, de palavras confiáveis, aceitou se casar comigo, avisando:

— O amor carece de um corpo sem reparos.

Ainda bem que dizia querer casar virgem, pois não estaria em condições de atender os apelos. Morreria de vergonha se assim o fizesse. Sei cada vez mais: sexo é um bicho sensível. Pior pra mim, extraviado no colo de minha mãe.

Fui, então, buscar apoio em meu pai. Encontrei-o já distante das saudades. Bem melhor que eu.

Abri a conversa com meu pai, atirando o verde pra colher o maduro. Investi num diálogo. Fui ao encontro, não esperando que a sorte estivesse ao léu. Encontrei-o pensativo. Eu querendo ver qual seria o novo caminho:

— Buenas, pai, minha mãe falou muito sobre o amor que lhe devia.

— Leia filho, o que ela me deixou dias antes de ir embora.

Tomei nas mãos um pequeno texto.

*“Faz dias, me sinto chegar ao fim. As vozes humanas se apagam e a morte, seja qual for meu destino, não me entristece. Deixo pra ti um filho querido, um ser vivo pelo qual eu permaneço. Igual folha amarela, sinto a morte, pouco a pouco, descolorindo meus dias. Mas a ti, Gilberto Oliveira, deixo a gratidão e a lembrança de noites ilustres em conversas e abraços. Se dividida eu fui, sexo é bicho sensível, mais firme senti teus braços colossais. Não podes dizer uma só vez que me fiz menor em você. Lembranças nunca roubaram o melhor de minha alma. Meu corpo se entregou sem uma réstia de dúvida. Teu filho te reste por muito tempo. Se encontrares alguém, mesmo uma mulata inteira, uma agricultora ou uma deusa, que sofregamente, como a mim ou mais, a tenhas. Não lastimo ter vivido tão pouco. Foram dias magníficos, especialmente depois de casada. Meu bem, tivemos um filho. Deixe-o seguir o que de melhor ele quiser ser.*”

Mais ainda, recrudescu em mim as severidades que me enlaçavam. Mas o apelo materno me possuía.

— Tua mãe foi uma mulher dividida em desejos, a vontade dela é que a fez mãe e esposa fiel. Nada tira o valor da decisão. Quem sabe não tenha ela preferido a morte a todos os dias ocultar ambivalência. Me confessou, dias antes de partir, toda a verdade. Não tenho queixas da mulher que foi. Se andou dividida, conforme confissão, não se minimiza o que ela foi para mim.

— Quem é que sabe o que vai em todos nós, pai. Às vezes, basta uma forte circunstância para brotar o que carregamos ocultamente.

— Sabia que tua mãe queria te dar o nome de Cleisson?

A estas alturas já havia lido e interpretado o texto encontrado, o qual preferia não dividir com meu pai. Poderia tumultuá-lo ou fazer com que revivesse dores antigas, mesmo porque águas passadas não movem moinhos, embora possam trazer recordações de afogados ou de lutas na revolta avalanche. Por isso, os poemas e outras revelações não poderiam ferir a grandeza de meu pai. Agora, de repente, eu mesmo ainda mais me perguntava sobre ela. O que queria ao pôr em mim lembranças doces de Dolores? A estas alturas já havia refletido muito sobre o amor juvenil. Cleis era o nome da filha de Safo de Lesbos, a poetisa mais célebre da Grécia Clássica, lida por minha mãe, tão querida no livro em folhas, escondido com zelo. O que desejava minha doce senhora ao homenagear as odes de amores ambivalentes? Não queria, amando Safo, homenagear a amante juvenil? Fiz-me de ingênuo frente ao meu pai. Apenas perguntei em minha falsa ingenuidade:

— E por que o Cleisson não vingou?

— Preferi que você se chamasse Francisco. O nome do homem tem força.

— E o senhor sabia por que assim queria meu nome?

— Razão de um desejo. Pouco importa! Rezemos pela paz de tua mãe. Que descanse de um só amor a Deus, senão houver dessas divisões na eternidade.

— É possível, meu pai, que tivesse dores guardadas. Rezemos!

Ambos ocultamos o que sabíamos. A essas alturas havia uma certeza: a mulher que viera da capital era a antiga escolha do amor de minha mãe. Não se exaltaram nela os conflitos, obrigando-a a ser uma

professora do interior? E foram tamanhas as dúvidas. Assim foram as resistências, prejudicando a imunologia. Santo Deus, o que faz uma paixão!

A essas alturas, confiei no Gilberto:

— Pai, estou sofrendo. Existem, em mim, semelhanças com minha mãe? Digo apenas semelhanças. Estou mal depois que se abriu toda a imagem dela. Fiquei preso como rato nas patas de uma gata. Não me desvencilho de uma sexualidade enfraquecida.

— O que é isso, filho! Procure um médico. Saiba que mulher quando casa fica querendo e muito. Isto porque já liberou todas as proibições. Vá logo a um doutor pra te dar decisão e culhão fortalecido.

— Isso é jeito de se falar?

— É isso mesmo, palavras fortes pra situação feia. Se for preciso despreze a lembrança de tua mãe, ou melhor, faça de menos. Apure antes que seja tarde. Ela não se importaria desde que você estivesse bem. Aconselho, antes de tudo, conversar com minha Laurinda. É uma mulher simples, mas de um saber de respeito. Ela vai te fazer bem.

Poucos dias depois, fui almoçar com meu pai. Depois da refeição, ouvi dela palavras de conforto:

— Mãe é coisa forte, mas o tempo apaga qualquer contrariedade.

Ela não pontificava, deixando meu sofrimento menor. Saí melhor da visita. E, por outras vezes, de conversas amenas e com muito auxílio dela, fui acalmando a santa mãezinha, por demais impertinente.



# NOSSAS BODAS

Não há muito que dizer de meu casamento, os dois, pouco afortunados. Ela uma bióloga, eu professor. Professei que a amava. Nenhum dos dois poderia afirmar: casei de olho em patrimônio. Apenas um patrimônio. Muita animação, por certo, duvidosa a esperança. Tinha fé, porém, em amar minha Silvana pelo tempo que me viesse. Consegui mostrar de não me achar de todo desvalido. Eu rezava pra retirar a mãe de meu caminho.

Lembro a fala do padre Antônio:

*— Não tenham a felicidade em si mesmos, tenham a felicidade um no outro. Não esqueçam os filhos, aí reside o sentido maior. O casamento, então, é o caminho pelo qual se faz humanidade. O diálogo edificante é que deve prevalecer. A submissão faz mal, a ternura é que conta. Em cada fim de tarde, faz bem perguntar: Dei conta do casamento? Francisco, você como professor sabe muito bem o quanto vale uma boa nota. E Silvana, você sabe o quanto valem os exames para a proteção da vida. Já imaginou, Silvana, se eles forem descuidados? A união não morre no dia da separação, ela começa a morrer quando se somarem as míseras notas cinco ou com exames delatores. O casamento não suporta a mediocridade. Ninguém suporta a indiferença. Amem e tudo o mais será dado por acréscimo.*

*Amém.*

Foi curto, simples.

Pairava o ar um tanto pesado sobre a sala de festas. Nico Freitas, meu sogro, sentia culpa por não ter um olhar alegre na direção da esposa e, tampouco, poder ser exemplo para a filha. “Ele não é muito

confiável,” dizia pra mim mesmo. Eufrásia, a sogra, não podia mostrar o casamento como glória. Ela me olhava decepcionada. Sabia do sonho: a filha casar com um médico. Eu, um professor de pouca monta.

A tensão atingia meus gestos. Animava-me, porém:

— Pelo amor de Deus, que não me venham atrapalhar as memórias antigas, tampouco qualquer outra preocupação. Silvana merece a inteireza franciscana, bem posta e bem firme.

— O momento não foi tudo aquilo.

— Mas é por causa de teu nervosismo, falou Silvana ao final da fraca exibição.

— Obrigado, Silvana.

Voltou Silvana pro laboratório e eu às aulas.

Os dias se sucediam em maior expectativa. Silvana já sabia das minhas dificuldades íntimas. Pensava: “nada que a ciência e a bondade não ponham remédio.” Por minha vez, eu buscava em contos e filmes aumentar meu poder. Assim andavam os dois: ela esperando, eu buscando.

Pois em certo dia, ou melhor, numa certa noite, Silvana viu o meu desespero. Entre piedade e irritação, ela resolveu endurecer.

— O que há contigo, homem? Desse jeito sou capaz de imitar Nossa Senhora, mãe e virgem. Essa moleza de instrumento não resolve. Desse jeito, antes de ter um filho de Deus, haverá um filho da puta!

— Tem dó, querida, não faça maior o meu sofrimento.

— Então fale o que está acontecendo, antes que me desespere!

— O seguinte, abri o jogo. Desde quando minha mãe faleceu estou perturbado e o pior, entrei em sofrimento por causa dela. Um mísero caderno das anotações me deixou transtornado.

— O que é que tais escritos têm de tanta importância?

— É isto que me deixa invocado!

— Avaliei que pudesse ser uma fixação por causa dos problemas dela.

— Que problemas seriam?

— Ela vivia em conflito. Nem quero pensar, que me dá engulhos. Ela fixou-se numa garota quando jovem em Porto Alegre. E pa-

rece que fugiu da tentação. Meu pai foi um refúgio, disfarçou, mas não resolveu o problema. Não ia te falar. Tenho até um caderno que mostra a ambivalência dela.

— E o que você tem a ver com isso?

— Tudo. Sempre a quis ajudar de forma absoluta. Identifiquei-me com esta realidade e nela me perdi. Sei lá desta porcaria de minha alma que anda perdida.

— Desse jeito, parece que te comprei no escuro.

— Mas não vais te arrepender. Já marquei horário com uma terapeuta. Vou sair que é um galo forte.

— Deus te ouça!

— Podes crer.

— Quero ler o tal livrinho ou caderno que seja!

— Certo.

Com sentimentos divididos, busquei, entre outros livros, o testemunho amoroso de minha mãe entregando-o para Silvana.

— Aqui tem o que me causou e me causa estragos. Tive vontade de queimar estas páginas. Por medo não o fiz.

— Vai arrumar este teu sexo pendente. Se continuar assim, vê se me esquece. Antes do casamento acho que minha mão não sentiu bem o tamanho da frouxidão.

— Nossa! Tenha paciência que vou buscar auxílio.

— Você não pode ficar nesta confusão. Quem te olhar sem compreensão é capaz de pensar sobre sentimentos homossexuais.



# MINHA TERAPEUTA

Fui falar com uma terapeuta. Atendia a poucos passos de minha casa. Sentia-me triste em revelar a dificuldade de minhas inclinações afetivas, mas pela pressão não havia outro jeito. Mal havia entrado, coloquei de vez o meu problema. Ela foi extremamente competente em extrair a minha mãe. Não sugeriu nada, apenas me esclarecia o enrosco no qual me enfiara. A recessividade dos meus afetos compreendia eu estar sem poder me livrar de minha ambivalência entre a fixação materna e a Silvana. Pra mim, iniciando a vida adulta, se tornara difícil entender o sofrimento de minha mãe. Viera da capital para o interior fugindo de espantos. À medida que a terapeuta desdobrava para mim a complexidade dos anseios de minha mãe, eu conseguia retirar a culpa assumida. Percebia-me perdido em minha identidade.

Aos poucos me via, entre sonhos, me despedindo dela. Nunca havia me preocupado em me perdoar de ser aquele que havia mais uma vez desviado minha mãe do início dos encantos. Tampouco havia pensado em aceitar as formas pouco tradicionais de mamãe. Consegui, através das intervenções, fazer as pazes comigo. Posso dizer que em dois meses, passei a limpo minhas confusões e pude ver em Silvana a minha mulher. Por fim, pra não me haver como um mortal arrependido ou lutador de mim mesmo, a terapeuta sugeriu que brincasse com as ambivalências de minha mãe. Dividi em duas fases os tempos do amor de Amanda. Imaginava minha mãe trepidante com sua amiga Dolores. Dizia-lhe:

— Coragem mãe, não te punas pelos afetos da juventude. Tome para si as reservas da natureza. Ei! mãe, que belos encontros os escondidos, nos quais a alma divaga e o corpo se entrega a apelos de alegrar os deuses, tão ricos em produzir efeitos contrários.

Dizia, entre risos solitários, o quanto pode o ser humano. As divisões se bifurcam para muitos caminhos. Brincava com ela em meus devaneios: “minha divina mulher, o que foi então os encontros com meu pai?” A fome masculina se chocava com os ternos afagos de Dolores.

Assim apareceu inteira minha Amanda. Os fantasmas de minha mãe riam comigo. Por detalhes não foi sapatona, arrisquei a brincar. Os loucos caminhos da alma e do corpo foram centrados na simplicidade. A confusão feita em palavras se dissipou. O demônio já não mais andava solto. Silvana, o meu destino, quase morto o amor regressivo, começou a vicejar.

Todavia, como se verá, quando se espanta um diabo, mal a gente se distrai, outros sete se avantajam. Com muito esforço se pode matar a todos.

# OS ESCRITOS DE AMANDA

Como havia prometido, mostrei para Silvana os dois textos a compor os amores de minha mãe. Pedi para sofrenar a boca:

— Tudo fique entre nós dois.

Os fatos mostrarão: ela abriu o rico biquinho para o pai, Nico Freitas.

Amanda fugiu das inclinações por medo de não ser prestigiada na ternura que ocultava. Afinal, Porto Alegre não era a Grécia. Minha avó, Lucrécia, por certo lhe dizia:

— Filha, quando fores namorar me mostre o teu pretendente. Escolha com cuidado. O amor não vive só de hormônios. Primeiro case, depois ame. Os hormônios também despertam com o bem-estar. Dirás:

— Loucura! Pois vejo o contrário: amam loucamente e assim casam.

— Quanto arrependimento! Casar, filha, é ver de perto, muito de perto e sem disfarce pra, aos poucos, expor-se por inteira. Aí vem o amor, geralmente sem muito alarde. Desconfie, Amanda, de corações ligeiros.

A tradição não perde costumes assim no mais. Confesso doer em mim as confissões de minha mãe. O primeiro pequeno fragmento revelava uma garota cheia de angústia. Assim começava:

— *Ó minha mãe, que te quero tanto, não me condenes por serem meus sentimentos tão divergentes dos teus sonhos. Sinto-me dividida como se fora duas em clamores contrários. Rezo todos os dias a que me purifique de minhas inclinações insurgentes dos princípios de papai.*

*Acaso tenho culpa de me inclinar para Dolores como se aí estivesse meu paraíso? Pode não ser tudo, mas é bom!*

*Sou feita pequena diante do que devo fazer. Não vou suportar o rompimento com minha casa. Já falei pra Dolores que a quero, mas não tenho somente atração por ela. Posso ser mãe e isto me faz também querer um homem. Vou seguir o conselho de Ovídio: Se acaso não quer seguir quem você ama, deixe o lugar de teus conflitos.*

Fato curioso: Em meu curso havia o professor Hildebrando. Lia latim como se fosse Português. Apaixonei-me pela língua mãe, o latim, da qual nasceu *A Última Flor do Lácio*. Fiz rápidos progressos. O professor Hildebrando parecia ver meu conflito em relação à Dolores. Coube-me traduzir a parte final do livro *A arte de amar*, de Ovídio. Em resumo traduzi: *Remédios para o amor*. Ovídio e o professor mostravam os caminhos para afastar o mal de um amor indesejado:

- Cortar o mal pela raiz;
- Procurar uma vida ativa;
- Dedicar-se à agricultura ou à pesca;
- Deixar o lugar onde se encontra o objeto amado;
- Não se contentar com um amor;
- Pensar nos tormentos a serem enfrentados;
- Fugir da solidão, citando Filis que se matou no meio da floresta;
- Saber praticar a arte da ruptura;
- Escolher s alimentos.

Dia seguinte às minhas traduções, o meu querido Hildebrando me perguntou:

— Gostou dos remédios de Ovídio?

— É claro.

Mostrei-me um pimentão vermelho. Agora, como rolou até ele o meu dilema? Velhos professores são feiticeiros, sabem tudo sobre os rebuços do amor!

Pensei em cada um dos conselhos de Ovídio. Fiquei pensando nos alimentos. Ele tem razão: não beber o que faz perder o controle, tampouco comer certos alimentos como a cebola. Sei lá qual a razão? Teria a cebola algum poder oculto? Choravam os judeus pelo poder erótico das cebolas do Egito? Enfim, fazia de tudo pra minimizar minha tendência erótica. De fato, me doía demais desgostar Lucrecia, minha avó, e natureza brigava com a cultura familiar. Morreria sem meu lar. Os laços, também, dos meus pais. Minha ternura não depende das distâncias. Busquei um caminho a contar pelas distâncias, fugindo de Dolores.

Simpatizava com uma amiga de São Borja, a Clorinda, colega do Curso de Letras. Vê se isso é nome! Convidou-me para tentar a vida em sua cidade. Lá o que carecia era professora de Português. Assim poderia atender a todas as sugestões do poeta e escritor latino. Aceitei a proposta. Vou até São Borja. Quem sabe encontre um homem de alma gentil e sensível, embora estes gaúchos de fronteira se achem onipotentes, ainda pior, muitos deles, toscos. Sobravam em mim restos de hetero-tendência. Vá lá que consiga andar por aí, achando um homem sensível no meio do campo? Essa crise toda feita no Rio Grande pode diminuir o orgulho de qualquer gaúcho pondo fim ao machismo: a pobreza rondava o campo todo. Tempos da onipotência já passaram. Até o professor Demóstenes brinca com os três sonhos gauchescos: um deles, casar com Ieda Maria Vargas, agora já velha, outro, ser avião da Varig, massa falida, outro mais, ser um cavalo. Cadê a figura do animal solto no campo? A cisma, porém, não se perdeu. Lá, parece, os homens falam alto e as mulheres se calam. Mas como tudo tem tempo... E o jeito a gente faz, quem sabe? Assim vou romper a minha primeira inclinação. Poderei fazer crescer o desejo de um homem como crescem as rosas. Vou buscar meu Zeus e não minha Minerva. Agora me sinto brava e fortalecida. Vou comer cebolas pra não exacerbar lembranças de Dolores. Vamos ver os resultados. Vou ao rio Uruguai e me tornarei pescadora. Buscarei um homem gentil. Pedi até pro Negrinho me ajudar. Se o sonhado gaúcho não tiver boa prosa vou tentar fazer dele outro Ovídio. Por certo, terei o que fazer. Afinal, quem nasceu cem por cento pra ser apenas homem ou mulher? Não pode haver duas possibilidades, se somos semelhantes ao big-bang onde tudo pode acontecer?

Havia concluído a Faculdade de Letras. Aprendi ser a palavra o maior poder dos humanos. Falei então pra Dolores:

— Vou morar em São Borja.

Ela baixou o rosto e as duas, choramos. Somente depois de alguns dias saberia o que é perder.

— Pode ir, vou junto, insistiu.

Disse-lhe, então, que trabalharia em três turnos. Uma mentira pra ver se poderia desanimá-la.

Minha mãe e o pai não entenderam a razão de ir para longe. Desculpei-me pelo trabalho. Fui.

Santa Maria, virgem concebida sem pecado, rogai por mim. Na medida em que se fazia a distância de Porto Alegre mais lágrimas me vinham. O coração de Dolores me preenchia toda. Ou encontraria um homem de poder afetivo ou retornaria pra minha garota, ou permaneceria nas grotas? As viagens são tempos de perguntas, descobri. E que viagem! Seiscentos quilômetros para espantar um amor adolescente! O rosto esfogueado dela não saía de mim. Depois de tamanha penitência, cheguei. Pra minha alegria lá estava a amiga Clorinda. Se meus pais vissem onde fui parar, chorariam. Quanta diferença entre estas cidades e as da serra. Bem, Ovídio, por certo não aceitaria que me desfizesse de Porto Alegre pra ficar com São Borja. O urgente amor minimizou-se com o carinho de Clorinda. Um nome feio a ocultar uma linda mulher. Não deixou que fosse ao hotel.

— Fica comigo até encontrar um apartamento pra ti, disse ela.

Ela era uma espécie de mediadora da cidade. Conhecia a todos. E os homens eram a sua especialidade. Com ela até as casas sombrias mostravam-se ternas.

Nem bem havia chegado, ela insistente pra me levar a um baile no CTG, me emprestando um vestido de prenda. De nada adiantaram minhas desculpas, argumentando a falta de jeito e o cansaço. Saí toda envergonhada. Deste sábado jamais esquecerei. Comecei, em altas horas da noite, a domar as doloridas inclinações. Foi dentro do CTG, quando e onde comecei a perder o viço da tendência oculta. De fato, o sexo é um animal de muitas cabeças, mas aí o ar não permitia que se confundisse sexos.

Quando chegamos aí com o fusca de Clorinda, o fandango, como ela dizia, já ia alto. Barulho de gaitas e cantores, movimentos estonteantes, zoeira de falas altas, alegria e eu, feita uma prenda no meio de um galpão cheio de luzes. Ela me apresentou o amigo Gregório e sem

demora, me apresentou outro: Gilberto Vieira. Clorinda apressou-se em me apresentá-lo explicando os talentos construtores do rapaz.

Meu Deus, um milagre! Ao vê-lo me bateu o coração. Nele não havia a empáfia *de los gauchos*. Pilchado, parecia um cavalo bem ajaezado.

— Um construtor de casas apenas, completou ele.

Falava com suavidade. Não pretendia ser mais que um simples rapaz. Os gestos eram medidos. Acho que o trabalho deixava-o assim. Quando pediu se eu lhe daria o prazer da dança, eu me esquivei:

— Desculpe Gilberto, nunca dancei neste ritmo.

— Se não me leve a mal, te ensino, insistiu.

Dançamos, depois conversamos. Assim esticou-se a noite. Confessei-lhe meu cansaço. Pediu se poderia me ver na casa de Clorinda. Respondi que sim. “Com este vou pagar pra ver o tamanho de minha bifurcação” ri comigo. Imaginei contar-lhe minhas duvidosas inclinações. Apreciaria ver a cara do taura, palavra ouvida pela primeira vez por Gregório. Nossa! bem mais engrossado que o Gilberto:

— Que tal o taura do Gilberto. Te agradou?

O Gregório ressoou dentro do Fusca. Me aturdi. Um bom rapaz.

— Muito Gentil! Consegui responder.

Clorinda foi amiga. Apenas desconfiava de mim e do motivo a vir até sua terra. Nunca, porém, invadiu minha privacidade. Sou devedora de sua bondade.

Retorno às minhas memórias depois de um mês. Meu Deus, quase esqueci Dolores. Não mais me fustigava tanto a dor da saudade. Conferi e, de fato, as escolas careciam de quatro professoras. Fiz concurso e passei. Telefonei mais uma vez pra casa, dando já meu endereço fixo.

Recebi uma carta dela, apenas se passara o segundo mês. Por certo fora até à casa de meus pais para saber de meu endereço. Pois digo pra mim, em meu silêncio: “surtei.” Olhei para os versos de Safo de Lesbos, propositadamente escolhidos, pois esta poetisa grega também apresentava tendências desaprovadas.

*Querida e adorada Amanda:  
Fico a te ver em lugar distante  
E eu perdida, perdido meu coração  
Já não encontra onde pousar.  
Penso que na morte não haverá  
Maior abandono. Choro por ti.*

Vinham depois os versos de Safo, escritos pela delicada mão de Dolores.

*Helena deixou-se levar pelos troianos  
como hóspede traidora,  
deixando sua criança esquecida em casa.  
Desde que coração a persuadiu a abrir  
caminho para a filha de Dione e Zeus  
Muitos carros tombaram na poeira.*

Seria eu a criança esquecida em casa?

*Não tenho a coragem de Helena, nem sei o quanto me queres  
ainda. Bem certo é o que se diz do amor: é um pássaro difícil de apa-  
nhar. E quando preso, para de cantar. Não sei como me arranjar. Perdi  
o principal quando jurei a quem dispor a minha vida. Tomara que meu  
coração possa ser tão mutante quanto o teu.*

*Lembras quando líamos Safo, querida Amanda? Aquela que  
também como tu, deixou o amor de sua amada em respeito ao pai.  
Assim você também fez comigo. Não te condeno. Espero ter em outra  
mulher o que esperei de ti, mas sei, não há o mesmo quando se experi-  
mentou o máximo.*

Bem que tinha razão a vó Lucrécia, a competente professora:

— A palavra é uma arma que atinge distâncias pra ferir ou pro-  
vocar. Os ferimentos se agravam quando atingem a pessoa certa.

Guardei, então, meus alfarrábios pra em outra ocasião reiniciar  
este desabafo e ter meu coração menos pesado.

Comecei a me perturbar. Percebi o quanto Dolores ainda estava viva.

Guardei, então, esta dor e depois me inclinei para o passado com Dolores. Se não fora a distância e a palavra dada junto à escola, não sei se não retornaria.

Ao anoitecer, final de uma sexta, Gilberto veio me ver. Pobre de mim. Mal disfarçava as distâncias afetivas entre ela e ele. Ele era gentil. Preparou um chá a ver se tirava o mal estar a me afligir. O diabo exagerava a dúvida em torno da melhor sorte. Aos poucos, retornei aos livros. No outro dia, até meus alunos perceberam o resto de angústia.

Duas semanas depois, sábado cedo, mal acreditei:

— Vamos pescar, ele falou, mal abrindo a porta., Saia do teu Apê que o dia está de um sol brilhando.

Estava de roupas íntimas. Me abraçou. Gemi de prazer só de sentir o aperto de corpo no meu. Achei superados os apelos de Dolores. Não mais as ondas antigas me afogariam. Não mais me bifurcaria em contraditórias tendências. Andamos no carro de pedreiro. Suportava qualquer peso. Carregava uma canoa com grandes remos. Desviamos do caminho de asfalto para uma estrada de pedras. Cintilavam contra o sol da manhã. Cores ofuscantes refletiam a intensidade de diversas cores e luzes. Preciosidades da barranca.

— Amanda, olha o rio, olha a Argentina. Este rio tem histórias. *Te gusta el rio?*

— *Me gusta!*

Nada sei sobre a força de um tempo. Sentia, entretanto, o poder das águas. Pareceu-me, por momentos, haver impressões passadas ou seriam do futuro? A doçura e a doce angústia do desconhecido pairavam soberanas. Lágrimas corriam soltas. A natureza se dobrava sobre mim. Saudades e paisagens se detinham sem nítida definição. Às dez chegamos ao rio Uruguai.

— Está triste, Amanda?

— Comovida por ver o que vejo, Gilberto.

Ele aproximou-se de mim, mostrando proteção. Não cansava de olhar o rio. Parecia cansado de carregar águas querendo parar pra dizer alguma coisa.

— Não se assuste, professora Amanda. O rio é grande, conheço ele como a palma de minha mão.

— É enorme como o amor, diz tua amiga Clorinda. Vem de longe. O bichano parece saber pra onde vai. Não é como nós. A gente nunca sabe ao certo o que fazer da vida.

— É verdade, Gilberto. Mas, por favor, basta que eu seja professora de segunda até sexta. Vamos esquecer nossos incômodos.

— Agradeço. Sou mestre de obras, trabalho bruto. Apenas me chamam Gilberto, reforçando o nome. Então, Amanda, posso te ajudar a pescar?

— Se tiver paciência, posso aprender.

— Toda que for preciso, concluiu.

Depois me olhou nos olhos. Divino olhar o da ternura.

Rapidamente tudo estava posto no barco: material de pesca, petiscos e uma cervejinha esperta. E o que foram aquelas águas calmas? Ele me ensinava a lidar com os anzóis. As ondas em torvelinho desciam solenes. Não se fazia apenas um contato, percebia um tumulto conversador me assaltando. Havia palavras velhas e novidades de sobejo.

Começou a existir em mim uma espécie de vocação religiosa para com as águas do Uruguai. Amei Gilberto de todo o coração. A claridade das águas me deixava mais mulher. Por menor que fosse meu sentimento por ele, o infinito fazia dele a imensidão.

Na segunda linhaada, senti minha mão se firmando. Puxa! O movimento do peixe me produzia uma sensação de domínio.

— Será que é grande? Ele perguntou.

— Como vou saber se não vejo?

— Pela força que você faz!

— Acho que é, respondi.

Ele vinha que te vinha.

—Desculpe peixe, se te firo a boca. Quero te conhecer.

— Puxa agora para dentro do barco, exclamou.

Assim fiz e o peixe, em frêmitos, saltava. Falei em meu interior: “pobre criatura, como sofre. Quem mandou não medir as consequências de tua fome?”.

— Assim ele vai morrer, lastimei.

— É o destino dele, Amanda.

— Mas tenho dó.

— Deixa pra lá, a gente se acostuma, pretendeu me consolar.

Voltamos lá pelas três. Sim, às três, benditas são certas horas! Lançamos o resto do milho sobre o rio. Era essa a isca pra piava. Apesar de ter arranjado uma proteção contra o sol, achamos por bem voltar. Aprendi com o rio. Ele tinha o que dizer. O silêncio me comovia. Antes de entrar no carro, no alto da costa, me despedi de uma palmeira me saudando no perau. Aprendi mais esta palavra ao descer a barranca. Subimos agora. A subida me fez mais pensadora. “E se ele soubesse do que vai em mim? A chama que nele nascia, não se apagaria? Teria ele o perdão, a compaixão, a tolerância ou se dobraria amante sobre mim?”

— Amanda, você deve proteger teu rosto. O sol desta terra queima. Amanhã vou para Argentina, vou trazer um protetor de Santo Tomé.

O que foi aquilo de ele tocar no meu rosto! Uma pluma delicada, os dedos.

— Vou agradecer.

Almoçamos num restaurante onde ficamos ainda mais próximos. Comecei a amar aquele homem carinhoso. Ia aprendendo termos novos. Com ele ia conhecendo ricas expressões da fronteira. Gilberto não mais era um estranho. Meu coração estava um pássaro na primavera.

Assim se iam meus dias. Falei para minha mãe:

— Estou me aproximando de um homem bom. Disse-me que irá a Porto Alegre para as próximas semanas. Quer muito conhecer a sogra. Diz conhecer um amigo que não se separa da esposa porque tem uma sogra demais. Disse-lhe de ti, mamãe:

— Vai saber o que é uma mulher de grandeza.

— Que tamanho? Perguntou.

Rimos contentes. Esquecia Dolores.

Já fazia ano e meio vivermos como homem e mulher. Amava sua gente. Apreciava muito minha semi-sogra, muito afável e simples. Apenas muito submissa. Comentei com Gilberto o jeito do marido se dirigir a ela.

— Grotesco, falei.

— Espero nunca chegar a isso. Longe de mim.

— Já te provei meu jeito. Os tempos do gaúcho mandão são outros. O gaúcho anda mal, nem em casa possui autoridade.

Ríamos muito. A alegria é irmã da felicidade, apurei esta verdade.

Gilberto não sabia de minha história e eu temia até a ideia de ele saber. Doeu-me fundo no peito ao dizer:

— Vou a Porto Alegre amanhã. Devo ir pra encomendar materiais de construção. Estou pensando em erguer um prédio grande em Santo Tomé. Vou ser um construtor de fama internacional, brincou.

— Vou aproveitar pra mandar uma carta. Diz para a mãe o seguinte: Mês que vem, vou com a Clorinda ver alguns livros. Pode ser?

— Como não?

O meu homem voltou ciscado de Porto Alegre. Percebi que me observava muito quando me dirigia a outras mulheres. Aludi a ele sobre isso. Voltou-se então para mim:

— Uma vizinha de tua mãe me perguntou se não estranhava nada em ti. Fiquei curioso. Então ela me dirigiu um olhar maldoso, se expressando cheia de meias palavras.

Quase desmaiei. Então abri o jogo. Fui sincera. Querido, de verdade na adolescência me aproximei de uma garota, a Dolores. Nada mais houve senão um carinho bom. Sei da víbora da vizinha. Se acaso ela te atingiu com as palavras em meu prejuízo, peço para não se aproximar mais de mim. Não quero dúvidas entre nós. Me basta tua beleza masculina. Depois disso, ele tornou-se ainda mais cheio de ternuras, vivacidades nas formas de amar. Brinquei comigo: “um homem bom consegue milagres, assim como Cristo fazia. De uma sapatona, transformou-me na fêmea de um construtor. Que me perdoem as feministas.”

Casamos. Senti a força permanente de um homem e de uma mulher. Dolores já não mais se pronunciava em mim, mas da natureza humana tudo é possível.

Não dá para esquecer a festa. Gilberto convidou parentes. Veio toda a família. De minha parte veio a vó Lucrécia, papai e mamãe. Convidei algumas amigas. Tudo simples, mas uma extensão afetiva nos envolvia pra valer. Num dos momentos daqueles dias que antecederam o momento oficial, vó Lucrécia aproximou-se em particular. Falou claramente, baixando a voz:

— Nunca olhe para trás. O diabo tende a voltar. Não desrespeite o homem bom que você tem.

— Olhei-a, curiosa. Não tive coragem de retrucar. Nem ao menos sabia de conhecimento a respeito de Dolores.

— Minha pequena, sei de tudo. A vida carrega dúvidas para sempre. Não dê chance ao passado. Será o inferno.

Ela sabia do sofrimento que ainda sobreviria. Entretanto, a força da união de todos cobria-nos de bênçãos, tornando ainda mais promissora a promessa de fidelidade recíproca.

Dois anos depois, nasceu Francisco. Entrelaçou-se minha vida à vida do meu filho. Meus sentimentos maternos cresciam dia a dia. Pensava: “vou fazer de meu filho um homem interessante.” Recrudescer em mim a ternura, julgo até para além do necessário, ou será que minha inclinação antiga se compensava na terna criatura? Minha mãe veio para me ajudar nos cuidados. Curiosamente, eu sentia ciúmes, todavia, controlados. Exacerbava-se uma ternura ilimitada. Depois de duas semanas veio a vó Lucrécia. Não deixou de perguntar sobre meus afetos. Perguntei-lhe sobre seu conhecimento em torno de Dolores:

— Teus olhos, teus olhos: o corpo trai nossos desejos.

Nada mais foi dito.

De nossa casa ser um lugar amoroso, restou uma certeza. Todavia, recebi uma carta de Dolores. Escondi o passado. Meu guri, Gilberto ou quem quer que fosse, de nada saberiam. Escrevo para me consolar. Causaria constrangimentos. Apenas falei ter recebido carta de minha antiga amiga. Ela desejou que nós dois fôssemos felizes. Gilberto assentiu sem perguntar. Minimizei meus sentimentos, omitindo a profunda confissão:

*Por aqui tudo na mesma e enfadonha realidade, enquanto meu peito te confessa como confessou Safo:*

*Dourada flor que eu não trocaria por toda a Lídia, nem pela formosa Lesbos. Não vou estragar teus dias com minhas lágrimas. Envio-te apenas um pequeno texto de nossa poeta grega:*

*Igual aos deuses me parece*

*Aquela que, face a face, sentada junto de ti,*

*escuta a tua voz tão suave,*

*e esse riso encantador que, juro,*

*enlouquece o coração no meu peito.*

*Mal te vejo, um instante que seja,  
a minha língua se resseca,  
um fogo sutil, de súbito, me corre sob a pele,  
os meus olhos deixam de ver,  
os meus ouvidos zumbem,  
cobre-se o corpo de suor,  
um estremecimento me percorre toda,  
torno-me mais verde do que a erva.  
E parece-me que vou morrer...*

Assim ela fecha o clamor, citando mais dois excertos dos poemas de Safo:

*Quisera ver teu jeito amável de andar  
E a luz clara de teu rosto.  
Prefiro a ti aos carros lídios  
Ou mil guerreiros cheios de armas.  
Em ti se ocultam os melhores anseios  
De uma alma dividida.  
Só tu és a certeza cheia  
Do melhor que uma mulher  
Possa ter e amar.  
Meu coração sempre dividido  
Em ti se converte na certeza  
Do melhor e mais amado  
Que uma mulher possa conhecer.  
Velhas lembranças meigas  
Se diluem como a fumaça  
Do cachimbo de meu amado.*

As palavras seguintes se constituíram em sofrimento: pode Camões chorar sua amada, pode Drummond elogiar o amor envelhecido, nenhum deles ou quaisquer outros poderão cantar semelhanças às solenes expressões de Safo:

*Alguns dizem que sobre a negra terra  
O mais belo é um esquadrão de cavaleiros  
Outros que um batalhão de infantaria;  
Outros que uma esquadra de navios;  
O mais belo é o ser querido  
Que o coração anela.*

Respondi:

— Dolores, lembra que traduziste Horácio: *colhe este dia, porque sobre os vindouros dias nada saberemos. Não se alimente do passado. Não se tira nada daquilo que só pode nos fazer mal.*

Tua amiga Amanda.

Nem havia se passado uma semana, veio a resposta:

*“Te desejo felicidade ainda que cada vez mais te vejo distante, enquanto minha alma se dobra sobre ti. Beija por mim teu Francisco. Vou te ver. Como despedida te ofereço os versos de Átis à sua amada Safo:*

*“Segue o teu caminho alegremente, mas lembra-te de mim.*

*Sabes o quanto me apaixonei por ti.*

*E se não te lembrares, então eu te farei lembrar.*

*Era ardente e bela a vida que levamos juntas.*

*Pois com muitas guirlandas de violetas*

*E lindas rosas tu enfeitavas os teus cabelos;*

*Com uma centena de botões adornavas o teu colo delicado;*

*No meu colo untavas com unguento precioso o teu corpo belo*

*E não havia colina nem lugar sagrado*

*Nem regato que juntas não tivéssemos visitado;*

*Jamais primavera alguma encheu os bosques de doces rumores ou do canto dos rouxinóis sem que tu estivesses por ali comigo.”*

*De forma semelhante andamos nós, Amanda, entre as praças. Porto Alegre foi pequena para nossos sonhos e promessas feitas. O destino de Safo-Atis em nada diferente ao nosso. E a liberdade de Safo se perdeu, igual à tua em favor do pai.”*

Respondi:

*“Te receberei com minha amizade, embora oculte o que nos foi ao peito. Não me venha com antigas intenções. Não me perturbe o coração. Tenho o suficiente de um homem que muito me ama. As paixões adolescentes não podem entortar minha alma em tua direção.”*

*Tua amiga*

— E não é que veio pra me ver? Eu a recebi como amiga. Percebi imediatamente o quanto ela fazia mal também a Gilberto. Ele fazia de tudo para estar sempre comigo. Até foi grosseiro ao falar:

— Amanhã quero mostrar pra Amanda uma casa que estou construindo em Santo Tomé.

— Peça que fique com a Mirna, a babá de Francisco.

Dolores voltou a Porto Alegre no dia seguinte. Muitos anos se passaram até o dia do novo retorno. Novamente se sucederam os dias de mal-estar. Gilberto não conteve a irritação.

Dirigiu-se a ela:

— Vou à Porto Alegre. Preciso de material para minha empresa. Dirigindo-se a mim:

— Vamos junto, querida. O Francisco está um homenzinho. Solito pode dar conta de si mesmo.

— E você, vai junto Dolores?

Apenas uma curta resposta:

— Vou!

Dois dias com minha família e retornamos, aliviados. Quem foi se despedir de Dolores foi Gilberto: pediu com voz áspera para ela avisar quando fosse a São Borja.

— Assim saberei quando viajaremos.

Passou-se um ano e agradecia a Deus por esquecer o passado. Esquecer? Estava transtornada pela emoção de não poder abraçar, ainda que fosse pela amizade, que as condições físicas andavam às beiras.

Escrevi, então, muito desconfortada:

*“Bem um ano depois das despedidas em Porto Alegre, um mal começou a me possuir. Se consomem meus dias. Sou como uma árvore devorada por grandes laços de uma epífita. Safo morreu caída de um penhasco e eu de um câncer.*

*Antes que o barqueiro me transporte às águas obscuras e do silêncio, devo fazer justiça a quem amei mais profundamente que a ti.”*

*Para meu azar, meu estado piora. Para deixar claro a quem devo o amor de minha vida, escrevi:*

*“Meu homem, meu idílio forte, minha paixão voluntariosa, meu bem. Menor meu passado, desejo adolescente, maior a realidade vivida de ternura responsável. Fiz a melhor escolha. Retraí sentimentos em favor de quem amei. Não fiz como muitos políticos capazes de roubar o sol se assim lhes fosse concedido, deixando na escuridão a maioria, pela qual seriam capazes de jurar serviço.*

*Te digo, Gilberto, o mais delicado dos homens destas coxilhas. Te amei tão fortemente, maiores os laços de ternura que os de Safo por Cleis, a filha. Se fiquei dividida? Enquanto estive contigo, foste o escolhido da razão e da força de uma paixão, vivi com um homem distinto. Jamais mulher alguma poderá dizer ter amado mais. O rio a cada pescaria se tornava mais confiante. Sobre o lindo barco te amei cada vez mais, Gilberto. Amei sem a contaminação de qualquer culpa. Tudo em mim correspondia ao meu maior desejo: ser feliz. Não tenhas preocupação. Se meu peito chorou de saudade, foi pouco ao lado da imensidão de meus sentimentos por ti. Assimilei tua força e me transformei. O rio sempre nos inspirava. Tanto era a ponto de sempre voltar para a vibração do corpo e do espírito. Tive em ti a ternura. Ela me arrastou e cedi desde o dia primeiro de nosso encontro.”*

— Onde é que se viu uma dama pisar os pés do cavaleiro na primeira dança? - eu disse. E você:

— *Dou licença a que acabe com meus dedos. Senti em mim os teus remos avassaladores.*

*Nada de obscuro quando a paixão nos unia.*

*Imito Tavares. Digo, então:*

*Ouso partir sem te levar*

*e noto em passos ofegantes*

*que você é meu lugar,*

*o espaço que aprendi caminhar.*

*Entretanto ao meio dia ainda choro*

*Só de pensar que irei solitária*

*Em caminhos ermos, sem destino certo.*

*Te vejo sobre o rio e lembrarás*

*De tua amada Amanda.*

*Ficará apenas a memória*

*Distante de quem te amou.*

*Meu peito ficou calmo, ausente*

*Dos primeiros sons, inconstantes.*

*Não me tenhas tão dividida*

*Que a vida tem divisões.*

Não sou Safo junto ao marinheiro, mas fico feliz por ter vivido tanto quanto se possa viver.

Peço segredo a quem encontrar estas linhas, pois quem é tosco jamais compreenderá a contradição vivida.

Agora silêncio que me afoga o peito. O ar, como meu ser, já é pouco.

# A VIDA CONTINUA: LA NAVE VA

Feita a leitura, começou todo meu estrupício afetivo. Recolheu-se minha intimidade. Já não sei se por efeito da complexidade feita em minha mãe ou por conta de minha fragilidade. Que estranho o ser humano. Espero ainda ser um homem a fazer poesia e ter um sexo forte. Mas me pergunto, meu Deus, quem era minha mãe pra que viva tão intensamente em mim? Ou sou eu o perturbado?

Meu pai, após um ano de luto fechado achou por bem amar, sem disfarce, como já falei. Vi o velho todo ancho, mostrando ser a vida para se colher o dia com ternura, sem graves lembranças de minha mãe. Por tudo que vi dos dois, fizeram bem tudo o que tinham a fazer, me incluindo entre os feitos. Amanda, em duplicidade afetiva, fazia parte de um passado distante para eles. Agora ele tinha uma mulher, mostrando feminilidade de cima a baixo. Invejava o peito dele sem conflitos. Eu ainda preso em meu território inóspito, pois tendo Silvana como uma deusa, dividia sua presença com a incômoda intimidade de minha mãe. Que coisa é essa de tê-la como constante sombra me acompanhando. Até mandei rezar uma missa na capelinha perto da escola onde leciono. Que tenha paz nos páramos divinos, deixando-me como luz agradável e não como nuvem interposta. Tampouco adiantou a missa celebrada para descanso. A minha alma continua o problema.

A redução desta dependência semelhante às águas das marés: sempre voltavam. Era um fetiche atraindo fortes lembranças. Meu complexo de Édipo reduzia minhas pretensões de ser feliz no casamento. Silvana não merecia isto. Não falei nada, mas ela não era boba. Percebia o quanto eu ainda me prendia ao passado. Definitivamente não era um homem livre.

Silvana apreciava, acho que era isso, minha forma de dizer as coisas bem mais que minha presença masculina. Vejam só: quem me ajudou foi Laurinda, a amada de meu pai, como já referi. Fiquei de queixo caído, de alma melhor quando consegui ver minha dor em relação ao complexo materno. Sem nenhuma psicologia pra pôr lucidez sobre o caso, ela conseguiu me entender, fazendo observações importantes. Fiquei respirando melhor a minha casa. O mal-estar diminuiu, entretanto, para melhor esclarecimento de minha realidade, fui conversar com uma psicóloga. Além de me ter alertado sobre minha afetividade recessiva, ela sugeriu que eu pensasse sobre um possível conflito sexual que estaria mexendo comigo e tal bifurcação pudesse estar vinculada a uma possível tendência homossexual. Assustei-me de ela aventar tal ideia. Neguei fortemente, mas ela me fez ver que eu apreciava muito a companhia de mulheres e mostrou-me ainda detalhes interessantes em torno de minhas narrativas. A mais, me falou que os homens não são somente feitos de testosterona. A sexualidade é um emaranhado de humores, aprendizados e sentimentos. Ninguém é capaz de avaliar a imensidão de eventos num gesto de amor. Voltei pensando nisso. O relacionamento com minha mãe não teria afetado minha identidade sexual? Estava assustado por não me inclinar totalmente para Silvana.

Comecei a ver de perto minhas reações. Quiçá estaria certa a psicóloga Anna. Busquei testar minha identidade afetiva.

Estava louco para levar Silvana a uma festa de uns gringos. Eles se instalaram perto de Maçarambá e das barbas de bode faziam trigais. Um dos meus alunos era daquela comunidade. Bem feito de corpo era ele. Gostava dele e da fala com sotaque próprio dos *oriundi d'Italia*. Silvana e eu fomos. Ela estranhou o quanto me dava com o piá. Eu entendia que era apenas como agradecimento por me receber em casa e apreciar as comidas típicas da casa italiana. Depois do meio dia, fomos ver um jogo de bochas e quando o vinho já ia alto nas cabeças, cantavam. Tomei nota de duas estrofes que me agradaram muito. Meus sentimentos me comoviam.

E alla Merica noi siamo arrivati  
no' abbiám trovato nè paglia e nè fieno  
Abbiám dormito sul nudo terreno  
come le bestie andiam riposar.

Ao voltar para casa, Silvana me perguntou se eu gostara muito do menino cantador. Disse-lhe, então:

— Estava comovido de ver a saudade pendurada nas canções que cantavam.

Olhei de perto e vi que um pedaço de mim ou inteiro andava meio trôpego. Comovia-me a minha identidade. Fui falar com a psicóloga. Mas nada podia dizer que não me inclinasse para Silvana. Minhas reações físicas e afetivas eram dela. Agradava-me apenas as facetas de nossa cultura.

— Olhei o guri, disse pra psicóloga. Nada senti que brotasse do sexo.

Pensei melhor e vi que estava longe a dissipação da tempestade. A coisa estava entre minha mãe e Silvana. Para me livrar da falecida inventei de tudo, até conversas sonhadoras.



# CONVERSA IMAGINÁRIA COM MEU PAI

Fazia de tudo para retomar minha masculinidade. Se aos 18 fui homem, por que não aos vinte e três? Achava-me o último dos mortais. Vivo, mas morto o que carecia estar muito vivo. Noites de insônia. Noutras de sono inquieto. Numa delas, me vi distante entre nuvens. Conversava com meu pai. Dizia o que não me encorajava expressar em vigília. Tinha vergonha de revelar em sã consciência. Uma noite toda de angústia para dizer, em breves e organizadas palavras, a lembrança onírica.

— Escuta pai, acho que falhei em meus propósitos de bom marido. Não tem jeito ou a amo de corpo e alma ou saio do caminho. Não a traí com outras mulheres, parecendo estar mais inclinado para afetos antigos... Afetos de minha mãe. Tenho vergonha, pai, mas é isso. Silvana cansou da solidão em que a deixo. Minha afetividade regressiva me deixa mal. Ela me deu o ultimato. Não dei bola, aí ela se foi como uma borboleta monarca. Passou o fim de semana com a velha Eufrásia, a sogra. Sei que estou no caminho certo. Uma psicóloga me abre os olhos. Minha mãe não mais domina tanto meu interior. Até Laurinda está envolvida na missão de salvar meu casamento. O barro, a flor, a semente, as gramas, os insetos, os seres animados e inanimados possuem uma expansão maior que a minha. Minha psicóloga disse estar com síndrome de castração. Uma criança em mim tem medo. Estou possuído dos sintomas de autismo afetivo. Todavia, desconfio ser apenas uma crise, pois sempre fui de uma ternura expressiva. Estava na metade de minha jornada afetiva com Silvana quando percebi esta síndrome. Minha mãe morreu e passou a morar em mim. Silvana não merece estar disputando o amor com a falecida. Estou falhando em tudo que lhe prometi. Des-

confio da pouca validade de uma promessa quando a própria alma adoece. Rompi com o prometido. E choro por não ser melhor. Vou sair dessa dubiedade nem que seja a pau. Tomara... Começo, por fim, a pensar em ter a Silvana como alguém a quem me dedique absolutamente. Assim Silvana me terá como a uma terra cheia de dádivas.

— Fica mais um bocadinho, pai.

Parecendo cansado de ouvir minha ladainha chorosa, ouvi dele um desabafo:

— Santo Deus! Deixa pra lá a defunta de tua mãe. Merece respeito, mas não escravidão. Você apresenta uma doença pelo jeito que me conta. Tu tá é assombrado por ela. Desencosta filho. Isso não é vida. Cada um no seu lugar. Você aqui. Ela, onde estiver.

Acordei, envergonhado.

# MEMÓRIAS DE SILVANA

Ela pediu um tempo mais. Foi a Maçambará pra se consolar com a mãe.

Depois do feriado da Páscoa, veio uma carta.

— Meu Pai do céu, o que dirá ela? - exclamei.

Vieram palavras aos borbotões:

— Como esquecer de ti, apesar da tua distância. Faz bem que eu diga: você ama mais as letras que qualquer outro ser vivo. Você gasta exageros em relação com a mãe. Vê se pode, já falecida. Tu te pareces ao um personagem de um livro: um velho amava tanto a sua falecida a ponto de nenhuma outra entrar no peito. Tenho medo de ter um filho autista, tamanha ainda é tua falta de expressão pra comigo. Querido, se é assim que ainda posso te chamar. Espero o dia de tua providência em relação ao carinho quase falecido.

— Meu Pai! Exclamei ao ler, antes de continuar.

— Se és capaz de revelar ternura nos versos e crônicas, por que não podes traduzi-la em meu corpo e minha alma? Acho que a morte precoce de tua mãe deixou-te muito mal. Não é por nada que teus sonhos se encham de uma senhora perdida no campo. Outras vezes, ouvi de ti sobre um pássaro solitário sobre o alto do cedro, sem folhas. Lembro os dias de minha esperança. As minhas lágrimas ficaram ocultas, mas minha dor persiste até hoje.

— Santa Maria! Apelei pro infinito.

— Não sei se ainda pretendes alguma coisa em torno de nossa promessa. Se acaso, o desejo não se abriu por inteiro, dê chance à von-

tade para dar início a um destino melhor. Sei da tua última expressão quando pedi um tempo. Não sei se já olhaste de perto o que pensas e sentes ao teu próprio respeito. Ainda lembro, com maior intensidade, a forma triste de dizer adeus. Não desejo que encontres outra. Seria falsidade minha tal ideia. Deixe tudo pelo caminho e comecemos a guardar novas proposições.

— As minhas estão mais leves, mas ainda pesadas, refleti.

— Não sou de guardar rancor, já nos basta o cotidiano a ser trabalhado com devoção. Tu sabes de meu trabalho como bióloga. Vejo doenças, mas não as carrego comigo. Eu lido com a crua realidade, tu, com a imaginação. Tua mãe inexistiu e vives dela como se vivesse. Venha, meu bem. Meus desejos são intensos. Distante de ti me sinto mal.

— Vou pegar do meu calhambeque e me toco pra Maçambará!

— Você me contou a história da larva e do girino, lembra? Os dois se apaixonaram cada qual pedia a que não mudassem de jeito. A paixão dos dois não admitia mudanças, entretanto, mais pode a vida que nossas pretensões. O girino tornou-se sapo e a larva, borboleta. Apesar dos apelos de cada um permanecer no estado primeiro, a vida se encarregou de mudar tudo. Ambos já não se conheciam por força do tempo, das distâncias e da natureza. Certa manhã, o sapo sentiu fome e ao ver uma borboleta pousada num ramo próximo da água, fez dela o café da manhã. Devorou o amor passado.

— Vou te devorar, Silvanaaaa!

— Peço pra não nos distanciarmos tanto. Diferente da crisálida, peço que mudes. Por certo, não chegaremos ao ponto da tragédia do sapo e da borboleta. É possível acontecer de sobrar pouco de quem amávamos, se deixarmos o tempo passar. Ou, talvez, estejamos tão envelhecidos de não haver mais as mesmas forças para amar. As mulheres parecem não perder facilmente as forças do amor. Os homens, porém, conforme me dizia o pastor Humberto, vão à igreja quando já não possuem mais forças para pecar. Rio dessa brincadeira do pastor. Em sentido metafórico, bem a teu gosto, os homens se voltam para o amor quando necessitam de cuidados ou não tendo forças pra serem infelizes. O que mais lembro diz respeito aos primeiros dias de nosso casamento. Flutuávamos, o teu barquinho razoável, mas teu remo quase quebrado.

— Que merda! Cadê o ditado: querer é poder?

— Sentia meu peito doer. Hoje te avalio como um refém de tua mãe. Você me parece não ter nascido por completo. Amei um homem escondido. Quero amar um homem livre. A nossa separação, espero ser breve. Te espero, eu quase virgem! Se brincares com teu espanto, ele se fará, em vez de fantasma, um pano branco agitado ao vento. Te aguardo a qualquer hora. Quando batem na porta, em Maçambará, corro pra atender, pensando, é ele. Enterre tua mãe pra que eu ressuscite em ti, Francisco.



# MEMÓRIAS DE FRANCISCO: EXTRAVIDO

Querida, minha muito querida Silvana, começo a te responder pedindo um pouco de tua compaixão. Rezo com Afonso de Sant'Anna:

Ah! Se aquela que me alucina  
Apagasse de minha face esse vexame

.....

Meu coração renasceria  
Ah! então, te amando  
Eu viveria!

De um só golpe escrevi:

‘Não há como dizer tudo, Silvana, mesmo sabendo muito, mal sou capaz de dizer. É isso mesmo, querida. Afastamos-nos para ver melhor. Fui a uma psicóloga e chegamos ao mesmo lugar para o mal que me apontaste. Mãe é um bicho especial, muito sensível. Fez de mim escravo da ternura. Fiquei eu desse amor tão insolvente. Revendo o quanto podia, cheguei à conclusão de amar o que me sobrava dela. Dia desses, depois de cinco sessões com a psicóloga, sonhei-a dizendo:

— Vai em paz.

O Senhor, então, desenhou-se em mim. Tudo o mais que vi e

ouvi se expandiu em mim. Bastou retirar-se a mãe para afastar a ternura antiga, sem desmanchar-se o principal, o legado cativante. Estou disposto a reparar o mal feito. Não me culpo por ter sido insuficiente para cumprir meu juramento de te fazer feliz. Minha natureza estava ferida. Afastei a armadura. Um sopro novo balança a minha bandeira.

Faz pouco li de Walter Klark, em *deuses vigilantes*, a história de um menino, o Buck. O pai obrigou-o a provar que já era homem. Deu-lhe um rifle. Que fosse caçar um animal. Encontrou um coelho. Matou, entretanto, aninhou a lebre como se fosse um gatinho, estendeu as orelhas ao longo das costas do animalzinho, arrependido do crime cometido. Sabe Sil, não senti piedade nem do Buck tampouco do coelho, antes o imaginei na panela, preparado com ervas especiais. Às vezes, me aparecem sentimentos não distantes de um criminoso. Tem mais, Sil, se somos tão frágeis, temo por mim! O que esperar de um homem desorientado? Onde estava Deus e nas invasões bárbaras e nas invasões não bárbaras, porém piores que a dos hunos? Perguntei pra minha psicóloga.

— E daí? Você me pergunta? A resposta está em você.

— Olhei pra mim muito depois que saí da sessão, me vendo pouco mais que um rato em guampa. Não quero desanimar, mas que ando periclitante ando. Vou te contar Sil, estou com um desarranjo intestinal de fazer dó. Tomei um laxante a ver se me limpasse por inteiro. Andar sozinho dá nisso.

Sabe Sil, me dei alta na última sessão. Lembrei uma nova realidade. Laurinda, a companheira de meu pai está tendo uma participação importante desde que os achaques de minha mãe começaram a me perturbar. Ela foi solícita ao ver em mim um filho. A psicóloga e ela são as mulheres de meu novo caminho, dos afetos sem precedências. Você, porém, é meu destino.

Espiei meu celular:

— Venha que o tempo é breve!

Não esperei. Manhã, ainda de estrelas, me fui pra Maçambará.

# O DIFÍCIL REENCONTRO

A espera tem disso: é uma angústia boa tanto pra ver de perto a quem amamos, como pra ter em mãos o destino desconhecido.

No primeiro dia, a curiosidade constituía Silvana numa mulher exagerada. Não retirava o olho de mim.

— *Por que me miras tanto? Acaso stoy despido? Brinquei.*

— Pra te admirar. Parece outro homem. Como a psicóloga fez o milagre?

— Sou por mim. Nem bem me reconheço. Os velhos sentimentos parecem cansados. A combustão se esgotou e os restos caíram num buraco negro.

— Espero que perdurem os novos, bem mais convidativos.

Ao meio dos novos amores, nasceu o filho José. A minha maturidade, entretanto, não se manifestava completa. O envolvimento da mãe com o filho criou perturbações em mim. O lado arcaico retornava. É, dizia Silvana:

— O homem não cresceu todo. Pior, vive em compulsão tardia. Desse jeito, você não me dá tempo pra ser mãe.

Pior para a nossa relação. Silvana, então, exigiu que lhe desse mais tempo ao filho. Deixe-me amar meu filho sem me sentir dividida, exigiu.

O Dom Juan exagerado buscou a psicóloga novamente. Retornei, então, para casa chamando a José de Menino Jesus. Uma graça de menino, o piá, tendo maior atenção da mãe não deixava de produzir meu enciumado olhar.

— Entendo porque você chama o nosso filho de Menino Jesus. Pensa que ele é tratado como a um deus e você como simples mortal. Isso não me serve também. E o que tem você de carregar, ainda, o bendito livrinho como se fora um fetiche? Até meu pai, que é um velho sem letras, reparou nesse livro. Leituras seletas. Por mostrar a ele a tua preciosidade, você ficou destrambelhado. Bramiu, reclamou alto, descontrolou-se. Ameaçou até o teu velho sogro. Homem do céu vê se te endireita.

— Confesso meus sofrimentos. Descontrolei-me, é verdade. O que tinha o velho de mexer no meu livrinho, o livrinho de minha mãe?

— Santa Maria tenha pena de tua alma, homem. Ora é tua mãe, ora é meu filho que te chateia. Agora é o teu livrinho de leituras de tua mãe. Vejo-te menor. Que é isso, disputando amor com nosso filho?

— Estou revendo minha precária paternidade. Mas meu sogro meter o bico nas minhas coisas, já é demais. Gosto do meu livrinho. Parece uma janela por onde espio meu passado. Não te preocupe, Sil, é apenas um presente de minha mãe. Meu filho é e será meu presente perfeito. Bem vêes o quanto melhorei. Sou o protetor.

— Então é isso, homem: tua mãe ainda presa no livro? Tu começando a ser protetor. Ainda que estejas melhor e por menor que seja tua infantilidade, ela não é compreensível.

— É só pra ver o tamanho da alma. É um troço, usando uma palavra chula. Acho que a alma das pessoas traduzem os mundos todos, inférteis e férteis. Olhando pro céu vejo tantas estrelas, cometas, buracos tão vazios girando, girando. Curvos céus atraindo coisas. Parece haver tanta inutilidade perdida. Tantas galáxias e outros universos com forças sem medida, ainda bem que se seguram cada qual em seu lugar. Andam e desandam desesperadamente. Assim pareço fazer parte dessa loucura. Um pequeno livro de infância tendo uma força como de um asteróide. E não é somente isso, querida. Sinto-me menor diante da ternura de José, mas já o tenho como filho.

— Vê se pelo menos se livra de teu fetiche. Arranca de ti esse pesadelo infantil. Livra-te de vez e tenha em teu filho uma porta por onde sair desse caos.

— Deus ainda vai olhar pra mim.

— Reze por ti e ponha fé em tua psicóloga. Ou melhor, ponha a escrever este teu complexo infantil, se é que ainda dizem assim.

# EM BUSCA DE UM LIVRO

Depois das seis horas de laboratório, Silvana virava o dia em limpezas e cuidados com o filhinho. Cansava de ver doença, preferindo a casa a qualquer fungo, vírus ou bactéria. Ao mexer nas caixas de papelão veio-lhe a maior tristeza. Cheias de livros: a primeira tentativa de escritor do marido. Quinhentos exemplares da *Vida oculta de Orígenes*, um ensaio sobre o silêncio de um homem que não tinha o que dizer. Não tinha a fluência nervosa de um romance, mas convencia sobre a inoperância de um homem que cansara de falar por não ter quem o ouvisse. Vendeu cem exemplares, sobrando quatrocentos para inglês ver. Deu algumas palestras tentando animar os leitores, mas não vingou. Eu, à noite, vindo da escola, procurava agradá-la com a segunda e única intenção. Vinha muito cansado pra brincar com o filho. Parecia um patinho animado em torno de um pato indiferente. Era um filho à procura de um pai.

— Puta merda, Chico, não tá vendo teu filho?

— Tô vendo.

A sogra, a desbocada Eufrásia, não disfarçava quando se tratava de Francisco. Era mulher de irritação bravia. Chamava o genro de Pepito Mágua, homem da infância dela, uma coisa, não um homem de verdade. Assim se referia ao genro. Não escondia a palavra crítica e gelada. Que te cure *el diablo*, dizia. É melhor ter o diabo no corpo que esta parva vida de professor, igual a do Pepito, homem mais devagar dos conhecidos da estância de Maçambará. E tu, minha filha, não dá pra ele enquanto não virar homem de verdade. Silvana se ria da atrevida mãe. Vinha lá do Maçambará só pra ver o ex e o filho da mãe do genro.

Costumava se expressar. Deixei do marido e parece vício de família: deu pra filha casar com um boca mole e parece de outras molezas. O meu homem serviu enquanto não bebia. Depois que deu de se emborrachar, mandei morar perto da filha. Que pra alguma coisa podia servir. Francisco se arrepiava só de ver a velha chegar de mala e cuia falando essas bobagens. A senhora dos altos poderes chegava dizendo:

— Estou aqui pra ver meu neto e fazer dele um piá esperto.

— Ele tem pai e mãe, dona Eufrásia.

— Como pai, sei de ti um pouco achicado.

— Isso faz parte de minha economia interna.

Depois vinha, como resmungo:

— Vaiteamerdaveia.

— Vou a hora que precisar.

— Desculpe, saiu sem querer.

Depois ficava se remoendo de raiva por não ter reagido sem meias e sem peias. Assim se passava um mês de raivas escondidas. Quando Silvana via o meu rosto de expressão fria em relação à mãe, desabafava:

— Isso tá mais pra inferno do que pra família. Poderia ser mais gentil com minha mãe.

— Hora dessas ponho a velha numa grelha. Que se lasque a putana! Vem aqui pra encher a paciência, em vez de se alojar na casa do teu pai, fica aí tirando a minha paciência. Acho até que a véia secou de cima e de baixo. No dia de nosso casamento até que aparentava coisa melhor.

Mostrava um respeito medido e um sofrimento por ver-me apitocado. Para evitar outros constrangimentos saía pela manhã pra escola. Voltava noite adentrada. Desculpava-me:

— Nunca vi tanta burrice.

— Acho graça. Teus alunos ficam burros só quando a mãe vem me visitar. Tem mais, acho bom estar em casa antes da noite, pelo menos nos dias sem aula. Só falta começar a beber como meu pai. E agora, pra variar, ele está com um amigo, dono do Alambique de Maçambará, um tal de Degas. Vive de canha até os grogomilhos.

— Acho graça na separação do sogro. Vem aqui em casa só pra tirar um atrasado. Fica no ar a fedentina da canha. Sei lá o que os dois velhos aprontam. Ainda bem que o piá vai para a escola de Educação Infantil. Não quero o meu filho ouvindo histórias dele. Família é isso: cheia de rumores contraditórios. *Ma far Che?*

— Por favor, mais respeito!

Enquanto se passavam esses dias da frequência maior de Nico Freitas em minha casa, não é que, sabendo por deslize de Silvana da neurose obsessiva pelo livro, resolveu querer dar um basta às minhas leituras prediletas, o livrinho de Amanda. Ainda que já não me movia tanto. Entretanto era meu.

Nico Freitas, como falei, de tempos em tempos, recebia um amigo bebum: o Degas, Florêncio Lima e Silva, dono de alambique das grotas de Maçambará.

Canha de primera, dizia meu sogro. Notícias da sogra Eufrásia: Quando se molhavam no garrafão, perdiam qualquer sinal da razão. Mentiam, dizendo grandezas, rindo de feitos imaginários. Trocavam até Deus pelo diabo, achando que os dois estão de brincadeira lá na fronteira. Num dos encontros Nico exagerou. Pelo que soube depois pelo Degas, se deu assim:

— Degas, tenho uma missão de urgência pra curar o meu genro de umas frescuras.

— Que mal pergunte, o que se sucede? Não me diga que está trocando os lado do prazer.

— Não, acho que não. Disso minha filha ultimamente não tem se queixado.

— Sabe, ele sofre de um tal trauma de um tal de Édipon, como fala a filha. Tá enfrenado ainda pela mãe.

— Que bicho é esse?

— O filho não esquece do seio da mãe ou da mãe inteira. E fica, às vezes aí preso, meio desorientado. Ele carrega um livrinho, lembrança muito querida da mãe dele. É fixado nessa joça de leitura. Parece coisa de fresco, mas não é. Perdeu a mãe quando piá e aí ficou entre o amor de mãe e a tesão de um homem completo. Sei lá que complicação, mas é por aí. O livrinho parece enfeitado.

— E eu o que tenho a ver? O que tem o livrinho com a tal da missão de urgência?

— É isso mesmo, uma missão. Ele vem de noite da escola. Tira a sacola do homem. Ele não abandona o dito livrinho. Assalta o filho da mãe e toma o livrinho.

— Coisa de louco!

— Pedido de compadre é ordem.

— Mas se ele reagir raivoso?

— Reage nada. Ele é de paz.

— Mas se a mãe dele vier em auxílio? Conheço um caso de morto se prender num vivo. Acontece que o morto dá uma força de matar até um leão. Deus dá razão pra mãe do filho e a morta embrutece qualquer fraqueza. Não conhece a sorte do Aristides que matou a mulher pra se juntá com uma pinguancha?

— Sei nada dessa história.

— Pois te conto. Quando foi tirá um retrato com a nova, a velha apareceu entre os dois. Eu mesmo vi a foto. Reconheci a defunta. E tem mais. Quando queria a nova, a velha entrava em combate acabando as forças do Aristides. Não ficou nem com a véia nem com a nova. É isso que te digo. E se a mãe do teu genro inventá de se meter? Poder de esposa é grande e de mãe morta maior ainda. Pelo visto, ele crê na mãe. Fé de filho é coisa séria.

— Já vi tudo. Tá amarelando.

— Vou sim. Ainda bem que ele não me conhece. Se reagir, não insisto.

— Só pega a sacola do homem. Dentro tá o tal do livrinho que atrasa a vida dele.

Foram combinados os cuidados elementares para o Degas não se perder em tão grave missão.

# O NASCER DE UM HOMEM

— Vai-te à merda Nico, gritou o Degas, precipitando-se casa adentro.

— O que foi homem?

— Tá vendo só?

Nico Freitas, ao ver o rosto de Degas, não segurou nem o riso nem a pança. Ria em convulsão.

— Que é que há, filho de uma putana? Olha o meu rosto!

Degas correu para o espelho do guarda-louça e desabafou:

— Minha cara é uma bola de futebol número cinco.

— O que aconteceu Degas?

— Seu desgraçado, você não me avisou que o homem era daquele tamanho. Quando eu disse *ou a sacola ou a vida*, não vi nada mais. Senti um soco no rosto e me fui pro chão. Corri antes que me matasse. Só ouvi ele gritar:

— Espera, pançudo de *mierda*! Eu guenzo do tombo, parecia um alejado!

Mais se ria o Nico, contando uma piada pra não parecer deboche ao Degas.

— Me dá um liso.

E beberam pra depois dormir.

O dia nascera inchado. A chuva se anunciava pesada. Um ronco profundo, parecendo o estertor da manhã, fez tremer o guarda-louça de Nico Freitas, tilintando copos e baixelas.

— Ouviu isso, Degas?

— Tô de nariz tapado, não dos ouvido. Agora me voy a Maçambará. Tomara que não tenha ninguém de minha gente. Se tiver alguém de lá vou ter que dizer que o inchaço é de cirurgia plástica.

— Não pensamos no mais elementar, meu caro Degas. Foi de bombacha, com essa pança e com esse chapelão da fronteira. Esteve mais pra brincar que pra assaltar.

— Me leve pra rodoviária!

# CHICO, O BOM

A chuva se derramou em baldes. Dez da manhã. Silvana de uma alegria só. Noite anterior o marido chegara alegre. A alma dele estava diferente. Deu boa noite e beijou a esposa na boca. O trivial possuía espírito. Perguntou pelo filho, dizendo ter uma história pra ele. Amaram-se de uma ternura campeira. Os corpos se mediram em transcendências. Silvana notou uma força transparente até no andar. A manhã se anunciou promissora.

— Nem acredito mãe. Meu homem ressuscitou, aleluia! O Chico deixou um beijo pra senhora. Veio feito um homem completo.

— Tem certeza, não foi uma ferroada o que deixou?

— Você tem implicância com ele.

— Por que não aceitou o xiru de Maçambará? Lembra? Aquilo é que era homem! Não taria agora contando os pila. Não andaria de lata velha. Teria joia e não essas miçanga de fazer dó. Quem mandô se aivelá num professor perdido na infância. Eu mereço um genro assim!

— Ele está diferente. Diz que vem pro almoço.

— Vou ter dor de barriga.

— Ele quer falar também com o meu pai, teu ex.

— Espero que veja ele sem ressaca. E você, cuidado com o Chico. Te digo, filha, as guria de hoje dão de graça. Até os veado têm valor!

— Ele é fiel. Ele até brinca: Onde se come o pão não se come carne.

— Vai que o animal goste de bauru! Esse é irmão desse. Mira bem, minha filha. Nem as normalistas são mais pura!

— Mãe, você está mal do coração.

— A solidão do campo traz vazios. Tô que é uma michorna, filha. Uma sombra do que eu era. É verdade, pareço uma égua velha perdida no campo.

— Mas o que te faz tão azeda pra com o Chico?

— Você mesmo me falou dele estar muito ligado *con la mamita*. Te ouvi sobre o amor de Amanda.

— É verdade mãe, me doeu muito perder para uma morta. Tomei por prazer disputar com ele o amor da falecida. Já sinto ele me amando! Pra tudo estar bem, só falta a senhora deixar Maçambará. Vem pra perto de mim. Tudo estará melhor.

— Meu Deus, deixar Maçambará? Já pensei em sair. Aqui aguento apenas um mês. Como meio bugra vivi, como bugra vou morrer. O campo me chama. Já sinto saudade até dos marreco, do banhado e das saracura.

— A gente acostuma.

— É o diabo me tentando. Como vir pra cidade se até prefiro o cheiro do esterco do zaino velho? *Pero*, lá o que me mata é a noite.

— Digo pro Chico de teu pensamento de vir pra cá.

— Ele vai engrossá comigo.

— Vai nada. Acho que ontem aconteceu algo diferente.

— Nem o tempo vira tão ligero. Pelo sim pelo não, fale por alto desse meu interesse em vir pra São Borja. Só pra ver o que ele diz. Mas veja bem, filha. Aqui, se vier, vou olhar muito pra ver pouco. Lá, o mundão não tem tamanho e nem olho tudo que tem. Deus me aparece nas laranjas e no galho seco que não dá fruto. Aqui é uma barulhera só. Tenho medo daqui e não me acertá. Também não adianta ter um coração cheio pra dizê se não tem ninguém pra escutá.

— Mas por que se separaram, se carece tanto de falar?

— Ele começou a ficá sem graça. É melhor a gente calar quando ninguém escuta. Era assim eu querendo falá e o teu pai de cara feia. Minha voz fazia mal pra ele. Então ele saiu de lá e veio pra cá. Disse:

— Vou pra São Borja. Pegou da aposentadoria, me deixou. Alugou uma casinha que é mais um trempe. Vejo ele morrendo. Que o campo tá uma merda tá, mas pra ele aqui é pior.

Bateram na porta. Era o Nico

— Buenas minha filha. Dá aqui um beijo, querida. Meu garotinho, um abraço. José veio ao encontro. Gostava das histórias do vô.

A tosse de Nico Freitas era inconfundível. Vinha de uma cratera.

— Ué, Nico. Não tá com teu amigo? Era Eufrásia.

— Ele se foi pra Maçambará de manhã.

— Tava com pressa o pançudo? Fica sempre pra mais de semana.

— Pois se foi o homem. Tava com saudade do alambique.

Meio dia, hora do início novidadeiro. Chega o Francisco, muito ancho. Beijou até a sogra que olhou-o espantada. Abraçou o Nico e ergueu o menino aos ares.

— Santa Maria mãe dos pecadores, o que houve contigo? Era a Silvana.

— Nem sei ao certo o que me sucedeu.

— Escuta bem. O que se sucedeu por tanta animação? Foi assim no mais? Conta pra todos. Nunca vi assaltante de facão. Conta direito e não por alto como ontem me contou.

— Nem eu sei certo do acontecido. Vou falar. Vi um quera se chegando. Até gritei antes que se chegasse mais perto. Sou professor, não tem nada a tirar. Aí ele mais acelerou. Deu pra perceber que estava meio tonto. Falou num livrinho. Me dá ele, falou, antes que te meto este paraguaio na testa. Vi que ele não fazia ameaça, não inspirava medo. Tomei coragem. Achei demais um homem trançando pernas, pedindo minha pasta. Mal movia um facão. Acertei um soco pra valer. Perdeu até uma alpargata. Ele correu. Nunca vi disso. Me vi mudado depois. Feliz pela coragem. Acho que vou agradecer o assaltante. É a terapia do assalto. É a cura do fação ou será o livro que me salvou?

— Meu pai surrou o ladrão! Comemorou o pequeno.

— O que é que tirariam de um professor? Falou a sogra.

— Ele falou de um livro, não foi? Perguntou Silvana.

— Não faço ideia de quem poderia. Pera aí! Falou num livrinho aquele tonto. Como é que ele sabia de meu precioso livrinho?

— Bêbado tem cada uma, interveio o Nico.

— Chico, por onde você andava quando foi assaltado? Questionou Silvana.

— Na Rua do Nico Freitas.

— Como era o jeito do assaltante?

— Já falei, um gaúcho pançudo e de bombacha.

— Aí tem meu genro, falou a sogra.

— Estranho foi ele só pedir um livrinho. Quando chegamos perto da claridade, distingui o jeito dele.

— Não tem outro assunto pra se falar? Reclamou o Nico.

— Assaltam teu genro e o senhor diz esta bobagem, seu Freitas? defendeu-o Silvana.

— Daqui a pouco vão dizer que fui eu o assaltante.

— Mas um certo Degas, por que não? Instou Eufrásia.

— Não perdeu a língua de sempre, falou o Nico.

— Por que fizeram isso? Ameaçou Eufrásia.

— Pra ajudar minha filha, resmungou Nico, envergonhado.

— Não foi minha filha que reclamou de Francisco, faz pouco tempo? Ela não se queixava dele por causa da falecida mãe? Ele não andava montado num livrinho? Era isso que eu queria tirar dele. Achei que andava enfeitiçado por aquela porcaria. Queria fazer alguma coisa pra ele esquecer. Sabia também que o Degas era de nada, mas achava que o Chico entregaria a rapadura. Quero dizer, o livrinho.

— Ele anda comigo como um escapulário protetor, meu sogro. Ele me dá sorte. Se era ele que me protegia, vou passar ainda mais a protegê-lo. Mas agradeço a trapalhada do teu amigo. Vi que posso mais que podia. E a filha não tem do que se queixar. Sou gentil. E o senhor pode dizer o mesmo?

— *No lo creo! No lo creo!* O Degas assaltante. Aquilo não dá nem pro fumo. Me dá a alpargata perdida que vou devolver pra ele. Amanhã vou pra Maçambará. A velha senhora se contorcia de tanto rir o que contagiou a todos.

— Mas como é que ele ficou, meu sogro? Falo sério, acho que o medo me tornou valente. Acertei ele com vontade.

— Ele dizia que tava uma bola de futebol número cinco.

A gargalhada brotou geral, até do pequeno José.

— Pode dizer pra ele, minha sogra, que a polícia não vai andar atrás dele.

— E vê se não faz dele uma chacota geral. Que você é bem capaz disso, falou o Nico.

— E ele não merece? Retrucou Eufrásia.

— É hora de paz, falou Silvana. Vamos pra mesa!

Depois do almoço, Nico Freitas se afastou, dizendo ter muito que fazer.

Risadas soltas.



# SILVANA E O PAI

Silvana entrou em casa, agitada, batendo portas. Francisco ensinava as primeiras letras ao menino.

— Mamãe tá braba.

— Escreva esta letra, enquanto vou ver mamãe.

— O que aconteceu?

— Vi o pai com outra mulher! Gritou Silvana.

— Pela brabeza, parecia ser um homem.

— Não me chateie!

— Ele já falou comigo. Quer se casar. Velho assanhado!

— Pois que case. Não fique agitada. É melhor isso que andar com tantas outras.

— E a mãe como vai ficar?

— A mãe ou você?

— Não sou você pra viver de infância.

— Pode xingar! Aceito meu passado e tenho em mãos as consequências.

— Ele, por cima, pediu se podia vir com ela.

— *Que vengá!* Quem será ela?

— É uma coroa encalacrada. Não sei o que achou no meu pai, que por sinal está rejuvenescido.

— Por certo não foi a riqueza do velho.

— Vou telefonar pra que venham então.

— É assim que se fala.

— A mãe tá ainda braba?

— Estava, filho.

Silvana telefonou e vieram dia seguinte. Uma espera, além da medida. Silvana mal dormiu. Mais nervosa ao vê-los pela janela. Não esperou. Abriu-lhes a porta.

— Sou a Dulce.

Ambos foram entrando muito faceiros. O José, todo pilchado, olhou de um olhar insatisfeito pros lados da mulher de Nico Freitas.

— Que coisa mais linda esse guri! Cai bem em ser meu quase netinho. Parece até que nasceu de bombacha.

— A vó Eufrásia é que é minha vó. A senhora é uma vieira que não conheço.

— Sou meio véia mas você, piiazinho, com essa pilcha parece o veio Degas.

— *Mierda!* Saiu chorando.

— O piá é tesudo, era o Nico.

— A vida amansa logo, disse Dulce.

— Tem mania do pai. Briga com quem não conhece, brincou Sil.

— Essa é pra mim!, defendeu-se o Nico.

— Acho que não agradei, desculpou-se Dulce.

A conversa rolou mansa, agradável até. Dulce revelava um humor alegre, sincero. Via o mundo em detalhes por mim não percebidos. Não levava a sério nem o papa, muito menos a política. Via a Deus por olhos gentis. Na metade da *charla* ela saiu-se:

— Deus não sabe falar sozinho. O pessoal leva o Homem muito a sério. Se Ele brincou com o mundo, fazendo tantos sem necessidade é porque tem o prazer de fazer bolas. Fez a vida esnobando vitalidade. Vejam, gente, mal nascemos e já pegamos a boina e nos mandamos. Assim é que aprendi: Deus não dá uma casa pra morar, ele dá um rancho provisório. E vejo tanta gente se agarrando em mil coisas, pensando que é imortal. Logo ali adiante entrega a rapadura, como qualquer faminto. É assim que penso.

— Vejo que a senhora não deixa por menos as coisas que vê, elogiei.

— Sempre deixo por mais.

— Isso exigiu muito estudo, continuei.

— Sabe que nem tanto. Terminei o Ensino Médio, mas me viro bem, lendo de tudo. Tenho um grupo bom de prosa. Não é essa mixaria de mulheres por aí. Só pra ver, frequento uma escola de Teologia.

— Agora voçes sabem com quem tô casando. Alguém que fala com Deus. Tô salvo, gabou-se o Nico.

— Não vem que não tem, Nico. Caso contigo se parar de beber. E tem só um mês de abstinência. Quero você mais fino que está. Gordura não salva ninguém. Só pra ver o que é o amor. Pra mim, é diferente de São Paulo, comigo o amor é exigente, nada perdoa, quando se erra não é condescendente, não suporta os chatos, principalmente os bêbados.

— Puxa, meu sogro, desse jeito vai entrar num cortado.

— Mas deixa pra lá, ela também tem um lado meio perverso. É como qualquer mulher: gosta de se achar nos vestidos. Por que fica feliz assim na multidão? E depois diz que é pra me alegrar.

— Depois reclama se levar uma cantada. Mostra quase tudo e é pra ninguém ver.

— Concordo contigo, meu sogro. Mulher não é pra ser compreendida. É pra ser amada. O homem mora em outro planeta.

— Os homens é que se mostram uns durões, mas se perdem por aí com a maior facilidade. Era a Silvana, categórica.

— Essa conversa leva a nada. É matar vaca morta. Todos sabem que é assim. Era o Nico mandando parar o baile.

— A mesa está servida, convidou Silvana.

Depois do almoço, Nico me perguntou se, acaso, sabia de umas terras dadas pro Degas.

— Errei com Eufrásia. Fui desonesto. Dei uns hectares pro Degas, mas só de conversa. Terra virada em barba de bode, mas terra.

— Agora está diferente. Existe a correção de solos. Tudo está em bons valores.

— Falei com ele. Não tastaviou, sabendo da ilegalidade da doação. Vou falar com Eufrásia também. Preciso estar melhor. Dulce me animou a fazer isso.

— Assim minha sogra vai estar melhor servida. O negócio agora não é mais gado nem arroz. O ciclo é da soja. Posso falar com ela, Nico.

— Tudo certo, preciso aliviar meu lado. Mas desse jeito vão acabar com o gaúcho. Mas seja do jeito que for, nem Deus segura os tempos.

Enquanto tais conversas rolavam na varanda, Dulce e Silvana se entendiam melhor na sala. Veio, então, o pequeno de mochila pra pegar a Van da escola.

— Então, José, tá brabo ainda comigo?

— Mais ou menos.

— Então dá pra comemorar a paz. Vou te trazer uns monstros de última linha. Pode ser?

— Pode. Tchau mãe.

— Que menino lindo, Silvana.

— Um gauchinho feliz. Não sabe das contas nem dos políticos que estragam o país.

— Sabe, Silvana, não ligo mais. Se continuar assim a gente se desespera. Acho que está pior do que em Roma. Um professor de Teologia falou que lá a corrupção campeava como aqui. Que Deus me perdoe, acho que os homens foram mal feitos.

— Parece... Se fosse eu fazer, que meu Pai me perdoe, acho que faria coisa melhor.

— Sei de um escritor de nome Cícero. Pra só ver a maldade. Ele escreve sobre a Cicília. Os pais de jovens criminosos pagavam propina para os filhos serem mortos com pouca dor. E se pagassem ainda mais, podiam enterrar os corpos. Se não desembolsassem uma bela quantia, os filhos sacrificados seriam jogados aos cães. Do jeito que andamos, só falta enterrar os mortos antes do tempo. Dia desses vi na televisão uma mulher chorando. Precisava tratar do câncer. E meu medicamento... Virou em lágrimas.

— Ponha justiça nisso! Exclamou Silvana.

— E eu que tinha confiança no meu partido. Tá me saindo pior que os outros. Estão jogando nossa pátria pros cachorros. E nós com eles.

— Pelo amor de Deus, as nossas conversas hoje estão muito cas-cudas, brincou Silvana.

— Desculpe se entrei na tua família desse jeito.

— Contanto que ele fique bem.

— A coleira é de amor.

# CONVERSANDO COM A SOGRA

— Nem dá pra acreditar. Tá um capricho o teu homem. Parece verdade que o trote do Degas até fez bem. Deixou de se encasquetar com a mãe. De homem meio desvalido virou cuidador. Quando falei por alto de morar por aqui, ele até me propôs um ideia:

— Que ideia foi essa, mãe?

— De erguer um ranchito no quintal. Falou de arrendar o pedaço de minha terra e tirar uns fins de semana no meu rancho. E quando disse, eu podia comprar uma casa aqui em São Borja. Falei nem que sim nem que não. Queria tua impressão da ideia. Também ele vai sentar pra pensar com você.

— Concordo, terei com quem prosear. Acho bom arrendar pra soja ou arroz. Vejo a senhora na maior judiaria pra ter duas ou três vaquinhas. O Nico está contente com a aposentadoria.

— Deixa ele pra lá. Espero que ele não venha chateá. Tá na hora de acertá as coisa de vez. Já que o Chico parece não tá mais ciscado comigo, vou pedir pra ele ajuda a pôr no papel os direito de cada um.

— Ainda mais que o Nico tá devendo uma pedrada pro Chico.

— Buenas! Também ninguém tá tirando o pai da força.

— É melhor uma boa conversa que ele pode ficar sestroso.

— *Verdad!* Pode virá os arreio!

Acabada a conversa, entra Francisco:

— A minha filha concorda com o plano falado. Mas ninguém precisa ter o garrão apressado.

— O que te parece, Sil?

— Acho um bom negócio. A colônia e meia fica pouco mais de vinte quilômetros daqui.

— Chico, seria pedi demais pra você me ajudá na aposentadoria? Tô ficando cada vez mais véia. Acho que tô merecendo pelo que fiz. Não salvei o mundo, mas fiz de minha filha uma doutora bióloga e produzi muito enquanto tava de osso firme. Até minha cabeça está pra sopa. Não tem mais sustância, só osso.

— Vou fazer de tudo pra senhora estar bem. E tem mais: o Nico confessou que errou com a senhora. O Degas está com um pedaço de terra que não é dele. A terra é da senhora, dona Eufrásia.

— Puxa vida Chico, você está me saindo melhor que a encomenda. Peço pra dá uma olhada nos papéis da terra. Assim tenho um homem ao meu lado. Tenha vida longa, filho. Só não sei pra que estudá tanto. Pra que tá sempre fervendo a cachola?

— É da profissão de professor. Pra saber é preciso abrir o pensamento em várias direções. É também pra não ficar sozinho com a família dos pensamentos. A senhora também não está contente por ficar na solidão.

— Pode parar. Tá embrulhando meu bestunto.

— Também acho mãe, ele voa muito alto, por isso, eu acho que ele fica distante.

— Não fale assim.

— E o tal do livrinho, bem?

— Ele ainda é uma preciosidade. Pensei bem: mais precioso vai ficar quando mostrar pra todo mundo o livrinho dela.

— Quero ver o que tua mãe tinha que eu não tenho.

— Não tenha ciúme. Já pensei em registrar suas histórias também. Elas valem tanto quanto as de minha mãe.

— Nem tanto, que as minha beleza o tempo comeu.

— Tenho certeza que não, dona Eufrásia.

Depois me afastei. A gurizada andava ciscada vendo-me relaxar. Era tempo de mostrar serviço. Enquanto isso, a conversa se desdobrou por mais um pouco.

— Só de ver o que se afigura na minha cabeça. Cismar não é só pra doutor e jacaré, é pra uma véia cheia de história. Até vou alembra dos fantasma do campo que dizia minha mãe e mesmo eu vou assuntar eles dentro de mim.

— Lembro em criança das histórias de assustar até homem do campo. Valentia tem limite, dizia a senhora. Quero ver uma escritura das memórias.

— Santa Bárbara, rogai por mim.

— É bem isso, querida. A vida é como caçar perdiz. Não dá pra perder de vista onde ela está. Aí todo cuidado é pouco. Vou ver quem arrenda as terras.



# O ENCONTRO EM MAÇAMBARÁ

Falei com o sogro. Por estar movido sem etanol, rolou fácil um papo inesperado. Primeiro, escolhendo palavras, expliquei sobre a possibilidade de trazer dona Eufrásia para São Borja. Mal concluí a frase, veio o velho desbocado:

— Não faiz isso, home. Ela vai desgraçá a gente. Tem um ror de coisa ruim dentro dela.

— Ela está melhor, Nico.

— Já viu galho torto direitá?

— Com gente é diferente. Sempre tem uma alma escondida.

— É o diabo!

— Buenas, Nico. Vim falar pra ouvir opinião. Mas já que está de má vontade, vou me retirar.

— Faiz isso não. Te devo uma pedra e não vou querê que me deixe pior. Fale que ponho a viola no saco. Tô assim com ela, caso de coisa véia. Ela me botô chifre.

— E o senhor por certo era um santo.

— Pior que um diabo pra ela, tenho de confessar. Bem mereci este tamanho de cabeça. A gente já tava de separação, mas não carecia dela fazê aquilo.

— Tesão de mulher é diferente. Carece demais de carinho.

— Também não é só isso. Sabe, o pão abatumô. A vida tem torturas e torta ficô. Ma desembucha, professor. Que tamo de lero-lero sem razão.

— A dona Eufrásia quer arrendar as terras de lá. Pediu pra falar com o senhor.

— É um mau pedaço. Porcaria, causa de um mal que fiz. Sô um peste, mas não ladrão. Falando a verdade, dei pro Degas, como te falei. Não quero Morrê com esse canto de terra pesando. Achava que nossa amizade valia mais que o meu casamento.

— Quanta terra é que foi?

— Acho que dá uns quarenta hectare.

— Tudo isso?

— O senhor sabe que poderia fazer isso só com a licença dela?

— Sabia.

— E ela aceitou?

— Ela nunca se meteu de medir terra. O mundinho dela cabe na mão.

— É justo que se dê a ela o que lhe pertence.

— É o que mais quero pra repará o mal feito. Acho que o demo vai me arrastá pro fundo do inferno se eu não me aliviá deste pecado.

— O senhor tem uma ideia de como reaver?

— Vou tê que tê cara de pau. Quem sabe você possa ir até lá com tua sogra? Fala com jeito com o Degas. Ele também tá te devendo uma pedrada.

Fim de semana. Maçambará!

E fomos. Assentida a boa vontade de Nico, me fui ver a sogra mais o Degas. Comigo foi o filho, mais Silvana. Antes de chegar no alambique do Degas, deixei a família em casa da sogra. Foi um tedeo de uma pessoa só. Eufrásia, por demais contente, saiu gritando expressões de alegria.

— Que bons ventos trazem meu genro?

— Tempos de paz, concluiu Silvana.

— Quero mais. Paz é pouco pra tanta alegria.

— Escuta, dona Eufrásia, a senhora ainda possui a espingarda?

— Não vai me dizê que tá de maus pensamento.

— Apenas matar alguma perdiz no pio. Só me mostra o caminho do alambique. Não esquece que também me criei no campo. Vim pra

cidade por meu pai não ter mais o que fazer.

— Já te trago a arma. Fique sabendo que ela só mata passarinho.

Logo a seguir, tomei o rumo em direção indicada: o alambique. Não faltou conselho da sogra.

— Ele é manso, mas cachorro quieto é que morde.

O caminho do campo conforta. Uma garcinha branca, miúda, buscava o que comer na fartura de um banhado.

— Quando inxergá uma chaminé, é aí!

Não levava jeito pra caça, mas aprendera algumas lições com o pai. Antes de lá chegar duas perdizes piaram pela última vez. Entre a estrada e o alambique fui caminhando, caminhando. Espiava as macegas e os vãos. Mais uma pra panela.

Degas, ao ouvir os tiros parou diante da porta da oficina de caça. Bombeou mas não me reconheceu.

— Buenas, Degas!

— Muy buenas!

— Não me estranhe, hombre!

— Sou o genro do Nico Freitas. Não tenha medo.

— E pro que haveria de tê?

— Não te finja de esquecido. O Nico me contou que o senhor foi o bandido.

— Foi teu sogro que pediu.

— Por favor, vim em paz. A espingarda é pras perdizes. Vim negociar por alto.

— Sei do arrependimento de Nico sobre as terra dada por nada.

— Então sabe que ele operou em erro, faltando o respeito com Dona Eufrásia.

— Sei também de ilegal o que foi dado.

— Vamos acertar de vez, pode ser?

— O animal nem me passou os papel. Usei por três anos. Apenas criei uns boizinho. Que mal pergunte, o que pretende com a terra?

— Arrendar o pedacito das colônias.

— Se vê que de gaúcho pouco tem.

— Que há de se fazer... Os tempos devoram tudo.

— Tome um trago que é pra esquecer o susto que dei.

— Nem tanto. Ao ver o vulto gorducho apenas me defendi. Sei também da bola número cinco.

— Nem te conto da história que inventei pra não passá vergonha por aqui.

— E eu da coragem que ganhei.

— E só por um livrinho de bosta.

— De papel. Pode não acreditar, tenciono fazer umas histórias daqui.

— Então te conto a primera.

— Qual?

— Escuite só! Quando você me deixou a cara que só uma bola número cinco, vim morrendo de vergonha de me verem daquele jeito. Já no ônibus de São Borja pra Maçambará, encontrei o Tiaraju. Ria com aquela pança de vaca prenhe. Que te assucedeu, Degas? falô o desgraçado. Queria mandá ele tomá no cu. Seria pior. Me veio inspiração de menti. Comecei a falá grosso. Fui contando, contando... Apanhei, mas cortei um ladrão de merda. Não parece, mas São Borja tá cheia de presidente morto e de ladrão. Não sei onde tem mais ladrão, se no cemitério ou nas ruas quando é noite em São Borja.

— Isso é! Aprovei.

— Como ia contando, o Nico e eu tomamo quase tudo do garrafão. Depois saí da casa dele, qué dizê de uma dona. Vim trançando perna. E veio um rapaz bem cascudo, um filho da puta. Pode puxá a guaiaca e alcançá os pila. E lascou um tapão no meu nariz. Quando inventou de me fincá a faca, num lance puxei o facão, meu paraguaio e num taio, cortei os dedo dele. A faca caiu. Ele correu. Firmei voz pra cima dele: Vorte aqui, covarde, gritei. Tem uns troço pro curativo.

— Muito valente, Degas!

—Mais corria o viado. Tá de parabéns, Degas. Tiaraju falô. Eu bebo, mas tonto sou homem de matá ladrão. Ele acreditou e a história tá mais espraiada do que semente de mamica de cadela. E dizer que o covarde sô eu. Desculpe professor, ma não vá me tirar minhas valentia.

— Bonita história, Degas.

— E por favor, então não vai contá tua versão. Pede pra Eufrásia, tua sogra, não desconversá o conversado. Entrego a terra dada, ma não me estraga minha história.

— Fui bem na minha ideia de não buscar o direito dela na justiça, mais direito é o senhor, Degas.

— Que outras histórias o senhor sabe?

— Sei umas de respeito, outras de muitos anos e muitas sem vergonha. Um dia vô escrevê.

— Levaria a mal de escrever?

— Conto, mas minha língua é ruim. Serve mais pra exprimentá uma canha. Muito pior é a letra.

— Não se assuste, ajudo a endireitar alguma palavra torta. Pelo que ouvi a prosa é inteligente.

— Eu inteligente?

— Tem o sabor da vida.

— Disso tenho de sobra, mas de estudo nada. Só sei rabiscá uns número pra ninguém me passá pra trais. Agradeço pra sempre a senhora primera professora daqui. A Raimunda tinha peito e saber, ah, se tinha. Ela era tentação da piazada. Nunca vi tanto lápis caí, xingava ela. E os zoio firme. Mas cadê corage de dizê uma coisa? O Joca, o marido homem deveras, metia medo até em valentão, que dirá nos menino de capeta no corpo?

— Hoje fica assim, prometo vir de gravador em punho e levar as histórias pra Deus e todo mundo.

— Quem dirá, eu escrevendo num livro!

— Assim vai ser. Pra semana que vem, venho aqui ver as letras.

— E o livro rende?

— Só o prazer de dizer. Só rende pra grande escritor e veja lá.

— Pensei que dava dinheiro.

— Nem pra canha.

Rimos da inesperada lembrança ao devolver as alpargatas.

— Até semana que vem, senhor Degas.

— *Asta luego*, professor. *Mierdas...* Eu escritor, resmungou. Este povo não é fora de bitola?



# HISTÓRIAS DA SOGRA EUFRÁSIA

Fomos eu e a sogra pras bandas das árvores altas: um capão dos amores de Eufrásia. Em tudo havia espírito nos ares da terra e das águas. Os pessegueiros se precipitavam, soltando as flores apressadas, ainda no inverno. São fortes os amores precoces e os tardios, como se observará.

— Me conta, dona Eufrásia, um pouco mais de tua história. Enquanto conta, eu meço as terras que são suas.

— Pois te conto, Chico, *un amor sin destino*. O Nico se mandou de casa quando a Silvana estudava em Uruguaiana. Ela queria a todo pano ser bióloga. Gostava dos bicho que só ela. Me vi solita como urutau. Tinha um corpo de reclamação. Dias fiquei olhando, olhando o Degas passar perto de casa. Me rebentava por dentro. O prazer de ver um homem. Uma tarde dessas que o sol chama pra tudo, fui até o alambique do Degas. Ele trouxe uns refri da Argentina. Um regalo. E eu com raiva de ter um homem metido a bem bom com outras mulheres. Se esse amor não deu certo, um mais matreiro pode sê. Fui vendo como quem não qué nada, com nada e qué tudo.

— Sei disso também.

— Como le contava, O Nico com outras, então falei: Te manda que não sou de ficá de reserva. Naqueles anos, o Degas era um taura razoável. Mandando ele pra uma ferraria pode ser que se recupera alguma coisa dele. Sabia de ele trazer umas bebida da Argentina. Fui até o alambique comprar uns licor e umas limonadas. Fui entrando... Aquele cheiro do mal me fazia bem. Fui vendo os refri e ele me aparece todo ancho, o Degas. Meu malinho espumava. O desejo me assuntou. Ele viu o meu fervor.

— Além do refri qué mais alguma coisa?

— São tantas!

— De uma mulher assim é difícil não atender, me provocou.

— Não carece tanto pra quem anda sem ninguém, respondi.

Ele se achegou com delicadeza, afastando meu cabelo caído na testa. Assim fica mais bonita.

— Pra que escondê uma beleza?

— Vim comprá um refri aí da Argentina.

— Serve este, querida.

Alcançou também um licor. Ao passar pra minhas mãos teve uma delicadeza. Senti a importância de um homem. Ele tocô meu rosto. Chegou perto. Tinha cheiro doce da cana. Percebi quando passou a mão em meu seio esquerdo, fazendo de conta de tirar um cisco. Meu Deus, foi demais. Me acendi toda. Fomos até um canto e ele cada vez mais perto. Eu beijei. O resto veio tão de repente. Perto cantô um João-de-Barro. Foi assim que amei o Degas. Um fogo bom se soltava de nós. Não pense mal de mim. O Filho da Mãe do Nico já se mantinha mandado de casa. Tudo diferente entre eu e o Nico. Depois fiquei preocupada entre o povo. Mulhé não pode ter isso. Pensei na Silvana. Jurei pra ele de nunca mais acontecê. Só aconteceu umas dez ou vinte veiz depois. Foi bom e mais forte que o arrependimento. O Degas disse pra mim:

— Que me desculpe o Nico. Isso é um doce de não reparti.

— Dormi mal cada dia que fazia o amor. Minha solidão se reventava ainda mais. Pediu pra que eu fosse morar com ele. Disse não. Falo pra ti, Chico, que é pra sabê da verdade. A boca dos outro tem maldade. Peço perdão da sinceridade. Degas nunca mais! Não que não queira e como eu quero. Tenho medo, muito medo.

— Veja, dona Eufrásia. A senhora não devia nem deve qualquer coisa a quem quer que seja. E a senhora não sente mais nada por ele?

— Só um pouco. Tenho medo de ser falada.

— Então converse com ele. Eu vi um homem decente. Entendi quando ele disse:

— Não vou negar o que é da dona Eufrásia. Nem o que é dela nem a terra.

— Ele falou isso?

— De verdade como estamos aqui.

— Tenho medo do que pode pensá a minha filha.

— O pensar dos outros não pode regular a nossa vida. O Nico não te quer mais, nem você quer. Ele já está com outra, provoquei.

— Então o homem tá assim. Vou dar uma resposta. Não vou mais me calá. Mudemo de saco pra mala. Tenho muita história da infância. Das boa e das ruim. Você falou que qué ouvi. Preparei umas.

— Quem sabe preparamos primeiro a sua com o Degas?

— Você me ajuda? Conteí só pra não explodi. Com ele até fico por aqui. Mas se eu for pra São Borja retiro a tentação. Digo então, eu fico.

— O amor não é tentação. É do Espírito Santo.

— Que é que estão falando do Espírito Santo?

Era a Silvana entrando na conversa:

— Disse e reafirmo que o amor é coisa divina. Digo também que não pode ficar perdido por aí.

Dadas as voltas, voltamos para o rancho de Eufrásia. Com a medida do campo e uma decisão: o casamento da sogra. Estava visto o quanto ela se comovia por ver a casinha rescendendo amores.

— O Degas não é homem de se jogar fora. E o homem tem nome de respeito: Florêncio Eduardo Lima e Silva.

— Obrigada, Chico.

— Vocês dois andam de conversa marota, provocou a Silvana.

— Tua mãe quer casar com o Degas.

— Desconfio disso faz tempo. A boca pode se aquietar, os olhos são faladores. Mais tarde a gente se conversa.

— O Degas não bebe mais, filha.

— Duvido, que sapo não vive longe da lagoa. Só a Santa Eufrásia pra fazer um milagre.

Riram de uma risada espalhada pelas barbas de bode.



# OS CURTOS DIZERES DA MÃE

Com intenções, uma semana pode conter revolução. Provei aos alunos o quanto o dizer bem de fatos e de pequenas coisas pode trazer maior respeito, maior encanto. As palavras é que fazem as coisas e os fatos.

— Explica melhor! Era Otaviano, cheio de rompante.

Escutem, então, essa. Houve o caso de um chacareiro vender a chácara. Estava cansado dela. Pensou bem. Encomendou de um escritor a descrição dela. Outro dia o chacareiro leu, num jornal, a venda dela. Por ler palavras tão bem feitas, foi ver de perto a tal da chácara. Era a chácara dele.

Provoquei, depois dessa história, a que os alunos vendessem a escola, descrevendo o que ela oferecia. Pra vender a gente não diz tudo que se tem. É o caso quando se namora. Tem namorado que capricha mais na conversa e se enfeita um pouco mais. Coisa boa aconteceu. Até os professores, ao lerem as redações, começaram a ver melhor os valores da escola. Não passou despercebida nem um canteiro de flores, tampouco os ensinamentos recebidos. Foram ver o pessegueiro, a macieira e o pé de amora, tão esquecido! Chegaram à conclusão de que reconhecer o que existe é mais importante que os fatos e as coisas. Depois propus de escrever sobre as casas deles. Recebi agradecimento de pais e avós de meus alunos.

Neste entusiasmo de palavras, fui externando grandezas: Inven-tei viagens e aventuras que, à noite, lia pro meu piá. Não podia negar as pescarias de avô. Estas se faziam mágicas, levando neto a ver um rio divino nas águas de São Borja. Contava de mulheres caminhantes de

vestes brancas sobre o rio. Dia desses, fiz meu primeiro ensaio sobre a ternura de Silvana. Saíram palavras cintilantes iguais àquelas de minha mãe indo pela primeira vez para o rio com meu pai. Vi novamente a palmeira no perau. Mais valiam meus arroubos franciscanos que as aventuras portuguesas sobre os mares. Entre os peixes do avô Gilberto e as palavras escolhidas do pai, José ia vendo mundo. Sou da pedagogia ativa, desenvolvendo ações boas com quem amamos, criando gente interessante. Estava de uma euforia pedagógica por aqueles dias. Depois voltei ao normal.

Pra ter outro efeito, deveras, levei o piá pra pescar também. Os dois na intimidade de segurança e afeto, fizemos os liames pra vida. Que segurar alguém carece de ação forte. Contava das pescarias da falecida avó. De como era linda a avó. Perto do guri podia soltar a neurose que já florescia como lenda. A lembrança se tornara um afeto bom, dominado. O menino vivia já numa casa segura. Volta e meia perguntava da vó Amanda. Coisa estranha, parecendo uma lembrança proibida.

— Era tão bonita, mas tão bonita que São Borja se apequenava perto da grandeza de tua avó.

O pequeno achou uma fotografia da avó Amanda e foi até a mãe pra dizer:

— Como era bonita minha vovó. Coisa mais linda minha avó, e beijava a foto. Silvana, por temores velhos fez uma cara sem prazer. Outro dia chegou-se o menino contando um sonho triste:

— Mãe, sonhei com minha vovó. Ela estava com vestes velhas. Por que será que estava assim a vó Amanda? Assim dormia José, perto de Amanda que o visitava em suas vestes rotas.

Nico perguntou pra Silvana se havia contado alguma história da sogra:

— Não que eu lembre! Havia uma vida feita de distâncias. Ocultavam a verdade.

— Muito mais que bela era tua avó. Os sonhos, filho, não explicam como são as pessoas. Deixa tua avó descansar em paz. Peça a bênção dela. Reze uma ave Maria. Assim Silvana pedia pro guri com medo de se repetir a minha história. Dormia, então, se encolhendo no colo de Nossa Senhora.

# LAURINDA E A CHUVA NO RIO

O dia se abraçava nas águas do rio. Começou assim. Manhã de brilhos. Reflexos mutantes do rio. Suaves, por vez e outra, com ventos da Argentina, medo. Por que sopram da Argentina? Minha mãe, eu ainda piá, resmungou:

— Tenho medo desses ventos dos castelhanos.

Os tempos eram outros e os ventos benignos. Meu filho usufruía a ternura de Laurinda como legítima avó, aquela que tem um coração sem as exigências dos deveres. Ela, cabocla de primeira, tinha por distração o costume de lembrar. Não perdia a estrada de heranças a começar pelo tataravô, escravo em Passo Fundo. Com ele começou o sabor das próprias decisões. O avô de Laurinda é que era já nem tão negro. Atravessaram-se brancuras alemãs. Ela se comovia, mostrando o que é sair da opressão.

— Dizer estou livre é uma coisa, ela frisava. Outra coisa é tirar a roupa velha de achar que se vale pouco. A escola e a mistura de costumes tinham muito a ver com os encantos de humor de Laurinda. Ela era de uma oração diferente. Soprava, ainda que em leves brisas, a magia africana. Punha palavra nos animais e o macaco era preferido. Peguei-a rezando pro papagaio. Fiz menos de sua devoção:

— O papagaio é castelhano, dona Laurinda.

— Deus é tudo, respondeu.

Conversava de fantasias com meu filho José. Meu netinho preferido, conversava ela rindo-se como se fora Nossa Senhora. Ai que dor que tem a vida de passar. Muita euforia metida nas histórias.

E vinha a onça pintada pra pegar o mico moreno, pobrezinho corria encolhendo o rabo pra bichana não engolir. Ufa, até encontrar a toca do tatu peba pra se esconder. Não é que a onça estende a pata o mais que podia e agarra o rabo? Esperto ele diz: Pegou uma raiz! A babaca da onça larga o rabo e apanha a raiz. Assim se salvou o macaquinho marrão, da cor do teu avô Quirino.

Ela continuava nessa conversa de raízes e de salvação.

— Pois é, professor Francisco. A luta da minha família foi grossa, de espantar. Resultou também de eu encontrar teu avô, o Gilberto. Que homem mais querido! Mas se não fosse eu estudar e caprichar na arte de calcular, ele não me olharia. Sempre tive minha gentileza aprendida. Não perdi a humildade, mas tenho orgulho de ser dessa cor bonita entre o negro e o branco. Eu tenho esse jeito de ter um mundo grande dentro de mim. Fique claro, só depois que tua avó, a Amanda, se foi pra se encontrar com a turma dos falecidos, aí pus olho nele e ele em mim.

Fomos ao rio, o caminho mais feliz de quem sonha acordado. O pescador pesca antes de revoltear o anzol sobre a correnteza. E depois a espuma breve recebendo a isca. Tinha mais que o necessário pra ser feliz. Agora escrevo daquele dia poderoso, tão diferente. Eu sei: todos os dias são diferentes: Irmãos desconhecidos, é isso, são os dias. Cada um deles oferece melodias, cores e movimentos incomparáveis. Esse dia em que fomos pescar tinha um brilho diferente, até as flores brilhavam no entardecer. Um pé de araquá do mato se incendiava no amarelo. Isso sim que foi o dia de meter inveja. Não desdenho nenhum deles, aquele fez a diferença. José olhava a avó emprestada como se fosse a mais legítima de todas. E o que dizer da pescaria? Os peixes pareciam feitos de solidariedade. Se a natural vocação é morrer para alimento, se dispuseram a se nos dar como vítimas de uma Páscoa redentora.

Ao fim da tarde veio a chuva de pequenos suspiros sobre o rio. Vamos para casa, provocou José, com o orgulho de pescador, obra de falar pelo resto dos dias. Até dourado se entregou pra morrer como presente. Oigaletê! Como resistiu, brincando(?) antes de estar em nossa companhia. Ríamos felizes sobre as águas. Quando se fez o primeiro silêncio contemplador, disse José:

— Pena que a vó Eufrásia não veio com a gente.

# E POR FALAR NELA

As histórias quase mortas de Degas e de Eufrásia começaram a ressuscitar. Um grande amor feito de 14 vezes deve ser repetido 14 vezes, ou quantas vezes a morte deixar. O amor dos dois, levado em banho-maria, começou a ter melhor forma e novas apetências. Insuflada por Francisco, Silvana começou a ver o pai com mais ternura. O velho começou a se ajeitar. Até um amor antigo apareceu e deu as caras. Ruminava o dia e outros mais, enquanto olhava o fogo da lareira. Este vinho argentino já não é mais o mesmo. Beijei os cabelos de Silvana. Veio, então, a lembrança da antiga ternura. O livrinho, uma mixaria de livro, deixava-o ainda de uma leve devoção.

— Vamos pra cama, bem, instigou Silvana.

— Vou ficar vendo o fogo apagar, querida.

— Não vou ficar. Amanhã tem o laboratório.

Solito no pelego, senti um afazer dolente em saudade desperta. Retirei, então, o livrinho da sacola. Folhas datilografadas, poídas, em frangalhos, retiradas em ruído falante, ao saírem forçadas entre os livros de literatura. Isso acontecia muito até ano atrás. Acheguei-me às folhas e à luz do lume atijado, li algumas letras. Uma onda onírica visitou-me

— Por que fico um pássaro que canta?

— Bobagem, filhinho, bobagem. Vamos pra escola, que piá burro não é meu filho.

Aprontei-me contente ao ouvir a mãe.

Nunca, porém, falou de coisas que sentia por ela. Um desejo rude veio forte e raivoso quando surpreendi meu pai se misturando com a mãe. E isso mal se resolveu.

Ela saiu pela manhã, toda ancha pra escola. Não é que veio uma onda fria da Argentina, ao final da manhã? Ela começou a tossir, dizendo:

— Estou com muito frio.

— Não é nada, mamãe.

— A vizinha veio e uma febre brusca fazia a mãe tremer.

A pobrezinha já andava de não se segurar. Desde então já me via como vítima do medo de a perder. Sonhei com águas fundas, entre o sonho e a vigília.

Anos passados, já quase um homem, vi a mãe bem pior, em frangalhos de vida.

— Não consegui transpor o rio da dor, avaliou a psicóloga.

— O amor ficou entalado na garganta, Francisco, externou a psicóloga. Disso havia certeza. Com dificuldade transpôs para Silvana a ternura antiga.

Acordou-se, então, das vagas lembranças.

Remédio definitivo veio com Degas:

— Uma valentia gaúcha se externou, uma nova virtude, asseverou a psicóloga.

— Tá nascendo o homem, brincava a doutora.

Riu-se à luz da chama que se apagava.

Ajuntou o pelego de uma calma sonolenta, depois foi se enroscar em Silvana. Cruzes, o fogo tem cada uma! “O amor se demuda como do inverno pra primavera,” matutou antes de dormir:

— *É a vida, filhinho, apronta cada uma e se apagou.*

# MEUS ALUNOS: POUCO SE GANHA, MUITO SE TEM

Por elogiar meus alunos, os colegas da escola solicitaram uma hora literária, um sarau. Não deixei por menos. Com a terceira série do Ensino Médio analisamos, a fundo, alguns temas. O mais focado foi em torno das novas ondas migratórias. Pensei em trazer senegaleses de Passo Fundo pra ilustrar as novas migrações na Europa e no Rio Grande do Sul. Incentivei a importância da escrita dizendo:

— Ao escrever deixamos nossa mente mais segura. A palavra lida inspira, a escrita deixa-nos competentes.

— Mas o senhor sempre diz que mais importa sermos interessantes que competentes, contestou o Hermógenes.

— Pois bem, a palavra escrita nos torna, além de competentes, mais interessantes. Vejam, expliquei, quando alguém se pronuncia bem, somos atraídos a ouvir ou ler. Nos tornamos interessantes e competentes ao mesmo tempo.

— A menina Vitória Chaves Maciel fez-se ouvir:

— Minha palavra ainda é como uma criança. Ainda toma mamadeira, mas vai crescer.

— A Stéphanie Katrini Silveira Medeiros ergueu a voz:

— Vivemos em nosso mundinho, sei que podemos arrumar as ruínas, transformo elas num palácio.

Tiago Grando escreveu: “Pensar incomoda como andar à chuva. Quando o vento cresce, parece que chove mais.” É isso, professor Chico, em mim as palavras são levadas pelo vento e chove, apagando o que ia dizer. Sobra só um resto de letras guardadas.

— Minhas palavras se reduzem a quase nada quando escrevo, continuou Marielli Müller. Penso, penso e penso, mas minhas palavras são pobres e apagadas, mas já vejo luz.

Luiz Felipe Iappe Bonora, com coragem leu texto: “Com tudo funcionando bem em nossas letras, tenho certeza que formaremos uma orquestra de palavras com barulhos de apitos das locomotivas, das pessoas andando e falando, formando assim uma trilha sonora completa com os mais diferentes tipos de sons.”

Flávia de Castro Witte veio com tudo: “Imagino sempre ser como uma maquinista conduzindo a máquina de minha vida. Se assim for, evito fatalidades e minhas palavras e ideias são importantes pra fazer uma boa viagem. Pra finalizar, veio a palavra de Fernanda Dreves Vieira perguntando:

— Onde colocar o menino morto? Se o menino Aylan morreu nos braços do soldado, busco pra ele as melhores palavras.

Ao concluírem a fala, me senti contente, muito contente.

— Gente, falei-lhes:

— Só o fato de me dizerem o que foi dito me anima a acreditar que possam escrever. Ao se pôr no computador as palavras, ainda que fracas, pequenas, tontas ou apagadas elas podem ser aperfeiçoadas. Escrever é isso: é melhorar o nosso pensamento, aperfeiçoar nossa alma. Escrever é salvar nossa alma e comungar com a vida. De fato, era uma turma especial. A vida de professor tem disso. É como andar na noite a espreita de ver melhor. Esta turma era uma noite de lua perfeita. Nada se escondia.

Trouxe-lhes, então, um tema:

— Vocês estão lendo nos jornais a vinda de haitianos e senegaleses e de outras nações. Como vocês avaliam a vinda deles?

Fez-se um significativo silêncio. As palavras vinham cheias de prevenções. Não cito todos. Vieram coisas assim, feitas em diálogo:

— Eles vão tirar nossos empregos.

— E se for o pai de Aylan que vier? Adverti.

— Ele pode.

— E os outros? Que se ferrem?

— Também não dá pra pensar em todo o mundo! Advertiu Antônio.

— E quando nossos antepassados vieram, se houvesse só porta fechada?

— Mas havia mais lugar, se defendeu o Luiz.

— Que morram os outros de Haiti, da Síria e do Senegal! provoquei.

— Nem tanto o céu nem tanto a terra, ponderou Felícia.

Eles e elas pareciam estar de corações mais doces e humildes diante de um mundo parecendo vir abaixo. Roberto não se calou:

— Se as coisas fossem como tu queres, seriam só como tu queres. Ai de todos que levam a vida querendo inventar a máquina de fazer felicidade só para si! O senhor mesmo falou que assim todos vão pro inferno.

— Mas que quer de nós - professor Chico?

— Escrevam sobre o tema que couber no interesse de vocês. Não vou tirar a vez de ver quem vem de longe, esperando um pouco de calor. Vamos mostrar nossas palavras para todos os professores e alguns convidados.

— E a gente não poderia ouvir alguns dos negros vindos do Senegal ou do Haiti? Desafiou Marta.

— Vou ver de perto isso. Não tenho visto nenhum deles aqui em São Borja, mas tenho um primo em Passo Fundo. Vou falar com ele.

Pra finalizar o assunto vou mostrar e guardar a memória do que foi o sarau literário apresentado aos professores e convidados. Não dá pra esquecer a maior conquista: a vinda de um grupo de cantores senegaleses. O primo Paulo conseguiu trazer quatro deles.

Data marcada, evento realizado. Meus deuses! Minha mãe, se a ausência pode ter sua presença etérea, por certo amou por ver filho tão contente. Noite de luzes. As leituras de meus alunos comoviam.

Depois da liturgia do sarau, foi entregue um livrinho de nossas produções aos professores e aos convidados. Todos se sentiam maiores que Fernando Pessoa pensando salvar Portugal com palavras.



# CONVERSAS DE MULHERES

Sucederam-se eventos importantes para a vida de quatro mulheres:

— O movimento da vida tem disso: hoje é isso depois aquilo, filosofou Silvana.

— E isso nada tem a ver com aquilo, completou Dulce.

— Não sei do que estão falando. Só sei dizer que no ano passado andava solita e hoje, um ano depois, estou endireitando o Nico Freitas.

— Desejo sucesso pleno. Dou ele de graça. Era Eufrásia

— Não fale assim mamãe. A gente pode ser competente por longo tempo. Pode acontecer de o mundo da gente virar outra coisa. No ano passado tinha um pedaço de terra inculta e hoje é dona de quase uma quadra de campo arrendada, comparou Silvana.

— Quem me ajudou foi teu marido.

— Quem diria, mamãe, você e o Degas escrevendo. Essa história de amor também merece um romance. Não sabia que a onda era tão alta.

— E é coisa de “enchê os zoio”!

Laurinda, a sogra nova de Silvana, riu-se ao dizer:

— Coisa boa, eu é que sei. Quem diria de achar o viúvo Gilberto.

— E o que conta é ostentar toda felicidade, floreou Dulce.

— Engraçado, será porque a casa ficou uma beleza, mãe?

— Foi o Degas. Disse dos estudos com o Chico, que fazia pra

mostrar que a geografia da casa faz parte do coração. Assim ó, explicava. Como este campo largo deixa grande o pensamento, assim a casa linda deixa bem quem mora nela. Aquele que era um trapo virou gente, se expressou Eufrásia. Não é que das veis se vamo nas noite de lua lá para o rio tentar peixes. Pegamo pouco, mas o rio é mais que um cobertor. Água morna, debaixo de estrela em pedra limpa, quase vejo Deus sobre mim. É apenas o Degas, mas é o que há de bom. Das veiz não é preciso morrer pra ver Deus. Não carece de se ir muito longe pra morar nas estrelas.

— Mãe, o que é isso? Confundindo Deus com Degas?

— É isso que penso. A gente não cansa de encontrar Deus até no assoalho da casa. Isso aprendi de Dulce. Ela entende muito de Deus.

— Essa Dulce me ganha, elogiou Silvana.

— Sou apenas uma teóloga da vida.

A noite vinha velha e lá vinham os quatro num caminhãozinho que existia só pra levar canha pra Maçambará e pescar com os amigos.

— Oi - disseram eles. - Quatro homens contentes: Francisco, Nico, Gilberto e o Degas, o mais alegre.

— Que bom se fosse toda vida assim, suspirou Silvana.

— Por veiz merecemo andar desse jeito, replicou a mãe.

— É assim: a tristeza é pra mostrar a alegria. Do contrário, tudo ficaria a mesma coisa, filosofou a Dulce.

# DEGAS APRENDE A ESCREVER

— Acha então que ser escritor é pouca coisa?

— Nem sei por que me botei a dizer em letra as minhas ideia.

— E tem mais, o pronome possessivo combina com o substantivo que é a posse. Minhas ideias, então, Degas.

— Não te mando a puta que o pariu em respeito da falecida.

— Em respeito à falecida. Ela é que merece respeito.

— É preciso cuião pra aprender.

— Desisto. Não é cuião. O certo é colhão.

— Vamo combiná uma coisa. Eu vô escrevê do meu jeito que é mais verdadeiro que este inferno do português gramatical. Certo?

— Pode ser.

— Por ser mais verdadeiro, nem vô corriji.

— Assim aceito iscrevê minhas ideia. Como penso eu digo e pronto.

— Então escreva ideia, um fato, uma história para a semana que vem. Não pense nem nos pronomes, no adjunto adverbial ou coisa que o valha. Que a nossa História é meio torta mesmo. Se o nosso principal imperador foi mais namorador que imperador, que há de se fazer? Escreva do teu jeito, se errar não vou ligar, apenas vou botar sinal vermelho pra ti ver o que é melhor. Se tem ministro roubando até de gente pedindo dinheiro consignado, porque vou prestar atenção nos teus pecados? Como ninguém prende ninguém, não vou te prender no meu jeito de dizer.

— Tá certo! Agora me deixe com minhas ideia. Ma dou licença pra indireitá minhas palavra.

# EUFRÁSIA, UMA HISTÓRIA

Essa história possui elementos de convicção para quem acredita que o mundo das pessoas dá voltas maiores que os astros em torno de si mesmos, das galáxias em torno de outras e de universos em torno de outros. Então... apenas imitamos a natureza do universo e de tantos quantos existirem. Eufrásia é exemplar neste sentido. Ela é a própria história humana, ainda que velha e, por breve tempo, tenha desenvolvido a arte de pensar melhor. Tornou-se escritora, pondo em perfeita harmonia os ditames da inteligência. Nascera no fundo de Maçambará, um eito muito distante de uma razoável escola. Não se prestava como modelo de quem aspirava ser gente, banalidade dos dias, disso ninguém podia duvidar. Família de pai ditador! Meu Deus, pasmem! O prazer era algo proibido nas melhores famílias. Não era diferente na casa de Eufrásia. Transmito a a narrativa em palavras semelhantes às ouvidas.

Vê se pode coisa igual. Pra encurtar a história: até os treze anos contava-se às meninas, os meninos sabiam antes, que as crianças eram retiradas de uma lagoa de rãs. Ao ouvir o choro triste das rãzinhas as meninas chegavam a entrar até os joelhos entre os pequenos juncos em busca dos bebês. O coro triste das rãs mais animava as pequenas meninas em busca das crianças. As rãs, espertas, silenciavam. Escondidas à distância voltavam os sons de flautas chorosas. As crianças retornavam à casa grande do campo, demonstrando à mãe a frustração de não salvar nem sequer uma criança. A mãe não afastava a verdade, insistindo sobre a origem das crianças. Na verdade, havia uma sombra misteriosa. Por vezes, na primeira menstruação, uma prima mais velha instruía sobre a verdade a ser revelada. O prazer não fazia parte da sexualidade de Eufrásia. Gaúchos e gaúchas eram paridos com auxílio de parteiras. Pra

sorte maior de Eufrásia, encontrou uma prima vinda de Uruguaiana. Falou desde o prazer de um beijo e sobre as finalidades da sexualidade. A prima foi a revelação dos encantos eróticos. É verdade, as crianças nascem como ela aprendera da uma prima, entretanto, não perdeu os encantos de um homem e uma mulher. Uruguaiana foi a salvação. Aprendeu a ler escondendo as revistas com figuras eróticas, apreciando o corpo pela sensibilidade alegre da vida. Anos mais tarde, Eufrásia narrava às mulheres as virtudes afetivas e a origem da vida como um convite ao amor. As crianças vinham em consequência da ternura vigorosa. A prima de Uruguaiana também alcançou o conhecimento dos períodos férteis e inférteis. Sempre que aparecia alguma novidade, visitava Eufrásia que, às ocultas, ministrava s conhecimentos. As gurias se miravam como fêmeas serviçais, produtoras de filhos. O ciclo tenebroso da sexualidade destinada à reprodução foi ressignificada para alegria de uniões mais livres. Entre sapos e os prazeres.

Por mais instruída a sexualidade eufrasiana, não se deu de tantos prazeres. Casou-se com Nico Freitas e por mais que nome fosse Eufrásia Mercedes do Nascimento, não conseguiu a mercê de um gaúcho reverente, amoroso e respeitador. Nem bem se passaram dois anos, o Nico começou a camperear por Maçambará e São Borja. Eufrásia, de elevada auto-estima, intitulava-se a iniciadora da liberdade feminina nos cafundós de Maçambará. Na primeira vez que descobriu uma das amantes e mamante da estreita fortuna, mostrou-lhe o caminho da decência. Desferiu um balaço de raspão e uns taquaraços em Nico, a ponto de deixá-lo em cama por uma semana.

— Ou te emenda ou te mato! Gritou. Estava grávida de Silvana e não iria se arrastar por aí sem os méritos de um marido fiel.

— Se não te basto que se vá! Não nasci pra tê corno, gritou ela quando ele já se recuperara do balaço e da surra.

E não é que uma delas apareceu disfarçada de assistente social? Assuntou consigo sobre os modos da assistente. Quando ela pediu pra tirar uma conversa particular, desconfiou deveras. Ficou do lado de fora. Escolheu uma fresta prestadora de melhor audição, ouviu a *charla de my amor stoy pesarosa de no tenerlo*. Foi só isso. Depois se viu uma mulher numa corrida até a estrada que dava pra São Borja.

— Sou do campo, mas não burra.

— Te avisei... Te mato. De agora em diante pra ir pra cidade só de aranha e nós dois.

Assim se passaram dezoito anos de uma felicidade relativa. Nico não era bobo. Entendia de leis. Utilizou-se das liberdades da lei da aposentadoria e se mandou solito pra São Borja. Por haver pouca gente na redondeza, afeiçoou-se muito ao amigo Degas. Ouvi de Nico, por esses dias, pra meu conhecimento particular:

— De todas que conheci nenhuma igual à Eufrásia. Sabe tudo a danada, mas sou extraviado mesmo. Como eu e ela, a gente andava nesse chove não molha, chegou pra mim falando decidida:

— Pode ir. Prefiro ficar sozinha a te ver como urutau. Parece um cavalo doente. Não me dou bem com um matungo! Fui. Era isso que ela esperava. Dei ela pra liberdade.

— Vai deixar ela solita *asi no más*? Me falou o Degas.

— Acho que vai atrás da Silvana prá São Borja.

— Vai viver do que? Destas vaquinhas?

— Se dava pros dois, dá pra ela.

— Puta merda. Não vai sentir saudade?

— Não posso viver nesse banzo. Quero outro capim. Falou o Nico, sem muita convicção.



# A VACA LUTADORA

Certa feita, narrei pra Eufrásia e Silvana uma história. Ajeitei as palavras dando bom termo ao tema. Narrei pras duas o que lera em Saramago: uma vaca distraída e prenhe afastou-se para os lados de um mato. Anoitecia. Então, nasceu-lhe o bezerro. Lobos surgiram, de orelhas aguçadas e dentes em frêmito, retrocediam e avançavam conforme o movimento das aspas. Dois dias se passaram em defesa. Por fim, os lobos cansados buscaram outro alimento. A vaca, que fora dócil, desapareceu. Não mais livraria o leite gratuitamente. A vaquinha submissa e generosa tornou-se uma vaca lutadora. Entretanto, porque ninguém podia dominá-la ou sequer aproximar-se dela, a vaca foi morta. É assim que se terminam os dias para muitos que lutam, sabendo só eles das lutas. Também ela sentiu-se solita no campo defendendo o sustento da filha. Bem mais que a vaca lutadora, não deixou-se morrer. Perdeu horas na feitura dos queijos. Os tempos bons da união com Nico se foram. Somente um cãozinho fazia companhia. Todavia, ela não desistiu do poder. Em certas horas, para deixar mais claro o pensamento, conversava com um cusco companheiro. Isso me foi oferecido para meu aprendizado sobre essa poderosa mulher. Falo isso pra aclarar toda história do amor de Eufrásia, que completou o jeito dela ir em frente.

— Não merecia isso. Fui mulher e tão fiel quanto você, Fiapo!

— ....., Fiapo quieto.

— Não vou ficar como a vaca do Chico. Vou ser também uma raposa esperta. Serei também coruja, atenta em minhas noites. Imitarei uma gata de espreita pro lado do Degas. Vou mostrar a ele o que é uma mulher.

— .....! Fiapo atencioso.

— É isso aí, guri. Já notei o olhar guloso.

Passaram-se alguns dias. Viu um desejo chegando na estrada. Antes da curva se postou, distraída, cuidando da vaquinha, deu-lhe na vista o trombejo do caminhãozinho do Degas. Eufrásia dirigiu o olhar firme, aclarando o diálogo feito.

— Boa tarde, dona Eufrásia.

— Boa! Bons negócios?

— O necessário pro mês.

— Fico feliz, muito feliz. Não vai num mate, *hombre?*

— Se é de tua vontade.

— Tu sabe, tou solita. *Pero* no desprezo uma conversa.

— O filho da mãe te deixou.

— Pois é, se o diabo me tirou, Deus vai me dar coisa melhor.

— Das veiz só basta o querer.

Se tocaram suaves os dedos ao passar da cuia. Foi o sinal. Os olhos confirmaram os dedos. Nela retornaram em revoada os humores reprimidos. Abriu-se a porta e o ar se renovou. O ramo reverdeceu na primavera. No outro dia se sucedeu o que já foi narrado, o caso do alambique.

# TENTAÇÃO E QUEDA

No livrinho vinham as lembranças domesticadas da mãe. Agora brilhavam as letras já sem as pendências dos veementes afetos. Podia ouvir as remotas lembranças sem os retornos doentios. Em mim, por fraqueza me aturdiavam dois rumores maiores. Que tinha eu de ir a Santo Tomé? Como poderia eu triscar os afetos de Silvana?

Da mãe já nada rumorejava.

— Ela já havia melhorado com as lições da eternidade, dizia Silvana.

Assim se iam *los dias como la pluma en ayre*, pois que a alma dos mortos também se aquieta. Mas, eu, por enquanto, fico entre afa-zeres pesados, que a leveza me deixa nas incertezas. Puxava então do livrinho e escondidamente lia pra não me atazanarem a paciência.

Confessava a meus alunos sobre a vocação necessária de servir a Deus. Isso aprendera de minha mãe. Ela era a razão de não esquecer-la. Pensava na austeridade do sofrimento inicial com Silvana, entretanto, carecia de me alimentar dela. Uma página do livro da história da vida materna, porém, chamava atenção.

*Filho meu, se um dia vier a acontecer de saberes de minha ambivalência, não me condene. As inclinações da natureza são sempre soberanas, cabendo pouca oportunidade. Escolhi teu pai e dessa opção a sorte me reservou você. Chorei, em amargas horas, esta decisão. Valeu o caminho optado. Se acaso, tiveres alguma tentação e fores levado por ela, assumo sem amargura teu desejo. Nunca se sabe o destino, havendo circunstâncias poderosas. A fragilidade pode nos atormentar. Assuma as dores de tuas limitações.*

Não abro o jogo para não ferir quem quer que seja. Em nome de minha mãe assumo minha fragilidade. Se Adão comeu do fruto e disso veio a salvação da humanidade, de meu pecado pode provir também algo de bom. É a minha esperança. Minha mãe olhou-me desse jeito por ser quase sempre o caminhar da gente: não é possível atravessar a vida toda de caminho certo. O que importa, então, é navegar, viver nem tanto. Não quero lembrar agora, a vergonha é muita. Carecia esconder.

# ERA A NOITE DO DEGAS

Noite prene de vida, indo-se desse jeito. O Alambique é que era o lugar de conversa boa. A gente vinha de São Borja mesmo, só pra apeter o churrasco do Degas e contar histórias.

O Degas foi o primeiro. Leu a triste história da morte de Maneco Vargas.

*O Francisco pediu pra escrevê a história. Não refuguei a proposta. Achei melhor dizer nos meu garrancho. Disse pra ele que escrevê dói. As ideia querem dizê, ma da cabeça pra mão é que é. Por isso, digo o que me comoveu por demais. Vou redizê o que ouvi. Aconteceu no Cerrito lá onde Maneco Vargas se matô. Me comoveu de uma guria dizê no escrito o dia que chegou na fazenda onde Maneco ajudô Deus resolvê a vida de um home triste. É demais de triste por sabê de um gaúcho ter tudo que é bom e dizê: é o fim da picada. Acho que era Patrícia Lima que de andança a cavalo entrou na casa onde aconteceu a mesma morte do pai, do Getúlio. Contô de letra perfeita o que ouviu de um Jurandir. Ele viu o homem de sangue no peito. Morreu Maneco como o pai. A Patrícia se comoveu tanto de não dormi noites. Era a história de Jurandir contando o fim de um homem triste. Podem desconfiá de minha visão. Não é que sonhei depois. Uma noite limpa no campo. Era uma emoção de magia. Juro que vi Maneco campereando por aqui. Aqui pertinho no lote de Eufrásia. Naquilo que foi comprado por barba-de-bode, hoje vendido por soja. Foi um oiá austero da morte sobre o Maneco. Conheci o home de guri. Era ele. Me falou que a vida faia. Não faiô a bala. Me doe o home de inclinação triste. A noite era clara, no peito havia o escuro. Patrícia disse pro Francisco e Francisco pra mim. Fico quieto pra não chorá. A vida tem cada uma. A morte fala mais alto quando bate nas porta da gauchada.*

— Leia outra mais alegre, Degas, que essa deixa o coração com peso, se expressou Eufrásia.

— Passo pro Copetti que tem uma história dos gringos aí da serra. É um que comprou. Transformou tudinho. Até arrendou pra soja a terra da Eufrásia. Era o Degas, provocando: Fala Copetti!

— No, no! No sei falar asi como o Degas.

Por insistência dos homens e das mulheres, ia falar. Edileia, a esposa, apenas falou:

— Só não venha com aquela do santo mártir.

Foi ela falar que já todos levantaram as vozes pedindo esta mesma.

— Per favore, respeito minha mulier.

— Não agora.

A maioria venceu.

— *Perdoname, Edileia, que voy fare?*

— Ela perdoa, impôs o Degas.

— *Bien! Apaga la luce, io enton falo. Tenho vergogna! Questa história me foi contada como verdadera. Se sucedeu numa paróquia di taliani da serra. Voy a incominciare cosi: I miseri coloni construíram una capela molto espetacular. Tinham o Toni por santo. Vechia, vero, pintada de azul e verde por fora. Por dentro un de origine, italiano de molto talento, ha fatto molto bene una pintura de respeito. Tuto combinava. Le taliani portavam tuta la história dei qui hanno fatto la chiesa. Chegou, como se dice, un vicario nuovo, um padre novo con le idee di edifici moderni. Linee rette con un baita círculo scuro, molto diverso con il candore de las paretti. L'antica chiesa non era bella, parlava bem alto il nuovo vicario. Vou fazer una chiesa moderna, como la chiesa di Brasilia.*

*A capela vizinha di taliani, piu poveri, diziam, per favore, deem per noi la vostra chiesa. No! No!, dice o vicário novo. Cada um tenha la propia devoçón! La vechia capela dei coloni serviu para alicerce e andaime da nova. I miseri coloni de la chiesa vechia ficaram loco da vida. Preferiam la vechia. Ela tinha la anima i le histórias de matrimônios e batesimos. Quela era nostra chiesa, de festa com morteiros e um sino con acustico molto chiaro! Le pleguiere, as orações, eram feitas contra nostra voglia a um santo diverso de nostra devoçón.*

*Il nuovo vicario parlava bene del santo nuovo: un grande martire della Santa Chiesa, setimane piu tarde, con vino e bochadas, nasceu il nome della nuova chiesa. Con voce molto chiara dicevan un nome bruto: San Cul, Mártir de la Chiesa. Asi bruto como il peccato é il nome de nostro santo!*

Todos se calaram, somente Silvana e Francisco entenderam. Explicaram a brincadeira italiana, mas, por devoção, riram um pouco pra não perder o amigo. Edileia se desculpou pelo marido:

— Esses italianos são uns bocudos. Não respeitam nem a Deus. Transformaram a rosácea naquilo.

— Sono d'accordo! O gringo silenciou. Aceitaram as desculpas e riam do pito dado pela mulher.

— Por favor, uma história mais interessante, pediu Edileia.

— Falo eu, então, interveio Dulce.

— Madre mia! Não me vai falar do tempo que tinha um puteiro, pediu Nico Freitas.

— Falo sim. É uma história que poderia ser confundida com uma congregação de caridade, não fossem minhas queridas mulheres atenderem fregueses à noite. E mesmo à noite havia decência no ambiente de minha casa. Se fazia mais amor que em muita casa.

— A senhora fala tão bem. O que fez mudar a vida? Quis saber Silvana:

— Não somente a minha. Também a de minhas companheiras. Só pra mostrar o bom coração delas: numa tarde de chuva, num período das águas de São Miguel, resolvemos, eu e minhas companheiras estudar, que a competição com as gurias das melhores casas era desigual. Estudamos e a maioria foi trabalhar no comércio e nas indústrias das cidades. Todas se destacavam pela excelência dos trabalhos. Duas delas, cansadas da vida que levavam, se tornaram freiras.

— Ah essa não! Exclamou o Degas.

— Sim senhor. Agora ouçam bem se não tenho razão. Não pensem mal das putas. A história de nossos dias e de nossas horas eram bem vividas. Se Deus vier me cobrar no dia de minha morte sobre os dias de puteira, vou mostrar a sorte das mulheres sob minha orientação. Minhas putas eram mais felizes que as onze mil virgens de Santa Úrsula, mortas pela fé.

— Não é possível! Duvidou Eufrásia.

— Então, ouça, querida Eufrásia. A Verônica, a mais santa delas, até pregou num domingo. Teve tanto sucesso que alguns homens choraram de arrependimento por se sentirem acusados na falta de amor em casa. O vigário foi avisado sobre a profissão. Mesmo assim, autorizou que ela falasse mais vezes. Bem diferente do vigário dos italianos era o nosso, bonachão e condescendente. Até tomava cerveja com a gente.

— Conta mais Dulce, pedi.

Ela prosseguiu:

— Uma delas era cheia de conselhos. Não é que convenceu um dos clientes a ficar em casa? Que não gastasse o rico dinheirinho com putas, enquanto as crianças comiam um pão que o diabo amassou. Minhas mulheres eram jovens quando deixaram o ofício da minha casa. As mais velhas não ficaram na mão. Organizamos uma associação para ajudá-las, pagando INSS como autônomas. *Buenas*, hoje vivo como assistente social. Não careço de proteção.

# CONVERSAS JUNTO AO BAR

— Muito menos eu poderia pensar de uma história tão contente! A voz da Silvana estava de acústico emotivo.

— E o que dizer do gringo. Quella storia é triste! *San cul martir de la chiesa*, santo Dio, e eu rindo dos gringos sem a antiga igreja.

Os dois bebericavam um expresso, junto à janela do café do tio Bonifácio.

Depois do breve diálogo, olhavam, distraídos, pra direção do rio Uruguai. O silêncio envolvia os dois. Sentiam a ternura no ar.

— O que pensa meu professor?

— Na minha colega Romilda.

— O que tem ela?

— Ontem, ouvimos uma fala interessante sobre nossos pecados.

— E pode ser interessante? Perguntou Silvana.

— Comprovo pela história dela. Bem assim ela falou:

— O pecado de um arcebispo é maior em relação ao mesmo pecado de um bispo. O arcebispo escandaliza mais, deixando mais gente perturbada. O roubo de um prefeito é menor do que o do governador, pela mesma razão do pecado do arcebispo em relação ao bispo. O roubo de um presidente, então, não tem medida, concluiu o homem. Assim um pecado do professor é maior do que o mesmo pecado de um pai, pela mesma razão do pecado do arcebispo.

— Deixemos a Romilda. Não é a Dulce atravessando a rua com outra mulher? Veja lá!

Feitas as despedidas, Dulce entrou no bar:

— Bonito! Deixando meu pai sozinho, provocou Silvana.

— Nada disso, achei apenas de tomar um refri depois de implantar um serviço com os idosos aí no Pro-morar. Já estou indo vê-lo.

— Parabéns, querida meia-sogra. A solidariedade pra com as ex-companheiras é verdadeira, então.

— Ex, não! Ainda companheiras. Só de ofícios diferentes.

Conversaram mais um pouco, combinando mais um encontro no alambique do Degas.

# VIAGEM PRA SANTO TOMÉ

Eufrásia, como quem não quer nada perguntou se não poderia ajudar o marido com meu espanhol. Pra atender o pedido dela, me dirigi até ao alambique. Pedi se nas férias não poderia acompanhá o quase-sogro até Santo Tomé. Teria a tarefa de ajudar o pequeno industrial. O rico produto era acondicionado em garrafas, litros, garrafões e alguns barriletes. Degas pediu uma vez que eu dominava a língua de Cervantes se não poderia ajudá-lo em qualquer enrascada. Ao sair do alambique, apareceu dona Eufrásia, toda contente com minha aceitação em acompanhar o amado senhor.

— Esse é meu genro que pedi a Deus.

— Espero que me ajude a vender minha cachaça a novos fregueses do outro lado do rio.

— Já andei me ensaiando. *Esto es mejor que Wiski. Tiene un buquê de la naturaliza*, encenei. Dia seguinte começou minha incursão em aventura e futuras dores.

Subimos no velho caminhão. Surgia o melhor do campo, uma névoa tênue cobria as culturas do campo. O trugal colhido cobria a terra, já surgindo os brotos de soja. O milho mais esperto mostrava sua oportunidade. Piquetes de gado lembravam antigos costumes. Em vez de relinchos e mugidos, o ronco autoritário de tratores. Saudações eloquentes mostravam um campo mais promissor. As casas de São Borja delineavam o horizonte: fim do campo.

Na alfândega é que foi. Degas habilitou-se com notas fiscais. O fiscal de plantão e companheiro conheciam Degas. Fizeram onda sobre a carga.

— *Usted carga demasiado!*

— *El librito cá dice que nó,* eu mostrava o livro de normas.

— *Pero aca el peso es demasiado!*

*Entonces,* sem mais nem menos, pediram do líquido precioso. Duas garrafas, da melhor canha, autorizaram a carga. Não perdi a oportunidade de esnoabar meu pobre espanhol.

— *Ahora, hasta donde se puede ir?*

— *Puedes manejar acá, allá, donde quieras.*

— Vamos, homem! Degas soprou no meu ouvido.

— Vamos... Vejo que ando em má companhia. Não somos capazes de manter a retidão da conduta. Basta uma garrafa de cachaça e lá vai, águas abaixo, a honestidade.

— Não fujo disso também. A metade de nosso produto é água, falou o filho da mãe do Degas.

— E venho te defendendo. Vendemos gato por lebre e os castelhanos bebendo satisfeitos. Tenho vergonha.

— Vai me deixar na mão?

— E isso que é o pior: as circunstâncias nos tiram do sério.

Ao chegarem no primeiro mercado, já vendido o primeiro lote, expliquei: *Esto es mejor que Wiski. Cana brasileña!* Assim fomos até o entardecer.

Cansados fomos ao hotel Condado pra descansar e arriscar uns pilas, já que o dia fora generoso. Jantamos e fomos ver a sorte num pequeno cassino. Ela começou a soprar deveras. Os pesos se somavam pro lado do Degas. Quase sempre: grande euforia tira a razão. Ao trago e à sorte se juntou a onipotência e lá se foi o juízo: veio uma exclamação imprópria.

— Que se fodam os castelhanos!

— *Que hablaste brasileño de mierda?*

— *Es un equívoco de mi amigo, intervi. El se complicó! Pensaba en futbol!* E lasquei parte de um verso de Martin Fierro.

*Los hermanos sean unidos  
Porque esa es la ley primera -  
Tengan unión verdadera  
En cualquier tiempo que sea.  
No se pelea por nada  
Seamos camaradas!*

Assim ficou melhor. Depois saímos de fininho, sem convencer totalmente que éramos *tan hermanos*.

Outro dia, visitamos outros mercados menores. Às seis da tarde, festejamos a venda do último litro. Antes de ir ao hotel e evitar confusão implorei:

— Escuta Decas, meu amigo. Tem um ditado que diz: não seja você a mostrar a bunda por aí, que atrás de ti pode haver um cara de pau.

— De fato, exagerei ontem.

— E sem razão!

— Não encha os tubos.

— *Va bien*.

— Vou a te levar a um lugar de dança. Coisa decente!

— Fomos.

Voltei pra São Borja com nó na garganta, vinha carregando dores no peito.

Degas me deixou em casa. Apenas saíra da cabina, quando Silvana veio em minha direção na maior saudade.

— Venderam bem?

— Acho que até a alma.

— Como?

— Vendemos água por cachaça, disfarcei.

— Veio José. Havia até esquecido de *portar un regalo a mi pequeño*. Minha boca cheirava a castelhano.

Vieram os dias, complicações e mais cuidados.



# DIVAGAÇÕES E SONHOS

Fui para Maçambará ajudar o Degas... Um homem cansado era eu... Avaliei o tamanho das últimas dezoito horas, magníficas. Temi sobre meus próximos dias. Solitário na casa de Eufrásia, quase mãe. Não deixei de pensar na minha que se fora, fazia quase vinte e cinco anos. Fazia bodas de prata na eternidade. Adormeci pensando sobre ela, nas angústias, e na divisão afetiva. Seria bissexual? Como viveu com esta bifurcação? Agora entendia por dizer: valeu a pena ter casado. Nunca se é inteiramente uma coisa ou outra. Olhava-me com os olhos ternos, jamais esquecidos. Se o meu coração tem forças, é da mãe. Fui me elevando nos trinados do sono chegando. Se o meu peito tem ternuras, nasceram de teu ventre, ó mãe! Ninguém fazia silêncio, um por um foram chegando por perto de mim na bruma entre a vigília e o sono. Silvana, ainda foi vista me olhando. Os olhares da mãe foram gentis e amenos, mais gulosos os de Silvana. Nem a Dulce faltou. Engraçado, pouco mais tarde veio a Laurinda: que coisa louca, ela me chamava incisiva em vestes íntimas... Já dormia. Basta a consciência se esconder um pouco, já aparece o diabo. Um medo foi se achegando pela noite em Santo Tomé. Assim mesmo, dormi.

Pela manhã, desperto por um sol horizontal, parecia ainda ouvir as vozes e os murmúrios dos sonhos. Que coisa é essa de me esconder para ter de volta minha mãe. Parecia espiar-me de tão viva que se deu ao aparecer. Altas montanhas enevoadas disputavam o céu. Pássaros velhos voavam querendo falar. Um deles falou:

— Olha aí quem vem chegando. Por trás de um arbusto queimado surge minha mãe. Uma senhora de dignidades. Perguntei-lhe, fortuitamente, que um medo estranho me apertava o gogó. Primeiro um alto

silêncio. Uma alegria intensa foi se dando às árvores e a tudo o mais que se movia. Em mim então, acabado o medo, fortaleceu uma vontade de chorar. Sufocava-me ainda a ideia de saber se tinha saudades de Dolores. Não me cabia perguntar da intimidade juvenil, entretanto, não poderia viver mais sem saber. Falou-me se acaso faltou para comigo. Não te dei meu peito, minha voz e minhas palavras? Não respondi. Ainda continuou: não tenha mais em mim a procuração da felicidade, faça-te! Sorriu de uma intensidade maior. Que coisa é essa, pensava alto, de as mulheres disputarem importâncias em mim. Ela se mostrou austera:

— Está se achando, filhote. Tens Silvana, uma floresta inteira de altas árvores: é o suficiente para a felicidade. Se a testosterona fosse o que mais vale, que se olhasse para os touros e outros animais, avaliando por aí a grandeza do afeto. Não me tenha por importância, já dei o que tinha que te dar, filhote do meu coração. A divindade me deu um poder de amar duplamente. Renunciei a um por querer filho. Tive você e me bastou. Ainda me dói o ventre ao saíres de mim. Nem a eternidade apaga o sopro da vida que te dei. Por fim, assim me pareceu o término de meu delírio, reclamei por ter-me perdido por saber-lhe da dupla face afetiva. Como sempre, me repreendeu por ser tão preso em afetos antigos. Não se peje de amar! Muitas outras palavras me parecia ter ouvido. As palavras que escrevo não são tais e iguais às do sonho. Isso consegui lembrar e dos fragmentos recebidos compus esta verdade.

Acordei-me por inteiro. Estava de férias e vinha ajudar o Degas a engarrafar a canha. Silvana me perguntou se não me envergonhava de fazer tão pouco de meu tempo. Respondi ser exatamente essa a necessidade dele. Apenas estava fazendo a caridade de ser gentil. Ao me lembrar de ir a Santo Tomé bem mais havia que levar canha.

Nesse instante, adentrou-se Eufrásia na casa.

— Estou me indo.

— Não antes de comer de uma côdea de pão e tomar café com leite.

Comecei a rir a não mais poder.

— Qual a graça, professor?

— Ri da côdea. De onde ouviu isso?

— O Degas anda falando desse jeito. Disse que basta de pobreza, mas espírito acha feio falar pedaço de pão. Casar também tem disso: é pôr duas cabeças juntas pra ver o mundo a dois.

— Isso é que é!

— Falei pra Laurinda que estou fazendo uma pessegada. Ela disse que quer ver o enteado. Que coisa dessas mulheres tanto querer saber de você.

— É minha segunda mãe.

— É claro, sogra conta pra nada.

— De fato, não tem quem não careça de muita ternura pra sobreviver. Abracei-a com carinho.

— Vai-te que o Degas é capaz de pensar de não queres ajudá-lo. Não percebes o meu português?

— Shtou a percebeire!

Divisei o dia por inteiro: que manhã feita no campo! Respingos de Amanda. Dou conta agora dessa tardia imposição. Lembrei Dolores e Safo:

*Alguns dizem que sobre a negra terra  
O mais belo é um esquadrão de cavaleiros,  
Outros que um batalhão de infantaria,  
Outros que uma esquadra de navios.  
O mais belo é o ser querido  
Que o coração anela.*

Por certo, meu coração anelava por Santo Tomé.

O trilho entre a casa da Eufrásia e Degas se fazia nítido. As carências fazem estradas, me ri.



# EUFRÁSIA E OUTRAS HISTÓRIAS

— Não comece com frescura, meu genro, você me convenceu de arrendar meus troços de herança. Agora vem com essa de pedir histórias de Maçambará. Vai a primeira: Morre o Maneco.

*É um lugar de tristeza e de dor. Por acaso não foi aqui que Maneco, o filho de Getúlio, se matou? Não fez mais que morrer como o pai. Todo mundo se pergunta: o que deu no homem? Andava pior que urutau. A tristeza foi que lhe deu o tiro. Ainda encontrei o homem dias antes de saber da notícia. O campo é bom, pero, volta e meia, ele envolve a gente de horizontes malvados. O nosso chão tinha mais vida antigamente. Os fantasmas andavam, feito loucos, pelos campos e à noite os capões os escondiam. Naquele tempo sim, havia encontros pra valer. Hoje todos se parecem com ovelhas de orelha bichada: uma nervosia só. Mal chegamos nas casas e já saímos, ou porque estamos com tantas coisas pra fazer, ou porque pensamos que somos indesejados. Antigamente, se faziam festas de três dias e os cavalos eram mansos. Hoje nos matamos com latas velhas pelas estradas. Deus soltou alguns diabos apressados. É verdade, mas elogio este tempo de liberdade amorosa. Já imaginou vinte anos atrás, eu de namoro com o Degas e o Nico com uma ex-puta? Poucos ficam torcendo o nariz. Só pra ver..*

*Mas você pediu pra contar histórias de meu tempo. Eu vi uma moça de branco na lagoa. Eu sei do arrepio de meu corpo. Nem pentelho escapou. Fantasia minha, falou o padre. Pode ser. Que eu vi, vi, uma perfeita mulher de branco. Uma realidade debaixo de uma lua clara. A noite foi indo e depois ela desapareceu. Ouvi o suspiro. Puro medo, afiançou o vigário. Se falo hoje o verbo afiançar é porque aprendo contigo, Chico. Minhas ideias brilham com as palavras. Isso é que*

*é uma boa parte da história. O Degas que o diga. Ele se esmera num livro. Desse jeito os velhos ainda vão amar com maior intensidade. Viu só como caiu bem a intensidade?*

Me calei pra mais de metro.

Ouvi sereno, horas depois, Eufrásia falando de minha mãe:

— Que história a de tua mãe... Como pode uma mulher ter duas feições? Ela era divina enquanto amava uma garota. A minha filha leu os encantos de Dolores. Fiquei abismada. Mas dia desses no grupo de terceira idade vi duas velhas se vendo com um jeito de um amor feito homem e uma mulher, na maior tesão. Dizem que é apenas questão de costume. Acho que não dou no coro pra ser assim. Mas sabe lá Deus tudo o que acontece com a gente. Por isso, não condeno tua mãe na juventude.

Dia desses, até falei por alto com teu pai. Atirei no verde pra colher o maduro. Me falou de Amanda como coisa mais querida.

— Sou contente como homem, me afirmou. Não sei qual das duas, se a falecida Amanda ou se a viva Laurinda era a mais mulher. Vá entender esse mundo de Deus. Pena não ter conhecido tua mãe. Dizem que a prosa era dos deuses. A melhor história ainda pode acontecer. Imagina só reunir a nossa turma pra lidar ainda melhor com as palavras. Bem que você puxou à mãe. Minha vida tem loucuras, outras iguais não haverá.

# IA ESQUECENDO A PEQUENA

Por razões de andar desorientado por acontecimentos pras bandas de Santo Tomé, ia deixando de lado meu pequeno amor. Ela, porém a primeira, a maior criatura de minha alma. Tem verdades escondidas a me tumultuar. Me divido em meu silêncio O fato é: no meio destas pendengas e arruaças ia esquecendo de minha pequena. Me perdoe, Anita. Se a vida tem buracos, foi o buraco do esquecimento o culpado. Mas vou dizer de ti, minha sombra amena desde o dia do teu primeiro som. O dia do nascimento foi o dia da encarnação, pelo menos que se diga, uma deusinha do Olimpo. Quando a senti contra o peito, ouvindo s resmungos suaves, me imaginei um urso panda o meu bebê. Imagens variadas se precipitavam: desde os marulhos de águas até sons de pássaros voando. Os acontecimentos vigorosos avançavam. Eu mal conseguia guardá-los todos, tantos e bons eram eles. Disso não dá para renunciar: a doçura, esperança da imensidão se davam dia a dia. Teu mano José, então, se amarrou em ti desde os primeiros vagidos. Não será por isso que, bem cedo, se foram pra Porto Alegre? Vá saber? As palavras que digo são verdadeiras. Choro por me perder. A vida há de me perdoar.

Aprendeu palavras pelas quais traduzia São Borja, as gente, os castelhanos do outro lado e, mais que tudo, a avó de Porto Alegre. Coisa estranha as direções da ternura. Muito mais que as horas de agora, aí residem os dias de meu futuro. Nada fica sem consequência. Pensava pela manhã, hoje vou estar como um diretor de um filme iniciando a obra prima. Nada vou perder. Não sei a razão inteira de me tornar filósofo ou poeta. Mais poeta.

A vida é uma mulher difícil. Não se dá *asi no más*. Tem lado de chegar. Necessita de bons modos. Todavia, pensava, existe nela um

deserto de maldades. O peito humano é coisa de perdições. Não me iludia. As garras afiadas da natureza animal, não se ocultam facilmente. Machucam quem pensa e quem não pensa. A natureza tem apetites que o dever não impede. Pago o preço de meus erros, todavia, minha pequena é meu norte.

Uma disciplina é necessária, que exageros de liberdade podem tornar seco o rio humano. Meu problema é andar em polaridades. Enfim entre o respeito, a disciplina e o agrado é que a vida necessita crescer. Entre trancos e barrancos, peço a luz de Deus.

Me doíam os momentos de vê-la chorar por não ter em mãos todos s desejos. Lágrimas expertas corriam, mas é assim: o animalzinho antigo carece direção. Silvana exigiu o nome Anita. Assim batizamos na água, torcendo pra que fosse limpa pra si e para os outros. Meus deuses, o que era isso de cada dia se parecer mais com minha mãe? Os jeitos vinham da herança inscrita nos cromossomos. Quando Silvana perguntava sobre minha mãe, dizia:

— Olhe pra nossa pequena.

— E se acaso ela tiver inclinações de gênero iguais aos dela? Aí é que é, consolava Silvana por antecipação. Dizia pra minha amada:

— Não ponha o medo antes do fantasma. Se vierem tais inclinações, não forçaremos a ser o que não é. Mal fizera oito anos e pedia pra morar com a bisa em Porto Alegre. O susto de Silvana não foi pequeno. Contrapunha ao desejo dela:

— A bisa está velha. Não vai poder cuidar de você. Respondeu: Eu vou cuidar dela, mamãe. Seguramos as pontas até os quinze anos. Nascia uma mulher linda e namoradeira. Longe das inclinações de mamãe. Dona Priscila beirava os cem anos e não deixou por menos. Convenceu-nos a deixar que nossa pequena fosse morar com ela. Aliás, de pequena não se fazia. Era semelhante a uma viola bem afinada. O dia que ela saiu de nossa casa e de São Borja, tínhamos um celular e o skipe para comunicação. Assim foi. José foi vê-la não fazia um mês de ausência. Ao voltar senti certa decepção. Pelo Natal dos quinze anos, veio com uma amiga. Em tudo havia discrição. Vi Silvana chorar. Consolava-a dizendo:

— Deus é grande, querida.

— Mas a dificuldade parece maior, retrucou.

Dois dias depois Anita veio ter com Silvana:

— Mamãe, vou ficar em São Borja. E ficou por um tempo. Encontrou um tal de Pedro. Bom sujeito, o Pedro, *pero, pobrecito, pobre-cito*.

A volta deixou-a mais atilada em torno da avó Amanda. Como quem não quer nada com nada, veio com essa, enquanto eu preparava o chimarrão:

— O vô Nico perguntou dia desses se você já tinha falado de tua mãe. Conteí que pouco sabia dela. Ele disse apenas sobre minha semelhança com ela e mais algumas coisas como sobre o gosto dela pela literatura e mais sobre o quanto o vô Gil amava minha vó. Coisas sem importância. Fiquei quieta. Os olhos, porém, revelavam algo que eu não sabia.

— É verdade, filha.

— Tem algo que eu não possa saber?

— Nada demais. Até vou te alcançar um livrinho dela sobre uma paixão quando garota. E pra fugir daquele amor veio trabalhar aqui em São Borja.

— Posso ler, papai?

— Claro! Até gostaria de falar mais sobre isso.

Assim foi: mal havia terminado a leitura das poucas palavras, veio agitada, buscar mais informação. Esclareci o que podia, o que não era muito. Depois foi ter com o vô Gil pra saber mais. Benditas palavras do meu pai. Foi solícito e nada disfarçou. Depois veio aliviada. Avaliei positivamente as lembranças narradas.

De fato, numa conversa minha e dela sobre o rio das águas grandes do Uruguai, ocorreu uma franca confissão. Ela chorou entre um peixe e outro. Ao levar uma ferroada de um ferrudo, brincou:

— É assim em tudo. Se apresentam duas possibilidades, assim como ando eu: entre São Borja e Porto Alegre. Poucos dias depois se foi pra Porto Alegre, em definitivo. A pescaria imita a vida: a alegria de pescar convive com os ferrões. Fomos para casa. Daquele dia em diante Anita tornou-se amena, tendo raras nervosias.

O que mais impressionou, sobre os acontecimentos em torno de Anita, foi José. Embora das ciúmeiras gratuitas dos dois, quando ele

percebeu as dificuldades dela, surgiu uma grandeza inesperada. Ficou inquieto, entretanto. Soberbas foram as iniciativas em apoiá-la. Resolveu ir com ela a Porto Alegre.

— Papai, aqui em São Borja não se vai a lugar nenhum. Concordei. Tinha sonhos de ser um grande construtor.

Falando do meu rapaz, muito teria a escrever. Só pra se ter uma ideia: quando fez 14 anos percebi já ter um homem em casa. Estou avaliando o mercado de trabalho e ver pra onde vou me dirigir. Fiquei comovido. Meu garoto! Pensei. Diante das dificuldades de Anita e o apoio de José, percebi o quanto a juventude pode ser extraordinária.

A estas alturas do campeonato, já me via um pai realizado. Vou é curtir o tamanho humano dos dois. Não perco a oportunidade de elogiar o jeito de ela ter conduzido o barquinho. Quem mora com a cara num rio sabe da importância dos remos. Ora para a direita, ora para a esquerda, ora dando tudo, ora segurando com as pás. Por vezes, também com desejo de mandar tudo à merda. Vendo assim a minha dupla descendência, parece uma glória. Os dias se foram, mas não poucas vezes as poeiras se ergueram tapando nossos olhos. Mas digo como nosso poeta Dobal:

*E nem mais somos pobres como as cabras*

*Pois, de repente, a vida rebenta*

*Na força muda que as sementes guardam.*

# MINHAS MULHERES

O homem, diferente das mulheres, não tem muita tenência com a vida, principalmente os machões. A vontade deles é precária ao se tratar de beleza. Envelheço, porém, contente com o sentido estético e ético desenvolvidos. Meus cinquenta anos valem ouro. Respeito e encanto me provocam devoção pelos companheiros mais velhos e pela vida que se desdobra em todas as estações. Eles andam rengueando por aí.

Meu pai ainda persegue uma palavra linda. Peço a ele pra escrever as memórias dos dias que amanheciam em confusões, das medidas certas e das incertas, até dos mais amáveis sentimentos. Falou em vir para o alambique pra declamar:

— Te mando só um pouco da beleza de Apparicio Silva Rillo. O resto vou dizer no alambique.

## Herança

Naqueles tempos, sim,  
naqueles tempos as casas já nasciam velhas.  
Naqueles tempos, sim, naqueles tempos, sim,  
naqueles tempos as casas já nasciam velhas.

Eram umas casas cálidas, solenes  
sob as telhas portuguesas, maternais.

Em pálidos azuis eram pintadas  
e em brancos, em ocre e amarelos.  
Algumas nem mesmo tinham reboco. Na  
carne dos tijolos mostravam-se nuas,  
abertas em janelas que espiavam  
da sombra verde para o sol das ruas.

Nasceu em Porto Alegre, o coração em São Borja.

— Tu imagina, filho, o que dizer do resto. Vou aí no alambique neste sábado. Vou declamar de peito aberto. Vou te mostrar também um escrito meu.

Pois les digo:

— Não veio nem o Nico nem meu pai. Os dois pegaram pereba, coisa de velho. Vai arriando, vai arriando até não ter mais o que perder. O corpo míngua o desejo, virando saudade. O Degas sentiu falta dos dois, mixou-se todo. Passou a noite festiva como cusco xingado, um canto já era muito. Tem quem não gosta de estar entre mulheres. Desta vergonha eu não padeço. Apenas fingi fazendo não gostar. Só davam as mulheres. Veio a Dulce, a Silvana e a Anita, esta meio a contragosto dizendo: O que fazer entre velhas? Veio a Eufrásia e a Laurinda. Veio minha psicóloga, sestrosa por se sentir meio intrusa. Preparei um dou-rado de dez quilos. Olhei uma a uma a cada instante. Minha filha veio de Porto Alegre, prestimosa a me ajudar. Não dava no couro com as conversas comezinhas delas. Pedi pra Silvana não deixar a psicóloga sobrar. Não ia perder a felicidade do momento. Bem que poderia dizer: “são estas as minhas mulheres.”

Bem que Platão tinha razão na lenda da criação. O ser humano havia de ser um só, sem qualquer divisão. Por se achar desafiador e orgulhoso, Zeus o dividiu pela metade, tornando indefinido e incapaz de movimentos atrevidos. As partes divididas, ambas carentes, sem poder, se atraem para reconquistar o antigo poder.

Por me encontrar frágil, acho que não me foi suficiente uma só mulher. Diversas delas foram se aproximando para me deixar melhor. A nenhuma decepcionei, nem aquela que o deus do sopro levava. Tomei dela a melhor parte: a da palavra, ainda que me confundira nas primícias de minha união maior, tonando-me, segundo Platão, dividido.

Vou me ocupar, então das outras participantes deste banquete simples num alambique. Lá pelas tantas da noite, sentíamos uma maneira um tanto sonhadora. Durante o encontro, Degas nos alertou:

— Vocês andam desse jeito por causa do fermento da cana.

Quem bebia e quem não bebia andava alegre. Era o mosto da cana. É engraçado o jeito de nossa alma. A alegria invadia nossas cabeças. Não conseguia distinguir quem conversava, tamanho era o som

das palavras agitadas. Via entre o bruxulear da lâmpada, as figuras protetoras das mulheres. A primeira a se pronunciar em mim foi Laurinda, minha segunda mãe. A velhice não ofuscava em nada a beleza. A negritude tem disso, parece não sofrer com o tempo. Havia nela uma doçura antiga. Entretanto, parecia ainda haver um sofrimento escondido. A fala era moderada, parecendo não se importar se ouvida ou não. Tive compaixão do passado. Avaliava nela um tempo remoto. Quantas gerações até chegar a liberdade? A primeira liberdade, a precária liberdade da escravidão em lei. Por quais caminhos se desdobraram as gerações até chegar a Laurinda? Olhava para ela do jeito de olhar meus alunos pretos e morenos. Quanta paciência, dores e submissão ainda penetravam o estofado da alma dessas criaturas. Havia muita compaixão em mim. Avaliei nela como em alguns de meus alunos a felicidade maior que a minha. Sorriam mais contentes que eu. Ao estar distraído ouvi de minha filha:

— Pai, olhe que o carreteiro tá queimando! Agradei o aviso. E enquanto remexia o arroz, me concentrei em minha pequena garota.

Como pai, me achei estrela. Filha é isso que eu tenho. Quando a vejo, olhando sei lá quais horizontes, me enternoço muito. Quando a vejo distante, tendo nas mãos uma fatia de pão, me enternoço ainda mais. O que é de nós que vivemos olhando infinitos, tendo a quase mesmice de uma pequena cidade. Ainda bem que ela também devora livros, comungando com loucos autores. Acho então que somos seres de volúmosas pretensões. Conversamos com Deus com a maior naturalidade. Assim a vejo, longe da modorra das horas. Frequenta com naturalidade outros mundos. Essa é a realidade. Ela tem da mãe essa doçura alheia das horas difíceis. Assim comungo nela com minha mãe. Deliciei-me quando me perguntava sobre Safo e Dolores como se fossem velhas conhecidas. Assustei-me quando veio por trás, perguntando sobre o arroz com charque:

— Está no ponto, filha. Não é por nada toda a dor sentida ao dizer pela segunda e definitiva vez:

— Vou a Porto Alegre.

Ainda bem que temos um coração oculto com o qual andamos distraídos. A imaginação, como Deus, também é uma realidade. Quando sonhamos com os dois podemos fazer um bem extraordinário, contanto que nos tornem encantadores.

Silvana! Silvana! O que pode ser um amor envelhecido? Seme-

lhante à dignidade de um pôr de sol. Que me ponha em brilho suave, esperando ainda tê-lo pela manhã. Ao lavar a louça, ela chegou-se. Um abraço terno envolveu lavador. Meu pensamento se desdobrou parecendo um delírio. Seria amor ou devaneios do mosto? Pouco importa... são forças da liberdade. Senti um pouco de culpa por causa de Santo Tomé.

Uma ventura celeste me insuflava, enquanto buscava água no poço aberto no campo. Já olhei todas as estrelas, nunca brilharam iguais as desta noite. A lua se espelhava no tímido poço. Podia tê-la toda porque alta ia. Parece verdade: os olhares dos deuses se tornam benignos quando iluminamos as estrelas. Voltei ao recinto. Nossa! O mosto mostrava poder. Silvana veio ao meu encontro, estava impregnada de luxúria. Pedi que segurasse a onda. No ssa filha nos olhava satisfeita. Isso é que é vida! Exclamou, controlada.

*Ó dulcis virgo Maria!* Via em Dulce o testemunho da dignidade. De puta à santa! E as duas se deram bem. Olhei-a entre todas. Julguei-a sendo a mais preciosa mulher. Não havendo mais nada a fazer, pois o sexo corria solto em todos os lugares, então as gurias perderam a razão de ser. Ela mostrou-se de materna redenção. Elas careciam da maior proteção. Não sou de revirar os olhos por qualquer coisa, mas aí no meio de todas se distinguia me fazendo crer na humanidade. Assim me obrigo a estar de bem com a vida. Devo prestar atenção a todas as solicitações de compaixão e de auxílio. Sei-me incapaz do tanto quanto ela fez. Pra comprovar o que digo, falei com uma de suas ex-companheiras. Tive o melhor testemunho da dulcíssima senhora. Nenhuma delas ficou ao largo da bondade, todas dentro. Quando doentes do amor contaminado, foi fiel até a morte de duas delas. Não deixou de lhes dar sepultura digna. É claro, nisto Nico Freitas foi parceiro. Meus respeitos, meu sogro, pela grandeza de dar crédito a ela. *Salve Regina, mater misericordiae, vita, dulcedo, spes nostra, salve!* Assim aprendi no meu latim precário.

Minha quase sogra é que era a mulher de minha admiração. Amava as virtudes semelhantes a um jardim.

O calor das vozes mais baixas permitia ouvir minhas personagens. A estas alturas, chegou-se Florêncio Eduardo Lima e Silva, o Degas, parecendo entender meus pensamentos.

— Tá vendo tua sogra?

— Tô! Pois é, Francisco, olhando pra ela assim com luz a meio

pau e já enfiada nos anos, não dá nada pela mulher que ela é. Mais amena que o riozinho que toca minha moenda. Morrer pra mim não é muito. Muito seria perder a vida dela. Pensei dia desses, pensei assim: não dá pra viver sem ela. Ela é melhor que um espelho. Quando fala, ela mostra melhor o que eu digo. Tá certo, não temos mais um corpo perfeito de um homem e de uma mulher, mas não dá pra reclamar. O pouco tem muito, isso é a verdade.

Foi quando vi a psicóloga dormindo, cabeça encostada num tronco sustentador de vigas. Analogia dela mesma. Ri comigo mesmo: tem ela fantasmas ou serão os fantasmas dos clientes? O que faz ela com tanto nó desatado e aqueles que não têm solução? Trazia ela eu e minha mãe? Céus o que é isso de carregar os fantasmas vencidos? Assim que pensei, ela se acordou me dirigindo um olhar envergonhado. A minha doutora estava cansada.

As vozes quase apagadas indicavam o tempo de ir embora. De-  
gas agradecia a visita, sem muita graça. Já lhe dobravam os ombros. Estava pronto pra dormir. As mulheres cumpriam o dever de limpar o ambiente. Mais uma vez via a ternura ambulante em todas elas. Estavam agradecidas pelo pouco que fora preparado.



# SEM MAIS O QUE DIZER

Três anos se passam ligeiros, ágeis como quero-queros em defesa de filhotes. Voltei a escrever: muita novidade, muita novidade, algumas pra falar e outras pra calar.

Ia-me indo pra Maçambará ver a Eufrásia, adoentada causa do pulmão fumador. No silêncio, entre sacolejões, me veio essa poesia desajeitada e sonhadora de Isaías:

*E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito, e o bezerro, o filho de leão e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a ursa pastarão juntas, e s filhos juntos se deitarão; e o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Nome do lagarto venenoso a esconder-se pronto pra matar.*

Não que fosse tão impiedoso, mas já era demais pra quem conhece um pouco só do ser humano. Meti a mão na cova do obelisco e me machuquei.

Com culpa e saudade estropiada da minha menina, 22, e do meu piá, 30, estive cheio de tristeza.

— Tá ficando velho e triste, homem, gemeu a sogra.

— Mais cansado que triste.

— E tem motivo. Que coisa é essa de a gente ir embora quando fica bom? Porto Alegre é longe demais. Esses miúdos me matam nessa lonjura.

— É motivo de alegria. Ele já formado. Sempre foi sisudo. Que

bom que teve a vocação de construir como teu pai. Deixa-o curtir o saber na construtora que o prestigia.

— E ela que parece ter o coração vidrado no curso de Letras. Espero que não venha com a história de preferir outro pobre na capital. A pobreza dá estreiteza no peito.

Sabia que a estreiteza andava também pra mais perto. Não me contive, então, desabafei o meu pecado pra Eufrásia. Não suportava a dor da ausência de outra pequena, a Sílvia, nascida de nenhuma vontade e muito desejo. Chorei de compaixão me vendo em situação tão delicada. Avaliei: a velha ou se sufoca nessa doença ou pega da garrucha e me mata.

..... Silêncio cheio de dores.

— Fez merda! Desconfiava já, por ver tanta viagem pra Santo Tomé. Nada diga e nada vou dizer pra Silvana. Um dia essa menina vai aparecer, espero que demore. Apenas le digo, home: fique quieto. Coma solito esta preocupação. Sou tua confidente. Até me alegra saber de uma neta do outro lado do rio. Sempre me diga como está. Peço-te apenas: se for pra lá, não beba, porque se trair mais uma vez minha filha eu te mato. Acredito que estiveste bem tonto pra aprontar o que aprontou.

— Agora vai!

Saí mal. Pelo menos, dividi.

Fiquei de espinhaço torto. Apanhar de sogra, mesmo merecendo a surra, é de desmanchar qualquer grandeza. Depois da confissão, ao me aproximar de Silvana, percebia nela lágrimas escondidas. Inteligente que era, percebia um mal sobre a cabeça. Fazia de tudo para ser atencioso. Comprovo o sexto sentido feminino. Seguiu o conselho de Eufrásia: Cala!

Voltei-me pra saber de Porto Alegre. Teria conversas pra dividir com Silvana. Vi de perto a realidade de Anita. Casara com um pobre, portanto, módica a comida e os móveis, a casa alugada. Em tudo conformada aos limites.

— Escute, Silvana, digo tudo. Joaquim é bom homem, mas pobre que só vendo. O amor é de parca visão. Tem mais, Anita está grávida pela segunda vez. Eu avô, meu Deus! Nem bem me acertei em me compreender melhor e já vindo mais gente. É gente de todos os lados. Ela está concluindo o curso de Letras. Vai ser capaz de sustentar piazinho?

— Vai, vai, sim. Sempre foi de levar pra frente as decisões. Mas que fez burrada, fez. O pai pobre e mulato...

— Olha o preconceito! Joaquim fará bem aos netos. Gente boa vale mais que gente rica. Tenho certeza que ela viu o que escreveu quando foi aluna aqui.

Campo adentro y cielo limpio  
Cha' que es lindo galopar  
Y sentir que adentro de uno  
Se agranda la inmensidad.



# O VELHO RESSUSCITADO

A infelicidade pode nos atingir por não sabermos lidar com o dinheiro ou por sermos pobres, pensando desesperadamente alcançar a riqueza. Fico em banho-maria entre os dois. Não sou rico nem pobre, nem infeliz, tampouco feliz. O meio termo aristotélico cai bem em mim. Sabia quem eu era: pai, sogro, marido, genro, professor, escritor de pouco tamanho, mas era. Agora não sei quem sou e muito menos sei quem serei. Vivo assim mesmo. Em mim se resumem quantos eu fui com razoável intensidade com quantos serei, desconfio da pouca vitalidade. Mais me dizem o sol e as noites quentes de São Borja. Durmo com presidentes, coitados, e com outros piores ainda. Fazem-me mal os políticos. Preciso me curar deles, encontrando alguns bons de pensar e agir. A pior espécie de gente. Tudo já começou mal no Brasil. Pelos anos mil e quinhentos e sessenta, a primeira Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro recebia a peso de cera, material de alto valor. Daí a expressão fazer cera, quando os jogadores de futebol lentificam a partida de todo os jeitos, fazendo passar o tempo. Assim os vereadores recebiam, sem nada fazer. Assim os políticos, condenados pelo vício genético da mãe brasileira. Pobre gente. Nascida para a excomunhão. *A las pitocas*, me sinto no meio da política tão sem saída como Kafka virado em barata. Sou um condenado de parcas pretensões. Colho a hora sem querer grandes coisas. As que tenho me bastam. E nem me lastimo como ao final se lastimava Pessoa. Vou te dizer: que coisa é essa de ser tão grande quanto ele e ter que morrer? Nossa Senhora de Fátima, o salvador poético de Portugal partiu de fígado estragado. Esmulambado pela sorte, que coisa! Como não sou nem tão grande nem tão pequeno, ainda que não saiba quem sou, me sinto melhor que o poeta dos pinca-

ros do nada. É isso, estou me apagando. Minha mente se dói toda. Meu pensamento estiola.

Retorno, meses depois, apressado aos meus escritores. Horrores começam a se abater em mim.

Aprofundo meu pensar: ando tão distante! Não tenho a não ser um pensamento de pouca modulação. Pois é: sei que devo estar feito um jardineiro atento no tamanho de canteiro. Ao contrário, me sinto um criminoso pelo que faço por mim. Se alguém gritar: polícia! Vou me assustar, pois tenho culpa de minha falta de cuidado. Silvana, de sua parte, anda em reparos da existência. Meu Deus, como lhe dói envelhecer. Não a culpo por se olhar inconstante. Pudera! Tem lá suficiente preocupação para consigo, com os filhos e com os netos. Vejo olhar piedoso quando me olha. Depois vem solícita e meio forçada a me animar. Pergunta o que tenho. Digo:

— Filósofo.

— Desse jeito?

Respondo:

—E já viu filósofo rir?

Mas não posso me queixar tanto. A nossa filha veio nos ver em São Borja. É também professora. Mal dá pros luxos femininos. O marido gente boa, mecânico sem grande ambição. Acostumou-se a pouco. Pra ele as medidas são de breves proporções. Não vejo Joaquim em críticas. Me basta o cuidado dos dois filhos e de minha filha.

# DIAS DE VISITA

— Anita, Anita, minha filha, por que te preocupas tanto com essas coisas? Deixa teus filhos mais soltos.

— São palavras de vô, papai. Bem diferentes das palavras de quando eu era menina.

— Está bem, não tá aqui quem falou!

— Deixa, então, que tenha a disciplina aprendida. O senhor sabe muito bem, por pouca razão pensamos ser mais que os outros. Se não blindarmos um pouco esse diabo, ele se refestela provocando os nazismos particulares. Não quero meus filhos por aí sem empatia. Aí eu me sentiria cúmplice de algum crime. Não quero meus filhos traidores por ceder a interesses indevidos.

— Nossa, guria, tudo isso?

— Tudo isso e mais o que não sabemos. Em todos nós temos um Hitler ou um Gengis Kan, loucos pra botar as garras de fora. Já bastam as doenças do sistema nervoso a nos deixar perdidos, que ele seja, pela menos, em condições de realizar certa harmonia entre as pessoas.

Confesso: ela tem razão em frear os dois piás. São levados da breca. Senti um puaço quando falou em traição.

Mas o certo é: eram dias de benevolência e muita alegria. Eu meio quebrado nos meus 60 anos. Vou com eles ver as águas. Daí pensava: meus netos vão ter os instintos blindados. Dificilmente um pescador tem mau caráter. A água dos rios purifica. Não é por nada ter Jesus escolhido um bando de ingênuos pescadores para tentar melhorar a raça humana. A megalomania de Judeus e romanos prevaleceu, prevalece

até hoje. É muita pretensão salvar a espécie humana. Se Deus pensou em criar coisa boa, algo deu errado. Não foi agora. Por diferença sexual não mataram mais de cinquenta gays em Orlando? E que estão fazendo na França? Por isso, levo os pequenos a pescar. A pescaria era fraca. Por isso esticamos a hora. Dou razão pra Anita no cuidado de piás.

— Demoraram muito. Tenho medo da noite, repreendeu Anita.

— A noite não faz mal. Os fantasmas do mal não habitam as águas.

— Não penso assim, pai. Ainda ontem retiraram um homem morto dela.

— As águas não têm culpa, filha. A imprevidência e a maldade mora longe das águas. As águas revoltas podem culpar o vento. Veja os pobres sírios em fuga morrendo no mar. Não me venha dizer que é ele o culpado.

— Tá bem, concordo. Por isso, os meus filhos terão bondade pra com a natureza e pra com os outros. Agora chega de filosofia. Vão limpar os peixes. Minha mãe e eu limpamos a casa.

— Pera aí mãe! Estou cansado, disse Artêmio.

— Pode tirar o cavalinho da chuva! A faca está na gaveta.

— E bem limpinhos e nada de tripa solta!

— Vou junto, respondi.

Eu e meus netos limpamos os peixes sem nenhuma reclamação. Ficamos mais amigos. Ao final meus netos, Augusto e o Artêmio, sorriam contentes por serem pescadores. O bom era estarem comigo pescando e trabalhando. Termo forte, embora verdadeiro. O Augusto, festivo e jeitoso enquanto limpava os peixes. Mal compenetrado, o Artêmio. Vi que, desde então tive amigos, mais que netos. Conversava com eles todos os dias pelo celular.

Na despedida, brinquei com Silvana:

— Quando chegam me alegre; quando se vão, o silêncio é bom.

— Cansei de mexer em meus tubos de ensaio. Estou buscando uma velha vocação: a música. Era Silvana.

— Velho tem disso, bem! Tem pouca opção. Pena que o tempo dura tão pouco. Até a paciência se esgota. A experiência e o vigor não coexistem por muito pouco tempo, diz Benedetti.

# O COMEÇO DO FIM

Não quero morrer assim, mas desde quando a morte tem parceria com a beleza? Me rio dela e ela mais se ri de mim. Rimos juntos. Na vida, qualquer solidariedade é melhor que a solidão.

Brinco dizendo como Pessoa: a morte é que é nossa mãe e nos gera para a vida, mas logo a seguir nos recolhe sem piedade. Afinal, qual a mãe que não ama o filho? Ela alisa nossos pelos e nos leva para junto de lago profundo. Diz a lenda: ela envia um barqueiro para deslizar nas águas. Não me infelicitos, *muy* ao contrário, não deixo passar este regalo materno. Mas o que é isso de escrever minha crônica senão um desejo de continuar vivo? Ou será, acaso, o desejo oculto de não aceitar o fim de todas as coisas? Na verdade, morrer é isso: deixar as coisas. Por isso morremos a cada dia. Lá se vão os amigos que nem a memória guarda mais. E agora vejo que morro mais austeramente. Só espero que as despedidas não sejam entre os gritos de dor de minha ternã mãe. Morrer bem quieto é uma arte. Se já morro devagar, não pode causar estranheza ir de uma vez. Estou a perder dente por dente. Mas, Santo Deus, minha mãe morte vem que vem. Já me fogem palavras que avidamente se afastam. Estou fazendo voltas pra não dizer o principal. Pode-se andar como em criança nas matas da Argentina buscando mel escondido nos ocos. Enquanto não se tocasse na árvore, ia tudo bem. Mal se chegasse aos favos, era um horror. Assim andei na vida. A diferença está em que se saía da mata com arrouba e meia de mel, agora eu chego, esperando ter colhido o mel e saio sem nada. Quero deixar tudo como quem se levanta da cadeira pra apanhar uma cuia de chimarrão. Não carece cerimônias e medos. Já perdi meus alunos pelos quais me reconhecia como um ser vivo. Apaguei-lhes da mente a vasta ignorân-

cia. Acendi luzes para conhecimento de palavras. Não tem jeito, se vão todos os parceiros e aos poucos tenho mais amigos falecidos. Os vivos já são poucos e também andam com partes de si mesmos, não sabendo em que lugar ficaram as partes perdidas. Os meus ossos sadios não me dão mais sustentação. Assim a mãe vem recolhendo o que lhe pertence. Não tira tudo de uma vez. Também já seria demais. A morte é delicada, faz dormir aos poucos. Sorrio como poucas vezes sorri.

Sete meses se passaram desde a última incursão nos alfarrábios. Sinto que me apagam as luzes. O que sabia já não sei, e quando sei o pensar vem troteando, um matungo cansado com auxílio de pessoas ao meu redor. Nunca vi tanta palavra fujona. Mas ainda estou por aqui em devaneios, cumprindo deveres. Já não me atendem tanto, menos prestam atenção e quando prestam é por raros momentos e me deixam conversando sozinho. Minha boca tão bonita e prestimosa cada vez mais serve para ajudar matar a fome e a sede. Instrumento fiel de comunicação parece olvidar-se de um dizer razoável. Sou feliz pela metade, mas não posso desprezar, mesmo porque não tenho outra coisa a oferecer. Dizem-me: assuma alguma coisa, mas não encontro razões a mais para viver. Foram benditos os tempos em que tinha um bom volume de razões para assumir responsabilidades. Meu colégio não pode se queixar de mim. A perfeição das palavras estava comigo: o quanto um professor de muito esforço pode conseguir. Meus alunos me dizem agradados de tê-los servido. Espero não ser o protagonista do filme *Invasão de bárbaros*, no qual alunos eram pagos para animar o fim de um professor. Aprendi na vida tudo ser possível, assim como eu por tempo andei em paixões perdidas por uma mãe falecida. Não poderá meu filho convidar ex-alunos a me elogiarem para me ver melhor nesta situação em que estou? Teve uma Feira de Livro. A Silvana compilou meus versos. Até que ficaram bem. Tive até hora pra autografar. Fui. Apareceram uns gatos pingados. Recebi mil desculpas. Uma pior que a outra, dizendo todos andarem de sérias ocupações. Outros, a maioria, escreveram no meu face: sucesso! Desde quando se tem qualquer sucesso sem a presença dos outros. Uns cretinos. De toda sorte agradeço muito aqueles cristãos de bondade: não me deixaram de caneta na mão. Assinei umas dez vezes.

Agora ninguém me distrai mais: estou mal de meu ser. Pedi pra Silvana contar como serão meus dias depois que não consigo dizer mais nada. Mais que a perda da memória, escondem-se os sentimentos.

Buenas, fui ao médico psiquiatra e veio o maldito diagnóstico. Instalara-se em mim o mal de Alzheimer. Ri do dr. Alzheimer de um riso sem graça. Fui pra casa, cabisbaixo. Silvana calava por saber que me havia perdido. Na verdade, foi um velório com todas as letras. V de vedado, E de estado, L de lastimável, O de oculto, R de ruína, I de irreverente, O de ordinário. Era isso mesmo, estava vedado a conviver em razão de meu estado lastimável, a ser oculto por não ser mais confiável, afinal, estava uma ruína humana, começando a me tornar irreverente pela perda dos costumes sociais, portanto, um objeto ordinário a ser cuidado para não dizerem haver uma família sem coração. O silêncio dentro do carro foi denunciador de terríveis dificuldades. O protagonista era eu. Por outro lado, desconfio de meus esquecimentos. Não me interessa guardar qualquer coisa. Vou me perdendo pelo caminho. Meu Deus, e minhas coisas, pronde se vão meus amores? Forte me chega a imagem materna e tanta que se apaga Silvana. Tenho vontade de dizer como em Pessoa: ele com menino Jesus e eu com minha mãe:

Quando eu morrer, filhinho,  
Seja eu a criança, o mais pequeno.  
Pega-me tu no colo  
E leva-me para dentro da tua casa.  
Despe o meu ser cansado e humano  
E deita-me na tua cama.  
E conta-me histórias, caso eu acorde,  
Para eu tornar a adormecer.  
E dá-me sonhos teus para eu brincar  
Até que nasça qualquer dia  
Que tu sabes qual é.

Escrevo palavra por palavra lentificadas pela memória, uma dispensa de difícil acesso. Esses versos sabia de cor. Agora apelei para a Internet. A morte pela qual me despacho devagar, as emoções entregues ao colo materno novamente. Que me perdoem me tornar criança sem arrimo. Dizem que é a perda de memória. Assim me vinha a mãe morte, retirando o principal: o sentido humano da solidariedade. Começava a materna função da fraternidade. Não mais seria solícito, iniciava-se o terrível processo da solicitação. Dizia-me a esposa de um ex-colega, o

quanto ele se assustava com ela. Não fora somente uma noite de ela, chorando, agradar o pobre homem para afastar a perplexidade diante da presença dela. Assim me tornarei um fantasma gerador de fantasmas. Imprestável para o convívio. Poderia haver outra maneira de ir embora?

Mais dois meses, acho que tanto. Agora o DA me judia. Quero lembrar... Um perverso silêncio me devora. Nada sai. Encho-me de comparações. Sinto-me como alguém numa aldeia da china. Tenho ainda ideia de onde estou, mas ninguém me diz respeito.

Não consigo me fazer entender. E vejo a impaciência nos olhos de Silvana. Não imaginei haver esta dor do desamor por causa da mãe morte que chega. Uma pressão está no meu peito. Reduz-se o brilho. E minhas pernas caminham sem saber para onde. Acomode-te aí no canto, meu bem! Meu bem sai por antigo costume, mas está como um apêndice desnecessário. Oba! Consegui retirar uma palavra mais difícil. Engraçado... Meus pensamentos solitários se saem melhor. Quando estou com alguém, me esforço, só sai merda... Acho que é uma desgraça ter que fazer bonito. De bonito nada tenho. Sou feio em tudo. Tenho vontade de desaparecer. Fui procurar o meu 38. O que tá procurando, véio? O revólver. Faz tempo que sumiu, sabia? Não era verdade. Fui procurar uns pilas pra ir ao mercado.

— Pra que dinheiro? Falaram. Nem o computador não ajuda. Disse que queria escrever.

— Escrever o quê? Responderam.

Que dia é hoje? Ouço:

— É sexta. Acho que não gostaram.

— Pela décima vez você já perguntou! Calei-me. Acho que vou usar minha boca pra encher a cara! Meu Deus, como estou mal! O que ia dizer mesmo? Ah, sim! Não consigo que acreditem: minhas ideias mal se coordenam, os motivos se reduzem. Perdi minha alma. Alma, o que é isto? Silvana!!!

# MEMÓRIAS DE SILVANA

Faz dez meses e ele mudo e inquieto. Falei com o psiquiatra em Porto Alegre. É normal dentro do quadro. Um pouco acelerada, foi a sentença.

Pobre do meu homem! Meu? Ele não me reconhece. Mora em outro lugar. Sou uma estranha. Sobra uma dúvida: por que os olhos se mostram diferentes em certos momentos? Se fosse DA, mortas as células do hipotálamo, por onde se originam a memória recente, ele não reagiria nunca diante dos estímulos. Por que, então, rosto brilha por vezes? Não diz nada, fechado está e fechado fica. Às vezes, está junto de mim como se eu fosse uma paisagem distante. Voltou a falar da mãe em monólogos. A memória regressiva me atormenta. Sei muito bem. Ele está muito doente. Até quando vou suportar isso? Peguei de conversa com Amanda, falecida de 60 e tantos anos.

—Te amo mãe.

— Querido, deita aqui no meu colo. Ele imitando ela.

— Como é bom!

— Você é a coisa mais querida.

— Sempre vou te amar, mamãe.

— Jura que não vai me esquecer?

— Juro.

Que coisa é essa de a gente chegar a esse ponto? Essa doença é mais que a morte. Francisco não existe mais. Tem dias em que o vejo um pouco melhor. Falo com ele do primeiro ano de professor. Pobrezinho dele. Queixa-se tanto, como se a escola fosse um lugar de sofrimen-

to. Engraçado. Chora porque não lembra. Quando lembra, sofre quando lembra de uma aula. Fica repetindo aquela aula. Volta e meia consegue retornar aos sentimentos normais. Eu me faço de aluna. Adora falar nos verbos que ele chama de intransitivos. Escuto com atenção. Fala, fala, fala até cansar. Depois ficam em minha cabeça: os verbos intransitivos não possuem complemento. Acho que ele virou um verbo intransitivo. Eu sou um complemento inexistente. Sou um adjunto apenas. Assim vou ficar esperta em verbos intransitivos. Fico em mim mesma, me sobrando apenas alguns adjuntos. Dia desses, ele deu um exemplo de verbo intransitivo: fui ao estádio pra ver o último jogo. Perguntou-me: cadê o verbo intransitivo e cadê o adjunto adverbial de lugar? Titubeei um pouco por olhar a panela do feijão. Foi o suficiente pra querer me agredir. Falei brava: Vou falar pro diretor. Parei-me de louca. Depois chorei enlouquecida pelo tormento. Ele se retirou sentindo o peso dos ombros. Tenha piedade, meu Deus. Bem que a gente deveria morrer com mais dignidade. Disso era o que falava sempre.

Viu-me repetindo um verso de Bordin, enquanto sovava o pão:

Soca a mão

Soca pão

Por que tanto soco?

Ele me pediu tempos atrás:

— Quando não puder mais dizer nada, então, por favor, Silvana escreva por mim.

Isso me fez acreditar que ele sabia de tudo o que aconteceria. Começo dizendo o seguinte: Puríssima Virgem de São Borja, apenas escrevo para não sentir nenhuma culpa. É uma doença que se apresenta como disputando limites entre o pensar e o sentir. Parece haver semelhança com a síndrome de autismo.

A pior fase foi desde o diagnóstico até a DA chegar com a destruição quase total. Sobram alguns cacos da casa de Chico. Não sabia ao certo todas as consequências dela. É pior que o inferno, se é que existe. No começo, ele olhava por aí meio perdido. Mas quando pensava um pouco, tudo se resolvia. Depois pensando, não resolvia. O drama inicial foi esquecer-se de tudo que tinha a fazer. Ainda me pergunto, “por que certos fragmentos do dia deixam ele melhor?” O amanhecer é um sinal primitivo para viver. Mas depois... Chuveiro ligado, bocas

do fogão acesas, esquecimento da fala anterior, avisos sem lembrar. A noite vinha maleva, no dizer de Degas. Mentia... Ou melhor, queria se comunicar não sabendo dos fatos. Desconfiado. Que desgraça foi ouvir dele palavras desagradáveis sobre os vizinhos. Pra mim, chegando ao terror, quando chegavam os colegas da escola ou minhas ex-colegas de trabalho. Não havia freio algum sobre o que dizer e não dizer. Um menino malandro não falaria essas picardias. Não segredava mais em tudo o que fora segredo em torno das pessoas conhecidas. Entre sustos e raiva, ouvia ele falar com naturalidade. Ao final das visitas, não foi nem uma nem duas vezes que devia me desculpar, dizendo da doença. Ele me ouvia, o espertalhão ria do que havia feito. Aprontara e não negava. Em minhas visitas ao médico não sei de quantas vezes pedi orientação. Apenas ouvia:

— É assim mesmo. Buscava apenas me cuidar e me defender, desculpando as palavras por causa da doença. Parecia se homiziar na malandragem. O bom caráter fora águas abaixo.

Fui falar com a psicóloga, a mesma que o atendeu nas dificuldades afetivas. Foi clara como uma manhã de sol:

— Silvana, você deve saber que perdeu teu marido para a doença. Fiquei assustada. Do consultório até em casa comecei a perceber a minha viuvez. De todo jeito, a psicóloga pediu para vê-lo. Também ela teve a impressão de haver detalhes escondidos nas bordas da DA.

— Não decifrei todo o mistério, falou ela.

Por se sentir tantas e tantas vezes perdido, mesmo em lugares os mais habituais, perguntava:

— Onde estamos? No começo da perdição, levou dois anos, me olhava decepcionado, sabendo do mal que o afligia. Aceitava, constrangido, minhas orientações. Dobrava s ombros em sinal de completa impotência e agia conforme minhas palavras. Preferia ser assim levado como criança. Outras vezes resistia, feito garoto cabeçudo.

Não sei quantos suspiros tensos preendi no peito. Buscava manter a dignidade. Se uma coisa aprendi dele foi respeitar o tamanho humano dos outros. Uma espécie de devoção assistia as palavras. Desvestido de si, mantinha a reciprocidade. Exemplo vivo de grandeza humana se concentrava em Degas. Fez daquele bruto beberrão um homem de boas palavras: virou um homem gentil. Agora, a natureza bruta faz dele o que quer. O educador Francisco se fora, nem a si mesmo servia. Sempre

tive minhas reservas em relação à Dulce. Ele, ao contrário, via nela a grandeza de Tereza de Calcutá, quase uma Terezinha de Jesus.

Uma vez vi, dois anos antes de afundar na solidão quase absoluta, uma queixa amarga: chorava muito ao me dizer:

— Desculpe, não sou mais eu. Sou para mim um pássaro arisco, assustado. Por vezes, antes de a doença fazer dele um troço completo, conseguia, certos dias, retornar aos bons tempos. Enganava-me em minha esperança, logo a seguir se desorientava mais, permanecendo, porém, viçosos momentos especiais. Tivemos momentos tranquilos. Apreciava como milagre os momentos nos quais ele se mostrava como era antes. O médico me disse:

— Isso é porque os corpos que controlam sistema nervoso dormem. São momentos tênues em que é permitida a passagem do influxo nervoso. Deu-me um pequeno texto: *Não se sabe por que a Doença de Alzheimer ocorre, mas são conhecidas algumas lesões cerebrais características dessa doença. As duas principais alterações que se apresentam são as placas senis decorrentes do depósito de proteína beta-amiloide, anormalmente produzida, e os emaranhados neurofibrilares, frutos da hiperfosforilação da proteína tau. Outra alteração observada é a redução do número das células nervosas e das ligações entre elas (sinapses) com redução progressiva do volume cerebral.* Entendi por alto, buscando até entender a *hiperfosforilação*. Meu homem estava lascado! A fosforilação é necessária, liberando elétrons, mas quando exagera é um Deus nos acuda.

Ao voltar para casa, certa feita, *se apartió* meu coração. Partiu mesmo, achei que se rachava. Procurei ele pela casa toda. Vi a vizinha que me apontava para o quintal. Lá estava ele sobre o pé de pêra. Pretendia apanhar uma delas. Ao me ver, apelou pra mim.

— Querida, me ajuda! Não consigo alcançar. Pedi pra descer. Desceu. Depois se ria todo:

— Minha mãe não deixa, disse ele. A querida mãe não deixa. Ela fala aqui, apontando pro peito. Entramos em casa. Não posso deixar de dizer de uma noite. Mostrou-se tão afetuoso. Voltava a me olhar. Reconhecia-me. Amou-me em completa ternura. Pensei: “mais um milagre e amamos e amamos, como se estivéssemos pela primeira vez, agora com toda a maturidade.” Mal se havia terminado a explosão dos encantos, quando me perguntou sobre as crianças. Ele se agitou, muito perdido!

— Querida, e nós aqui desse jeito! Esquecemos de buscar o boletim das crianças.

Ainda naquela noite, como acontecia seguidamente, me acordou dizendo sobre uma reunião na escola. Disse-lhe que ia saber ao certo! Apanhei o celular.

— Escuta, diretora, a reunião sai? Silêncio.

— Ela me falou que a reunião foi na semana passada, querido. Aí eu ri nervosa, quando ele se agitou.

— Puta merda, mais uma reunião perdida! Parecia debochado. Pra consolar instei forte:

— Não se preocupe. Foi uma reunião sem importância. Muita conversa, conversa demais e nada resolvido. Ainda bem, é quase sempre assim, se conformou. Abracei meu homem e ele dormiu. Cada dia havia uma surpresa: tudo se revolvía dentro dele. Uma noite, me chamou para perto da janela com um livro de Mia Couto, aliás, um livro complicado pra mim, leiga nas medidas das letras. Lia parecendo um ator: *ó amada, estás vendo aquelas sombras? É uma pequena ilha. Nessa ilha está um farol. Já não trabalha, se cansou. Quando este farol voltar a iluminar a noite, os donos deste barco vão poder encontrar o caminho de volta. A luz desse farol é a minha esperança, apagando e acendendo, igual à minha vontade de viver.* Na bagunça do cérebro, às vezes, as vozes de fluxos sem ordem se calavam. Começou a silenciar: o farol se apagava.

De tanto ele ensinar, aprendi: os textos podem dizer uma coisa e ser outra. Parecia que o autor até falava de Francisco. O barquinho andava em perigo. Vinham nuvens como aquelas que vêm dos lados da Argentina. O primeiro desabou com raios violentos. Muito rapidamente, percebi as mudanças climáticas. Primeiro foi o dia de um grande terror. Não me reconheceu. Tornou-se ameaçador. Não sei que diabo despertei nele. Começou a se tornar de gestos muito rudes. Um diabo assustado, sempre pronto a se defender. Em que lugar dele se escondiam tamanhos tornados? Crispava-se todo. Um gato em terror. Mil cães perseguiram meu homem. O segundo tempo foi feito de um silêncio mortal. Daquele homem perturbado, ainda vivo, saiu um fantasma. Eu não conseguia administrar os medicamentos. A reação era um perigo. Escrevo isso muito chateada. Deu, pensei, deu. Não dá mais. Até aqui foi meu reconhecimento por tudo que ele fez. Um homem fiel e bom.

Uma raridade. Perdi ele completamente pra doença. Pra me deixar confusa, veio olhando o céu. Em delírio pedia por uma estrela. Do silêncio saiu-se assim:

— Onde estará ela? Não mais falou.

— Meu peito cresceu em lamento cruel, como feito aquele dos escravos hebreus. Se eles choravam sobre as torres destruídas em Sião, eu chorei sobre as ruínas de meu bem. Nada restou! As águas de meu rosto não apagavam o trágico destino. Os escravos cantavam sobre o que foi, sentindo a tristeza de agora ao ver as margens do Jordão. Meu bem não se expressa. Que mãe é essa morte? Antes fosse a escravidão entre lágrimas dos escravos de Nabucodonosor. Que valor eu tenho nessa situação a não ser cuidar de um homem falecido e não morto? Restam-me alguns momentos de música como esta de Verdi. Que adianta um rio sem o pescador? Que adianta a amizade, se parece uma triste piedade? Calo-me na única alegria em saber que meus filhos vão chegar. Não digo o que sinto nem sinto o que digo. Pouco combina em mim. Meu português é fraco pra dizer toda a verdade. Temo a minha loucura. Aprendi a ver tudo a dois. Agora me parece cego um olho. Alguém me feriu o olho inteligente. Não suporto isso. A música me deixou ver a minha situação. Ela consegue me afastar das ideias malditas. Vou desse jeito, custe o que custar. Vou dizer ainda de outro auxílio: Deus. Assim foi.

Criei um Deus para mim. No colo dele ponho minha tristeza. Faço que ele sente sobre uma cadeira e dê-lhe conversa. Quando Francisco ainda conseguia avaliar os momentos, me viu falando solita.

— Deu para enlouquecer, mulher? Não dei, me deram loucuras. Vi, o pobre percebeu a pua no peito. Pedi perdão. Ele se conformou na forçada humildade. Mais me doía vê-lo desse jeito. Ponho Deus também numa catedral construída em minha mente. Aí tubas e órgãos entram na minha alma. Por Deus, sentia minha divindade superior aos trapos de minhas vestes, pobre era. Outras vezes, no quintal, via Deus na borboleta azul. Figura delicada parecendo uma palavra de meu Criador. Ilusão, como falou o Cinésio, meu amigo ateu. Pouco importa, outros se enfiem em terrenos menores pra esquecer o pequeno tamanho que carregam. Pra alguns o mato é maior que Deus. Prefiro este que eu mesmo criei com minhas mãos, no ventre de meus desencantos. Pergunto-me, que coisa é essa de Deus ver tudo e deixar a gente nessa situação? Acho,

então, que ele também possui tamanhos menores ou, talvez, quando fez a criatura humana andou distraído, triste ou muito cansado. Vá saber. Do jeito que for, tenho nele um vigor e tanto! Minimiza minha angústia, me faz caminhar.

Agora deixo Deus de lado. Vou abrir a porta da casa. Ouvi um som de porta na rua. Devem ser minha pequena e meu grande homem. Isso é que é bom:

— Oi, mãe querida! Era Anita.

— Oi, pai! Era José.

Abraços quentes! Na porta, um ser sem vida. Uma nuvem escura, onde um dia, havia alma dos pés à cabeça. Um silêncio funesto nos assistia. Desejo de gritar a dor da impotência. Entrei com uma vontade superior para evitar o choro.

— Vamos entrando, minha gente! Vão pondo as malas nos quartos de vocês. Ainda era silêncio.

Acompanhei os dois. Beijaram o pai ao passar pela porta.

— Quem são esses dois?

Havia vitalidade escondida, como garotos atrás das árvores na brincadeira de se esconder.

— Nossos filhos, meu amor!

Silêncio de quem não se constrange. Nada mais da antiga memória de voz comovida, de palavras bem ditas. É difícil velar um corpo onde morava um pai. O rosto tinha aparência de pássaro doente.

Ele se retirou pra debaixo das árvores. Também ele, por vezes, se mostrava um vegetal. Uma pedra era também companheira. Falou, manhã quente:

— Fique aí, querida, vou voltar. Seria eu a querida? Surpreendi ele outras vezes, quando a só a palavra não revelava tanta incoerência. Havia uma garota desconhecida, objeto de falas eventuais. Quem seria a tão pronunciada garota? Deixei-o mineral e vegetal.

Enquanto ele se concentrava em solidão, fui falar com os dois. Minha filha com as costas das mãos secava o rosto. Fingia ser um cisco. O meu rapagão de 30 anos, engenheiro de primeira, medidor de resistências e alturas, veio ter também na conversa.

— Isso não faz sentido! Falou ele, sério.

— E o que é que tem muito sentido? Se a gente vê tudo indo águas abaixo. Uma enchente entrou pra valer em nossa casa.

— Mãe, o que pretende fazer? Era a Anita.

— Tem uma enfermeira que se prontificou em ajudar. Vou assinar a carteira dela. Noite sim, noite não, vai me apoiar.

— Ainda assim não tem como a senhora suportar.

— A senhora não é nenhuma especialista. Deixa o pai numa casa com profissionais preparados pra cuidar. Essa doença é desumana com os cuidadores sem habilitação. Desse jeito, o pai vai causar estragos, sem querer, na vida de todos. Ele precisa de ternura da ciência e não de gente aflita.

— Deixa eu cuidar disso, mãe, falou José. Já vimos uma casa em Porto Alegre. Por favor, venha com a gente. O lugar e os atendentes, monitorados pelos melhores especialistas, vão fazer bem a ele. A senhora poderá acompanhar o nosso pai em visitas.

O meu filho é que era.

— Ele precisa de um tratamento melhor. Não é de asilo, muito menos de uma mulher esgotada, sem preparo para dar conta desse mal. É uma casa de atenção especializada.

— Amor se faz com ciência também, reforçou a minha doce garota.

Depois os dois me contaram do quanto buscaram estudar e procurar o lugar certo para conceder dignidade ao meu Francisco. Aceitei, ponderando minhas preocupações e meus desacertos. Os outros aqui de São Borja o que dirão?

— Diz pra todos que o pai merece um cuidado especial numa clínica especializada. Que a senhora vai dar o melhor que existe no país. Os filhos ajudarão a dar dignidade ao pai, falou meu piá. Ainda não se avalia a exata dimensão dessa doença, mas já existem medicamentos que aceleram as conexões e li, parece haver possibilidade de combater as proteínas tóxicas causadoras do mal, pontificou minha pequena.

— E será que é só isso, mamãe? Ele parece esconder alguma coisa. Vi nos olhos dele mais que o silêncio, falou José.

— Mãe, já existem entendimentos sobre o que acontece de er-

rado, estão descobrindo quais os passos da doença. Os estudiosos já começam a manipular este mal, seja com drogas ou com métodos genéticos – para reverter o problema - concluiu meu engenheiro de casas e de gente.

Gravei tudo o que diziam, que a coisa andava feia. Me davam defesa e esperança. Que precisava mais? Não salvavam o silêncio triste, mas não estava solitária diante do meu falecido. Dormimos a noite toda. Ficou sereno por causa de antigas memórias? Talvez. Antes, ouvi, o canto de Nana Moskouri. Traduzi pra mim o Canto para a Liberdade:

Quando choras também choro a tua pena  
Quando estás mal eu rezo por ti.  
Em alegria ou tristeza eu te amo.  
Recordar dias sem luz de tua miséria,  
Parece um tempo menor com meus filhos.  
Quando tu estás ausente eu espero,  
A canção da esperança é teu nome.

Ainda que carregasse a maior cruz, eram bem menores as dores. Eu tinha com quem contar. Ainda que as trevas viessem sobre mim, poderia estender as minhas mãos para alguém. Mas vejam só, observava algo diferente. Em certos momentos Francisco revelava um ar de inserção. Não mais se alienava.

Aconselhei-me com doutor Enzo e ele me orientou a seguir o que me pediam os filhos. Deixei que o levassem. Iria mais tarde. Fiquei solitária feita uma ermitã. Ao me despedir dele, olhou-me parecendo uma criança abandonada. Chorei por dois dias.



# TANTOS CONFLITOS

Estive, em breve período, duas vezes em Porto Alegre. Feliz por abraçar também a mãe de Joaquim. Ela uma avó alegre por cuidar de nossos netos, Augusto e Artêmio. Por outro lado, jamais imaginei tanta dedicação por parte de meus filhos. De fato, a casa onde ficou meu marido era um lugar extraordinário. Encontrei Francisco num cômodo bem arranjado. Estava mais distante ainda. Falei com o médico. Pouco mais das palavras já ouvidas, foi o que ouvi. O que me assustou foi ver os valores cobrados. Ao me referir com muito cuidado sobre isso, José considerou: é pouco mais que a aposentadoria de meu pai. Percebi uma situação delicada.

— Este pouco sou eu quem deve acertar, afirmei.

— Deixa assim, mãe. Afinal, sou o que sou pelo muito que ele fez.

— Escuta, voltei a trabalhar, eu assumo o que é de teu pai. Vou cobrir a diferença.

— Não precisa. Se for de sua vontade, mãe, mande para esta conta o que falta.

Fui mais uma vez até a clínica. Soube da vinda de um novo médico, especialista em depressão e DA. A conversa não rendeu muito. Apenas propôs um tratamento com novas drogas.

O que a vida tem de estranho! Mal estive de volta, se achegou um ex-colega de Francisco em minha casa. Jamais confessei a quem quer que fosse minha inclinação para com Simões. Nada demais, pois o coração é um ente sem juízo. Quando os sentimentos chegavam me

advertia severamente e as pombas se iam em revoada. Apreciava em Simões a delicadeza das palavras, semelhantes às de Francisco. Minha vizinha e confidente, Eulália, estava naquela tarde em que Simões veio saber de Francisco. E a seguir, se estabeleceu uma conversa singular.

— Você viu só, Silvana?

— Notei nada.

— Nada exagerado, mas tinha brilho nos olhos.

— Impressão!

— Pode ser.

Depois da despedida, retornaram algumas visitas. Lembrei a voz cheia de cuidados. Mais alguns dias, novamente Simões. Trouxe uns bombons, bem do meu gosto.

— Não carece, Simões.

— Vim saber dele.

— Parece mais agitado. José me falou ter começado um novo tratamento.

— Não tenho notícias de haver regressão nessa doença. Desculpe meu pessimismo, Silvana.

Meu Deus, que é de um coração? Era o meu. Sentia-me dividida. Seria falsa se dissesse: Esse diabo não me pega. É verdade, ele falecera, mas não estava morto. Mesmo assim, não podia admitir os apelos em avalanche.

Tenha vergonha, mais vale uma mulher de respeito que uma satisfeita pra depois se encher de culpa. Ia me avaliando como quem avalia um grande perigo. A atração estava mais para uma cobra e um passarinho, mal sabendo se era eu a cobra ou o passarinho.

Os dias passavam com áspides. Minha filha telefonou, chorava:

— O pai está mais quieto.

Rezei quase uma noite toda. Sonhos de traição e falatórios me devoravam ao amanhecer. Saudei o sol. Enfim, a substância erótica, pecaminosa, ardente, se evaporou com os humores da noite.

Fui trabalhar pelo segundo mês. Afinal, a minha aposentadoria mal dava para manter a casa. Ao retornar ao trabalho senti o benefício: houve uma recepção calorosa. Afinal, a sabedoria é uma vantagem boa

na velhice. A experiência norteia decisões. O trabalho me fez menos angustiada. Não poderia deixar para meu filho os valores exorbitantes da clínica do pai, não carecia tirar da sua renda o que lhe faltava. Os olhos de minha nora Isis mostraram sombras quando falamos das despesas do sogro. As palavras novamente se suavizaram ao saber de meu retorno ao trabalho. Antes de retornar à clínica solicitei a Simões para ser mais discreto nas visitas. Não sentia vergonha, mas o olhar dos outros me impedia de ser eu mesma.

Fui pela terceira vez a Porto Alegre. Moíam-me os ossos: ter pela frente os quilômetros e a dissonância mental, briga entre Francisco e Simões. Pior: não mais me envergonhava. Afinal, sou frágil entre um falecido homem que amei e cuido, ao qual vou conceder toda atenção para que tenha todos os medicamentos e os paliativos e com outro, pretendente de minha afeição e intimidade. Vou dividir o que pode ser concedido. De tanto escrever, estou aprimorando os desenhos de meu entendimento. Tenho sessenta, não vou perder o que é verdejante, enquanto secam outros galhos. Nenhuma notícia positiva sobre a saúde. Francisco, porém, deu sinal de comover-se ao perceber minha presença. Falei com o médico cientista. Expôs o tratamento:

— Por ter autorização de José, estou tratando Francisco com uma medicação experimental. Solicitei à ANVISA e foi autorizada, pois nos Estados Unidos esta droga está trazendo melhoras. Desconfio de Francisco estar com severa depressão, inibindo-se ainda mais a comunicação. A droga estimula tanto a região do hipotálamo como agiliza a transmissão do fluxo nervoso das células nervosas ainda vivas. Outra droga inibe o desenvolvimento das proteínas tóxicas. Apenas não sei a extensão das células mortas. Acho que vale a tentativa. Percebo algumas melhoras, embora ainda não muito expressivas. Estou ansioso para ver o resultado. Respondi que seria bom continuar. Mais trabalho. As minhas vinte horas passaram a ser quarenta, mais as horas extras.

Voltei pra São Borja. A intensidade de afetos tinha imensidade. Chorei pela metade do caminho.

Parecia ironia da sorte. De um lado meu filho e Anita exultante, de outro eu, em conflito. Acentuavam-se as inclinações polarizadas.

Ao chegar a minha casa, senti a presença de Simões. Deixou a casa limpa. Em tudo se respirava fragrâncias. Podara as árvores. Uma horta bem plantada de verduras e legumes. O interior recebera novas

cores, em harmonia. Um arranjo floral. Ao entrar se fortaleciam minhas preocupações. As virtudes da simplicidade casavam com os encantos de uma beleza inspirada. Chorei confusa. À noite, alguém bateu à porta. Era ele. Nos beijamos, mas meu peito dizia proibições. Pra completar os conflitos, ao anunciar pra Simões as melhoras de Francisco, entre suspiros expressou, sem convicção:

— Que bom!

Foi meu empregado o podador.

— Venho somente na mais segura discrição. Uma senhora desconhecida apareceu perguntando sobre minha presença na casa. Respondi: sou o jardineiro.

Avaliei com ele os fatos. Não poderia conviver com a esperança de ver meu marido retornar, tendo sentimentos divididos. Ele aceitou em esperar os acontecimentos da ciência pra então retroceder ou avançar. Simões retirou-se muito frustrado, compassivo diante de minha decisão de não me tornar mais desorientada. Beije-o na despedida, agradecendo a compreensão pelo meu estado. Contemplei um vulto dobrado, ao afastar-se na quietude de uma rua fosca. A lua, entre nuvens, assemelhava-se ao destino incerto. Doeu-me tanto ver, mais uma vez, um homem se afastar de cabeça baixa. Foi constrangedor pra mim sem ninguém pra olhar o que eu tinha pela frente. Amei por uns dois meses, sendo uma semi-viúva. Entre dois homens me encontrava, nem um nem outro estava em condições de preencher uma mulher aos pedaços. Que coisa mais perversa! Um velho senhor distinto de coração e de mente e outro sem distinção alguma, um frangalho humano, mas havia sido parceiro de minha história. As circunstâncias têm poder, assim lembrando, também, a Amanda.

Fui deitar, já não ficava mais de pé. A miséria humana tem desenhos e tantos. Ri de mim. Que figura de mulher era eu? Depois chorei, semelhante a uma fazedora de rios. Me impus não chorar; outro dia o laboratório me esperava. Estava por vencer o boleto da clínica de Francisco. Pra azedar o meu sono veio-me a solitária ideia de lembrar a vez na qual me contara ter dormido com a mãe pra se consolar da impotência. A desgraça de um homem em transtorno afetivo. Ri de um riso sonso...

# MULHERES

Acordei, semelhante a um rio que incorpora terras secas na medida da travessia. Ao chegar ao mar, traz uns cacos de coisas. Disso escrevo por pedido de Francisco. Fui ao trabalho. A minha pouca vida não dava o direito de me descuidar dos males. Ganhava o pão para os cuidados dele. Os exames dos doentes de São Borja faziam fugir de minha perplexidade. Quando já amava, o falecido me veio proibir.

Fazia tempo não mais conversava com a viúva Laurinda. Mulata gentil. Também ela andava de teto baixo. Linda mulher, mas se achava velha pra juntar sua vida. Gilberto é que era sogro discreto. Gilberto, homem confiável. Amou Amanda. Se minha observação é verdadeira, isso não sei, mas a paixão por Amanda, primorosa. Foi vivendo das ternuras caseiras. Ao entardecer de um dia do vigésimo amor, encostou-se em Laurinda depois do trabalho. Apenas falou, estou muito cansado, nada mais se ouviu dele. Além do filho de Amanda tivera dois filhos lindos com Laurinda, os quais Francisco não levava em consideração.

— Meio irmão é pouco - desculpava-se meu marido. Os rapazes se deram bem. Um deles trabalhava com José em Porto Alegre. O outro se bandeou pra Argentina. São Borja estava pequena pra juventude. Cidade de pouco brete pra tanta gente. Me agradava a conversa de dona Laurinda. Pudera, com bondade africana e de longa sabedoria, educou os filhos, deixando-os de um tamanho invejável. Morena que era, parecia nunca envelhecer. A natureza tem costume de apenas tornar plicê o rosto das branquelas.

Rimos juntas de nossa solidão. Riu muito ao me contar de um velho assanhado. Foi ver a conversa. Parou por aí. Só pra ver a cara de pau do velho. Eu pensava em despertar o resto de mulher em mim quando o velhaco disparou:

— Assim vou ter quem cuide de mim.

Indiquei uma enfermeira.

Não tive coragem de falar de Simões. Boca grande é a boca de cidade pequena. Bem que me segurei. Atirei o verde, minhas intenções careciam de compreensão. Avisei:

— Se a doença de Francisco for levá-lo a viver como morto, vou achar alguém. Ela me apoiou:

— Vá em frente, Silvana. Se achar alguém melhor que meu velho, não perca tempo. Esse negócio de amar pra sempre depois dos sessenta, pode ser pouco. Nunca se sabe se a promessa prospera, se não tiver lonjura que tenha largura. Mas, por favor, não firme posição definitiva que homem dura menos e quando se entrega é um Deus nos acuda.

Agradei a orientação. Rimos mais ainda.

Por mais consolo de Laurinda, o espinho era crescente. Puta merda, falava pra mim. Que coisa é essa de uma carne velha ainda chegar com tantos desejos. Que se segurem, por enquanto, minhas urgências: não sou moribunda.

Minha mãe, ó minha mãe! Mulher de uma viuvez magnífica. As memórias de Degas é sua vida. Resolveu ficar em Maçambará. Contratou uma enfermeira. Jamais saberei o que está disposto naquela velhice, por se apresentar tanta alegria. Um barco cheio de esperança e uma fê feita à feição de uma santa. Nem pensei em comentar sobre o Simões. Ergueria a espada de pau e mostraria pra mim com quantos paus se faz a dignidade. Dou graças por ver diminuída minha tesão desproporcional. Mas que era coisa boa, era! Mas nem tudo que é bom é graça, ouvi de um sermão. Nico e Degas já tinham se ido entre poucas lágrimas, que se continham mal nas dores. Mania de a mãe morte fazer o que bem entende com os filhos.

Anita quando vinha até São Borja não deixava de ir a Maçambará. Que coisa mais ilustre essa de ter devoção pela avó! Por Deus: meus filhos se saíram melhores comparados aos pais. Solidariedade perfeita, José com pai e Anita com a avó. Existem gens de bondade!

# BOAS NOTÍCIAS?

Era de se ouvir a alegria de José. Aquele do Egito não se alegrou tanto ao ver os irmãos buscando trigo para matar a fome. Venderam o homem para os egípcios, depois dava pão de graça aos desgraçados.

Assim o meu José estava ao me telefonar. O pai que havia se enterrado numa escura região da alma, agora retornava para alegria do filho. Era de se ouvir a alegria do meu engenheiro. Saído ao avô, o grande construtor agora em medidas certas, ajudou o pai a reconstruir a alma. A alegria é uma virtude maior quando nascida da solidariedade. Dedicou-se ao pai: um ano inteiro de cuidados. Agora ouvia o pai reunindo novamente palavras, ainda que depauperadas pelos estragos da doença. José em sonhos viu vacas gordas semelhantes aos de meu filho. *O meu sonho foi feito por minhas mãos e da ciência. Louvo ao doutor Homero. Foi zeloso guardador de meu pai. Salvou as células feridas, chorou sobre as mortas e fez retornar alguns sentimentos. Agora consigo entre dificuldades dividir ideias e os sentimentos breves de meu pai. A alma capturada pela depressão retorna à sua casa, recobrando memórias e lidando com a realidade como minha avó Eufrásia quando fazia pão. Lembra apenas idéias antigas, o suficiente para uma conversa.*

Ao dizer: Levo de volta o homem que te ama. Escuta só mãe: E a Silvana? Foi a primeira coisa ouvida dele. Quando Francisco já se apagava em mim, José, como se fossem sacos de trigo a matar a fome, entregou-me vivo quem já falecia. Falei pro Simões do retorno de Francisco. Diante de grave situação, o jeito é brincar: Deu pra ti, Simões. Ele riu sem comentário. Os olhos estavam devastados. Não poderia me dividir, mesmo vindo Francisco pela metade. Imagino Lázaro saindo das pedras que o guardavam. Me comovia a lembrança bíblica. Como

terá sido a reação das irmãs de Lázaro, da esposa e dos filhos? Fica difícil de crer na história, mas minha fé me diz que cada tempo possui recursos diferentes. O meu Lázaro voltou pelas mãos de meu filho e pela medicina. Se acaso, Marta esteve curiosa pela volta do irmão, do mesmo jeito estava eu. Quando meu filho entrou no pátio, com meu marido, me senti bem menos que uma deusa. Mal consegui sair do carro. Murcho como uma fruta velha. Olhou-me tentando me reconhecer. Falou: Silvana! Nos abraçamos. Eu chorava mais que Marta teria chorado. Recolhemo-nos aos aposentos. Ele olhava para a casa tentando reconhecer parte por parte. Perguntou:

— Onde estamos?

— Esta é nossa casa.

— Onde estamos? Novamente.

— Em São Borja, querido.

Confesso: o querido soou um pouco remoto.

— Pai, aqui é seu lugar. Era José.

— Obrigado.

— Eu te amo!

— Eu também.

Pelas respostas e outros diálogos percebi que a alma andava pela metade. Saíra dos falecidos para os semi-vivos. A doença se mostrava e o processo perverso se instalara cruel. A mãe morte quando abraça... Fiz que fosse até nosso leito. Havia posto um perfume pra afastar qualquer outro. Não queria lembrar meu conflito.

Deixei-o descansando e, mais rapidamente possível, fui conversar com José. Olhei-o admirada da generosidade. Perguntei sobre Anita e os dois filhos:

— O Artêmio sempre reclamão, diferente do Augusto, sempre em festa.

— E a tua gente, José?

— Uma deusa, minha mulher. Sabe, mãe, ela resiste em ter filhos.

— Não era o que ela falava antes.

— É só pra ver como são as mulheres.

— Nem todas, adverti.

Rimos, deixando de lado o mesmo da mulher grega, a Cassandra. Prometera se casar com Apolo em troca de um favor: ela poderia prever o futuro. Obtendo o favor, negou-se a conviver com ele. O poderoso deus grego castigou-a, retirando o benefício prometido. Parecia minha nora. Uma deusa das águas do Nilo negando a palavra empenhada: os futuros filhos. Menos rude estava sendo meu filho, o meu deus feito homem. É verdade: quem não tem paciência perde o céu e a margarida do campo, poetava Adélia Prado. Meu filho não estava pra perder a deusa de Porto Alegre.

Entramos, então, a conversar sobre Francisco:

— Pelo que o doutor Homero me falou posso dizer o seguinte: O caso é complicado. Os medicamentos são de uso contínuo. O estado emocional de papai melhorou. A memória recente nem tanto. Ele conseguiu retardar um pouco a morte de células da região do córtex. A mente perdeu a agilidade e vai perder mais com o tempo, salvo se aparecer algo novo. O bom nisso tudo foi de ele recuperar em parte a memória antiga. Ele vive contando histórias. A memória recente das coisas é que é o problema. Não consigo entender muito. Se a afetividade melhorou dá pra investir nisso. Histórias antigas e o amor é o que conta.

Meu filho sorriu, mostrando picardia:

— Bem, mãe, isso não explica tudo o que Homero avaliou.

— Vou ter outro homem dentro de casa. Vou ter que aprender novamente. Só espero não ter voltado nos braços da falecida Amanda.

— Acho que não. O pouco da memória está voltada pra Silvana. Acho que o amor é feito de memórias. À medida que são boas vamos estendendo nossa estrada e por aí vamos caminhando bem. Ideias antigas ainda podem traduzir boas conversas.

— Só na prática vou saber até onde ele pode ir e eu com ele.



# BONS E MAUS AUGÚRIOS

Foi de um jeito, voltou de outro. Várias são as considerações a serem narradas. Duas especialmente devem ser anotadas. De um lado, vejo ele completamente desorientado no cotidiano. Pede agora, esquece em seguida. Fala agora, esquece a seguir. Faz um gesto, perde o anterior. Quer uma coisa, a seguir outra. Busca a chave, esquece o propósito. Diz uma palavra, se desdiz na outra. Diz que vai e, não vai. Diz amor e dorme. A luz sobre si e a realidade se fazem em pisca-pisca. Será melhor viver assim ou silenciar de vez? E o amor perdeu a doçura. O desejo é primitivo, sem ritual. A reciprocidade é parca.

O que fiz, então, foi conversar com o meu homem, vivendo o passado. Aí vivia como se a memória retomassem o passado em renascimento. A intensidade dos acontecidos era comovente. Faiscava a mente por fazer brilhar a vivacidade da alma: ou se configurava a existência eterna da alma ou seriam os últimos fulgores de uma estrela? Uma explosão de fatos dados por palavras bem postas. Seria uma armação da vida ou da morte? Pouco se me dava. Foi um ano inteiro de minha vida, envolvida no passado distante. Gosto de ternura e saudades sem esquecer o cotidiano. Quase de repente retornou ele com a mãe. De fato, foi um ano de combustão de fluxos memoráveis. Nublou-se o afeto, rapidamente sumiu a comunicação. Começou a andar desorientado. Os sustos por não me reconhecer foram muitos. Apagou-se o cachimbo ardente de meu Francisco. Narrava de um rio no qual os anabatistas batizavam os filhos, mergulhando-os por inteiro. Silvana, escuta isso: meninos, católicos brincalhões, ergueram duas estátuas de colonos sentados junto ao poço do rio dos batizando, mergulhadores da fé. Os dois colonos de barro portavam cachimbos na boca. Os malandros escreveram uma

placa, deixada no colo das estátuas: “Também gostaríamos de receber o batismo, mas não queremos apagar nossos cachimbos.” Assim viviam os alemães russos com vários cultos, respeitando-se, cada qual com as próprias iluminações. Ele passava horas dialogando a sós com o passado remoto. Apreciava demais contar histórias sobre o rio Uruguai. Ali moram os maiores pescadores do mundo. Ali todo peixe já nasce crescido. As mentiras rolavam. Um dizia vedar tão bem lampião a ponto de afundá-lo no rio para à noite ver os peixes e assim matá-los com fiska. O outro, duvidando do pescador e do lampião, falava ter pescado um dourado de quarenta quilos. Impossível, diz o dono do lampião. O dono do peixe: Apaga teu lampião e eu diminuo o peso do dourado. Depois ele tirava as conclusões: Se a gente aceitar tudo como as coisas são, dá uma tristeza! A gente precisa enfeitar um pouco, senão elas ficam sem graça. Mentir, então, pode ser uma virtude. Depois de tantas histórias começou o silêncio triste, movimentos desconexos, gestos embrutecidos e o absoluto colo da mãe.

Quando reiniciaram as condutas sem controle, mais uma vez chorei. Telefonei para José:

— Venha antes de eu enlouquecer. Prestimoso, prometeu chegar ainda durante a semana. Fiquei ajeitando as roupas dele. Estava num silêncio distante. Perdeu a alma nas distâncias. O passado apagou-se. Não tinha mais o que dizer e o que fazer. Faleceu meu senhor e rei. Fui revendo as gavetas vendo, se acaso, não mais haveria alguma receita ou recomendação. Encontrei um envelope. Dentro, três folhas escritas. Não pude deixar de ler. Compras em Santo Tomé me deixaram perplexa. Por que tanta coisa? São coisas do Degas, avaliei.

Olha para mim de uma ternura bruta. Diria não elaborada pela cultura. A sexualidade existe de maneira desajeitada. O ato não possui mais a sequência de gestos afáveis: uma autosuficiência se esgota nos movimentos. Repito: Existe uma intenção bruta. O silêncio a seguir significa esquecimento. Inexiste a ternura agradecida. Na verdade o cotidiano todo é sem sequência. Por breve tempo aprendeu, com deficiência, algum regramento social. Por mais que seguisse a bula dos medicamentos, sentia que o perdia mais uma vez para a doença. Rezei muito pros quatro evangelistas em razão de terem guardado a palavra de Cristo. Nada mais se segura. Assim levamos o tempo de um ano. Me sentia impotente e esgotada. O dr. Homero conversava comigo a cada semana. Dizia ele ser Francisco um dos participantes de uma esperança

da ciência. E eu não podia nutrir os dados com otimismo. Ao final de um ano, escrevo: “os esforços foram baldados.”

Não posso negar, foram dias de glória superando o sofrimento. Comoventes horas. *Sou um perigo. Por isso você está chorando. O que posso fazer se minha alma está doente? Minha alma está aos pedaços. Não chore assim. A vida tem asperezas, meu bem.* Foi a última lucidez.

E a última lágrima.



# NA ESCURIDÃO

Lembro das queixas antes de ser tomado pela noite. A luz do pensamento em uma só fase. Mesmo estando de reino pela metade, consigo tirar o melhor de alguns pedaços da pobre embarcação em naufrágio.

*Minhas palavras incertas. Espírito, ele está moribundo. Meu Deus morre em mim. Pior que a morte é ser desagradável. Amor... Meus dias velhos não merecem você. Estou muito cansado. Quero dormir. Deixem-me dormir. Você lembra, querida, disso lembro também. Escapou o fato. Meu coração fraqueja cada vez mais. Não tome nenhuma providência. Invoco minha remota luz, minha mãe. Querida, nesta vida dividida.*

*Hoje vou escrever. Silvana cansada. Pobreza. Onde estão... Lembranças. Procuvo vazio. Um cachorro no mato. Nada. Nada. Nada. Pra ele um verde, pra mim branco. Palavras avulsas, sem ter pra onde ir, folhas no vento. Rio.... Dulce... Nico... Sogra... Mãe.... Degas... Venham, por favor... José.... Anita... Sancul, gringo, Eufrásia... Querida, coração. Laurinda, mamãe... Meu Deus. Sí.*

Borbulhou-se a nave.

Encontrei os textos escritos em tempos diferentes. O primeiro excerto, suponho, antes de partir para Porto Alegre. O segundo, tentativas desconexas, quando partiu em definitivo. Finalizo o que tenho a dizer: esforço feito a pedido do filho da mãe morte.

Que ninguém durma enquanto ele dorme. Lembro Puccini: o meu beijo se desfaz tão triste quanto o Rio Uruguai no anoitecer de brumas. Ninguém narra a última palavra. Num murmúrio disse meu nome e de Amanda. Não chegara ao extremo da doença, mas se calou por

completo. Foi mais depressão que DA, repetiu Dr. Homero. Deus salve a sua alma. Você, meu príncipe, enquanto nestas roupas frias encolhe o corpo, tenha a alma nas estrelas e brilhe sempre livre dos laços que sufocam. Mais não digo, que o silêncio é o único remédio nesta circunstância. Que tua fé, meu menino saudoso da mãe, seja o consolo pelo esforço de conceder palavras certas às crianças de São Borja. Navegue com teu barco eterno em direções sem dor. Que ressuscitem as palavras e os sentimentos mais ternos, semelhantes em tudo quando me tinha em teus braços. Eu trouxe da fronteira beijos finais de tuas amáveis Dulce, Laurinda, Eufrásia. Se não apurar o passo, querido, elas vão te alcançar. Aqui tens teus filhos. Flores vindas de longe. Retorno agora.

Lembranças minhas ao teu sogro Nico, ao Degas, ao teu pai. Grande abraço em tua mãe, ao gringo Dal cul e a outros dos quais minha memória não auxilia. Aqui tens também o Simões, provavelmente será meu companheiro na tua falta. Tua ausência, falecido ou morto, não diminui meus desejos. É certo, por mais que me aproxime de alguém, jamais terá a força e o ânimo que já me tens dado. Entre o céu e a terra não haverá outra criatura que tenha alimentado tanto a minha alma. Vejo o mundo por ti. Me pergunto agora: “o que pode um homem fazer de um mulher?” Pra começar você me fez mulher, me deu filhos, dobrou em mim as possibilidades de ver. Sinto, neste silêncio sem beijos e sem o riso alegre dos comentários, uma dor que morde. Te enterro com uma dúvida: “O que fizeste com tanta compra em Santo Tomé?” Que brinques com o Senhor e diga pra Ele então o que dizias: Se fosse tu o Senhor, faria bem melhor a espécie humana.

A fera humana, como você dizia, querido, se solta facilmente. Nem o filho de Deus contém todas as loucuras. Guardo o melhor: você.

# OS TEMPOS SUCEDEM

Entrego para minha filha Anita as páginas de Francisco e as minhas. Que ela e os piás possam levar adiante a saga aqui mostrada se assim julgarem interessante. Um beijo para minha família e para quem ler este testemunho humano. Palavras aprendidas de Francisco.



# EU, ARTÊMIO, O ESCRIBA

Um dos piás de Anita sou eu, o Artêmio. Resolvi levar adiante a proposta da vó Silvana. Para tanto, me disponho a estar esperto igual a Einstein: revelar veredas que eu vejo, retas e tortas.

Fui o primeiro a desconfiar da avó Silvana, ainda vivo o vô Francisco. Começo por fatos menos elogiosos, através de um diálogo emblemático de dificuldades iniciais. Pouco mais de uma hora da tarde, refeição em família. Externei minha opinião sobre a pouca santidade de uma senhora merecedora de grande respeito. Falava-se, por alto, sobre a fidelidade da velha senhora, minha querida avó Silvana:

— Quando ela veio pela segunda vez visitar a clínica, vô Francisco já era o secundário, propalei na mesa.

Joaquim, meu pai, advertiu:

— Não fale bobagem, Arte!

— Falo sério, pai.

— Deixe de brincadeira!

— Se abrir mais uma vez a boca vai ter, guri! Xingou mamãe.

— E se é verdade!

— Esquece filho, por favor. Agora coma.

— Acho até que o vô desconfiava dela, por isso ficou quieto como urutau.

— Será possível, não vai ficar quieto, mesmo? Pegou mais forte papai.

— Não tá aqui quem falou.

— Acho bom. Tranquilizou-se mamãe.

— Pensar isso da vovó! Brincou Augusto. Que coisa Artêmio!  
Donde tirou isso?

— Do olhar dela.

— O que tinha a vó no olho, guri! Instou, irritada, dona Anita.

— Tinha brilho quando voltava pra São Borja. Parece até que não conhece a vó?

— Olha o respeito, piá.

— Tenho muito, mãe. O que vou fazer por ver o que ninguém vê?

— Nada filho. Você também pode estar vendo chifre em cabeça de cavalo.

— Perdão, mãe. Vi isso no vô.

— Basta, já é demais.

— Desculpe, mãe. Também... A senhora me dando a bola quicando!

Joaquim e Augusto se riram, fazendo Anita perder a postura. Retirou-se, irritada.

— Da outra vez, vocês três vão comer fora de casa.

Riram mais. Anita dissimulava a raiva.

Depois desta movimentada contenda entre a dignidade de Francisco e a falada infidelidade de Silvana, houve aparente calma. Anita atenta a tudo, inclusive às minhas palavras, ficou preocupada. Soube depois de um diálogo entre ela e meu pai:

— Será que minha mãe anda desse jeito? Uma velha, que coisa!  
O que você acha do comentário do Arte?

— E se for, e daí?

— Não aceito isso.

— O teu pai não está nem mais aí. Tá mais morto que falecido. Daí, se ela achar alguém? Ela por acaso não está novamente trabalhando pra dar atenção ao melhor tratamento? Ela faz o que é possível.

— Quer dizer que você faria o mesmo?

— O que sei é: se eu estivesse morto como Francisco, não sabe-

ria de nada e não retiraria qualquer amor que pudesse agradar a quem quer que fosse. É querer demais controlar os outros depois de morto.

— A bobona sou eu! Agora, um doente é morto?

— E tem mais... Ela estava aposentada. Voltou aos frascos de manhã à noite pra dar conforto ao marido na clínica. Ela não abandonou o semi-falecido.

— Está bem. Mas não concordo. Mal meu pai se entregou e já ela andar de festa por aí? Quero ver, então, se ele corresponder aos novos medicamentos e voltar a ser ao que era?

— Se for de ele retornar da doença como Lázaro fez na morte?

Assim aconteceu pelo visto na história. O que os pais não sabiam era de minha visita até à clínica. Desde São Borja, eu tinha uma inclinação próxima de Francisco. Nós nos identificávamos. Não havia segredos. Os anos foram passando e não havia mistério de um ao outro. Francisco narrou aventuras pela Argentina com o Degas, comentou encontros com a psicóloga. E muito mais, dizia sobre os sonhos com Amanda. Falei pra minha mãe dessas falas antigas:

— Não sei se o teu vô está delirando ou se é você, meu filho. Pode parar com essas fantasias. Imagina só se a vó Silvana souber destas loucuras. Esquece meu filho.

— Vou me calar, mamãe. Mas não vou ficar sem saber a verdade.

— Nem um pio a mais sobre isso. Isso me deixa triste. Ver um pai enlouquecido, falando bobagem. Ele sempre media as palavras e as condutas. Minha mãe não tem isso aqui ó pra falar dele. Ir pra Argentina. Que eu saiba foi uma vez só pra ajudar o Degas.

— Está bem, mãe. Esquece o que disse.

Assim se foram alguns meses e parecia que a intimidade de uma história se perderia.



# ARTÊMIO DESCOBRE VÔ FRANCISCO

Vou ver de perto essa história. Eu, aluno do Curso de História não me conformo em ficar quieto diante das provocações da professora de História Regional. Quando a professora Patrícia refletiu ser a importância da história dos vividos tão importante quanto a História oficial, me senti atraído por ela. Convenci-me dos argumentos dela. Na história oficial aparecem os fatos impessoais, embora decisivos na vida, pois a História e a Geografia tecem nossa vida bem mais do que pensamos. Essa conversa que se diz: nós somos o que queremos ser, é geralmente, equivocada. Somos as circunstâncias. E principalmente a história próxima da gente é que conta na formação de nossa vida: são os nossos vividos.

Vou começar a falar comigo mesmo, que deste papo de saber quem sou e de onde viemos me interessa. Minha mãe, por exemplo, se arrepia toda só de pensar em descobrir a vida do pai e da mãe. Quando falo disso, ela me manda vê-la na esquina. Querida mamãe, a ingenuidade é boa. A ignorância, por vezes, também, mas não fazem parte de minhas inclinações. Quando ia ver meu vô, logo após de ele fazer uso do novo medicamento, ouvi coisas de louco. Minha mãe não queria saber.

— O pobrezinho do professor sempre foi um santo e você quer, a todo pano, saber um lado que nunca existiu.

— Por isso escrevo pra saber a verdade. Quero saber dos vividos pra saber o tamanho de minha família. Não acredito na santidade de ninguém. Todos carregam diabos ou será só eu que me sinto assim? Acho até haver mais de um. Prefiro assim a andar por aí como por asas

de anjos: na santa ingenuidade. Amo meu lado benigno, *pero* a curiosidade mora comigo. Carrego, acho assim, duas personalidades. Uma em casa, coisa mais fofa. Não gosto de causar tensões. Fico na minha, principalmente após as conversas em torno da infidelidade de minha avó.

— Que coisa mais boba, filho, duvidar da avó.

— Não tenho vocação de político. Tenho ficha limpa. Sou respeitado, mas como não sou de matar, ficam alguns ressentidos pra provocar a minha dignidade. Santo Deus, quando chegará o dia pra diminuir minha testosterona? Mas essa, de saber mais, é comigo.

— Pode parar que desse jeito vou passar vergonha, meu filho.

Sou um tipo de justiceiro às avessas. Mais me divertem as arimanhas humanas que a justiça. Gosto de ver as coisas certas e certas coisas, principalmente aquelas de minha família. Pois bem, quando meu avô Francisco, ao iniciar a ingestão de novos medicamentos, voltou a falar, fui eu o ouvidor de transgressões passadas. Consegui o seguinte: pudor dele em relação aos atos guardados saiu como rompendo um tampão que o sufocava. Uma semana depois repetiu a dose de pecados. Até falei pro papai a respeito da conversa de minha visita. Amava o velho parecendo um Dom Quixote, tamanhas as aventuras ocultas. Joaquim disse pra não dar atenção aos delírios do velho Francisco. Não conte pra ninguém. Esses dias você já tirou a tua mãe do sério vendo atitudes suspeitas da avó. Meu Deus, quanta dúvida, ora era eu o vidente, em outra vez o imaginário avoengo soltava fagulhas proibidas:

— Fala de uma vez, guri. Se for o caso vai ver de perto!

— Não papai, deixa pra lá, vou primeiro me certificar melhor. Assim farei.

A conversa foi assim até quando me sentiria convicto de ir mais longe.

Semana posterior às primeiras confissões, cresceram em mim a curiosidade e algumas questões. Teria mais argumentos para levantar uma hipótese histórica em torno de alguns eventos pessoais de meu vô? Isso é: tenho pra mim o seguinte. As pessoas e as instituições são o que são em razão das circunstâncias emergentes. Todos sofrem de patologias, às quais emergem, nem se sabe ao certo donde vem. Posteriormente, vem ainda o vento do imaginário formatando o perfil final. Os mitos assim se sucedem. Estão fazendo de meu avô um Espírito Santo. Bem

mais fizeram a Cristo. Amo este homem como amei a poucos. Deus do céu, que loucura foi Constantino dentro da tradição romana fazer dele um deus. Não vou falar das patologias próprias do pensamento mágico daquele tempo. Fizeram de Jesus um Cristo onipotente, assim fazem de Francisco um homem mítico. Um venerável homem posto em muitas virtudes. Um justo pra sogra. Um ótimo pai. Disso não retiro um centímetro, mas ser ele ilibado já é demais. Não creio em fantasias. Toda bondade carrega males. Isso vou ver nos vividos de meu avô. Dizia-me um psiquiatra numa palestra da universidade: o ser humano se desenvolveu entre sustos. Qualquer movimento ameaçador pode despertar o assustado dentro de nós e aí pode revelar toda defesa e ver inimigos por todos os lados. De gente sem problemas psiquiátricos, pode de repente nascer uma fera. De gente fiel pode nascer um infiel. Minha mãe, não sabendo de minha presença em casa, falou:

— Meu filho Arte é um rapaz difícil. Não aceitei as palavras. Apenas via um pouco mais. Estão fazendo de mim o avesso de Cristo. Pela conversa daquela manhã, tomei a decisão de ver tudo o mais que fora meu avô. Vou passar minha família a limpo. Também diziam de minha bisavó Amanda: uma mulher generosa. Saiu da capital para morar no campo. Uma mulher cheia de gentilezas. Agora, essa de minha avó Silvana ser uma santa fiel ao amado marido, me pareceu um pouco demais. Dedicada, sim! Vou ver de perto. Essa história de ser eu o difícil me cansou. Pareço um diabo cheio de culpa. Vou ver o quanto o bem pode ter maldade e o mal, bondades. Isso vai me ajudar a compreender a história humana a partir do particular. Vou espiar minha família. Honestamente, não quero dar uma de maniqueísta, desculpando meus desacertos e condenando gente de minha família. Vou ter a virtude de olhar sem condenar. Não sou autoridade em virtudes. Colherei, passo a passo, o caminho das alegrias e dos sofrimentos, vendo aí o quanto de bondade existir.

Ando entre a ironia e o elogio sincero, entre a verdade e a mentira, entre a crença e a descrença, entre o amor e o ódio e lá vou eu sem a retidão permanente. Vou saber da verdade, ainda que seja em parte.

Pergunto-me, então, qual o motivo desta tarefa? Minha incomformidade reside em dizerem para não macular a grande família que eu tenho. Assim me sinto muito torto. Não estou me fazendo de vingador do passado familiar. Quero alegremente mostrar os limites naqueles que são tidos como santos. Na minha família, somente meu bisavô Nico

Freitas e eu somos de uma categoria de pouca dignidade. Não sou de acabar com os meus. Eu os amo, mas chega de hipocrisia. Vou rir de nossas limitações. Acho sim, quando nasci uns diabos me cercaram, fazendo de tudo para me afastar dos caminhos perfeitos. E vou cada dia mais me aproximar honestamente de mim mesmo medindo com prudência o que deve ser dito e feito. Então, vou me cuidar ainda mais. Que não me venham dizer que sou de estragar o que foi feito. Vou mostrar com boa vontade as tonturas de minha casa. Vou brincar com os meus. Não serei cínico. A bondade com pitadas de humor. Pasmem, enquanto tais ideias me forjavam vieram pra cima de mim. Minha mãe novamente apontou meu erro em ver coisas feias de minha família:

— Vai devagar, guri!

— Então, piá, você fica imaginando coisas sobre minha mãe e agora deu de ouvir bobagens de um avô que não sabe mais o que diz?

— Esquece, dona Anita, não vi ou ouvi qualquer miragem. Foi ilusão a felicidade dela quando voltava pra São Borja.

— Não seja irônico!

—.....

Ela ficou mais irritada com meu silêncio. A bem da verdade estão de ideias formadas pra cima de mim. Que coisa! Um erro aqui outro ali e eis que estão generalizando minha maldade. Interessante. A minha casa fazendo isso comigo. É verdade que volta e meia dou uns petelecos no Augusto. Põe piá murrinha. É verdade que me chateiam as aulas de Matemática. Faltam neurônios dos números em mim. Gosto de dormir além da conta. Vivo metido dentro de meu computador, no celular nem se fala. Detesto fazer isso e aquilo quando estou concentrado num jogo. Agora estou tentando fazer de um tudo pra não dar na vista. Tem vez de não ter feito e teimam ter feito. Por exemplo: deram um veneno pro gato Mião do vizinho. Mais mia o gato depois de curado. Culpado: Artêmio. Soube pelo vizinho Damião:

— A dose foi fraca pra matar meu gato. Falava olhando desconfiado pra mim. Filho de uma puta, teu gato de merda vai morrer, tramava dentro de mim. Não é que o gato me amava, tanto é que bastava chamar pspspsp e vinha direto pra mim. Dia de nuvens feias. Rua movimentada. Final de tarde. Não deu outra. Atropelaram o gato do vizinho. Sai de fininho. Voltei quando anoitecia. Vim com livros de

história dos chimangos e maragatos. Um gato morto era fichinha perto das mortandades. Não me culpavam do gato morto. Augusto veio com indiretas. Ele ria e eu, satisfeito, disfarçava.

Não se assustem nessa minha confissão. Estava nos meus altos 21. Comecei a trabalhar numa escola particular. Durante meu estágio me saí bem nas aulas de História. Sei de alguns professores torcendo o nariz pela direção aceitar um fedelho como educador. Não dei bola.

Em casa, ficaram de boca aberta. Sentiram em mim um sujeito com perdão dos pecados. Me viram um provedor. De um sujeito pouco confiável passei para a categoria dos guerreiros. Agora sim, fruí de reconhecimento, cumpridor de dez mandamentos e outros.

Depois, mais uma vez me baldiei pros lados da clínica ouvir mais de meu avô. Tive sorte. Mostrava-se em momento de razoável lucidez. Um surto de comunicação. Falou, chorou, se desculpou e confessou.

— Tenho uma filha em Santo Tomé. Vai ver por mim como ela está. Vai?

— Vou, meu querido Francisco.

Depois voltou à reclusão absoluta. último esforço em busca da verdade. O tardio efeito medicamentoso ou qual seria a razão desse acidente positivo?

Abracei-o, comovido fui para casa.

— A diretora te contratou mesmo? Interveio o Augusto, mal me adentrei em casa.

— Não, foi o papa! E vou escrever um livro macanudo!

— Sobre o quê, mesmo?

— Sobre os vividos de minha família.

— Vividos?

— Falo da história íntima de nossa família. Quero conhecer mais dos bisavós Gilberto e Amanda, do vô Francisco e da vó Silvana. Quero cercar a todos e saber da vida deles. Me armei de cima a baixo, abrindo o jogo:

— Quero ver, por exemplo, sobre a filha de Francisco na Argentina.

Aí o pau comeu. Moeram minhas ideias.

— Era só o que faltava! Protestou minha mãe.

— Querida mãe! Já estou crescendo pra não ficar devendo ao passado. Vou apenas descobrir acontecimentos negados. Vou me haver com minha gente. Vou saber das narrativas do meu avô: foi delírio ou um pedido consciente?

— Que pedido?

— Primeiro vou me certificar de tudo, depois abro meu bico.

Minha mãe olhou-me com um ar carregado de preocupações. Semelhante a um conto de Lispector via o quanto ela mesma fazia parte das raízes negras e suaves do mundo. Bem mais que um fim de tarde havia um ar instável perpassando a casa toda. Senti por um momento uma nova verdade familiar. Ela respirou fundo. Aquele peito dera meu primeiro alimento. Agora dizia confiar no homem nascendo em mim. Nos afastamos sabendo da novidade emergente. Confiava no filho parido com dores. Menino ainda, estava aí um professor de História. Não podia fazer feio. Até Augusto me abraçou. A minha juventude crescera de repente. Por meu título de professor, passou a acreditar na possibilidade do santo paizinho ter pisado na bola. Melhor: ter feito gol em campo alheio. Vislumbrar novos horizontes afetava a todos. Até meu pai, tão discreto, percebeu haver possibilidade de novos laços. Estou louco pra saber a verdade. Afinal, faça parte. Ficamos comovidos por confessar o desejo de ampliar o poder de encantamento.

Antes de dormir, pedi aos céus e a mim mesmo pra não esquecer este desvão maravilhoso: que não fosse periclitante. Tivesse uma firmeza confiável. O reconhecimento estava me fazendo muito bem.

No outro dia, a doce mulher, minha mãe, se chegou beijando o meu rosto. Conseguiu dizer:

— Faça tudo pelo melhor, cara! Dificilmente vou poder ver tanta ternura quanto aquela, posta nas mãos ao me estender a manteiga e o pão. Pela tarde, senti meu pai me rodeando.

— Vai fundo, filho. Descubra de vez tua família. Gostaria muito conhecer a minha também. A gente anda sempre ligado em coisas e perde a vida. Desculpe, fico aí fazendo sermão. De fato, não sei dizer palavras certas.

— Pai, sempre me senti protegido. Isso sempre foi o principal

para mim. Não fui muito confiável, mas acho que estou dando a volta por cima.

—Tenho orgulho de ti! Sou um vendedor de pregos e parafusos e nas horas vagas mecânico pra me distrair. Não tenho capacidade pra dizer muita coisa.

—Engano, meu pai Joaquim. Duvido haver pai mais sábio. As observações ajudam muito. O senhor nunca pontificou. Sempre perguntava ou opinava sem forçar. Isso faz bem pra liberdade de aprender. Ainda estou aprendendo. Fique sabendo: é dos pregos, dos parafusos e das graxas que me vieram o pão, as mesadas e toda minha instrução. Preciso ainda de pregos e parafusos.

—Vá em frente, filho. Tire a limpo o que for preciso.

Não sei ao certo as ocorrências pra meus pais estarem tão abertos às minhas decisões. Perceberam o quanto também eles poderiam compreender o tamanho de nossa família? Ou seria apenas uma curiosidade? Acho ter mexido muito ao revelar um pedido de meu avô:

—Vá até Santo Tomé, na avenida Gervasio Artigas, uma casa de comércio. Nada mais conseguiu dizer.

Doeu em todos a notícia repentina do falecimento. Estava reduzido a nada. Levamos os restos de um homem importante para enterrá-lo em são Borja. Retornamos e eu aos meus propósitos. Pedi silêncio a todos sobre minha empreitada para Santo Tomé. A vó Silvana poderia resistir fazendo de tudo a que não levasse adiante minha decisão.



# REPENSANDO A VIDA DE FRANCISCO

Mamãe me viu tomando nota:

—Posso saber por que tanta concentração?

—Vendo o que fazer para recolher a melhor fundamentação para minha professora: história da vida privada. Ela é rigorosa quanto aos argumentos sobre o estudo da vida íntima de comunidades e de famílias. Estou preparando o trabalho final do curso. Gosto de apreciar os rumores calados em diversas fronteiras de minha casa. Vamos ver!

— Faz bem! Muito bem! Se for recolher os vividos, como você fala, é bom saber que o rio, quando está baixo, fica complicado desviar a canoa das pedras. As correntezas são maiores e até podem jogar a gente pra cima dos sarandis ou ao fundo. Isso falava teu avô.

— Eu sei, dona Anita. Aprendi a pescar com ele. Estou ficando prudente como meu pai. Fique fria, o meu estudo será bem feito.

Depois ela saiu com o tamanho de um ponto de interrogação. Notei-a, ainda tão jovem, curvada. Quase chorei. Depois fui à cozinha dizer-lhe que ela estará orgulhosa de mim.

— Sei também o quanto se preocupou com o avô. Ele ainda não saiu da senhora. A morte espiritual dele continua sendo velada. Deixa disso mãe. E não se assuste se vou retomar a vida dele. Ele pediu pra ver a filha na Argentina. Apenas me preocupa a reação da vó Silvana. Se o avô andou se precipitando, vou ver o que se possa dizer. Dá aqui um abraço e seja um pouco mais feliz, mamãe.

— Você não entende tudo, guri. Você já está saindo de casa. Isso me dói. É uma coisa ser mãe. Sinto ainda você se mexer em mim e já vai dar o fora.

— Vou voltar e talvez com mais gente ao voltar.

— Nem pensar. Muito menos vir com uma castelhana a tiracolo.

— À vezes de onde menos se espera não sai nada, *mas... Pero que si pero que no! Mamita, quizás puede salir una diosa.*

— Te manda, senão eu choro. São Borja é um mistério. Sai cada uma. Não esquece de ir até Maçambará beijar a tua bisa Eufrásia. Aqui-lo sim tem alma.

# SUSTOS NA CHEGADA

Que viagem! Pensei o quanto sofrem os mais velhos numa viagem do corvo. Estava liquidado,urgia um banho e uma cama. São Borja devia ser um santo penitente. Que eu saiba ele levou a santa rainha Isabel, morta, de Toledo até Granada. A morta chegou podre, desfeita, depois de 15 dias de viagem. Resolveu servir a Deus, aquele que não morre. Morto estava eu, mas não podre, tampouco carregando uma rainha morta. Buscava uma mulher muito viva. Tinha o que fazer. Me dirigi até à casa de minha avó. Tarde da noite.

Com alguns passos cheguei lá. Bati à porta. Ela se abriu entre murmúrios de um homem e uma mulher. Quem será o homem? Abriu-se a porta.

— O que faz aqui, Arte?

— Arte, minha avó.

— Tô vendo.

Ela ficou encabulada ao ver meu olhar estranho na direção do Simões, conhecido como o motorista dela no enterro de meu avô. Queria só ver a cara de minha mãe.

— Sou o Simões. Não estranhe. Fui promovido de bom motorista a companheiro de tua avó.

Pois só pra ver como é a vida. Mal se fora o morto e ela já curtindo um vivo. Entrei.

— Veio visitar a vó?

— Estava com saudades. Mas vó, a senhora está cansada e eu também. Vamos conversar amanhã.

— Deixa eu requeantar a sopa.

— Uma boa ideia. Enquanto isso, vou tomar um banho, depois caminha.

— O quarto de meus netos está sempre pronto.

— Obrigado!

— Veio somente pra ver a vó?

— Deixa eu dormir com um assunto muito interessante. Vamos conversar amanhã. Acho que me vou pra Argentina completar uma pesquisa.

— Então, até amanhã.

Fui dormir, me espicaçando as preocupações do que dizer sobre a promessa de ver a filha de Francisco. E quem há de saber das reações dela? O que vai dizer da traição do falecido?

Aos poucos, meus olhos deram lugar às visões do espírito.

Sonhei: um caçador sem muita coragem, insuficiente para espantar um leão. Tremia todo. Acordei-me durante a noite. Pela madrugada, não conseguia mais dormir. Pelo movimento da casa, nem minha avó. Dia claro, a dura hora de falar a verdade. Levantei e me dirigi até à mesa do café. A vó, dobrada a frente, meditava. Cheguei por trás, abracei-a e disparei com alegria:

— Bonito, vó, escondendo um namorado da gente.

— Um velho querido, o Simões.

— Já notei a velhice dele.

— Foi assim e não me acuse: da primeira vez que o teu vô ficou de alma morta indo a Porto Alegre, o Simões se encorajou, revelando amor de muitos anos. Sabia disso pelo olhar. Quando Francisco retornou curado pela metade, tomei pra mim o cuidado de Francisco e mandei Simões passear. Uma só vez fizemos um rápido exercício de amor e só pra me encher de culpa. Só depois de teu avô retornar a Porto Alegre com vida pouco mais de um vegetal, é que retomei a vida com Simões. Está bem assim?

— É verdade, as circunstâncias justificam muitos comportamentos. Não vim pra bisbilhotar a vida de ninguém.

— Veio só pra ver a vó?

— Não. Vim cumprir uma promessa.

— Promessa?

— Uma promessa feita ao meu avô, antes de falecer. De uma feita, quando foi com o Degas pra Santo Tomé, ele me afirmou ter tido um caso com uma castelhana.

— Filho da puta!

— Ele me afirmou que o caso se deu assim. Estava bêbado. Dormia no hotel quando uma castelhana, filha de um tal de Artigas, Felícia, o surpreendeu em sua cama. Acordou-se quando já era tarde. Tudo parecido a uma lenda. A deusa pobre de nome Penia comeu o deus rico, o Poros enquanto dormia. Daí nasceu o Amor.

— O desgremado comeu dormindo. Conheço bem este comedor.

— Foi o que ele contou, vó.

— Se não estivesse morto eu matava. E você veio pra me contar?

— Ele me pediu pra ver como andava a filha, de nome Sílvia. Me falou e morreu. Eu resolvi contar logo pra não andar dissimulando. A senhora sempre me ensinou a ser sincero. Lembra das vezes que a gente vinha pra cá?

— Está bem! Isso me alivia em parte de eu ter traído ele quando já não mais vivia de alma inteira. O que fiz é bem diferente. Eu andava inteira e sempre amante. Ele me aprontou, desgraçado. Aprendeu ligeiro a língua castelhana.

— Tudo parecido. A acastelhana pegou meu avô que dormia. A senhora pegou o Simões enquanto meu avô morria.

— Cadê o respeito, piá! Eu estava aí, bem viva e ele semi-morto. Não misture alhos com bugalhos!

— Desculpe a brincadeira, minha querida Silvana.

— Filho de uma puta, bem que desconfiei do animal. Essas idas pra Santo Tomé nunca me convenceram. E minha mãe, então. Uma vez me deu uma indireta... Até ela me enrolou. A dona Eufrásia, sabia. É coisa que se faça para uma filha? Tá certo... As notas de compras guardadas na gaveta...

— Agora que contei, posso tomar café, querida e amável vó?

— E não te fresqueia que te joga leite fervendo!

— Não faz isso, que ainda hoje quero ir pra Maçambará ver a bisa Eufrásia. Quero também te dar um bisneto. Se me queimar como há de ser?

— Se tiver, que tenha mais respeito pela bisa.

— Perdão vó, vou só fazer o que prometi ao falecido.

— Falou em ir pra Maçambará? Vou junto. Vou arrancar os poucos cabelos dela. E não tem como fugir presa na cadeira. Tenho certeza que sabia!

— Não seja tão má, minha vó.

— Cúmplice desgraçada!

Nesse momento, adentra o Simões.

— Posso participar dessa charla?

— O Artêmio e eu vamos pra Maçambará. Você pode nos levar?

— Falou, minha rainha! O cavaliariço obedece, meu amor.

— E vem cá, você sabia da filha do Francisco pras bandas de Santo Tomé? Ela se expressou de voz tinindo.

— Sou inocente de qualquer aventura do Francisco. Nada sei e tenho raiva de quem sabe.

— Tenho lá minhas dúvidas.

— É só o tempo de me vestir e *vamonos*, como dizem os castelhanos de *mierda*. Já telefonei pra cuidadora da bisa, avisando de nossa ida.

Fomos. É complicado viajar com uma mulher cheia de raiva, mesmo sendo minha avó. Busquei contar sobre meus estudos em História. Falei até da batalha das Termópilas.

— E vinham os soldados gregos quando foram atacados entre rochedos de pequena passagem, vó. Os gregos, com pouco mais de 2.000 homens, detiveram por dois dias o exército persa com mais de 100.000 guerreiros. Aí um grego traidor mostrou aos persas uma passagem secreta. Morreram todos os gregos. É célebre a frase dita em homenagem aos lutadores mortos em defesa da pátria: *estrangeiros, aqui jazem dois mil gregos obedientes às leis*.

— É bem isso, a gente luta e sempre aparece um traidor.

— Mas ele dormia, vó.

— Como dormiam os teus gregos de espada na mão.

Mais umas duas ou três frases e o resto era silêncio. Por fim, chegamos. Na porta da casa, minha bisavó Eufrásia, de olhar austero, mirava o horizonte. Mal minha avó saíra do carro já gritava.

— Até tu, minha mãe é uma traidora. Francisco tem uma filha castelhana. A senhora sabia?

— Sabia.

— E não me contou, por quê?

— Porque estragar a festa de uma família por conta de uma estrangeira? Como soube?

— O teu bisneto me contou.

— Vem cá, querido. Dá um abraço na bisa, antes que minha filha me mate.

Antes de o ambiente se acalmar, Eufrásia atacou:

— Francisco dormia, diz a lenda. Você não dormia quando teve caso com Simões.

— Quando isso aconteceu, Francisco era meio morto. Eu, viúva de um morto vivo.

— Deixemos isso de lado e vivamos, filha! Deixemos os mortos dormir em paz!

Ela deu por terminado o assunto das traições de poucas diferenças. Aí apareceu a cuidadora Merenciana. Cada nome, vindos pelos ventos desses campos!

— A boia está pronta!

As expressões também se vão com o tempo. Que coisa mais arcana. A boia está pronta! As notícias de minha casa foram breves. Eu andava nos cascos pra me mandar. A dona Silvana olhava de soslaio pro Simões. Estava de espreita pra quem quer fosse. Terminado o repasto, outra palavra vetusta e feia, a bisa pediu para que eu a levasse a passear.

Fomos indo, indo... Entre gramas, macegas, arbustos, árvores e tocos até chegar no alambique, feito uma tapera. Não se mostrava na beleza do Degas.

— Aluguei pro Ermindo. Não faz cachaça como Degas fazia. Sobrou, de bom uma saudade leve. Aquilo sim era um homem e não essas coisas que eu vejo por aí.

— Lembro dele também, bisa.

— Sempre moderado. Até no fiasco de teu avô, no dito sono, Degas foi importante. Sabe, Arte, numa ida minha pra Santo Tomé, fui conhecer a menina. A carinha, um desenho do Francisco. Belezura! Mas desta história de estar dormindo, até Deus duvida.

— Amanhã vou conhecer a prima ou coisa que o valha. O vô Francisco deu umas dicas pra encontrar a filha em Santo Tomé. Diz ele que é só falar num tal de Artigas, comerciante, que todo mundo sabe quem é. Engraçado depois desse momento de lucidez, ele se apagou.

— Depois de ter a filha, tive sempre a impressão de ele se sentir mal. Se dormia ou não, enquanto tomaram as partes dele, pouco importa. Peço, Arte, não faça um amor com duas mulheres. Sei da minha dor quando descobri a traição de Nico Freitas, teu biso.

— Vou lembrar essas palavras.

— Agora vamos. Tua vó deve estar louca, engolindo sozinha tua notícia. Mais uma coisa. Tome cuidado com tua prima...

Assim que chegamos à casa, aproveitamos o cafezinho da Mercenciana, vindo uma seca despedida.

— Tchau, filha. Um abraço forte!

— Tchau, hoje sem abraço. A senhora me deve uma pedrada.

— Te amo filha, coisa linda do meu coração.

E o carro tocado por Simões cruzava o campo, alto do chão. Andava louco pra se afastar do olhar de Eufrásia. Numa curva mal alcançando o rumo, ouviu.

— Se levantar voo, te mato!

Essa é que era minha avó.

Lá pelas tantas, não me segurei. Ria a não mais poder. Ela virou-se para mim.

— Você ri porque os chifres não são teus.

Aí sim, foi o que deu. Simões e eu soltamos gargalhadas. Por trás, abracei com ternura minha avó. Inclinou a cabeça, encostada à minha. Chorava em silêncio.

# CONFISSÕES EM TORNO DE UM MORTO

Chegamos, enfim, em São Borja. Simões preparou um chimarrão, enquanto, apreensivo, matutava em torno da chaleira. O destino é incerto, não vou me negar a dar uma mãozinha. Apelei para as velhas histórias gregas... Dizem aí morar sabedoria. Tomei coragem.

— Sabe vó, amo as histórias gregas. Tem cada uma!

E ela quieta, parecendo um urutau no poste. Um minuto... Dois...

— Já que não tem o que dizer, pode contar.

— Contavam os gregos... Se não é verdade não me culpe. Vó de minha vida, não me olhe feita uma deusa morta.

— Abra a boca, guri. Simões, sai ou não sai este porongo!

— Tá na mão, querida. Simões todo atenção.

— Lá vai: existia um Deus chamado Poros e uma deusa, a Penia. Ele poderoso, ela pobre, mas desejosa muito de um filho. Não queria se entregar a um deus pobre. Gastou o que não podia em roupas. Partiu para uma festa dos deuses. É hoje o meu dia, afirmou Penia. Quando Poros andava mais pra lá do que pra cá, foi se chegando a ele. Penia o ajudou com mais alguns licores dos deuses. Quando Poros não sabendo o que fazia, a deusa pobre levou-o a um lugar discreto e fizeram o amor. Sim, o amor. Dessa relação nasceu ele. O deus do amor: tinha o poder de Poros e a fragilidade de Penia. Assim é o amor, diz a lenda. É carente e também poderoso. Por vez se sente fraco, carecendo de atenção, às vezes poderoso, protegendo. Assim acho também, vó. Nem sempre somos fortes, nem sempre somos fracos. E com uma cachaça do Degas, Poros dormiu ... Desculpe... O Francisco dormiu.

— Tá querendo o que com essa história?

— Espero dar proteção e ser protegido nos devidos tempos.

— Só isso?

— Todos nós andamos como o deus do amor. Às vezes, debaixo do mau tempo, por vezes, sol de brigadeiro. Penso então, no vô Francisco. Penso na tempestade pela qual passou. Sei de tua raiva em relação ao que aconteceu quando bêbado. E a senhora não está me acusando por atravessar o rio pra ver a filha dele?

— Não acuso de nada. Fiquei sentida.

— Veja, vô. Penso em meu avô como poderoso, assim como a senhora sempre foi. Mas sempre se tem o lado frágil. Vocês dois foram fortes, muito fortes. Só pra ver o quanto ele foi forte: mesmo depois de morto faz gastar bom tempo de minha vida pra ver o resultado de sua fraqueza. Só pra ver o quanto a senhora tem o dom da força: o Simões, tenho certeza, se sente atraído não é por nada.

— Por favor, não me acuse de ser fraca, namorando Simões enquanto Francisco morria.

— Não acuso. Da vida de cada um, o mando é também das circunstâncias. O que podia Poros quando bêbado? E o que podia a castelhana por desejar tanto? E o que podia a senhora enquanto meu avô de alma morta e tão vivo o Simões?

— Sei, meu ódio é contra um morto, morto por inteiro. A morte me deu Simões e Francisco a pensão. Meu coração está áspero. Qual a tua obrigação, Arte, de ir para Argentina?

— Cumpro minha promessa.

— Quantas vezes fiz essa estrada de São Borja a Santo Tomé com Francisco. E ele me aprontou essa.

— Essa estrada não se faz mais, vô.

— Isso é certo, Arte. Bem feito, quem não faz é ele.

— Vamos arriscar outra.

— Não devia. Confesso, estou me mordendo por conhecer a filha do morto.

— Talvez nos venha uma deusa da Argentina.

— Que se dane a tua deusa.

— Parece danação de nossa família: estar dividida.

— Como assim?

— Não andou dividida minha bisavó Amanda? Não andou dividido teu pai entre Dulce e Eufrásia? Você, entre Francisco e Simões? E eu não me dividi entre a promessa e o transtorno que causo agora? Não está nosso país dividido entre o interesse dos políticos e aquele do Estado?

— Vai, piá de merda e faz o que deve ser feito.

Depois pura conversa mole: as amenidades de chuva, de colheitas, de estradas, de chaleiras, de galinhas, de presidentes, de roubos e do rio. Meu bendito rio me salvou. Falamos de peixes até cansar.



# A CAMINHO DE SANTO TOMÉ

Confesso, sentia resistência em relação ao meu vodrasto Simões; eu de olho nele desde o primeiro encontro. Mostrava-se discreto, cuidando dos passos a serem dados. Na conversa pela manhã do dia anterior, se divertiu com a história franciscana. Ironizou achando feio o que Francisco aprontara na Argentina. Que coisa essa humanidade de Francisco e de Simões! Este de uma ironia engraçada. Parece um dom especial de alguém dizer verdades com humor não hostil. Desconfiava, pela intimidade entre os dois, ter Simões conhecimento da imprevidência de meu avô. O que agora importava residia na ida pra Santo Tomé.

Com olhar dividido entre aprovação e o ressentimento, numa hora de sol puro da manhã, Silvana nos viu partir em direção àquele lugar da castelhana de *mierda*. dito por ela em dura expressão.

— Humm, resmungou, Simões. Nunca devia ter me envolvido com ela, ria de um riso malandro. Desculpe, Artêmio.

— Claro, agora que o teu papagaio está de recesso, brinquei.

— Fala só em casa meu Rico.

— Fala como um santo por não ter mais força pra fazer pecado.

Rodávamos em carro reluzente. Não parava de se explicar:

— *É vero!* Amor de velho é que é complicado. Pobre papagaio: quando jovem cantava até fora de hora agora quero que cante, canta desafinado, quando canta. Além do mais tem o olhar dos outros. Só pra ver, Artêmio: quando fiquei viúvo, por dois anos me abati muito. Encontrei tua avó, inteirona, mas desesperada com Francisco. Que doença essa do Alzheimer. Um homem de alma morta. Cheguei-me nela com desvelos. Culpa, muita culpa me atormentava por amar tua avó. Tor-

nei-me amante de uma mulher de homem falecido. Vê se pode! Mais tormento, o amor nos possuía. E o inferno dos outros nos queimando. Esconder era uma amargura.

— Um lobo protetor louco pra pegar minha vozinha. Gargalhemos para o campo ouvir.

— Escuta, Arte, não pense mal de mim. Fui legal com Francisco. Me aproximei de Silvana quando ele já não habitava esta terra: o espírito já se havia diluído. Vou te contar, rapaz, que coisa do diabo é essa doença. A Silvana somente guentou o tirão por causa dos meus dias de solidariedade. Santo Deus, o que era aquilo! Minha ternura por ela vinha de longa data. Quando ele voltou, me afastei. Coisa triste ter um homem pela metade. Lembrava o passado como se lesse os acontecimentos. Fiquei apenas como amigo. Tivemos um deslize só.

— Traiu então o vô Francisco.

— Só pela metade. Ele não era mais o mesmo. Era um peso. O desconforto dela deixaria qualquer um em delírios.

— Tem mais, os medicamentos já não faziam efeito. Francisco deixou-a pela segunda vez como homem e como pessoa. Ela perdeu definitivamente o Francisco para a doença. Vi o naufrágio dele. Aí me aproximei dela novamente. Um ano depois enterramos Francisco. Fui a Porto Alegre e ela me apresentou para vocês como motorista.

— Ela ficou a noite toda descontrolada. Só se acalmou depois de fazê-la perceber o momento educativo. Assim você saberia mais sobre os mais velhos. Poderia contar com uma vó inteira e não com uma viúva desmerecida.

— Grande noivo! Agora me conte a verdade. Uma vez sendo companheiros de tantos anos, não sabia da filha de Francisco?

— Muito por alto. Até estranhei você, tão jovem, se meter nesse passado obscuro.

— Fui chamado pra isso.

— Concordo com tua atitude. Gostei de tua delicadeza em relatar pra ela o objetivo de tua vinda... Olha a alfândega.

Os guardas nos revistaram. Não perguntaram muito, pois conheciam o Simões. Aí tem, pensei. Ele me enrolou dizendo saber por alto da paternidade de Francisco. Julga me enrolar.

Entre a alfândega e Santo Tomé a conversa prosseguiu.

— Não seria melhor você ter poupado a tua vó?

— Não vejo razão pra não envolvê-la. Quando passava as férias no tempo do Francisco, ela me dizia:

— Veja, Arte, seja sempre sincero porque vaso com cera só faz apodrecer as sementes. Não conseguiria fugir do princípio ensinado.

— Falou tudo isso?

— E muito mais. Explicou também que meias verdades ou ditas por alto, não fazem bem. Não cabem em bocas de gente boa.

O velho Simões ficou vermelho:

— Está bem, não conheci apenas por alto a história de Francisco. E a história é longa.

— Encosta aí neste quiosque, antes de irmos procurar a casa da filha dele. Pode ser Simões?

Minutos depois de um silêncio constrangedor retomamos a conversa no bar.

— Se bem me lembro, foi na segunda vinda dele com Degas pra estas bandas. É, foi na segunda vez. Veio me contar da difícil realidade que se abateu sobre ele.

— Danado este meu avô.

— Eu conhecia, de fio a pavio, a intimidade da casa de tua bisavó Eufrásia. Só pra ver: e é claro, da casa de tua avó também. Eu o via mais que um irmão. Fui confidente e cúmplice. Conheceu a Felícia, auxiliar da casa de negócios do pai. Foi de chegada que o caldo transornou. Encheu a cara pra ver se aliviava o conflito: paixão por Felícia e amor por Silvana. Resistiu. Foi pro hotel junto da casa do Artigas, pai de Felícia. Ele jura não ter visto coisa alguma. Forcei a barra... Então ele disse: bêbado sim, se eu dormia não sei ao certo. Me senti abusado, quando pela manhã me falou do acontecido.

— Aí a deusa engravidou.

— Pois foi assim. Ele contou pra Eufrásia do acontecido uns seis meses depois.

— O Dom Artigas quase morreu. Cobrou do Degas a irresponsabilidade do Francisco. Mandou ele enfiar a canha no rabo. Artigas ameaçou dar um tiro nos colhões do teu avô. Depois de longas tratativas, se acalmaram. Aí começou a longa angústia de teu avô; começou a sus-

tentar Felícia em todos os percalços da gravidez. Por esperto e de boa prosa, Francisco conseguiu um bom dinheiro à base da canha do Degas.

— Lembro do orgulho da vó Silvana falar do castelhano castiço do vô. Por isso eu digo: a palavra e a língua são coisas perigosas.

— Perigosa era a minha situação. Volta e meia ia eu alcançar o dinheiro prá Felícia. Sílvia veio no devido tempo. Coisa mais linda. Ainda hoje você vai conhecer a bela mulher. Ela tem mais ou menos dois anos a menos que você. Felícia não se casou mais. Dizia pra todos ter conhecido o amor de um deus brasileiro. Ninguém lhe daria mais do que aquela noite lhe deu. Fala assim e chora ainda de saudades. Só depois da morte do teu avô, encontrou um homem muito tranqüilo, sabedor da história distante.

— Só pra ver: um deus brasileiro vendendo cachaça.

— Sempre que venho, visito a casa do falecido Artigas.

— E consola a viúva de meu avô.

— Não, não durmo em Santo Tomé.

Rimos. Gostei do Simões, um vodrasto espertalhão. Acho de um humor alegre. Um diabinho me passou: ele faz bem pra uma semi-viúva.

Depois nos dirigimos pra tal casa de comércio Artigas.

Chegamos sem necessidade de GPS.

Ao entrar na casa bem cuidada, vi uma mulher de meia-idade atendendo uma freguesa. Enquanto esperávamos a nossa vez eu não tirava os olhos da atendente.

— É a mãe?

— É, respondeu.

Ao levantar os olhos Felícia, mudou de jeito.

— *És tu, Simones?*

— *Soy jo, señora!*

— *Espera un ratito, por favor!*

— Espera um pouco, explicou Simões.

— *Yo lo sé, Simones, Don Juan de abuelas.*

Olhou-me sem graça pra depois abraçar com eflúvios a Felícia. Ao apontar pra mim:

— *Acá, Artêmio, nieta de Francisco.*

— *Dios! Que rico!*

Depois quase me sufocou contra os seios fartos.

— *No es possible. Gracias!*

Novamente estreitou-me com força. Depois das expressões incontinentes nos levou até em casa, deixando o balcão aos cuidados de uma funcionária.

*Donde está Sílvia?* Perguntei.

— *En la Universidad.*

Não cansava de me olhar, parecendo me devorar tamanha a expressão do desejo antigo.

— *Identico a su abuelo! Que lindo!*

— *Escuchame, Felícia. Io me voi a mi casa. Mañana voi a volver. Artêmio queda acá.* Pode ser assim? Olhando pra mim.

Respondi afirmativamente. Explicou-me: tua avó sofre por saber-me aqui. Assim evito outras perguntas. As despedidas foram rápidas. Soube, quando retornei para a casa da avó, ser fundado o temor de Simões. Ele conseguiu despistar os fatos anteriores. Agora seria ainda mais instado a falar.

Não seria neste dia que ele deixaria qualquer pista. Soube depois: no retorno, Simões foi breve:

— Entreguei a mercadoria. O resto é com teu neto.

— Nem parou um pouco pra conhecer a castelhana?

— Só estava a mãe. Fiquei só pra tomar uma água e me mandei. Olhei rapidamente. Te garanto: ela não é tão atraente quanto você, querida. Parece um pouco mais velha, mas ela é sem charme. Anda até descuidada ou de envelhecimento precoce. Não consegui decifrar a mulher.

Foi o que aconteceu no regresso de Don Simones, *el disimulador*. Veio me apanhar dia seguinte. Quase decorei a *charla* simonal. Assim foi feito e dito, pra não haver nenhuma contradição se, por acaso, minha avó viesse a confrontar as duas narrativas sobre os pensamentos, sentimentos atos e omissões de Sílvia e Felícia Artigas. Assim descobri por Simões: é preferível não saber pra não mentir. De fato, deixou-me como se fora uma mercadoria.



# EU, ARTÊMIO DE OLIVEIRA GONÇALVES, ME CONFESSO

Depois do dia no qual conheci Sílvia, minha identidade multiplicada – nasci para ser maior – passaram-se vinte e cinco anos. Acontecimentos cheios de glórias e tensões, a minha vida com esta mulher, neta de meu avô Francisco e de Felícia Artigas y Lopes, me fizeram diferente. Eu bisneto de Amanda e Gilberto de Oliveira e de Eufrásia e Nico Freitas; neto de Silvana e Francisco de Oliveira; filho de Anita e de Joaquin Gonçalves. Por final: Artêmio de Oliveira Gonçalves casado com Sílvia Artigas y Lopes, declaro: Assim tudo começou depois de Simões me deixar solito no mercado de Felícia.

Simões partira fazia duas horas. Pedi por um hotel. A decisão de Felícia foi categórica. *Mi casa, es tu casa!* Com palavras boas, Felícia me conduziu até um quarto simples, muito limpo. Sentei sobre a cama, sabei-me deuses por qual razão, chorei por meu avô. Convergiam o passado, o presente, o futuro talvez. Sofrimentos prometem quanto prometem as alegrias. Agradei Silvana por não impor seus cuidados aos meus. Tudo se movia com ternura ao meu redor. Me deixei levar pela sorte, fossem quais fossem as consequências.

Minutos depois me dirigi à janela. Flores cresciam ao pé da janela estendendo-se num exíguo jardim. O suficiente para se imprimirem diversas delas em mim. Uma rua de falantes murmurava chiados argentinos. Um canto indistinto se fazia sobre as casas. Vi então, Felícia fechando a casa da venda de tantos objetos, um mercado. Depois do silêncio um canto religioso. *Eu o seguirei por onde ele estiver: ele é meu destino.* Talvez seja aqui o meu. Sentia-me recebendo uma mensagem, vinda do ar, da rua, do jardim. Nenhuma montanha nem o rio Uruguai vai me distanciar da ternura do meu corpo. Tempos se entreveravam. Minha querida mãe veio me dizer o que uma vez me declamou:

*Campo adentro y cielo limpio  
Cha' que es lindo galoppear  
Y sentir que adentro de uno  
Se agranda la inmensidad.*

É a isso que me refiro: grandezas se anunciando vindas de todos os lados. Mais calmos meus sentimentos, sentei na cama com meu computador. Agora escrevo essas lembranças: estão vivíssimas, superando as impressões originais.

Mal aberto o meu note, abre-se a porta num repente. Diante de mim um sonho. Era ela. Na simplicidade de um vestido verde em flores, me aparece ela. Uma garota... Sorria pra mim. Disse-lhe o nome, ela o meu. Não sei dizer o suficiente do abraço terno. Desde então eu soube: não se afasta o que Deus nos põe para amar. Dois corpos e duas almas de uma certeza robusta, feitos pra não esquecer a ternura posta. Apenas adiamos o beijo bravio. Amenizado o estúrdio dos afetos mútuos, nos retiramos pra junto de Felícia. Feitos pássaros em voos inesperados, a alma se diluía em orvalho nas luzes do sol.

Sentado na soleira da porta narrava sobre meu avô. Felícia devorava faminta cada palavra lembrada. Bem como penso: mais se é pelos feitos passados, um reviver da alma. Quando se faz lembrança a realidade impressa é mais forte, se assomam todas semelhanças vividas. É assim: como a irmanação de vidas em tremores renovados. Agora comprovo as falas de minha professora de História da vida cotidiana. Pois eu sendo ouvido na soleira, Sílvia descobria o pai, Felícia amor deslumbrado. Lágrimas intensas se faziam múltiplas. Os desenhos de um homem revelavam um Francisco de muitas faces, um mito familiar, imagem bem maior do que a minha. A narrativa feliciana carregava um deus cheio de histórias. Meu avô era imenso, apesar de um ser diminuto, brasileiro metido em cama alheia. O magistério, Dulce, o Degas, Nico, Amanda e Gilberto povoavam a fantasia das duas. Renovados em mim e imensificados nas duas. O susto pra arrebatarem livrinho, os conflitos sexuais de Amanda, as noites no alambique. Por fim, a tragédia da doença de Alzheimer e os conflitos de minha avó, os acenos de Simões. Rimos apesar de tudo quando Sílvia comentou sobre o ir e vir da doen-

ça e a concomitância dos ingressos de Simões. Ela lembrou a infância quando brincava de esconde-esconde. Agora sim... Ainda não... Você está espiando... Chorei junto quando ele, por fim morreu. Olhei para Sílvia e vi traços distantes. O olhar se fazia de meu avô. Falaram tão bem de Simões. Velho galanteador do pampa... Isso que era. Quando vinha pra Santo Tomé, não perdia um tango. Vinha com pesos pra apoiar nas finanças de Felícia. Gravidez complicada por conta de antigos costumes. O pai não escondia a vergonha pela filha. Morreu cedo. Felícia chorou com amargura por se sentir culpada pela morte de Don Artigas:

- Enterrei o homem com dores, sem ressurreição, que a dor dos preconceitos é grande. *Hombre muy digno pero con pensamientos no largos. Asi se fue, muerto por los prejuizos.* Nos abraçamos, choramos, mais que lágrimas uma intermitente densidade nos aproximava em laços protetores.

Nada escapou. Já se fazia noite adiantada. Felícia pediu licença e se retirou. As temporalidades se uniam tornando uma só as nossas casas. Havia aí um encontro de forças arcaicas, maiores além de uma expressão capaz de dizer. Sílvia então se aproximou, pondo a cabeça em meu peito. Abracei-a. Silêncio. Pode um parentesco inibir esse movimento avassalador? Que loucura o ser humano! Toda ela se dobrava em mim.

Por Deus, não vou repetir a história do meu avô. Entre dardos velozes, o guerreiro se defendia. Seria a abertura de uma epopeia? Plantarei uma mata para esconder meus animais descuidados. Bem ao dizer de um psiquiatra numa palestra da universidade ao falar das feras da história: Hitler, Himmler e outros. Todos temos inclinações plantadas. Podem surgir circunstâncias e, *vapt*, ficamos reféns de uma ideia vivida como se fosse uma verdade inarredável. Novamente, ao nos levantarmos, fomos possuídos não apenas pela tempestade de nossos corpos. Uma avalanche de fontes amorosas nos invadiu. Consegui deter pra não nos precipitar num desatino. Ela também conteve o impulso. Depois me afastei segurando minha alma como a segurar um cavalo xucro e outras peças muito humanas. Mal contido, me dirigi ao meu quarto sentindo tremores. Mal me continha. Ao tentar dormir, divisei uma figura magnífica na luz suave do quarto. O tempo e a natureza podem qualificar as horas: provocou-nos um demônio. Ela estendeu o corpo sobre mim. Afastou-se na suavidade de sombras, roçando os seios no meu rosto. Aos poucos todo brilho pode acabar, alertou-nos um anjo. Fomos tem-

perados pela razão e com um beijo moderado esgotamos a noite. O que ficou foi como a semente de um carvalho. Por certo, não dormia. Se dormisse meu tronco móvel não se contentaria em adormecer. Dormi zelando pra não acordar. Se Cristo resistiu no pináculo de uma montanha, não seria eu o próximo a resistir

Manhã de sábado. O Simões é dorminhoco, vibrei ao pensar. Mistérios profundos se desenhavam em mim. O que fazer diante de um tumulto de ventos? Sabia disso eu sabia demais: o coração jovem vai além da consciência, os mandamentos são pobres mesmo que deles tivéssemos quarenta. Se o inconsciente pessoal é oculto, o de um povo também, de minha família mais conhecido. Nada podia fazer diante de uma certeza: um pedido urgente requeria uma resposta. Fui até a janela, um silêncio em vez dos cantos do entardecer. Somente as flores recebiam a claridade da manhã. Me falei: vai devagar que a alma é de barro.

Bateram à porta. Felícia me desejou bom dia. Ouvi com ternura:

— *Sílvia te espera!*

— *Solo un rato, Dona Felícia.*

Ela me esperava para o café. Meu Deus, efusão de encontro. Alturas se faziam no abraço.

— *Te vas hoy?*

— *El Simones, viene aca. Me dói partir.*

Vi uma lágrima descendo a face.

— *No lhore, Sílvia.* Estou muito emocionado também.

— Senta-te, toma um café comigo, *asi se habla* em Brasil, me vou depois a la Universidad. Estou aprendendo este brasileiro como minhas colegas do Brasil.

— Um bom começo pra gente se entender melhor.

— *Que vamos hacer? Olvidaremos?*

— *No sei! Querida. Sinto-me demais con todo eso.*

— *Dejamos, entonces. Si la emoción no se vá, veremos o que hacer.*

— *Mientras, voy a sentir lo que usted también sente.*

— *Lo siento demás. Solo no sé si é Deus a me hablar asi.*

— *Só o Senhor tempo vai dizer melhor.*

— *Toma mi e-mail, querido.*

— *Aca o meu.*

Então nos beijamos em desatino.

— *Adios, Artemio.*

— *Dios te tenga, querida!*

— Amém, suspirou Felícia, enquanto Sílvia saía para a Universidade.

As informações sobre as relações de Felícia com meu vô procediam em tudo conforme já me havia sido dado em parte. Esteve magnífica na fidelidade a Francisco. Não podia acreditar: uma distinta e bela mulher dada a uma abstenção de qualquer vínculo erótico. Por muito tempo, de tempos em tempos, ele vinha de São Borja para atendê-la em qualquer necessidade. *Pero la afectividade se fuera una solo!* Quando Sílvia festejou 15 anos, só então Felícia liberou-o de qualquer apoio financeiro. Com o falecimento de Artigas, Felícia assumiu a casa de comércio. *De spasito*, explicava, foi melhorando a casa.

Ao perguntar-lhe sobre a radicalidade afetiva, respondeu: *El amor de Francisco no tiene tiempo, hace parte de una infinitud real. Solo hace dos años tengo otro.*

Afirmei-lhe, não assumir qualquer risco em deixá-la mal. Somente, se acaso, *quedar la magnitud voy a venir.*

Falou desculpando Francisco sobre a gravidez. *Ni yo lo sé como todo se pasó. Yo, alegre por demás, fue hasta la habitación en hotel. Francisco, semejante a um diós se quedó a la cama y de pronto nos amamos. Yo saque el traje e me gustó tenerlo. No lo me intienda malo. No era mi costumbre. Por lo contrario, siempre muy recelosa con los hombres. Yo pido perdón por mi locura. Todavía una verdad: soy hasta hoy una loca amante de Francisco, mi señor. És una neurose afectiva. Despues de su muerte too se conclui. Espero no tener hecho gran malo.* Abraçou-se em mim como se eu fosse um espelho refletindo meu avô.

Depois fizemos silêncio. Mais uma vez admirei meu avô. Não assumi nenhuma responsabilidade sobre Sílvia, afinal não poderia avaliar o resultado de uma noite louca. Falei de minha explosão afetiva e para não entender como um surto neurótico pretendia aguardar. Felícia

concordou, concordando em dar um tempo. Completou dizendo haver muito sofrimento quando se foge aos padrões culturais. Ela não só não respeitou os tais padrões como não foi ética com meu avô, entretanto, não o eximo de toda culpa. Na loucura não dá pra se pensar em muita ética.

Antes do meio dia, chegou *el muy gran señor Simones, el cómplice de Francisco*. A mim cabia minimizar os sentimentos. Uma forma branda de lidar com demônios é fazer de conta ser de pouca importância. Brincar é bom remédio. Não me apunhalaria por minha amada. Preferia viver a ficar no desamparo. Não andaria como pássaros na primavera batendo nas cercas por conta de hormônios. Sentia-me, é verdade, atordoado. Um movimento intenso se avolumava. Punha a razão em discordância ao tumulto. Não poderia me precipitar. A pobreza tem fantasia de sobra, a carência também. Não faria como mamãe. *Entonces*, não sucumbir aos apelos de Vênus! Minha intimidade não queria repetir a história de minha casa. Não estaria me sentindo o máximo como compensação de minha pobreza. Ficava triste por ver a geladeira de meus amigos cheia de refrigerantes e a minha cheia de água. Fim de semana recebia um prêmio de consolação por não reclamar: o refri mais barato do mercadinho.

Deixei-o, fazia dez minutos, conversando com Felícia. Fui até ele solicitando retorno. Temia encontrar Sílvia. Simones poderia encontrar exageros em nosso parentesco. Não queria levar qualquer tipo de gozação. Correspondi às efusivas demonstrações de carinho de Sílvia. Pedi a Deus serem passageiras. *Vamonos*, pedi.

Sáimos, esticando conversas. A bem da verdade, descobri jamais ter Francisco retomado qualquer tipo de laços mais íntimos com Felícia. Todavia, é certo, a verdade é um animal sagaz. Não pude saber, jamais saberei dos verdadeiros sentimentos dele.

Silêncio até ao final da rua de Felícia. Pedi mais alguns esclarecimentos a Simões.

— Por favor, Artêmio, pra todos os efeitos, não tive nenhum envolvimento na história de Francisco com Felícia. Apenas, algumas vezes vim a Santo Tomé atendendo pedidos de Francisco para que a mãe e a Sílvia estivessem bem. Tampouco ele se envolveu com Felícia depois do acidente de uma noite. Teu avô dizia: não vou deixá-la em culpa, tampouco em desamparo, porque mãe triste gera filhos tristes. Assumi a responsabilidade. Repetiu mais de uma vez: em sã razão não faria uma coisa dessas. A Silvana não merece.

Desde então admirei mais o meu avô. Um avô assim não é pra qualquer um. *Pero* estava avivado, ele inventou a lenda do sono, mentia pra si mesmo. Transposta a ponte do rio, fizemos silêncio. Conversei com os guardas como se de alguma forma, essa terra também me pertencesse. Um universo de silêncios. Mal sabemos de nosso mundo. Apanhamos detalhes superficiais jamais todo o conhecimento sobre o quer que seja. Apenas palavras esparsas.

Ao chegarmos em São Borja me rendi aos apelos da avó Silvana. Ela desconfiava da história de Francisco dormir enquanto amava. Confesso minha dificuldade em sustentar esta notícia. Ele sabia que sexo é coisa sensível. Coisa séria, este animal sem dono. E sustentar que o coitadinho fora vítima de um estupro castelhano. Tenha dó. E a vó veio com tudo.

— Gostou da amante do vô?

— Não pense assim de Francisco, vó.

— Vai dizer que o bobo dormia enquanto fazia uma filha.

— Bêbado, sim. Soube por ela, de nome Felícia. Entrou sorrateira e fez dele um pai bêbado. Teu marido entendeu como atitude imoral dela e à distância cuidou da filha. É a Sílvia, divina criatura. Estava borracho. A consciência, perdida.

— Tudo semelhante a São José.

— Explica melhor, vó.

— Teve um filho, dito putativo.

— Que é isso?

— Apenas por suposto. Não teve parte consciente na ação.

— No caso de meu avô, a parte dele foi passiva. Defendi para minimizar.

— Por certo muito passiva, debochou. Seja do jeito que for, foi pai. Vai ver que São José também esteve nas nuvens. Depois disse que o espírito santo foi o culpado. Francisco emprestou o corpo sem vontade. José não emprestou nem corpo nem vontade. Deus fora suficiente.

— Não seja debochada, vó. A coisa é sagrada.

— Muy sagrada nieto! Diga ao menos, como é a filha?

— Me cativou, vó. É linda, muito linda.

— Não vai me dizer que se amarrou nesta tia pela metade ou coisa que o valha. Vai me dizer que também ficou pai enquanto dormia.

— Quase fiquei, mas não enquanto dormia.

— Fala sério?

— Muito!

— Pode parar! Não vai me dizer que se perdeu por uma paixão!

— Não se preocupe, vó. Vou dar tempo ao tempo e vou ver se perdura.

— Nem pensar, Arte. Não mesmo! Pra depois deixar tua vida sem futuro profissional!

— Só isso me segura.

— Volta logo pra tua casa. Agora sabe que em Santo Tomé tudo vai bem. Te manda! Antes de ir me diga: Simões não era cúmplice de Francisco?

— Ele não sabia nem o caminho pra casa de Felícia. Ele é inocente de qualquer acusação. Ainda que fosse cúmplice, não diria.

— Está bem.

— Agora te manda. Se Amanda veio a São Borja pra fugir, agora é a vez de bisneto se mandar pra Porto Alegre.

— Se José fugiu pro Egito pra não cortarem a cabeça do bebê, vê se não perca a tua pra esta castelhana.

— Se voltar não se admire! Seja mais cristã, vovó!

— Vem cá!

E se veio atrás de mim. Tomei a velha em abraço forte. Gritei:

— *Señor Simones! Toma tu mujer! É una hiticiera ciumenta.*

Rimos os três. Acabada a brincadeira, ela saiu de ombros caídos descrente de mim.

Simões aproximou-se me agradecendo a discrição em torno de Felícia. Não sem antes recomendar.

— É bom que te vás, Artêmio.

— Alguma restrição?

— Medo! Ela é esperta, está muito desconfiada de minha cumpli-

cidade. Ela vai preparar uma armadilha pra me flagrar em algum deslize teu. Uma inocente arapuca pode ser insidiosa. Ela vai querer cotejar nossas falas.

— Tenho 20, mas não sou ingênuo.

— Não te esqueça: *el diablo sabe por diablo, pero más sabe por viejo. Las viejas, aunque más sabias*. Martin Fierro era expedito em ver longe.

A conversa se estendia no momento da entrada de Silvana.

— Aqui tem a passagem. Em uma hora sai o ônibus. E se me vier com essa conversa de *me gusta mucho a Silvia*, quem vai silviar é um relho de enfeite, sem utilidade... Até agora.

— Bem que minha avó sabe o quanto uma mulher pode atrair!

— Não me venha com indiretas. A natureza é forte ganha de nossa vontade. Está aqui o almoço. Depois fora!

— Nossa, muié! Gracejou Simões.

— Não se meta, que ninguém me convence de não estar metido nessa história de Felícia, Sílvia e outras castelhanas de *mierda*.

Mal almoçado, rodoviei. Estradas loucas. Século vinte e um de caminhos sem cuidados. Um país de administrações espúrias. Sacolejões de tirar a vértebra do lugar. Final de viagem vira-se um parêntesis, ou um ponto de interrogação, ou cheio de exclamações. Melhor fora Nabucodonosor. Cuidava melhor dos prisioneiros judeus. Cobrou impostos, tâmaras e camelos sem contar os tributos pesados ao devolver-lhes a pátria, entretanto, cuidava de sua gente. Melhor a liberdade judia, comparada à nossa. Podiam chorar a pátria e nós que juramos fidelidade à nossa, cheia de impostos sem retorno. Tiveram o templo da fé e nós apenas promessas de uma pátria justa... Liberdade, liberdade, estenda as asas sobre nós. Minha pátria é uma ave de voo incerto. Fizeram dela um covil de ladrões. Querido Ali Babá, venha nos salvar. Depois de um dia de viagem, cheguei a casa. Livre... Livre?

Ficar adulto é amarrar-se em ligações curiosas, culturais e exaustivas. Dona Anita, mãe inquiridora, não me deu nenhum descanso. Não gostou de Felícia. Chamou meu avô Francisco de besta por ajudar quem *o deixou sin traje pa hacer una puta*. Descobri uma mãe desconhecida. Furiosa...

— Vai tomar um banho e te limpa daquela gente!

— Pensei trazer alegria por descobrir tua irmã mais nova, bem mais nova, tentei amenizar.

— Eu perco a cabeça só de imaginar meu pai vendendo canha pra sustentar aquele troço de gente.

— E eu que encontrei uma linda mulher.

— O que me diz?

— Só não fiquei por lá por não ter grana pra sustentar um sonho.

— Vê se te enxerga! Não diga jamais isso.

— Falo sério, vó. Não pensei despertar teus ciúmes tardios. O vô é morto, por que essa neura toda?

— Sou capaz de ir pra Argentina matar a cadela da Sílvia. É assim o nome dela?

— Sabe tudo... hmmm?

— Tua mãe falou das duas? E ela não se importou muito com as duas de Santo Tomé. Felícia me deixa nos cascos só de pensar em ter possuído meu pai. A velha Silvana anda caduca. Não vê o mal feito? Só faltava meu filho dizer: gostei da Sílvia.

— Não só gostei, mamãe.

Histeria é pouco pra dizer da reação de minha mãe. Como pode isso? Um choro convulsivo determinou soluços a sufocarem peito. Chorou demais por uma irmãzinha cheia de vida. Ao me afastar, se fez em mim uma invasão bárbara. Quem chorou fui eu. Enquanto a mãe chorava de ódio, eu a ausência. Histérico em semelhança a uma cria abandonada. Uma criança perdida. Sentei na pequena área. Isso não podia ser de um homem.

# O QUE TEM ESTA LOUCA FAMÍLIA?

Terão meus antepassados comido cinamomo? Começo por mim: a genética fugindo à normalidade por se envolver com a virtude parental. Retomo a bisavó Amanda e meu irmão, meio atarantado na decisão afetiva. E o que dizer de minha mãe, quase casando com um senhor de prestígio vazado em dinheiro suficiente pra segurar as pontas de qualquer família, se apaixonar da noite pro dia, por um Degas de uma mecânica, mal dando pro café da manhã e roupas de inverno. E o Francisco, o que é isso de vê-lo não se saber ao certo se dormindo, se bêbado, ou acordado tendo uma filha numa relação ao Deus dará. E o que tem esta, que gerou Sílvia, de se encantar por um deus brasileiro? Conheci o velho Francisco, nem tanto pra mulher alguma achar dele uma divindade. Professor, vendedor de cachaça, um príncipe inventado por um coração feminino.

Agora eu desse jeito, enfeitiçado por Sílvia. Bem se vê que a sorte familiar tem um destino incerto. Consanguinidade capaz de gerar um monstro. E eu aí, todo metido como se dessa avalanche proviesse a salvação da humanidade. Tem algo estranho na humanidade familiar. Sou exemplo. Trago uma medida quase impossível de se compreender. Uma esturdez de confluências repentinas. Coisa da psiquiatria resolver. Se é que a isso se põe remédio! Meus gens tontos vêm de longa data e uma efervescência de climas faz levantar ventos obtusos, fazendo chorar gente de todos os lados. Impassível, apenas Felícia.

É só ver minha mãe gritando: onde é que se viu? Uma castelhana como as outras, inventa de enlouquecer meu piá. Fica aí parecendo animal em vias de se precipitar numa corrida doida. Fareja o ar e sapateia de um lado a outro. E quem sou eu pra me livrar da solidão sexual?

Aponto pro meu peito e digo: deboche de um deus vagabundo! São coisas do rio Uruguai. Só pode. Busquei os vividos da família. Encontrei meus perturbados vividos, aliás, sem direção. Tive tantas garotas mostrando o que tem de mulher numa mulher: sensibilidade, ternura, olhares, poesias túrgidas de convites. Eu aí feito um palerma com meu sexo de apelos distantes. Eis senão quando vem tudo isso pra cima de mim. Sou medido pela régua do impossível. Com o olhar dos outros me olho recebendo acusações. Vou me curar disso nem que seja a pau. Então resolvi calar as confluências termais de meu sangue ensandecido. Vejo-me um cavalo de vendas, ando numa mesma direção, um mando superior me designa a estrada. Sou o burro de Sancho e o cavalo do Cavaleiro Errante, pela Espanha, inventando histórias. Precisaria de um amigo a derribar essa esquisitice. Ninguém aparece de força igual ao Branca Lua. Foi este quem tirou Quixote das loucuras. Voltou depois pra morrer de tristeza pra simplicidade antiga da aldeia. Buenas, se é pra isso, fico com esta esquisitice de um amor ainda sem destino. De qualquer loucura pode aparecer uma vida mais faceira. Quem há de saber pra onde sopram os deuses? O Espírito Santo tem cada uma! E se for ele quem esteja atrás de tudo? Poderei ter filhos que voam aos céus, terei netos cuidadores de águas e de peixes, poderei ter gente igual às gentes de sanidade com exuberante felicidade. Farei isso, vou falar com meu pai. Por saber como funcionam os motores saberá consertar um filho perturbado.

# CONVERSA COM MEU PAI

Imagino Joaquim, avô de Jesus, aconselhando o filho de Maria a ter mais prudência nas palavras e nas decisões. Por certo, as advertências familiares foram diversas. Sabia o velho Joaquim o quanto é perigoso se meter entre duas feras: os sacerdotes judeus e os romanos. Mesmo porque pouco adianta converter uma nação dominada; o coração humano é tenebroso. Nada nele se segura. Até imagino Joaquim falando: “Você pode dizer o que bem entende. Eles costumam pendurar na cruz gente que fala demais. Qualquer coisa é suficiente pros romanos matar quando convém.

Jesus não ouviu e está aí, deu no que deu. Palavras e mais palavras se espalharam e eu pergunto resolveu grande coisa? É verdade, algumas pessoas se alimentam das palavras ditas, mas o resultado final me parece pouco em relação ao prometido. Estou fazendo esta volta para avaliar melhor as palavras de meu pai, também Joaquim. Recomendou-me prudência numa conversa assim produzida.

— Vejo tua mãe sem paz depois de tua volta de Santo Tomé.

— Ela está doente de puro ciúme de uma filha de pai morto.

— Só pra ti ver o que é uma mulher. Ela quer se encontrar com esta Sílvia.

— Ela já se exclamou toda: Se atraçoaram minha mãe, meu filho é que não vão levar.

— Se ela não controla um ciúme tardio de um velho morto, por que eu não posso ter desejos?

— É uma relação estranha. O neto namorando a filha do avô.

— É isso o que falo pra mim, mas o resto de mim nem está aí.

— O coração da gente é um troço.. Veja tua mãe, uma mulher preciosa, se apaixonando por um mecânico. A Silvana quase se rasgou toda. Uma filha estudando em Porto Alegre, professora de jeito fino, metida com um arrumador de velas, pistões, carburadores e outros troços sujos.

— Pai, o senhor faz de menos o que é mais. Sustenta uma casa e ainda investe algumas sobras. Duvido achar em Porto Alegre um marido e um pai tão amável. Minha mãe é uma mulher feliz. Eu aprendi tomar conta da vida e estou aqui diminuindo minhas tensões. Pode haver um ser mais querido? Vejo o Augusto tomando jeito. Mais que tudo não me condena por me inclinar pela filha do meu avô. Tem mais: não estou prejudicando meus estudos. Até estou mais animado.

— Peço apenas pra não se precipitar. Mesmo que case com ela não deixe de ter uma profissão, espero melhor que a minha, o suficiente pra garantir uma casa. Mulher, *caro mio*, antes do amor quer proteção.

— O senhor não critica meu parentesco com Sílvia?

— O sangue já se misturou tanto! Já perdemos os antigos costumes, filho. Já não sei sobre o certo e o errado. Apenas faça pra não ofender a dignidade de ninguém. Isso era o que me disse teu avô quando casei com tua mãe. A paixão se vai o que fica é um amor caseiro.

— E como fazer pra mãe não ser tão drástica?

— Esse negócio de amor na família de tua mãe parece coisa antiga, uns peripacos aparecem desde tua bisavó. Assim foi com teu avô Francisco também. Você parece não se distanciar do tumulto de sentimentos. Tua família tem um coração parecido a um motor de muitos cavalos de difícil regulagem. Quando tudo é regulado: combustível, pistões e velas, os motoristas se atrapalham confundindo os pedais.

— Que família complicada!

— Você faz parte dela. Não esqueça tua paixão repentina! É coisa de assustar. Tua mãe está desse jeito por saber do sangue que te vai nas veias. Ela já me contou do ódio sem controle pra com essa tal de Sílvia. Morro e não vejo tudo: um pai morto e uma maninha com ciúmes da outra. Tão disputando o quê?

— Deixe-me rir. Isso apenas numa família, se contar toda a humanidade vai faltar lugar pra tanta *tonteria*.

— Veja o teu tio José. Fez de tudo pra ajudar o pai e não quer filho.

Enquanto falava com meu pai, entrou Augusto.

— Escuta mano, vi a mãe chorando por causa de tua loucura. Vê se pode isso: Amar uma castelhana e parente ainda. Coisa de louco.

— Não te mete piá.

— Tanta guria linda em Porto Alegre e você se enfiando em Santo Tomé. Lembra de quando fomos praquela vila comprar óleo de cozinha e farinha? Um pedaço de terra vermelha. Só pode ser uma encardida.

— Sem ofensa, Augusto, repreendeu o pai.

— Desculpe, mano!

— E você com este teu jeito.

— Não me venha com agressões.

— Seja homem!

— Tá certo, não estou ainda bem definido, mas um neto amando a filha do avô!

— Já falei, chega!

Meu pai falou, nem que sim nem que não! A decisão seria comigo mesmo.



# ANGÚSTIA DE MINHA MÃE

Vi as lágrimas dela. Era a neurose dela contra minha obsessão. A pesquisa rendeu muito, mas a ida para ver a filha do vô Francisco, rendeu ainda mais... Conflitos. A mais deliciosa fixação. Meus vividos foram muito elogiados. Achei-me! Não foram nenhuma nem duas viagens feitas pras bandas da Argentina. Fiz um precioso balanço dos vividos de minha história familiar. Vou relatar mais tarde sobre tais vividos, ou seja, de minha história cotidiana. Adianto: tenho vergonha da história oficial. Só vendo Júlio de Castilhos matando a gauchada. Mas não é deste assunto que vou tratar agora. O sofrimento de minha mãe está em jogo. Não posso me furtar em aliviá-la, dos preconceitos em relação aos habitantes de Santo Tomé, como da dor íntima em relação à minha amada Sílvia, a mana tardia. Engraçado, namoro a mana de minha mãe, meia tia!

Por dias, as palavras divididas eram monossilábicas. Olhava-a com ternura maior. Solicitei uma entrevista pra ela com a psicóloga do departamento de psicologia da Universidade. Sabendo-me ser um bom aluno, fui contemplado com horário para mamãe. Dificuldade foi abordá-la para a entrevista. Pedi a que fizesse um favor para o filho. Se saísse convencida de eu abandonar Sílvia, aceitaria a perda. Pois não é que aceitou de fazer terapia! Na primeira entrevista saiu cheia de silêncios.

Na quarta semana de terapia vi sorriso pela primeira vez.

- E daí, *mamita*, voy a Santo Tomé a asesinar Sílvia?
- Estou em conversação comigo.
- Você sabe muito sobre desejos.

— Você fala de minha paixão por meu pai, ou outra paixão antiga ou sobre a raiva pra com aquelas duas castelhanas?

— Por que tanto ciúme?

— Está querendo saber muito de mim.

Retirou-se, resmungando de rosto sorridente. Achei-me livre do pesadelo: minha mãe havia visto de perto o quanto a alma é cheia de reentrâncias. Lá ainda viviam antigos diabos na espreita de se mostrar. Inclinações arcaicas se revelam brutas, fomentando pensamentos persecutórios. Uma suave brisa pode pôr pássaros em revoadas: antigos medos de felinos ainda persistem. Minha mãe foi possuída de temores sem justificativa. Somente uma arqueologia pode explicar a formação humana. Sombras antigas representativas de ameaças ainda se desenhavam, bastando alguma semelhança ao código instalado para emergir das cavernas um espetáculo desenfreado. Assim em Hitler e em outros perversos heróis, repentinamente aparecem. Tudo se justifica pelo prisma do medo transformado em consequências macabras. Mamãe poderia matar Sílvia. Não menos tenebrosos se mostravam os olhares maternos antes tão ternos. Jesus repetia uma antiga sabedoria dos essênios: ao expulsar-se um demônio, outros sete poderão surgir. Uma cura, portanto, nunca é completa. Temia, porém, a volta dos demônios familiares. Estes são os piores. *A una persona inquieta, un aire puede ser un diablo*. Quando a toca se vê ameaçada, então maiores se tornam os temores.

Pois assim foi o acontecido: certa noite ela começou a esbravejar soltando os cachorros contra mim.

— O que é isso, dona Anita?

— E me pergunta ainda? Você e teu avô são uns falsos, uns des-temperados!

— Não sou santo, mas não mereço ser visto assim.

— Cadê o respeito, piá?

— Que bicho te mordeu?

— Minha irmã contou tudo.

— Ela também acha um desrespeito do teu avô. E tua loucura não foge à regra.

— Pode parar, não vou aceitar esta conversa. Tô fora dessa neura. Essa guerra não me interessa. Volta ao tratamento.

— Não parece ser meu filho. Estou te odiando por isso. É muita desconsideração.

— De fato, mãe, já é tempo de criar meu ninho. Não me agrada a ofensa ao falecido avô e à Sílvia. Não está mais aqui quem falou. Fui. Quando a senhora estiver melhor, me avise. Que coisa, as crenças tão irracionais quanto os instintos!

Decidi: não vou me deixar levar pelos fantasmas da minha casa.



# TEMPOS DOS VIVIDOS

Basta-me ver os vividos de minha família materna. Nem me fa-lem em ver de perto a família de Joaquim. A intimidade familiar de Joaquim representa muito sofrimento. Descende de negros. Filho de uma sorte maligna: a escravidão. A tataravó, conta a lenda, foi abusada por um cafeicultor de São Paulo. Dela nasceu Florêncio, mulato esperto. O pai teve forte inclinação por ele. Vendo a esperteza, considerou de levá-lo numa escola da fazenda vizinha. Aprendeu do pai não levar ofensa pra casa. Resolvesse no pau superar preconceito. Assim foi assumindo a dignidade. Branquejou-se mais a pele. Negritude nova. Morenou-se ao chegar em Joaquim. Por vezes me dá um desejo de saber mais sobre a trajetória dele. Tenho dois alunos negros, olho pra eles como se fossem heróis. A escravidão continua. Ponho-me a falar com os dois e os vejo constrangidos por minha atenção. Uma aluna das alunas, branca, me pergunta:

— Qual a razão de tanta atenção?

— Eles são meus heróis. Ponha-te na pele deles pra saber o que é bom pra tosse.

— É verdade, professor.

— Você já se desviou de um deles? Continuei.

— Já! Tenho vergonha.

Um dos negros nos olhava.

— Vá lá e dá um abraço, um beijo.

Não foi. Os diabos se multiplicam.

Deixo agora meu pai em paz. O problema é minha mãe. Além dos preconceitos sociais, feras de nascença ardem no peito. Minha mãe, vê se pode, com ciúmes de uma irmã de pai falecido. Vou mais uma vez ver de perto o momento dos afetos ameaçados.

# SONHO DE UMA NOITE

Deixei pro dia seguinte conversar com minha mãe: ou ela saía do ranço ou saía eu de casa. Deitei insatisfeito. Um sonho de uma noite me valeu uma vida. Entre agonias e alegrias me via embrenhado numa selva escura, semelhante à leitura em Dante. Menos densa a angústia, embora um mistério rondasse o devaneio primitivo. Dois sonhos, um de pouca fé. No alto de uma taquara drapeava-se um dizer: “Vós que entraís aqui, deixai toda a esperança.” Um peso dantesco me envolvia, prendendo o ar. Dante com Vergílio e eu *solito no más*.

Do alto de um cedro despencou-se, então, um pássaro de cores mutantes. De um colorido espesso e ameaçador, o desconhecido pássaro humano asseverou numa voz entre os galhos: “pobre gente!” Olhei-o de perto. Uma mulher pôs os pés sobre ele tentando matá-lo. Veio, então, um homem musculoso. Esmagou-o de súbito. Mal retirara o pé assassino, soergueu-se a ave voltando à multiplicidade colorida. Um suspiro geral percorreu uma multidão assustada. Assim que se ergueu, mais vivo tornou-se o divino pássaro. Vieram, então, tantos deles a ponto de se cobrir o sol. O momento se tornou assustador. Todos se puseram ao lado do pássaro vencedor, cada vez mais vivas as cores diferentes. Uma complexidade voadora. Alguém de força não percebida elevou-os à condição humana. Ainda mais nítidas as diferenças. Se fizeram então de peles diferentes, de almas vistas ainda mais mutantes a ponto de não se reconhecer um humano do outro. Estreitei-me todo na cama, tanto me encolhi emendando o joelho ao queixo: apequenado diante da imensidão humana. Não era de luto meu afeto, um labor de grandeza se produzia na mente. Beleza tensa, uma estética animal se produzia em minha mão palpitante, estendendo-se sobre o seio de Sílvia. Feito

o toque, sem intenção, avançou-se em mim a ternura de tons diversos, imitando os pássaros. Soluçava quando minha mãe me acordou.

— Acorda homem, que desse jeito vais morrer! Ainda movia minha cabeça enquanto falava.

— O que foi mamãe?

— Te desmanchavas em choro, guri!

— Foi um sonho.

— Agora vê se dorme e não estrague o descanso de tua mãe.

— Sonhei com uma multidão de pássaros diferentes. Nada diminuía a infinita diferença. Protegiam-se nas ameaças. Por incríveis me assustavam, por desconhecidos me perturbavam gravemente.

— Danado! Por tantas e inconfundíveis aves foi dar numa castelhana como teu avô.

— Do mesmo jeito foram os homens a cercarem tua beleza e foi dar num mulato. Sei bem, lutou com vigor para ter homem na simplicidade tão rejeitada pela avó.

— Pedi pra não retomarem aquelas lembranças. Quem te falou?

— Teu marido! Meu pai tão diferente e amável também. Um bom, um bom homem pra se ter como pai.

— Talvez não se tenha meu sofrimento por ser castelhana, mas por ser de parentesco tão íntimo.

— Filha de uma mulher de linhagem distante. Por certo tão diferente e estranha despertando os teus medos. Só pra ver, mãe, mais diferentes e belos são os amores em nossa família.

— Amores fortes como de minha mãe por Simões.

— Amores de Francisco por Felícia, pisando de vez sobre a ave colorida. Uns afetos exóticos. E o que é de Silvana por Simões?

— Você condena minha mãe, Arte?

— Quem sou eu pra não respeitá-la com outro? Desde quando a vi dissimulando ser ele um motorista vi nos olhos dela uma ternura enorme. Ela perdeu meu avô de alma falecida. Fez todo o bem sendo ele pela metade. Debaixo do mau tempo, cansou demais a minha avó

— Não te condeno também pelo medo de você ser infeliz com

outra. Repensei meu ciúme por Sílvia. Acho-a uma metida! O que guardam aquelas mulheres que as gaúchas não têm?

Depois se retirou. Fiquei pasmo pelo sonho e pela comiseração de mamãe. Nunca sei da direção dos acontecimentos. Deixem que seja assim essa virtuose humana de ser uma surpresa contente, outras vezes, descontente. Semelhante às vozes de cantores de todos os tempos, nunca se esgotam as possibilidades de Kalas, Elina Garanca ou Genia, a feiticeira de Mozart, do mesmo jeito os eventos humanos desproporcionais aos costumes da tradição. Superar o presente e o passado, obedientes aos movimentos da expansão, o costume das estrelas do mesmo jeito as almas, não cansam de voar ao desconhecido. Minha mãe superando a si mesma nos ciúmes encravados na fragilidade da natureza. Querida senhora, deixando-me voar ao desconhecido amor como ganga impura a revelar ouro e pedra. Espero retirar o melhor. Um latifúndio inculto esperando os cuidados das culturas.



# PITACOS TEÓRICOS NOS VIVIDOS

Não vou imprimir, nas minhas histórias, os grandes argumentos teóricos de meus vividos. Isso fica pra Academia. Que sejam fragmentos pra não me perder. Não são apenas testemunhos isolados. Sinto me ferir na história maior, entretanto, não posso me afastar de meu propósito da intimidade da vida privada. Testemunho sobre os alicerces de uma casa. Não rejeito a história oficial por razões óbvias, embora serem os fatos favoráveis ao narrador e aos leitores.

Vejo nas entrelinhas do pequeno livro de Amanda a dor de um tempo a se romper de cima a baixo. Impreciso o afeto, bifurcada a sexualidade. Então, pode haver a dor violenta de uma fuga para fugir da ambivalência. Fugiu de um lugar de boa geografia para se proteger em São Borja. Encontrou a raridade de um homem, o bom Gilberto, indicativo de novos vividos masculinos. Quanto cuidado deve habitar o ser humano! Bem que diz o papa Francisco: “Os ateus de consciência honesta entrarão no reino dos céus.” A modulação da história constitui-se numa orquestra e no movimento das danças. Poucos espíritos fogem das peremptórias influências de um tempo.

A intensidade da história me revela a maior importância do cotidiano que me faz o que sou. Quiçá as mudanças emergentes nos façam melhores! Vou de olho na história oficial, tendo com cuidado a minha casa, as sutilezas, os escondidos e as vívidas expressões.

Vejo mais em vô Francisco: uma alma insegura pela descoberta de uma mãe dividida. Grande vô, buscando na arte das palavras um propósito e um sentido. O infinito das orações foi perdendo espaço para o provisório das artes. Então, meu avô fez história constituindo

um caminho de uma sorte difícil. Viva minha avó Silvana! Espero uma ciência capaz de superar os limites da natureza quando fracassa a memória pela agressão de proteínas avassaladoras. Recrudescem fortes os conflitos do envelhecer.

Viva minha avó, nas circunstâncias da doença de Francisco provando a relatividade de uma ética absoluta. Quais os direitos de um meso-falecido sobre o corpo e a alma dos viventes? *Entonces*, a mulher se afasta da promessa na difícil situação de uma fidelidade a quem não era mais o mesmo. Vou narrando, então, o quanto é difícil lidar com os costumes quando novas realidades se sucedem.

Vejo o próprio Degas. O que tinha ele de se enfiar na vida de meu avô, a roubar o livrinho misterioso? Deixe-me rir com o expressivo italiano ao narrar a verdadeira história do padre construtor de igrejas. Só pra ver o tempo no qual vivemos. Uma comunidade religiosa debochando do santo mártir: *San Cul, il Mártir da la Chiesa e da rosácea enorme a enfeitar a torre*. Demonstração da relativa autoridade existente. Pois como acreditar em grandes verdades depois da segunda guerra mundial? Ocorreu a morte das metateorias. O movimento das dúvidas vinha de longe. Assim até Deus foi relativizado por conta das incertezas em torno de verdades a serem revisitadas.

Poderia, sem sombras, apelar para a força das paixões a começar pelas histórias de Shakespeare, pondo em questão um novo ser humano. Poderia conversar com Darwin ou com Freud, ou apelar para as violentas mudanças sociais a começar pelo iluminismo, a revolução francesa e a russa, mas preferi a pequena história particular de minha gente sofrendo o movimento renovador da história mundial. Percebi, então, não haver casa livre dos barulhos da História. Vi de perto as dores de minha bisavó Amanda, ao fugir pra São Borja, escondendo a ambivalência afetiva. O que dizer de minha desenfreada emoção em torno de Sílvia? De minha mãe a resistir aos apelos familiares, casando com um mecânico mulato? O que dizer das incertezas de minha avó nos tempos nos quais se debatia Francisco na convulsionada afetividade? Pois se a História dos eventos maiores é expressiva, mais expressivo o cotidiano a realizar arranjos permanentes rumo ao desconhecido. Constitui-se um movimento de reciprocidades entre a moral maior e as práticas caseiras. As leis dão os nós finais, atendendo aos apelos inicialmente surdos, cujas vozes se elevam criando costumes. Fala o papa: “Quem sou eu pra condenar um gay?” Ai de quem diminui um

negro, uma puta ou qualquer sujeito ferido em sua dignidade. Quantos séculos se passaram até se tornar claro o princípio da reciprocidade? Penso fazer parte desse movimento universal para a igualdade. Inda que seja meu voo semelhante ao de uma borboleta, dizem os protagonistas da física, capaz de provocar mudanças climáticas. Finalizo lembrando Dulce e Eufrásia, testemunhas de vividos encantadores, fazedoras de movimentos solidários. Finalizo: alegra-te, cristandade! Minha imortalidade assume tais narrativas: eu sou a história dos vividos de minha casa. Quem dirá o certo ou o errado de meu irmão nas dúvidas afetivas? Duvido haver alguém mais amável que ele. Quando foi maior meu avô ao ser cobaia de uma experiência na doença de Alzheimer ou quando promovia a melhor linguagem com alunos em São Borja?



# E A SÍLVIA TÃO DISTANTE

— Que maldição é esta sobre nossa família! É Anita erguendo a voz.

— Até agora meio ano se passou, querida. Fiquei quieto, tentando afastar Sílvia.

— Que mal é esse por termos um coração louco? Ele se entrega de qualquer jeito ao desconhecido. Não é justo, tampouco solidário.

Ela não comentava somente sobre mim. Havia notícias ocultas nas palavras. Não procurei invadir a privacidade. Não é possível que estivesse com dores passadas por ter casado com meu pai. Uma melancolia me invadiu. Jamais poderia incluir qualquer arrependimento na união de minha mãe. Quem há de saber da verdade familiar? Soube de uma mulher ter apanhado a vida toda com a casa cheia de filhos. A mãe sufocou tudo. Sadicamente brinquei: não haveria uma amante com quem dividir a violência? Isto me narrou uma colega de curso de História. Os filhos casados souberam da violência pela polícia. Apanhara por meio século. Mão que fere tem ardis.

As palavras de minha mãe me alertaram sobre silêncios. O diabo, a história mostra, é hábil na arte de se esconder. O que estaria me escondendo?

Antes de Santo Tomé havia minha doce senhora Anita. Vejo-a muito perturbada, me parecendo, muito além das razões castelhanas. Não poderia partir antes de esclarecer: que mal temos em nosso coração?

Busquei momento propício pra me aproximar. Vou dar uma de gato: comer pelas bordas. Casa de nós dois.

— Mãe, tenho medo de me casar um dia e dar o pulo errado.

— Como te falei ontem: é mal de nossa casa ter um coração louco.

— A senhora fala de qual coração?

— Falo. Tô por aqui pra falar faz vinte e dois anos. Tenho medo de não ser compreendida. Antes de teu pai tive um amor por um rapaz bem de vida. Um amor bem feito. O Teobaldo cheio de medidas e cuidados. Concluía o curso de Odontologia. Gente de primeira. Papai cheio de orgulho. Dona Silvana falando: a Anita vai casar com um doutor. Não sei o que deu. Fui aí numa festa de uma amiga, isso antes de eu entrar na faculdade. Dei de cara com o teu pai.

— E daí?

Um vendaval destelhou minha casa. Não teve quem me segurasse. Extremei a paixão. Foi um alvoroço. O telefone não parava. Papai prometeu um apartamento pra gente ficar. Aquele bendito telefone ou era dom Francisco ou dona Silvana. O teu tio José quase me matou de tanto insistir. Fugi pra uma chichola de lugar com teu pai. Ele é e sempre foi um homem bom, mas a paixão foi desbotando, feito uma calça usada. Nem bem um ano, estava pedindo socorro em casa pra pagar meu curso. Aí fiquei grávida de ti.

— E então?

— A coisa engrossou. E muito, demais.

— Teu pai foi despedido da loja onde trabalhava. Deu uma de mecânico. Até que se saiu bem. Vinha pra casa esfolado de tanto ficar debaixo dos carros. Um homem muito pobre e muito cansado faz qualquer mulher chorar. Aí nasceu você.

— Foi difícil?

— Quase morri. Pra sorte minha, tua avó veio em meu socorro. A minha sogra, muito querida, não levava muito jeito. Não me acertei.

— Vim em hora errada?

— E a vida escolhe muito a hora pra chegar ou ir? Eu é que escolhi um homem medindo apenas a paixão. Coisa de muita decisão a tal da paixão, mas burra como só.

— De todo o jeito, pesou muito no balanço geral!

— Deixa estar... Nunca contei o que te falo. Certo dia, na conta sempre zerada do Banrisul, apareceu mais de vinte mil. Uma fortuna. Sempre via o Teobaldo por acaso. Ele sabia de toda dificuldade. Eu sempre minimizava meu fracasso social. Que coisa! Não podia me queixar

de teu pai. Ele sofria. Eu cheia de vergonha. Aluguel atrasado, com outras cobranças me amargurando. Teu pai mal conseguia administrar. Me doía o estado de petição. Mal consegui te amamentar e veio Augusto. Entre o dinheiro a mais e a oferta de uma pechincha de casa que é essa na qual moramos, não levou dois meses. Teu pai é que recebeu um telefonema sobre a pechincha. As condições eram boas demais. Concluía o curso. Fui ter com o velho senhor dono do imóvel. Descobri ser irmão do avô de Teobaldo. Desconfiei, aliás, em meu coração não havia dúvida.

— Santa Maria! Agora me dou conta de um acontecimento.

— Como assim, filho?

— Veja, mãe. Um professor meu da graduação, professor do mestrado e doutorado em História, veio acompanhado de um professor de Odontologia. Sentou-se ao meu lado quando comia um sanduíche. Como vai, daqui e de lá, e, bem de lá e daqui, de chofre o Damião, o nome dele, me perguntou se já havia pensado em realizar o curso de mestrado em História. Respondi: mal estou concluindo a graduação. O outro entrou no papo. Deixe me apresentar. Sou professor Teobaldo, trabalho no curso de Odonto. Acho bem interessante o que Damião está falando. Ele me contou de teus interesses em estudos de história da vida cotidiana. Li alguma coisa sobre o tema de tanto ele me falar. Depois eles se retiraram e eu fiquei de alma na boca.

— Veja se não é o professor Teobaldo que tá de olho em ti. Pera aí... Não acredito que esteja se aproximando de ti para retomar... Deixa pra lá... Deixa eu terminar a conversa.

Teu pai continuou a rica pessoa, mas de pouca proteção. Pra surpresa minha encontrei Teobaldo, em situação semelhante ao encontro de Joaquim, anos atrás. Meu coração disparou. Imagina meu constrangimento. Veio falar comigo com tal naturalidade como se ainda namorássemos. Uma ternura infinita me invadiu. Os olhos dele me fitavam sem alvoroço e sem pretensão. Havia sim carinho e tato, filho! Por saber-me estar em uma casa sem aluguel e de um dinheiro estranho, sorriu sem nenhuma superioridade. Falei em agradecer a pessoa que tanto me ajudou. Ele brincou:

—É, a proteção conta muito na vida das pessoas. Em nenhum momento demonstrou ter sido ele o mediador de minha tranquilidade. Soube por amigas: ele casara com uma mulher difícil. Soube dos filhos dele: uma menina e um rapazinho. Lindos como o pai. Pois é filho, não reclamo de minha vida. Escolhi um caminho, obscurecida a mente pela

paixão. Tenho a você, o Augusto e teu pai. Hoje olho com orgulho minha vida. Atravessei tempos difíceis e ainda atravesso. Por isso te digo... Uma loucura este coração. Vejo teu pai com culpa. Acho que é o fato de não alcançar melhores condições de vida.

— Culpa de quê, mãe? Afinal deu tudo o que podia dentro dos limites. E põe gente nisso. Sou o que sou pela atenção dele.

— Ele se sente culpado também por não ter dado a devida atenção ao Augusto. Ele me dá impressão de estar com dificuldade na formação da identidade. Por vezes, me olha e chora sem razão aparente. Está em conflito. Não tem ele a ambivalência da Amanda? Teu pai, quando o olha, transforma em dor a visão do filho. Entre os dois sempre houve uma dolorosa distância. Vai entender o por quê?

— Mãe, a direção não importa, importa se ele puder se expressar conforme a natureza.

— E se ele não se sentir bem com o olhar dos outros?

— Importa, mãe, é deixar que esteja bem com a gente.

Sáimos juntos. Augusto andava todo ancho por desenvolver um trabalho de arquitetura num escritório de bom nome. Tio José foi legal com ele. Só de estágio recebia tanto quanto eu com minhas aulas na escola. Em tudo carregava uma leveza maior que a minha. Depois de um aperitivo abriu-se comigo.

— Não se assuste com o que te vou falar, falou. Me inclino para mulheres, ma homem, não desdenho um rosto masculino bem feito. Isso te deixa mal, mano?

— Nenhum pouco. Acho apenas caber uma decisão.

— E se andar assim?

— Guenta o olhar dos outros?

— Sou discreto.

— E o estágio?

— Estagiava com um cara, mas não me entusiasmei. Rimos muito.

Voltando para casa vi o quanto deste mundo, tão aberto, pouco se sabe e pouco se saberá. A gosto de meu pensamento... As transformações. Se até o papa não condena. *Oh Tempora!* A História e a Geografia modulam as virtudes e os pecados.

# OS REENCONTROS

Silenciei sobre a Sílvia. Um vulcão explode quando as paredes das rochas não resistem. Tudo tão dramático quanto a situação do horror político brasileiro. Consola-me ter saído deste caldo difícil. Seja talvez esta a razão de me atingirem tanto os vividos de minha casa. Depois de minha mãe fui ter com tio José. O que fazer com Sílvia? Homem, vivido em medidas, expressou sabedorias. Ela tem bom caráter? É terna? É capaz de deixar Argentina? Foi bem cuidada? Sim a tudo.

Ao final, pensei, haveria um sermão. Veio apenas: É isso, meu sobrinho. Faz bem em ter por primeiro a profissão. O amor é manhoso e incerto. Vai com esse cuidado e não faça como minha irmã. A tua paixão por tua meia-tia é também coisa de louco. Nossa família já guarda histórias do arco. É sempre acompanhada por tumultos. Bem que faz em te cercar de cuidados. Traduzi meu momento: os ouvidos dos outros tem poder de cura. Por eles, uma vez amáveis, a angústia se vai deixando o pensamento mais seguro e a gente mais confiante. Amém

Fui três vezes até Santo Tomé neste último ano. Sempre às escondidas pra minha mãe não se ofender. Passava de fininho por São Borja. Valia-me da desculpa da pesquisa de final de curso de graduação. Os encontros se revelavam promissores. Felícia, a divina enganadora de meu avô me abraçava de um envolvimento como se fosse Francisco. Meu telefone já falava castelhano. Quando me dizia *vien, bien, no puedo más!* Era chegado o tempo de atravessar o rio Uruguai. Os momentos se tornavam exultantes. Tivemos cuidados pra não aparecer uma criança pra atrapalhar nossas vidas. Geralmente se transforma numa bênção, mas ninguém pergunta pelo susto inicial, das lágrimas intensas, das correrias, dos temores das relações iniciais.

As poucas noites revelavam luzes de encantos. *Asi se fueran los dias de locura!* Ao voltar para casa, media o meio termo entre a paixão e meu futuro. Sílvia concluía curso de Medicina na famosa Universidade da Fundação Hector Barceló.

*Aclarado el pensamiento* busquei o que fazer. Minha alma dividida pelo amor já não andava solitária: as palavras comungavam de um pensar castelhano. Assim é o amor: a gente não vê mais de um olhar vago, a alma, coisa feita de palavras, permanece em conversas divididas.

Após minha formatura, não me furtei ao dever de procurar professor Damião. Disse-me em breves palavras:

— E o que está fazendo que não foi fazer a prova de seleção para o mestrado em História? *Buenas esto es verdad:* neste país mais vale uma amizade que uma lei. Entretanto, me preparei com cuidado pra não me sentir privilegiado.

Depois do ingresso no mestrado, comecei a matutar sobre Sílvia. Havia concluído o curso de Medicina, *pero adonde trabajar?* Pensei em consultá-la sobre a possibilidade de vir a Porto Alegre. Sílvia fazendo uma residência em Medicina Comunitária e eu em meu mestrado. O amor nosso de cada dia fluía sem interrupção. Eventualmente ia até Santo Tomé. Aproveitava sempre para o intercâmbio familiar. Pobre Silvana ao saber do inevitável:

— Como prendem estes lençóis castelhanos! Foi o que disse. Vou, enfim, conhecer o espermatozóide tonto dele.

Ri sem grande convicção. Destaque merece a morte da querida Eufrásia. Uma vida fazendo a diferença. Choramos muito, a sua vida se carregava toda dentro de nós. Tínhamos dela o suficiente. E veio minha querida castelhana para o enterro. Minha mãe, vó Silvana e Sílvia se atraíram como ímãs. Bem que a falecida merecia um vivo gesto de ternura. Aconteceu o desejado. Um abraço carinhoso com meu olhar agradecido pra Eufrásia. Fora ela a dizer pra Silvana e esta pra Anita:

— Se o amor for verdadeiro deixem estar o amor é uma criatura difícil. Se for bom, prospera. Se um tal de Lot teve filhos com as filhas, por que meu bisneto não pode ter filhos com meia-tia? Tinha sangue distante e bem misturado. Vão se catar com outra coisa e deixem o piá em paz. Soube depois, foi o que disse. Minha mãe desvelou-se com carinho pra com Sílvia, de olho na avó Eufrásia. Parecia dizer: “Só porque a senhora pediu.” Depois do enterro em Maçambará, Sílvia se despediu.

Silvana abraçou-a traindo sentimentos: é uma hora desgraçada. Ninguém conseguiu saber a que se referia. Anita não perdeu a oportunidade de saber como estavam s estudos. *Muy bien, querida!* Sorri apesar do velório.

— *Si a sinhora no achar malo, voy hacer una prova em Porto Alegre. Entonces voy a estar con su hijo.*

— *Com mucho gusto.* Minha casa vai recebê-la.

— *Gratias, muchas gratias, sinhora Anita.*

Longo e terno abraço. O olhar de Silvana para as duas não escondia a dor.

Santo Deus, as pedradas maternas vieram.

— Por que não me falou nada? Sempre dissimulando. Quase casados e eu por fora.

— Desculpe, mãe.

— É certo, esta família é coisa incerta.

— De fato, coisa de espantar.

— Não começa, mãe. Cada um leve adiante o destino desconhecido. Acho que vou longe.

— Tenho vontade de te dar uns cascudos.

E a querida avó Silvana com humor amargo, depois das despedidas da enteada:

— Me dói a cabeça só de lembrar de tudo!

Por esse tempo de reclamações e preocupações recebi um what-sApp com um dizer:

*Guardame Como se fuera tu corazón!*

*Se voy lejos no me olvides.*

*Guardame en tu pecho!*

— Fui ver com cuidado o exame de qualificação em minha Universidade, *si acaso quieras asi*, respondi. Se passar será médica brasileira.

— *Asi pienso yo también.*

— *Que asi sea!*

Já não se exaltava uma paixão absoluta: confrontava-se com a proteção.

De todos os conhecimentos dolorosos mostro o maior: continua

de pé o princípio imperial: quanto mais próximo do rei, as velas se enfunam melhores. De Teobaldo para Péricles, este responsável pelas provas de qualificação na área de Medicina. Só pra ver o quanto o rei foi gentil: me convidou para um cafezinho.

— Dr. Teobaldo, meu amigo, pediu para falar contigo.

— Me sinto privilegiado.

— Não é privilégio, não faço diferenças entre candidatos.

— Apenas busquei esclarecimento com Dr. Teobaldo. Ele sempre foi muito gentil.

— Pois veja o material das provas a serem realizadas. Vá até secretaria e não perca tempo.

— É isso que vou fazer. Tenha certeza, Dr. Péricles, não peço favor, desejo que Sílvia esteja preparada.

Por sorte do destino foi aceita no Projeto de Mais Médicos. Não conseguiu êxito nas primeiras provas do revalida. Passou, porém, no ano seguinte.

Para alegria de minha mãe, Felícia decidiu permanecer em Santo Tomé. Assim quando batia a saudade da filha ela ia até Uruguaiana. Tomava o avião para Porto Alegre, nos visitava rapidamente, retornando. Para mamãe, se a filha não devia culpa, ao contrário, Felícia fora muito danada. Vivia agora em companhia de um companheiro. Conheci o castelhano de *mierda*, como dona Anita se referia a todos do outro lado, el señor Jorge Luiz Rivadavia. Bem que esse desgraçado poderia ter aparecido antes de ela conhecer meu pai, se doía dona Anita.

Consegui tornar-me um cidadão trabalhador. Dividia-me entre a conclusão do curso de doutorado em História e minhas aulas na Escola das Filhas de Maria. Passei no concurso de professor do município o que, dois anos depois, declinei, pois passaria como professor na Universidade. Mais uma vez Teobaldo me ajudou, rendendo um razoável salário. O ingresso como professor universitário me trouxe mal-estar, pois percebi uma certa desconfiança em relação a esta aproximação muito expressiva de Teobaldo.

Não vou botar as carroças antes dos bois. Tive meses de intensa movimentação. Meu pai foi solícito por demais. Por estar de férias, não fez outra coisa senão procurar um apartamento do tamanho de nossas possibilidades. Mais uma vez confirmei: um protetor como sempre. Entre Teobaldo e Joaquim, preferia Joaquim. Por melhor que fosse Teobaldo, Joaquim correspondia inteiro ao meu coração.

# AS DIFERENTES INTENSIDADES

Que dia foi este do meu casamento! Pouca gente convidada, todavia... Muitas emoções. Minha mãe fez questão de convidar Teobaldo por razões de ter me ajudado. Assim explicou minha mãe ao Joaquim. Eu casando e mano Augusto solitário, alegre como sempre. Pobre de minha mãe! Me doía o coração por ver os sentimentos consternados pelo imaginário amor feito Teobaldo. Meu pai daquele jeito: tão pobre e de doído orgulho. Meu irmão, afável. A modernidade se não for o melhor tempo parece ser o da minimização das diferenças. Velhos costumes se atravancam no meio do caminho dos viventes. Casamos religiosamente só pra mostrar irmos além das convenções humanas. Alguns preferem passar a vida sem ninguém, achando difícil suportá-la a sós, mais complicada ainda levá-la a dois. Penso o contrário. Ficar a esmo por aí apenas desenrolando a própria bandeira não é de bom tom. Muito menos interessante é ficar de sentimentos íntimos apagados. Se vou ser fiel? A promessa é feita pra superar a fragilidade sabendo-se que a toda hora convém voltar ao ponto de origem: o prometido.

Deixo de filosofias para continuar a história. Êta família para envidar esforços diante de vividos nessas almas atormentadas.

Depois de meu casamento ocorreu um fato desagradável, em tudo semelhante às narrativas da morte da minha bisavó, mutantes os objetos da paixão. Amanda, conflitantes sexualidades; Anita, conflitantes preferências. Depois de minha breve lua de mel, assumi as primeiras aulas na Universidade. Hora do cafezinho. Teobaldo:

— Preciso falar contigo. Vi um jeito pouco à vontade, movido por constrangimento. Seria sobre meu início acadêmico?

— Pode ser depois da aula?

— Vamos a um bar reservado do outro lado da rua, Artêmio.

— Sei. Vamos pra lá.

Havia algo de excessivo nele. Incomodava-me o zelo, já desnecessário. Encontramo-nos no bar, iniciando-se por uma *charla* de ventos e chuva, de sol e de nuvens. Não desconfiava dos raios.

— Estou curioso, professor Teobaldo.

— Apenas uma conversa informal. Guardo um segredo de mais de 25 anos, Artêmio.

— E por que eu o confidente?

— Me constrange falar da mais pura ternura. A mulher é tua mãe.

— Nada a fazer. Ela tem meu pai.

— A nossa conversa é in off. Leia esta carta, Artêmio!

Caíram-me os calções. Minha mãe revelando a dor de nunca tê-lo esquecido. O pior: propunha um encontro.

— Ela anda perturbada com essa ideia.

— Assim penso também.

— De todo jeito, acredito em prudência. A esposa também carece de tua confiança.

— Mas vivo indiferente faz tempo e ela não disfarça a insatisfação. A doença dela, assim penso, talvez seja reflexo desta minha atonia afetiva.

— Uma frustração pode precipitar outra, dr. Teobaldo. Sou péssimo conselheiro. Apenas fico matutando: Minha mãe perturbada em sonho distante, poderá se sentir ainda mais desamparada se quiser resgatar o que passou. Vai se sentir ainda pior por ver o marido em situação crítica. Sempre lhe doeu a pobreza de papai. Também não sei se uma aventura agora seja a melhor solução. Vou ouvi-la. Pode crer, serei discreto. Jamais saberá desta carta enviada. E o senhor abriu o jogo em relação às frustrações da esposa?

— Talvez não o suficiente.

— Quem sabe este amor frustrado em relação à minha mãe não esteja pondo nuvens em seu casamento.

— Sou muito grato, Dr. Teobaldo vendo a dedicação de tanto tempo. Não sei se precipitar a relação tardia fará bem.

Retiramo-nos, chegando a nada. Apenas uma conversa sincera. Me senti um péssimo mediador. Meu santo protetor me deixando mal. Me senti o menor bicho de São Francisco.



# MINHA MÃE

— Ô minha senhora, madre mia, boas notícias: meu casamento está melhor que o imaginado!

— Não espere demais. O leão, quando pequeno, é uma doçura.

— Tenho aqui um presente. Uma viagem de núpcias, querida. Uma semana em Porto de Galinhas. Ganhei numa brincadeira da Universidade. Dou porque nem eu nem a Sílvia podemos ir.

— É meu prêmio de consolação?

— É merecimento. É pra fugir um pouco de mim, das aulas e da rotina da casa.

— E minhas aulas na escola?

— Já conferi na escola. Vou aproveitar a ida para trabalhar com a tua escola, pra mostrar o quando vale a história da vida privada. Estou desenvolvendo uma pesquisa: sempre sobre os vividos dos alunos nas famílias. A diretora achou importante aproximar os alunos dos pais e avós.

— Danado! Agora deu pra mandar em minha casa?

— Só um pouco. Vai mãezinha! Na volta a senhora recupera o conteúdo. Soube também que o salário de papai melhorou em função da qualidade do trabalho dele.

Perdi a coragem de falar sobre a sonhada pretensão de Teobaldo. Uma certeza me assistia: ele buscava compensando as frustrações da família, agarrando-se a um sonho imaginário em torno de mamãe. Ela se pôs a chorar.

— Vou, só espero ter você e o Augusto mais perto de mim. O Augusto depois que resolveu trabalhar em artes gráficas, está cada vez mais distante de casa. Você sempre envolvido no teu doutorado.

— Estou no final da tese. Depois vai ser como o ditado húngaro: vou fazer meu cachorro feliz, hoje não vou bater nele. Vou estar aliviado. Poderei estar de olho na senhora.

— Assim espero, querido. Sem você a casa é muito quieta.

Percebi o que uma pessoa é capaz de fazer se não houver reconhecimento pela dedicação. De fato, eu e Augusto desligamos dela.

— Conversei com Sílvia. Vamos tentar fazer de nosso apartamento um lugar igual ao ambiente de nossa casa.

— E a castelhana ajudará?

— Ela se esforça. Pergunta seguida: *como tu madre hace para adornar la casa?*

— Nem que seja mudando as coisas de lugar. O amor descobre o que fazer, respondi. Sabe, desconfio que pela beleza o amor fica melhor. Vou levando a vida muito por causa deste lugar *bien adornado, asi dice Sílvia*.

Oba, Oba!!! A prosa está melhorando.

— Quem sabe mãe, então uma viagem pra ver outras paisagens ponha mais beleza na vida de vocês dois.

— Estou aguardando...

— Aguardando o que?

— Deixa pra lá. Despistou.

A viagem caiu bem. Reafirmei entendimento: os lugares têm poder. As paisagens produzem efeitos. A geografia é poderosa! Joaquim e minha mãe estão contentes. Por lembrar os dois, lembrei de Teobaldo. Segue na mesmice. Apesar da bondade, não encontrou a forma certa de lidar com os sentimentos.

*Asi pasan los dias e mudam-se as formas de ser.*

Minha felicidade quase completa: Sílvia grávida!

Ao levar a notícia pra minha doce senhora Anita houve um novo alento. De um salto foi a reação. Um neto pode revelar outros amores. Sílvia dedicada em trabalho obtinha reconhecimento pela medicina e

pela responsabilidade afetiva em torno da comunidade de trabalho. Impressionava-me a ternura e a competência.

Nasceu minha criança. Minha filha! Nada mais necessito para ser feliz. Sinto a presença Dele na nova humanidade feita deste tamanho. A imensidão pode ser o nome. A velocidade da vida contém mistérios. De repente, sou outro, me concebo diferente. Sílvia, dois anos depois concebeu novamente e deu à luz a um menino. Sentimentos da mais divina reverberação espiritual. Uma casa com sentido da vida. Vi dois sabiás cuidando de dois filhotes na casa de minha mãe. Os tempos... Os tempos. Em tudo andávamos iguais aos pais e aos filhotes. Somos a História e a Geografia. Os pais: Sílvia e Artêmio; os filhotes: Adriana e Camilo. Todos os anos, após o nascimento de Camilo, me comovia ler minhas páginas. Não mais tive desejos ou suficiente vontade para dar continuidade às narrativas dos eventos. A exuberância da juventude tem disso: quer garantir a si mesma, o poder de ser. Do menino agitado, passei a um adolescente de ideias focadas no desconhecido a ser inventado, de Arte passei a Artêmio. Sou fiel por saber-me pequeno. Minha intimidade familiar foi suficiente e me consolava diante das dificuldades acadêmicas, das quais hoje, tenho pouca saudade. Gravei dois pen-drives no orgulho de dizer minha verdade. Que alguém que queira diga mais. Mais descansado me dedico a entender em meus estudos sobre As Fronteiras do Rio Grande. Os rumores aí também já se apagavam.



# OS TEMPOS DE CAMILO

Gilberto e Amanda geraram Francisco, Francisco e Silvana geraram José e Anita, Anita e Joaquim geraram Augusto e Artêmio, Artêmio e Sílvia geraram Camilo e Adriana. Meu pai veio perguntando se queria continuar. Tomei o alfarrábio, tirei xerox. Eis-me aqui. Sou feio que só um troço. Não será pelo parentesco de quem me gerou? Vai ver que todas as torturas de Artigas e Oliveira se juntaram em mim. Mas aguardem!

Meu pai Artêmio, casado com Sílvia, um historiador de intimidades e minha querida mãe *dulce, asi como Evita*. Médica de pobre e depois, de ricas senhoras. Dos dinheiros dela, não desprezei os recursos. Conheci pessoas e mundos sem fim. Tornei-me repórter político, disso cansei logo. Nem eu acreditava nos meus escritos, tão bizarros. Apesar de escrever como sociólogo, sou comunicador e publicitário. Sinto uma alegria intensa, apesar de ver de perto os trâmites políticos. A herança antiga de reis portugueses persiste viva. Todo político parece ser dono de uma capitania hereditária. Exemplifico o vício histórico de buscar na política o exercício palaciano, pois se arvoram em príncipes desde a vereança até a presidência. Roubam por entenderem que a nação republicana é o império do qual se apossaram pelo voto.

Desde a primeira Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, isso é, não se concluíam os meados de 1550, quando roubavam uma loucura. Recebiam o salário em cera pelas horas trabalhadas. Na verdade, faziam cera, conforme já foi dito. Hoje ganham tanta cera e sem trabalho. Além dos salários recebem quinhões de mediações feitas. Uma insolvente loucura. Apenas não sei como a nação sobrevive. Sei: os impostos excedem. A centralização do poder sobre o bolo fiscal faz de

Brasília um enorme apiário, enquanto a pátria deixa morrer os filhos sem um favo de mel. É um país de imperadores, eleitos de quatro em quatro. Já estou tão acostumado e não acredito em promessas de fidelidade pátria. Tanto entrevistei ouvindo balelas: a verdade é feita de palavras tão bem ditas a ponto de se mostrarem honestas e verdadeiras. Eles mentem: acreditam nas próprias mentiras. Sou um homem ingênuo. Dizem que sofro de euforia, um mal pra não ver a perversidade. Prefiro esse desvio mental a sofrer com a maldade. Por ver minha pátria sem a fidelidade aos princípios, por vezes se me abate um sentimento de compaixão. Isso me acontece, por exemplo, quando dois presidentes veem parte dos ministros acusados ou presos. Não falo dos dois que me cubro de vergonha. Ao sair do governo, um pobre filho torna-se rico, de avião particular, metido em riquezas. Ri em bandeiras despregadas ao ouvir de um defensor maniqueísta de um ex-presidente: enriqueceu pela competência de ser consultor das empreiteiras. Aliás, todos os partidários creem na honestidade e acerto político do homem. Assim ouvi: afinal um homem inteligente oferece consultorias. Aí me dá um desejo absurdo de rir. Fico absurdado! Dizem eles que sou de má vontade por me rir dos presidentes.

Chamam-me de maniqueísta: só vejo maldade. Confesso-lhes o contrário: se assim fosse seria um suicida. Aí sim, me sinto atrelado à compaixão. Breve sentimento de irracionalidade a me enfastiar a alma. Logo a seguir retomo a ilusória sensação de alegria. Se o judeu húngaro Kertetz ouvia altas gargalhadas dos soldados alemães nos campos de concentração, por que não posso rir dessa loucura? As vítimas são invisíveis e eu cego. Rio mais ainda ao pensar no poder, poder de toda ordem. Quando vejo a fé matando: estado islâmico, cruzadas e inquisição, partidários convictos, me atordo mais ainda. Rio, então de mim, por pertencer a esta raça chamada filhos de Deus.

Tenho porém, minha fé entre fulgores, como este de agora, por ver imensidades dentro da alma e por exclamar: maravilha, ó Deus, este espetáculo em ver a terra com os pássaros brilhantes junto a um riacho que flui para o mar. Viro poeta, pergunto: quem ensinou ao riozinho, o caminho do mar? Minhas lágrimas não saem por tristeza. É indizível este sonho de amar acordado. Quando sonho, viro homem... E as mulheres se curvam, me acho. Pobre de mim!

Ao acordar me dou conta de minha feiura. Enlouqueço ao me olhar no espelho. Eu tão feio, minha irmã a Adriana, tão linda. Garga-

lho, por vezes, em minha inteira alegria. Mesmo feio, me sinto de alma linda. Não nego quando me aflijo, minha dor é amarga. Que briga houve entre o óvulo e as sementes pra ficar tão desacertado? Ou será, tenha nascido de cara partida? Vejo a tristeza de *mi madrecita, tan grande* quando me olha ou quando vê o olhar dos outros sobre mim. Chegam a dizer: ainda bem que fala de palavras redondas. Bem que Deus tenha me dado uma boca sopradora de uma linguagem razoável. Melhor assim, me consolo em vez de soprar ventos bravios. Procuro, pela alegria, compensar meu cartão postal. Isso tem me valido muito. As garotas anos atrás ao me verem tão feio, se predispunham mal. Ao abrir a boca começaram a olhar. Pareciam dizer: como é possível sair dele? Também minha voz faz de mim um cara interessante. Se o corcunda de Notre Dame celebrizou-se, por que não posso marcar minha presença?



# AO OLHAR MINHA FAMÍLIA

Sou desse jeito: a ordem das coisas é minha inimiga. Comecei debochado e inquieto. Continuo agora de alegria intensa na minha casa. Sílvia é rainha e Artêmio o historiador. Adriana não se faz derogada: se acha a princesa. Aprecia ser bem vista. E merece. Só pra ver: dia desses veio em minha direção. Fiz de conta não vê-la. Começou a chorar como se tivesse sofrido um acidente. Meu pai, pressuroso, inquireu sobre a convulsão chorosa. Ela choramingou, em lágrimas: ele não me olhou! Meu pai riu da razão, tornou-se histérica. Somente com os carinhos da mãe ela melhorou o desalento, olhando-me acusadora. O bom dela é ter um espírito generoso: a seguir esquece tudo, tornando-se de uma ternura absoluta. Ela busca também estar atenta aos deveres escolares. Atrai elogios bem mais que eu. Quando me vê tão feio quanto sou, tenta me consolar dizendo que vou sarar. Minha mãe então me olha cheia de culpa, mais, então, me sinto mal. Sei que pensa ter feito coisa feia não tendo explicação para tanto. Não lhe dá na cabeça a culpa do parentesco? Ria comigo: um óvulo castelhano brigou com um espermatozóide brasileiro, deu bagunça. Quem pagou o pato fui eu.

É desse encantamento que eu nasci. Ouvi ele comentar com um amigo no escritório aqui em casa: *“Busquei entender minha família com todos os demônios e ainda não entendi de onde vem minha incontável paixão.* Acho que se referia à mamãe. Ingentuamente perguntei: quem são os diabos de nossa família? Desconversou. Olho para ele e o vejo tão sério, muito sério. Será que ele não se perdeu no meio de tanto parente?

*Buenas*, de todo jeito que se olhar, a minha casa se parece um lar. Minha mãe é uma figura segura, nela dá para confiar. Mas o que conta

são os fios pelos quais somos costurados. Meu pai teve um sonho com pássaros cheios de cores. Assim li ao se referir à imensidade dos afetos. Os pássaros são a cópia fiel das diferentes formas e coloridos, os quais somos capazes de reproduzir. Olho pra minha mãe. Acho até que, por ser de origem espanhola ainda carrega grandezas de superioridade às de Portugal.

O que, porém, me dá a ver é minha irmã. Mais velha que eu. Ainda bem que a tenho. Nos momentos em que me desespero em minha feiura, ela não toca no assunto, mas sabe de meu lastimável estado. Tento compensar com minha alegria. Ela percebe meu disfarce e, mesmo forçando um pouco está aprendendo comigo a brincar com a vida. Com ela consigo ver o que ninguém vê. Ela foi minha inspiração para vender o que quer que seja por um bom preço, pois é isso mesmo: minha profissão tem tudo a ver com uma criação sonhadora sobre tudo. Sou um governo de coalizão, aumento meu preço para exigir das coisas o que não valem. Vejo mais que o necessário o que muito me ajudou como amante da vida e como profissional. Ela, sempre ao meu lado, imprimindo olhares diferentes, cada dia mais generosos. Comecei com ela a ver, além da conta, um universo pouco visto pelos outros. Que seja a compensação de ver meu rosto desproporcional, com eternas acnes. Ela ultimamente me fez ver a minha semelhança com Vincent van Gogh. Salvaram-se minhas orelhas. Achei estimulante. Acabei por acreditar.

Nessa família, a minha mãe paira até sobre o assoalho. A divina mulher pede pra amar a nossa pátria gentil enquanto a vejo, certos dias, saudosa de Santo Tomé. Sou diferente dela porque tenho um espírito santo estabanado, *muy contento, pero mal aclarado*. Começo a revelar com inteireza minha mãe, a castelhana de *mierda* das conversas da bisavó. A bem da verdade, a avó Anita conseguiu rapidamente *perdonar la castellana*. Que rica! Como tenho me enganado. Ah, se todas as mulheres fossem assim, não haveria homem infeliz. *Y que madre, Diós*. Sangue bom é o dela! Falo de boca cheia, com alguma dificuldade. Ela me fez feio ou será, acaso o pior espermatozóide de meu pai? Vai saber! Fiquei assim, a mostrar uma cara sem estética, *mientras... Que figura, como se fuera Dom Quijote!* Sonhei certa noite, ter nascido lindo! Brad Pitt, Mastroianni. Todos os caras mais deslumbrantes eram máscaras velhas perto de mim!

Cruzes que voleios, antes de dizer dela. Vamos lá!

Olhos e ouvidos infantis não esquecem. *Como olvidar mi madre!*

Via com orgulho atendendo os pacientes na unidade de saúde. Aprendi a alegria de ser com a alegria da clientela. A escola onde aprendi a pensar melhor ficava próxima da Unidade de Saúde onde trabalhava. Esperava por ela e ouvia as falas daquela gente. A pobreza feliz me ensinou a felicidade. Desafio a me mostrarem a melhor médica comunitária. Após a aposentadoria, contado o tempo certo, entrou de cabeça na medicina estética. Fez o curso que a habilitava para tal exercício durante os serviços comunitários. Coisa fofa minha mãe.

Ainda antes dos 50 anos, começou a mostrar um novo talento. Brincava: servia aos pobres, agora me servirei das ricas. O sucesso foi imediato, tamanho o talento das mãos. Confesso o que jamais diria a ela. Imagino-a matutando: “fiz um filho feio, vou corrigir.” O que a barriga não fez, farão minhas mãos. Certa manhã de domingo, sol azul depois de dias de nuvens cerradas, ela chegou-se em mim. *Hijo, vou te dar una frente mejor.*

Não descansou enquanto não me viu enfiado na clínica de beleza. Aceitei o desafio. Tinha exatos 25 anos. Meu nariz era o aríete do buque de guerra na batalha de Riachuelo. Solito afundava minha imagem. Não se ponha muita dúvida: minha boca, um Vesúvio. Nunca o vi, pero qualquer buraco de jogar gude poderia ter melhor desenho. *Pero que si pero que no*, cumpriam as funções. Saí da clínica cheio de esparadrapos: uma múmia faria melhor figura. Primeira impressão: roubaram meu nariz.

Meu pai, aos sessenta, se envergonhava dos dentes perdidos. Coisa feia um filho ver a boca de um pai cheia de dentes e, de repente, se descobre de boca murcha. Sonhava em devolver os dentes. Chegou o dia dos implantes. Tive de volta meu pai. Assim eu procurava meu nariz. Havia desaparecido. Esperava o instante de minha transformação. E vi o rosto no qual me transformei. Não me reconheci. Pequena compaixão de me ter perdido. Como o riso, dizem, corrige os costumes e o erro, comecei a rir. Havia em mim um novo ator. É verdade, não temos um corpo, somos nosso corpo. Comecei a me dizer. Ô cara, que cara é essa? Minha mãe, a operadora a perguntar:

— *Le gustó?*

— Bem feito, mas estranho!

— *Te acostumarás!*

— Si, Madre! Quem não saiu bem do ventre saiu melhor das mãos.

Na verdade, estava atordoado. Coisa estranha, com saudades de mim. Dizia: “olá, narigudo.” Agora vou dizer: esquece o tucano. Vou levar tempo pra rir à vontade com minha boca nova. Via uma protuberância: eram meus lábios mais pronunciados. Ao dizer as primeiras palavras tive dificuldades em movê-los. Carecia de mais tempo para lidar com a boca, fechando a porta antes do tempo. A ventilação, antes havia um túnel largo, se fazia menor. Deveria aprender a respirar. Senti as palavras faladas também pelo nariz. Agora menor parecendo um baixinho invocado. Queria se meter onde não havia sido chamado.

O que não poderia fazer é deixar minha mãe triste, bastava a tristeza de ter parido um nariz exorbitante acima de uma boca encolhida. Vou superar todos os limites advindos da correção da natureza. Todas as palavras pareciam ter um til. Vou ajudar a fazer de mim coisa melhor. Veio uma castelhana, vizinha nossa, a ver o feito de minha mãe. *Hoy tienes un hijo muy lindo! Un hombre de verdad!* Merecia ficar bravo: o que andaria pensando antes de mim? Ri: *acaso tengo otra cabeza e otros cujones?*

Em tudo pode haver consolo: Lembrei por aqueles dias, um conto japonês: um mestre carregava um nariz de quinze centímetros. Um dos discípulos erguia nariz para tomar o chá na cumbuca de barro. Pois não é que o discípulo distraiu-se, deixando o nariz cair dentro do chá! Acabou-se o cerimonial. Bem que o mestre teria um auxílio pelas *manos de mi madrecita*. Por certo, a doutora Sílvia ganharia o Nirvana.

# A ARTE DE NÃO SER O MESMO

Percebi diferentes sentimentos nascendo em mim. Um tal de Dingo, vindo de uma data infantil, me perguntou onde puseram meu primeiro nariz. Veio-me uma onda quente, desejo grande de matá-lo. A língua estava pronta: pergunte pra tua namorada onde pode encontrar, engrossei. Assustei-me. Nunca pronunciaria tal sentença. Envergonhado, expliquei-lhe sobre minha mudança. Ele me agradeceu dizendo:

—Vou falar com minha mãe. Ela também tem um nariz grande.

Estava em meus 25, formado em Sociologia, pronto pra estudar no Canadá. Uma empresa me apareceu de presente. Estudos avançados. Via o poder da bifurcação. Da direção política me voltei para outra. Deixa estar que os dias não eram fáceis. Começara a falar com relativa facilidade. Minha bocajá não me perturbava tanto. Ria comigo sobre as diversas abordagens feitas em torno de meu rosto. É bom viver numa cidade grande: a gente consegue se esconder, entretanto meu caráter não era mais o mesmo. Minha família adotou a história de Saramago: de uma vaca mansa virei numa vaca lutadora. Os lobos não deixavam em paz a minha boca e meu nariz. Para um amigo perguntei se ele só via nariz e boca em mim. Respondeu:

— Não Camilo, essa é a diferença maior O resto eu já conhecia. Estou tentando te reconhecer, desculpe.

Comecei a lidar melhor com minha situação. Avaliei o quanto as diferenças são complicadas na convivência. Pois é: eu mesmo me tenho como um estranho e fico a me fazer um monte de perguntas. Vão desde: seria melhor me mostrar no original ou no artificial? Minha mãe se apaixonou pela Medicina estética pela arte ou por compaixão de me ver tão feio?

Buenas, qual é a minha então? Deveria me propor a ver com naturalidade as perguntas alheias. Pra tanto, fui ao conselho de meu pai. Outra hora falo dele. A minha urgência era maior. O velho tirou de letra o conselho. Se fosse um coelho da cartola não me surpreenderia tanto. Que paizão foi ele! Não falou muito: Alguns preferem manter a história inalterada. Outros preferem tê-la em constante mudança. Você está resistindo ao rosto novo dado por tua mãe. Quem sabe você chegue a conclusão de ser permanentemente outro? É claro, sem perder o principal.

Depois falamos de futebol e da minha viagem ao Canadá. Minha carta foi aceita. Seria um aluno canadense. Continuava a ser permanentemente outro. Pois bem o Canadá me veio por acaso. Conversa vai e vem com um amigo, dei de fazer uma especialização em Comunicação, especificamente Publicidade. Só pra dizer como andava mal meu azarado jornalismo político. De tanto ver desagradados, caí fora. Bem diz meu pai: “Aqui mais vale um amigo que uma lei.” Fiz amizade com um gerente de uma Instituição de Comunicação. E pra sorte minha, uma bolsa. Valeu meu inglês, minha especialização e meu jeito latino de ser.

Sempre tive o desejo de contribuir no que tangia aos produtos daquela multinacional. Iria em breve ver a maneira mais efetiva de abordar os interesses da população ou criá-los. Desde muito vinha me intrigando a Sociologia do Consumo. Poderia encontrar um meio de vender mais, sem vender a alma. Estava parecendo meu pai. Dizem que a velhice chega quando nos descobrimos semelhantes aos pais. Eu então, estava sendo um velho. Deveria ser menos certo e mais criativo. Deveria fugir das inclinações paternas. Ele mesmo me dissera: Não perca o principal.

Busquei em mim o mais importante. Reavaliei minha história e percebi estar perdendo a alegria. A mudança física estava me levando a uma austeridade pouco condizente com minha história. Fui buscar auxílio no pensador da história: meu pai. Uma lição pra valer: saber perder. Falou-me sem ares de pontífice. Quem pontifica é um bárbaro. Ele mais me dizia em vívidos que em teorias cartesianas.

— Conheci um amigo. Em acidente perdeu uma perna. Nunca mais conseguiu se comunicar. A perna era o objeto de comunicação. Instava: tenho duas, perder uma é o fim. Absolutizou a perda. Você parece andar igualzinho a ele. Está perdendo teu espírito de humor. Você é um sujeito interessante. Se começar a consagrar teu nariz antigo ou que

seja a boca, vai perder a tua maior virtude. Pensar todos pensam, amar todos podem amar, ter um poder todos tentam. O teu espírito de humor te fazia diferente, poderoso. Se perder isso em razão de teu nariz você está retirando tua alma. Vejo-te distante de ti. Não te parece que agora tua beleza está retirando a naturalidade o teu jeito.

— Tá bem, pai.

— E por sinal mais lindo. Um belo homem.

— É, estou me queixando de barriga cheia. O belo está ganhando do homem.



# VIVA O CANADÁ

Nada melhor pra esquecer meu nariz e a boca: Canadá com outros tamanhos para a alma. Os olhos de todos nada a ver com meu nariz. Como nada esperavam, fui esquecendo o que eu fora. Bem mais me atinham o curso e as exigências. Meu inglês era o suficiente. Sabia a língua, embora falassem francês nas ruas também. De lambujem aprendi o francês. Sinceramente, a mais chata das latinas. O que essa guturação. Quebec me alegrou pela humanidade praticada. Aprendi de alma o suficiente: o saber de minha irracionalidade, quanta diferença daqui. A evolução e a história criaram inclinações poderosas. Jung viu muito bem o quanto somos movidos por ondas submersas. Basta um sinal que elas vêm à superfície fazendo loucuras com a vida humana. O poder da comunicação por imagens é algo cativante. O curso sobre Teoria da Comunicação e Vendas me deixou perplexo em razão de minha ignorância. A arte de vender está em explorar minha inteligência alegre e tormentosa. Vou me dedicar a encontrar meios pra explorar o humor tão carente nos dias brasileiros. A ludicidade é uma força propulsora para viver bem. Faz parte de meu caráter. Meu humor, por vezes cáustico poderá render minha sobrevivência. A alegria do cotidiano é o meu caminho dentro das comunicações. Descobri o caminho de intensidades fortes para promoção de vendas. Não me desligo, porém, das finalidades últimas. Gostei. Um pouco de Filosofia Humanista é bom pra tosse. Comecei apresentando a figura materna e sua ternura, bem como a proteção paterna. Temas ainda não esgotados. Os sonhos da mãe boa e do sábio salvador trazem bons auspícios e, de presente, uma vez associados a produtos caseiros é a conta. Interessante: o que para nós é natural esse jogo criativo, para os canadenses, extraordinário. O

pensamento lógico europeu recrudescu por estas bandas frias. Estou solitário ao concluir o curso. Enquanto estamos em situação de trabalho vão bem as relações de proximidade impessoal. Trabalhei em dois projetos de imagens de bom humor associado a um produto. Minha companheira, melhor colega, mantinha prudência canônica na demonstração de qualquer gesto ou palavra. Disse haver nela uma vocação religiosa. Ela não entendeu a brincadeira. Falou:

— Não, nem cristã eu sou.

O dia a dia é meu templo. Aqui, uma cultura de pouco afeto motiva o cotidiano. Na última semana houve demonstrações de ternura por parte de Alischa, a colega feita uma monja. Ao passar por ela toquei de leve no seio. Veio o que mais se diz por aqui: *excusez-moi ou I'm sorry*. Os dois falaram ao mesmo tempo. Foi o que mais consegui nesta terra. Certa feita, isso também ao final do curso, perguntei-lhe sobre a sexualidade no Canadá. A resposta foi evasiva:

— Cada um na sua, falou. Tomei em dois sentidos. Que eu ficasse na minha ou cada qual faz o que bem entender. Fiquei na minha. Va lá, poderia ser acusado de assédio sexual. A bem da verdade, cada macaco... Deve haver uma forma especial, inatingível para um estrangeiro. Ouvi, não sei se elogio ou desprezo, ela falando para outra colega: Ele tem olhos meio loucos.

Meu senso de humor não hostil, bem modesto, visto aqui desse jeito. Pode? Ao perguntar para alguém: Como vai? Vem: *not bad*, nada mal. Que merda, só sabem dizer isso. Inventei de dizer, ótimo, ao ser questionado por uma professora. A reação foi de susto parecendo dar uma cantada. Não é possível viver assim. Vou pra casa que tenho mais o que fazer. Garrei meu certificado, que Porto Alegre me espera. Os olhos loucos vão ver melhor em casa. Bastam oito meses de frio com gente inacessível. Vou pra casa, tendo um valioso certificado. De que vale tudo isso se meu coração gela? Vou encontrar a mais afável das mulheres. A divina misericórdia volveu os olhos pra terra e fez esta mulher.

# MINHA SÍLVIA

Quanto amor por uma mulher de sessenta anos! Ela semelhante a Atena, a sábia deusa. Anunciou os passos de minha estética. Conforme o dizer dela: deixará de nasalizar as palavras, vai respirar de encher os pulmões. Apaixonada por meu pai: o historiador. Ambos merecedores de um cantochão de Gregório Magno. Ela via nele um homem disciplinado, extremado em paixão correspondida. Admira-me não terem sofrido ainda qualquer tipo de infarto do miocárdio. Certa tarde, invadi a privacidade dela e li textos da gaveta. Coisa de uma Safo ardente. Não é de um filho comentar as invocações eróticas da mãe. Havia delicadezas perpassando palavras. Tal suavidade em dizer do coração, tão hábeis as mãos. Transcendia de glória a deusa de meu pai. Em tudo imitava a mãe Felícia. Mulheres disputando meu bisavô. Era o cara.

Ainda bem de Silvana ter arranjado o Simões para minimizar o amargor da traição. Pudera! Quem acreditaria na ideia de estar dormindo enquanto ardores revelavam paixão? Antes voariam os bois de Santo Tomás.

Vamos à Sílvia, minha amada e gentil senhora, poeta de harmonia impecável. Não pronunciava suspiros dolentes, apenas palavras boas na comunhão da casa. Aproximando-me da minha poeta materna falando pra Artêmio, meu pai: poetava ela:

*Eu o tenho como saudações em dias de vento.  
A amoreira de setembro é rútila inteira  
com sangue derramado sobre a terra nua.  
É meu amado senhor constituinte de minha alma...  
Força insensata de meu coração!*

Como poderia viver feio tendo uma mãe assim?

A mão em meu rosto nos dias seguintes à cirurgia produzia a última esperança de me ver um homem desejado. *Mater fecit*, diziam as mães nos túmulos de romanos infantes. *Fecit mater regem suum, desiderium inter mulieribus*. Assim me fez rei, desejado entre as mulheres. Isso eu provo pela revelação de Elischa: a retraída, a difícil, a canadense distante. O seio, porém, clamava. Confessou-me por carta o encanto por mim. Tornei-me homem, o fiel escudeiro dos ares. Ela a canadense me fez montar pelos ares a vender de tudo. Se desejado fui por ela, muito em parte por minha mãe, fez de meu rosto atração de beijos. Transformado.

# ALISCHA

Não é que ela veio a Porto Alegre? Vá entender o coração de mulher. Tenho a impressão de ela ter uma reação tardia. A cultura amarra as pessoas a ponto de as tornarem de retardo afetivo. A força dos costumes é tão ou mais forte que a irracionalidade. Pois caíram meus butiás do bolso ao receber uma expressiva carta. Jamais imaginaria sobre o objeto de conteúdo. Ao ver a remetente avaleiei: estará ela querendo alguma opinião sobre algum projeto publicitário? Meu espanto! Manifestou uma paixão avassaladora. Uma semana depois veio feita outra mulher. Estava ardente. Um vulcão de forças incontroláveis. Dizia logo:

— Suprimi em mim o que só você foi capaz de despertar.

Em mim retornaram, em revoada, o desejo de tê-la. Instei:

— Jamais imaginaria despertar.

—As tuas loucuras latinas me concederam outra identidade. Tornei-me quase uma primitiva.

— De fato, parece que a gente oculta o principal.

Beijou-me. Eu um salvador.

Fomos a Gramado e tivemos uma louca intimidade. Dividia-me entre a ternura e o gosto de meu trabalho. Ela foi uma mulher certa para um tempo impróprio. Os interesses não deixaram prosperar a família tão desejada por ela. Pois se minha mãe me fez um belo homem, me fez também um tanto incerto. Um homem de bifurcações profusas. Canadá não era Santo Tomé e Alischa não era Sílvia, nem eu o louco do meu pai. Minha arte de amar bem mais frágil, menos portentosa. O raio celeste de Eros não produzia efeitos profundos em mim. O amor ainda

não frutificara o suficiente. Se minha mãe me fez duas vezes em meu corpo, a alma, coisa complexa, é de outra extensão. A gente se move pelas circunstâncias, principalmente quando o espírito é tênue e a decisão é parca. A sorte me reservou suspiros inesperados, mas não havia como sustentar o que de repente, se desenhava. Somente uma paixão infundável poderia segurar a dura realidade. Ofereceu trabalho junto ao pai. Rir foi bom. Se ele tivesse o poder de me transformar em urso polar... Pensaria no assunto. Partiu. Entretanto, ficou um som plangente. Jurei fidelidade e ela também. Brincamos com nossos propósitos.

Minha mãe! Ó mãezinha do coração. Agradeceu por preferir a nossa casa. Não preferi... Não havia opção. Ela me abraçou comovida. Não poderia decepcioná-la... Afinal, investiu dólares em minha formação canadense. O filho do ventre e das mãos não podia deixar de fazer bonito. Me percebia semelhante a um David no campo, de funda tesa porém, indeciso. Com tudo e com tais circunstâncias se expressava uma reforma em mim. Meu rosto, já proclamado em todos os ventos, começou a manifestar uma alegria mais exuberante. Que coisa é essa chamada amor! Acho que os exercícios de Gramado convertiam, aos poucos, minha alma. O corpo instruiu minha alma.

Agora velho, distantes os tantos anos de minha transformação, concluo pela tendência de crer em tudo como se a raça humana fosse feita de exercícios de amores fugidios, entretanto de poderes insinuates. Começo pelo exercício desse amor surpreendente e dos resultados advindos. Nem a esfinge egípcia seria capaz de decifrar o desconhecido.

# ELA VEIO COM TUDO

Estava me conduzindo, com experiência, um verdadeiro profissional da publicidade. Os pendores da minha imaginação criativa se voltavam em meu favor. Vendia garfo, roupas, colher, pneu, cervejas, pelos e peles assim como toda quinilharia cultural do momento. Particularmente, tornei-me bom em provocar as mulheres. Santa Maria, que alegria este meu tempo: a beleza se expõe como a virtude, a mais nobre da cultura. Ai de quem não for bela ou bem produzida. Me esmerei em vender sapatos, bolsas, roupas e maquiagens de toda ordem. As revistas me pagavam bem por causa dos produtos. Comecei até a vender telhas e tijolos. Sobretudo vendia ideias. Meu jeito trigueiro, diziam, faz desejar o que quer que seja. “Semeio desejos e amores.” Dizia-me uma coluna de jornal. Fui juntando um rico dinheirinho. O bem disso tudo trazia viagens. Andava de butique em butique desde Amsterdã até o conhecido Canadá. Me ria ainda mais. Atravessávamos um tempo difícil e o dinheiro não florescia nos manguezais, tampouco nos pinheirais. Curiosamente, assim mesmo tudo que fosse atrair a formosura das mulheres, vendia como água. No meio deste pavoneamento feminino, no mercado de ideias alegres *pero no tan aclaradas* tive a sorte de sobreviver. Certo dia minha mãe veio pro meu lado e vi uma dona Sílvia brava: *tu dañas las almas, hijo*. Não seja tão cruel, mãezinha. Estou dentro de um tempo louco e me divirto. Até encontrei nosso bispo, num sábado à tarde, olhando roupas divulgadas por minha pena. Olhou-me desconsolada: *La tierra no es seria, mundana. Los diablos estan livres. Que Dios nos tenga*. E benza Deus minha pobre vida. Amém, completei. Ela fez um gesto erguendo e baixando a mão rapidamente, desaprovando minha defesa. Não quis mexer com os brios, pois ela não fazia outra coisa, ela com rostos, eu, nos jornais e revistas. De fato, ouvi dela:

— Apenas dou uma mãozinha na obra do Senhor.

Assim fui perdendo a lembrança afetiva das exuberâncias contidas no encontro com Alischa em Gramado. *Usted con tu corazón olvidado*, falou dona Sílvia. Desejo de mãe é poderoso.

Por detrás dos panos elas se comunicavam. O homem é um pobre senhor com ares de poder em sua casa. Falo convicto. Mal despontava o dia com os dedos da aurora, pensando como Alencar, atravessando verdes mares bravios de minha terra natal, um toque me fez despertar. Quem é o filho da puta que me desperta às nove da manhã? Os piores humores do meu corpo obnubilavam os encantos distantes de minha alma. Deixem me rir ao escrever nesse tom. Insistia o telefone. Ouvi uma voz em minha semi-vigília:

— Me morro de saudades de ti, Kamilo.

— Quem é? Falei austero entre brumas do corpo.

— Alischa. Sou eu, Kamilo.

— Que queres tu de mim, mulher? Brinquei como Jesus.

— *No sea rude, querido! Stoy volando hasta tu casa.*

— Onde aprendeste este teu castelhano?

— Tu divina madre. Sus manos fizeram milacros en tu corpo. Y su boca me dio otra anima. Como se dice em português?

— Não sei o que dizer!

— Eu sei: me ama!

— Que mãe mais metida que eu tenho!

— *Una madre sabia. Ella sabe los caminos di Deus.*

— E o meu Deus fica de fora?

— *Tu no escucha a el. Tu madre mira por ti! Ti amo!*

— E eu como fico?

— Ponga tus ojos en mi. No se mata la ternura de un dia pa otro, como me hablaste em Gramado. Me espera, por favor. Chego ao amanhecer de amaniana, Kamilo. Beso! Vengo pa te amar.

Desligou. Velha metida! O *pa* repetido não deixava dúvidas. Era o jeito de dona Sílvia falar. Coisa desagradável. Resolver o amor dos outros!

Não me demorei. Fui direto ter com ela:

— Escuta, minha senhora! Sabia da vinda de Alischa?

— Sabia. Ela compreende que um amor tan aclarado no é como quitar um prato de comida pela mitad.

— De fato, é muito mais complicado. Por isso não aceito que comam por mim.

— Escuta tu és um ratón ou un hombre? Coitos são pa ratos. Además, meu filho, não aprobo um filho hacer feio.

— Puta merda! Temos nossa liberdade! Não obriguei ela ir ao Canadá.

— Não seas tosco. Ela me habló de libertad, pero el amor es como um pássaro. Ella se ficou em tu prisión. De la mujer se pode esperar tudo. Se el hombre és mas volátil, com deseos efêmeros, la mujer és mas responsable por la vida. Los vínculos son mas fuertes. Basta! Ela me invitou e la ouvi con atención. Queria que lhe hablasse pa no llegar?

— Me sinto como Laocoonte preso em cobras.

— Ele foi castigado por desobedecer aos deuses. Asi tu, hijo. Pensa solo em ti y no teu sucesso publicitário. E não olvides: apenas queremos te ofrecer laços e nó cobras. Estás abusando de tu profesión. Estás vendendo até gato por liebre. A vida tem mais a dar. O consumo és solo un pequenhoconsolo. Estás perdendo tu humor tan quedado en tu arte de iludir.

— Vamos acabar com a conversa. Vou buscá-la no aeroporto mañana. Saiba minha mãe, do coração lido eu. Agradeço pelo meu rosto. De minha alma cuido eu.

— Stoy a ver.



# PALAVRA DE MÃE TEM PODER

Sentia-me agitado, um demônio se revolia em mim. Não suportava a intromissão sobre os caminhos de meus afetos. Para mim haviam se esgotado os recursos amorosos por Alischa. Queria me concentrar sobre um projeto de vendas de alguns terrenos na periferia. Coisa de valor. A publicidade deveria ser bem feita, afinal os terrenos não eram para pouco.

Mas cadê inspiração? As motivações subliminares e as figuras do grande lote deveriam fazer um investidor arrancar até os últimos reais do bolso. E eu aí distraído, parecendo criança com transtorno de atenção. Ri ao pensar: as mães, depois do parto, deveriam entregar a filharada pra quem entendesse de educação. Ficam sempre se imiscuindo de maneira irritante.

Pela manhã, me achei com outro coração. Não podia acreditar no que se propalava em meu peito. Minha mente rebrilhava de me ofuscar o pensamento. Alischa andava dentro de mim semelhante a uma primavera distante. Em mim se fazia inverno. Tentei recordar meus sentimentos antes de dormir. Em tudo me parecia a vida igual a um estudante interno voltando pra casa em férias: uma vida familiar por abraçar e amigos a fazer tudo sem horas a zelar. Distante, muito distante a responsabilidade sobre a divulgação dos ricos terrenos; nada de me ocupar com um amor eterno, terno que fosse. Cuidava de ocultar Alischa. E veio uma notícia a dizer mais. Os espaços a serem vendidos, meras quimeras.

Via Alischa entre nuvens. Tudo começou com pássaros coloridos. Cantavam para mim um canto novo, parecendo o cântico dos hebreus de Verdi. Voltavam eles para Jerusalém. Alisha correspondia em

mim voltando ao templo. Loucura total. O templo de Salomão era eu. Lembrei do refrão do cântico solene:

*Os vates divinos fazem os fados*

*É o ciclo do amor.*

Ela dirigia um olhar parecendo santa Teresa D’Avila em êxtase, transformada, na escultura de Bernini. Senti-me um deus adorado. Em íntima união, retornavam os sentimentos em revoada. Abraçava um anjo voador me transportando em movimentos ondulados. Mais que um orgasmo, bem mais, me invadia o sentimento. Juro, não se fazia tudo isso no corpo. Era êxtase, mais que minhas carnes minha alma transcendia inteira. Acordei. Não se afastavam de mim os sentimentos e os pensamentos se traduziam em Alischa. Me senti um ser improvisado.

Joguei uma água no rosto, saindo sem avisar a minha grande operadora do corpo e da alma. Mal abri a porta do quarto. Ela aí.

— Já vai pro aeroporto?

— Não, vou pro céu! Ri disfarçando meu infinito.

No caminho do aeroporto, até saudei efusivo um guarda. Por leitura labial, aprendizagens de um curso, li: bicha louca! Mais me devorava a ideia de vê-la. Puta merda, pensei: “Enlouqueci.” Que se pode dizer de um coração. Uma folha ao vento. E eu aí lembrando Bordin:

*Rubor nas orelhas*

*Boca inaugurando*

*Em comovida vertigem*

*O meu anjinho da guarda.*

Pela voragem do peito, mal conseguia chegar ao aeroporto.

# DIAS DE CELEBRAÇÃO

Ontem ainda me mostrava um capitalista compulsivo. Minha musculatura, um arame estirado, voltada na direção da produção criativa em torno de dez projetos, agora centrada numa ternura devastadora. Sou bipolar entre a produção materialista e o amor claudicante.

Subi ao segundo piso e vi o avião pousando: uma ave divina vinda das estrelas. Que homem sou eu, filho das mutações? Andarei entre lavras derramadas? Quem me poderá garantir a duração? Se tão contrário sou aos desejos de ontem, como sustentar a direção do insumo erótico de amanhã? Será amor? Este exige fidelidade pra manter a promessa saltando da boca. Que não fique ao sabor de minha volubilidade, me alertava. Qualquer coisa poderia acontecer. Serei um homem provisório? Das atitudes até então percebidas, nenhuma se fazia tão intensa e decisiva. Entrei como viciado no comércio das imagens. Transformações da fantasia prometendo realidades inexistentes, parecendo verdadeiras. É a arte de representar. Santo Deus, não faça meus pensamentos menores aos acontecimentos do desconhecido. O lago do amor me afogue se não cumprir as orientações do cuidado. Se o desejo arrefecer não esmoreça a vontade. O desejo é animal, a vontade é humana. Assim andava eu entre o pouso e o portão de desembarque.

Fomos para casa. As duas mancomunadas sorriam pela conquista. Juro, por instante, me senti Isaac em sacrifício aos deuses. Retirei-me, que curtissem meus despojos. Aliás, me sentia um ser guiado por mãos caseiras.

Dois dias de extrema unção, quase morri de tanta intimidade. Fiz juramento, promessa, acordos, pus em sacramento a minha devoção matrimonial. Fomos a uma igreja. Um padre amigo, melhorado

também pelas milagrosas mãos de mamãe, nos abençoou. Festejamos como ação definitiva. Só pra ver a avalanche de sussurros contentes nas afirmações de uma fidelidade de termos recíprocos. Sagrados tempos das alegrias. Entre nós, contudo e com tudo, pairava o temor. Alischa me convidou a trabalhar com o pai naquelas distâncias. Disse ter minha mãe e Artêmio. Sou de saudades. Minha irmã Adriana, ligada em mim por fios delicados, ternos, festejava enquanto em conflito pela possibilidade de me perder para a distância. Meus amigos e minha incipiente realização, meus clientes, olhares admirados de outros publicitários como ficariam? Entendemo-nos casados para sempre perante Deus e os homens. Coisa sagrada. Aí não se mexe. Conflitos se avolumavam.

Ao sentirem minhas inclinações voltadas para o Canadá, os três de casa: minha mãe nem se fala, mais o tio Augusto, um caso maravilhoso de gente, meus avós, Anita e Joaquim, sem falar na bisavó Silvana, se mostraram desesperados. Não faça isso! Isso é demais! As dores me assaltavam. Parentesco é coisa séria. Minha vida mostrava-se na maior preciosidade, ninguém podia perdê-la para tanta distância. Minha Adriana, mais parecia um pedido de uma deusa: “Preciso de ti!” Chorei dividido. Aos poucos, encontrei a virtude do meio termo. Um mês já me fora suficiente para chegar ao bom termo. Não me desvincularia de minhas responsabilidades locais, entretanto, não poderia negar minha presença junto de Alischa. *Un milagro de passion no se hace lejos. Va hijo, pero no olvide de tu gente.* De fato, moderou-se um pouco a loucura por Alischa, apenas amadureceu. Temia, como fruta a cair da árvore. A intensidade afetiva tornou-se bem cotejada com o trabalho. As responsabilidades publicitárias na agência do senhor Ethan puderam ser atendidas, conhecidas as inclinações canadenses. Os objetos a serem vendidos pela publicidade adquiriam um sabor da picardia latina. Compravam nos objetos a sensibilidade irracional do Brasil. Interessante: ao perceber o espírito gaudério um tanto sagaz dentro de mim, traduzido em imagens picantes, fez render bons dólares ao meu sogro. Buenas, assim ficou minha nova família. Eu, de casa canadense durante dois meses e dois pras bandas de Porto Alegre. Alischa geralmente me acompanhava para alegria de mamãe. Me comportava, então, como um monge de votos perpétuos, tamanha minha castidade enquanto ela permanecia no Canadá.. Em pouco tempo veio a ideia de nos nascer uma criança. Assim aconteceu.

Estava voando quando ela me disse:

— És pai! Levitei. Já não me bastava, tampouco ela. Torná-la um ser bom, à imagem divina, entre vontades de bens maiores, outros comezinhos, se faria com disciplina e amor. Com dedos bons teceremos os fios da alma. Bonito! Tenho dúvidas sobre minha ingenuidade, vendo meu filho em perigo em razão da complexidade genética de minha família. Quiçá, pelo lado canadense, tenha mais serenidade. Este meu lado caboclo não é muito confiável. Todavia espero, tenha um espírito alegre e solidário. É a conta para gerar um ser humano decente.

Aprendi por cinco anos andar nos ares. Acho termos gerado um homem voador.

Pois bem, nasceu-nos um menino de três quilos e duzentos gramas. Um bocão não lhe faltava. Um bezerro mamão! Minha Alischa se tornou uma mãe ambulante e abundante. No deambular o piá, desde cedo começou a querer andar em agitos. Desse jeito, o João Vicente vai descadeirar a mãe, dizia Silvia, a vó mais contente que a mãe. *No te preocupes tanto con tu chico!*

Trouxe o piá, certa feita sem a mãe. Em vez da vó apareceu a educadora. O piá quase entrou nos eixos. O mais curioso: João Vicente começou a atender mais a avó que a Alischa quando dos encontros familiares. Êta castelhana durona! Repetia: *“Sin dirección cierta la vida se quita disordinada.”* Se a filosofia dos sábios diz pra se ter reconhecimento, eu digo tanto quanto isso deve ter treinamento. Continuava... *Los hábitos hacen las personas buenas. La libertad supone limites!* Olhava para nós dois sem dó nem piedade. *La reciprocidad es necesaria! Un nieto o un hijo es, en primer, un ciudadano. Su educación pide confiabilidad. Un hombre sin buena voluntad es muy peligroso pa el y pa los otros. Nadie es mejor que el otro. Si tiene to'o, tiene nada!*

Saibam todos: as lições silvianas pegaram. Tornou-se, por ouvir, ver e ser exigido, um jovem confiável. Alischa se orgulhava por ter produzido tal beleza humana. Os tempos e os costumes iam se sucedendo. A disciplina em torno de valores como responsabilidade, respeito e ternura, foram tecendo meu filho. Não falo dos avós canadenses. Eram a delicadeza humana. Traziam consigo um olhar, garantia de austeridade e bondade. Que coisa é essa de transmitir o que deve ser feito sem falar. Em Porto Alegre, João Vicente necessitava de orientação cheia de palavras e até repressão. Chineladas do avô foram necessárias duas ou três vezes para contê-lo. No Canadá: não sei se o ambiente humano

e climático dizia no ar a conduta a ser seguida. Ethan e dona Sophie, carregavam o dom da vida reta. *Nosotros acá*, trazemos as loucuras de caravelas em mar revolto. Eles, a segurança de navios carregados de direções, sem balanços. Amava estar na casa canadense com o amor de Sophie e Ethan, o moderado. Na casa de Sílvia e Artêmio quase sempre os extremos se tocavam. Os tempos poliram corpos e mentes diferentes. Fico com a minha. Vi Alischa chorar, algumas vezes, em razão de minhas tempestades. Perguntava:

— Alischa, se você tivesse casado com um canadense centrado e em tudo moderado, como seria a vida?

— Sem muito gosto. Respondeu. Como a comida de pouco tempero.

— Então me coma, brincava. Ríamos pela vida afora.

# DIAS DE LENDAS

Antes de levar adiante a propalação de minha vida sob coerção de papai, vou ver de perto algumas questões familiares. Pra saber-se quem se é, faz bem apreciar a intimidade caseira. Mexi daqui e dali e decidi: vou iniciar com minha trisavó Amanda. A pesquisa pra dizer a verdade Amanda, valeu. Tinha mania de meu pai, apreciava avaliar intimidades da casa.

Fui até a escola das duas encantadas, Amanda e Dolores, pra iniciar a investigação. As informações foram complicadas até me deparar com o antiga residência de Dolores. Aí, uma velha casa numa velha senhora, bem mais de 100 anos. Lúcida, parecendo ter o sol na cabeça. Ensolaravam-lhe as palavras de um brilho lindo. Ela vivera a intensidade de Amanda. A vitalidade se propunha inteira. Sem tirar nem pôr: a Dolores. Por saber ser trisneto de Amanda, fustigou a memória e jorravam tépidas as palavras reveladoras de um tempo vivo. Tudo renascia bem vigorosa, a própria relação antiga, mais erótica, semelhante ao sol de um dia de sol maciço, dourando horizontes. Via, nítida, uma verdade aí na minha frente. Linda! A velha das lembranças familiares se mostrava cálida, fresca, uma fruta apenas colhida: uma mulher adorável. Atravessei os anos e a casa por onde Dolores fora envelhecendo. Um pedacinho de mulher me apareceu na porta.

— O que o senhor deseja?

— Conversar sobre uma mulher chamada Amanda. Só pra ver a reação.

— Quem é o senhor?

— Sou trisneto de Amanda, sou Camilo.

— Meu Deus, meu Deus!

A velha, muito velha, emocionada, já menos velha, com voz entrecortada:

— Entre em minha casa, coisa amada!

Luzia a mente dela. Olhava-me querendo encontrar um resto de Amanda em mim. E descobri.

— O teu nariz Camilo, é todo de Amanda.

Este nariz, quase interpelei: é das mãos de minha mãe. Não é de minha genética.

— As notícias dela e da senhora são tantas!

— Boas ou más?

— *Buenas no más! Pero exótico.*

— Gratias! Muy exótico para nosso tempo. Foi divino o que nos aconteceu. É verdade, estou morrendo virgem. Encontrei umas sapatas de pouca valia. Só pra ver. Mal iniciava uma relação, quando ela brilhava na mente tudo se perdia. Ela me deixou pra ter o Gilberto. Conheci a fera de minha competição. Que homem maravilhoso! Um Deus, mas não era de minha devoção. Não fui deusa suficiente. Não se aguentou dividida. Eu respeitava, mas não desistia. Morreu assim. Só pra ver o que sofria!

— Quanto sofrimento!

— E o Francisco, que bichinho mais impertinente. A maternidade de Amanda foi decisiva. Fui vencida por teu trisavô. Vê se pode! Estes machos imprestáveis. Senti-me demais e desisti. Acompanhei com lágrimas o sofrimento e a morte de Amanda. Luz para mim!

— Putchis! Que batalha dolorida!

— Dolorosa! Um amor da juventude pode quase tudo. Penetrou fundo em mim, guri! Depois acompanhei Francisco ao saber da complicação dele com tua bisavó Silvana.

— Tenho um tio também, com inclinações dissonantes.

— Também sei. Acompanho tua família como se fosse minha. Mas minhas observações indicam dúvida em relação à intimidade dele. Ele também está dividido.

— Mas como sabe?

— Só de ver. Acompanho tudo que vem dela, coisa sagrada. Vi ele de braços com uma bisneta de minha irmã.

— A senhora vê mais que eu.

— Sou um anjo de orações fortes.

Muitas vezes fui até a casa de Dolores. Amei aquela mulher, pedacinho de gente, amante da vida. Expandia um sentido de integridade. Ela repetia:

— Envelhecer no meio da fumaça e da velocidade não é para mim.

Alischa, de curiosa, me acompanhava. Brincava pelo fato de eu visitar a meio-amante de minha trisavó. Os tempos... .

De fato, Dolores foi um anjo em torno de nossa família. Manteve correspondência com Laurinda e por ela acompanhava a história toda:

— Por ela vi Francisco casar, vi os esforços de Laurinda em ajudá-lo a superar o imbróglio afetivo.

Aconselhou-me a ver melhor ainda melhor a história de Francisco em Santo Tomé e resgatar os escritos de Degas:

— Esse cara tem café no bule. Tua bisavó Silvana guarda os tais escritos. Dulce merece ser visitada.

Refletíamos Alischa e eu, sobre a intenção de reescrever as lendas familiares.

Para tristeza fui visitá-la pela última vez na quaresma de 2018. Bati à porta e a cuidadora dela me recebeu. A morte desenhava um tom triste naquele rosto feito de pequenas dobras, pronto pra desaparecer. Desapareceu. Dois ou três amigos fizeram as despedidas. Aí morava Deus. Pois bem, o infinito não carece de grandes espaços. Chorei a santa sapatinha de minha trisavó. João Vicente, não teve quem o segurasse. Olhou, espantado. Por fim:

— Papai, a morte é isso?



# POR MINHA AVÓ FELÍCIA

— *Ai que se murir, pero viviendo.*

A *charla* começou a ver a beleza da minha avó Felícia. Uma vez a cada dois meses, vinha ela a Porto Alegre. Por dois anos não a tinha visto. Minha bisa Silvana me falou:

— Que diabo de tanto conversar com ela!

Velhos ranços perduravam. Queria saber por demais da história, especialmente os laços mantidos com meu bisavô Francisco. Desconfiava do sono ao gerar a filha. A santidade da relação quase divina, na concepção de minha mãe não me convencia. Sílvia afirmava categórica:

— *Mi madre no es de engaños. Callate, Camilo.*

Calei. A viuvez forçada de Felícia, por amar tanto Francisco, também descia rasgando a garganta. Meu propósito não era desmerecer, apenas saber. Se o casamento de meu avô Francisco se constituía de infidelidades e outras molezas de caráter, pouco importa, não diminuem em nada os méritos da grandeza. Meus desejos se guiavam pela curiosidade de tomar nas mãos não um mito, a pessoa contava muito. Se Felícia dissesse da aventura inteira, amaria o ser verdadeiro. Minha mente poderia abraçá-lo *sin engaño*. As forças da natureza não são muito compatíveis com condutas muito retilíneas. E, pelo visto, pelos tremores do caráter, muito menos. Possuía-me o desejo de meu pai. O passado me chamava. Fui-me, como ele, pras bandas do rio Uruguai a me encontrar com minha avó Felícia, enquanto ele se demorava por São Borja

Aproveitei pra saber *toda a verdad*. Tomei fôlego e arrisquei.

— *Mi querida abuela. No me deje murir sin saber su relación con Francisco. Dicen cosas que me parecen engaños. Eso que vas decir*

*pra mi es como um sacramento de confissão, querida. No salirá de mi boca!*

Beijei meus dedos em forma de cruz. Depois ouvi o todo de uma verdade dita até então pela metade. Não posso escrever as palavras, pois seriam mais longas que a longa verdade. Pra começar a história de meu bisavô Francisco, a conversa de dormir enquanto se amavam *es verdad. De cuerpo muy activo.*

Pedi desculpa pela gargalhada descontrolada. Contou-me ainda ter ele estado com ela sempre que Degas vinha. *Es verdade, venia para mirar a mi y su hija, su madre. Solamente una vez la tentación se fue demasiada. El entonces lloró con verguenza. Yo mas feliz!*

Ouvi o principal: não deixou de acompanhar Sílvia de maneira discreta, *pero muy importante*, aproveitando o tempo para realização de cursos breves de línguas na Universidade de Santo Tomé.

— *También ió llevaba Sílvia para verlo em San Borja. Pero una verdad: jamás pedi que dejasse su amor mayor, Silvana.*

Fiquei por três dias. Teria o que dizer para Sílvia. Aí permaneci por este tempo para descansar. Alischa me perdoaria o descanso necessário. Afinal, andava desgastado. As demandas do Canadá e de Porto Alegre pesavam demais. Cheguei à conclusão: o dinheiro é cruel. Me absorvia demais nas exigências profissionais. Rendiam sim, entretanto, me matavam.

Felícia fazia por mim o que faria minha mãe.

Felícia conseguia me ver de perto. Fui atrás de lendas familiares e encontrei o socorro. Felícia negociante de tralhas, era competente também em negócios de espírito. Contando histórias castelhanas me ensinou a ponderar. Acalmou meu espírito numa noite de pescaria com o velho homem de Felícia. Narrava de cavalos e das carreiras, de burros carregadores de prata em Potosi. Das tropas atravessando o rio em direção a Minas Gerais. Concluiu:

— *Se muriran todos estos.*

O rio mais uma vez contribuía para alegria de minha família. Ensinava sem ofender. Eu, um doutor da informação, aprendia. Andava como as velhas mulas carregadas de prata, *pero se me muria todo.*

Revelou ainda mais a presença de Gilberto em visitas à neta. Falou maravilhas do ser humano de meu trisavô:

— *Una persona mayor!*

# A BISAVÓ

Silvana: minha família maior, a maior cuidadora. Uma velha voltando ao trabalho, para ajudar o marido. Ali morava a velha dama, mãe da verdade. Ali sim, agrandava a imensidade. Encontrei-a me esperando. Feito o abraço demorado:

— Filho do coração. Sei de você andar atrás do nosso passado igual que teu pai. Dois maníacos fuçadores. Não posso partir sem deixar de falar das minhas memórias. Tenho culpas não perdoadas, ainda que não tenha engolido a conversa de ele ter dormido com tua avó. Dizem que dormia o que é conversa pra boi dormir.

— Verdade, quem dormia era o boi e ele também.

— Só pra ver meus ciúmes: quando foste, dias atrás, até Santo Tomé pra ver tua avó me doeu, o quanto só Deus sabe. Você disse:

— Tudo parece uma lenda. Eu digo:

— Tudo parece um calvário. É bonito ver os eventos distantes. Quem os sofreu pode dizer da angústia. Fui dilacerada em pedaços. Todo mito pode conter podridões. Dizem que Gandhi era pedófilo, mas quem olha para este sórdido detalhe, meu bisneto? Não estou aqui pra me queixar e estragar tuas descobertas. Por exemplo, esta de Francisco ter tido tua mãe sem culpa no cartório. Mentira!

— Isso é verdade. Felícia esclareceu. Falou mais a cachaça que a vontade ou o desejo.

— Obrigada. Estou muito aliviada, falou com ironia..

— Escuta bisa, não estou pra chorar nossos pecados. Vim pra saber sobre a tatá Eufrásia e o Degas... Outras lembranças. Aí me parece, moram figuras pra se ter muito orgulho.

— Primeiro vamos almoçar, enquanto me conta de Felícia.

— Ela lhe ama.

— Me ama, mas comeu meu marido.

— Rimos, aliviados de um passado remoto e agora, parecendo enterrado.

— Lembra, como já falei, de a senhora ter ido uma vez pra Santo Tomé e ter feito amizade com uma mulher. Ela sabia quem era a senhora. Ela amou tê-la conhecido.

— Pra mim já é cobra morta. Prefiro me voltar para o Degas. Tenho um monte de escritos dele que dá pra teu interesse em escarafunchar o passado.

— Meu pai falava por alto disso.

— Tenho o alfarrábio, velhos cadernos. Não sei como aquele velho metido a fornicador, fosse capaz de produzir qualquer escrito. Não entendo também como conseguiu fazer minha mãe feliz. Não dá pra negar minha saudade do tempo das festas. Tua avó Anita pode confirmar o quanto aquele alambique reunia gente pra festejar até aniversário de cusco.

— Ela conta histórias fantásticas. Não havia um gringo desbochado?

— Tinha. *San cul mártir de la Chiesa*. Que vergonha! E o gringo nem culpa sentia. A mulher fazia ele fechar a boca debochada. O jeito da fala é que mais nos divertia. A Anita, quando um pouco alta, conta a história do gringo e rimos todos. Isso revela o quanto a nossa Igreja era uma mãe. Se o padre da história foi pequeno, grande foi a obra da Igreja em todas as colônias. O Rio Grande do Sul deve muito aos pastores de Deus.

— Mas me diga Kamilo, como diz a Alischa: me diga qual a razão de andar pro passado? Você tem o mundo pela frente e anda, de repente, pra trás.

— Pra mim, ir pra trás no caso, é ir pra frente. Estou recolhendo vidas e me alimentando delas. Está me fazendo muito bem. Por exemplo, só o fato de estar aqui com a senhora. É me ligar a muitos fios. Estou costurando minha alma.

— Ao menos ajuda a aliviar. Até conseguiu tirar um saco de meus ombros. Saber que ele esteve de olho fechado ao produzir tua mãe

me alivia um pouco do meu pecado de andar com Simões enquanto ele andava fora da casinha. Mas nada me convence de ele estar dormindo. De todo jeito, andou dormindo com ela até a cama. Ele de quase noventa quilos carregado por Felícia. Atravessar a rua abrir as portas e comer o dorminhoco.

— Deixa pra lá. Conto por dez o que por dez me deram, vovó. Tem mais, minha querida Silvana. A beleza está em descobrir quem sou buscando a palavra escondida. Sinto-me sendo batizado novamente. Uma água pura me limpa. Por exemplo, de a senhora ter voltado a trabalhar pra dar a melhor medicina ao marido. Sinto-me cada vez mais robusto. As raízes me alimentam.

— Tudo isso? Achei que o passado servia pra nada.

— Garanto que tem mais. Tua filha Anita acha que o Degas deixou alguns escritos pra senhora.

— É mesmo... Mas já te falei. Nunca dei bola pra aquela caixa virada no que é aquilo. Só não pus no lixo por detalhes.

— Posso levar comigo?

— É um favor. O que o velho vai ter posto aí nestas folhas soltas é que não sei.

Li um pouco de uma delas. Cansei os olhos. Nada vi de interessante... Olha... Umas fotos de minha mãe. Essas eu, volta e meia, olho. Leve uma pra mostrar pro José e pra tua mãe.

— Vou mostrar também pra Sílvia e pra Adriana, mas me interesse mais pelos escritos do Degas.

Falamos ainda sobre nosso cotidiano. Doía-lhe a saudade do pai, Nico Freitas. Morreu sem se despedir. Bateu-me uma ideia sagaz: a gente não morre quando se vai, muito antes a gente morre. Perde-se a vida muito antes de partir. Morrer é perder a última olhada.

— Sei muito bem de ele não ter sido uma pessoa maravilhosa pra minha mãe. Mas que pai foi ele! Sempre lá em casa. E depois veio a Dulce! Nossa! Por ela meu pai se tornou um homem bom. Vi ele pedindo desculpas pra minha mãe. O passado não tem retorno, tem memória.

— Só pra ver. Você tem razão, Camilo. Por vezes lembrar é mais poderoso do que o passado. Amo a figura de meu pai ao reviver os esforços em se tornar melhor. Como foi difícil pra ele ter paz, deixando

a cachaça de todos dos dias. E a Dulce, que coisa mais linda! É uma bênção lembrar a imagem dela.

— Devagar, bisa, assim a senhora se cansa.

— E o Degas, então. Este danado substituiu perfeitamente o homem que faltou à minha mãe. Nenhum de nossa família pode dizer isso aqui dele em relação a Francisco. A não ser ter ele levado a negociar cachaça em Santoomé. Não foi ele que obrigou teu avô a transar com Felícia. Desculpe, tô de novo dando pau em cobra morta. Ainda bem que tudo deu numa mulher maravilhosa que é tua mãe.

— Disso louvo a Deus!

— E depois o que foi aquilo do Degas e o Nico quererem a porcaria do tal livrinho que apenas dizia respeito a uma fixação de Francisco.

— Êta livrinho cheio de paixão. Eu li.

— Pelo que contam, foi coisa de outro mundo.

— Se foi!

— Conte ao João Vicente sobre a figura de um velho bom. Conte ao teu filho o dia em que ele trabalhou dia e noite pra salvar uma ovelha. Conte a história do bastardo de cão pastor, amigo dele, tão bem treinado. Não é que o cusco ajudou a prender um ladrão de campanha! Diga ao teu filho de quantos pássaros cantaram nas gaiolas de Maçambará. Bobagem essa de serem prisioneiros. Bicavam os dedos com ternura... Eles não sofriam os frios do campo. Cantavam agradecidos.

— Que bonito Silvana!

— E havia também a Dulce, assim contam, a puta mais honrada, testemunha da solidariedade, era mulher de bondades.

— E se era! Não deixou as companheiras em maus lençóis. Se fosse contar tudo você poderia se orgulhar da meia-madrasta que eu tive. Dói-me ver o tempo levar as pessoas, pior, ele leva a história sagrada. Depois dizem que a morte é mãe... Uma faminta, esganada.

— Do jeito que for. É isso que te digo, querida bisa, o passado possui notícias tão boas quanto o presente. Prepara o futuro como ninguém.

Escuta, vou contigo. Quero ver a Anita e o José.

No primeiro hotel, parei. Deixei dona Silvana confortada num bom quarto. O cansaço me derribava, a curiosidade dos escritos de Degas me acordava.

Em estilo simples como as gramas, desenhava-se um contador de história. Um caderno de folhas gastas me serviu de muito prazer:

*“França, meu companheiro. Tu pediu pra escrever. Escrevi. Aqui tá meu compromisso. Não olhe o erro. Escrever me faz bem. Eu estou contente em dizer dentro deste caderno alguns feitos e defeitos. Olha França, que a vida, das vezes dói, quase sempre é boa demais. Você pediu, aqui vai o meu dizer de lápis. To meio burrado. Escrever, meio véio, é complicado. Começo por minha história. Minha mãe, Deus deve ter ela, mulher mais santa foi ela. De aguentar a dureza de meu pai. Coisa de pouco amor foi ele. A crueza perseguiu o homem. Trabalhador sem defeito. Pobre de carinho. Ponha homem certo naquilo. Não se derreou nunca. Caboclo de pouca sorte. Querido pai, de tanto esforço se curvou quando envelheceu. Sabe França, nós tinha umas terra arrendada de um senhor Vitalício. Homem guloso foi aquele. Que o diabo deve ter ele de companheiro. Que Deus me perdoe. Éta homem de fazer mal. Tirou as terras de meu pai. Disse ele sem encurtar palavra: Preciso da terra arrendada! Pago um pouco mais na terra, era a humildade de meu pai, pobrecito. Não teve conversa. Vinte anos meu pai aí na dura sorte pra tirar a sustento pra três menina e cinco moleque. Maldade foi aquela. Não sobrou solução. Viemos esquecidos de tudo pra Maçambará. Umas tralha de fazer vergonha. Fim de um gaúcho. Fim de um ginete. Sonhava em ginetear num cavalo de primeira. Fomos pará aqui em Maçambará. Eu me sentia um matungo sem dono, sem serventia. Olhava o pai, ele me olhava. Um desamparo, França. Chorei um pouco, depois fui até ele. Ingrossei a voz: Vou trabaiá! Agora falo melhor! Achei um servicinho. Era de ver o mal. Nós todos numa casinha de tábua mal reunida. Achei do que fazer. Sempre fui bom de espreitar o que fazer. Espreitei a importância de estudar. Achei uma professora muito vistosa. Mulher pra mexer com a gurizada. Nem te falo, França. Quando ela se abaixava pra dar explicação. Aí que a gente não aprendia. Ela insistia a ensinar até ela desconfiar.*

*Eu já era bem taludo. Aprendi a fazer conta. Era bom nisso. Ficava de olho em tudo pra ver onde me enfiar e tirar um lucrinho. Achei o que fazer. Tinha umas casas e eu dei uma de jardineiro. Ganhava uns pila pra ajudar nos pátios. Guardava pensando alguns pro futuro.*

*Vai me aparecer alguma coisa. Até que apareceu. Veio a história mais bonita, meu alambique. Foi assim. Veio, numa das casas de meu serviço, um senhor bem velho trazer pro dono uma cachaça. Me viu. Falei com ele no maior capricho porque a professora falou: uma palavra bem pronunciada pode render. Ele gostou de mim. Tive ele, então, como meu maior benfeitor, Gomercindo de Andrade. Falou pro meu pai se podia me levar. Ele me levou. Comecei a trabalhar. Só tinha feito dois anos de escola. Apreendi muito, o necessário. Me despedi da professora. Soletrava e assim fui fazendo uns escrito pequeno pra não desacostumar. Conta é o que mais fazia no alambique. O dono era muito bronco. Pus ordem nas contas dele. Foi quando me senti indispensável ( bonito, professor). Via onde podia melhorar os lucros. Alertava ele sobre os maus pagadores. Garrou confiança em mim. Assim, de fato, exercia poder. Depois veio um acontecido. Gomercindo morreu de um mal repentino. Do coração, falaram. Gente é gente, tem anjo e diabo. Tem gente que não fede nem cheira. Tem gente bem rimada como poesia, mas não tem graça. Tem gente de verso branco, uma ternura. To quase um literato. Fiquei triste, fiquei alegre. Veio um filho dele, nem sei de onde, pediu o que eu dava pra aquela xixola de lugar. De terreno pouco, de negócio, só futuro. O diabo falou: diga que os lucros são de nada. Falei. Ofereci o preço. Logo me deu os direitos. Se mandou sem derribar uma lágrima, França. Depois explico, não sou melhor que ele. Aí comecei a caprichar. Até fui pra São Borja. Me dei de procurar informação. Apreendi. Testei maneiras e me diverti pra saber sobre a destilação e a conservação. Maior destilo, melhor canha. Mandeí vir uns barris de qualidade pra fazer cachaça velha, de babar. E tinha minha mão sortuda. Só não tinha cabeça pra ficar mais rico. Se não fosse o mulherio de São Borja, hoje podia ser rei. Por Deus, peço perdão pra Deus. Se desse a metade do dinheiro pros manos e as manas não faltaria casa nem pão. Já quase velho tive uma mulher, a mais querida das nascidas: Eufrásia do coração. Aí apareceu você. Que vida boa, então. De fama internacional. Você conversou certo: minha canha é internacional e erótica. Até não entendi, você explicou, o homem fica bem homem. Assim foi e só pra ver o luxo de tua filha, feita por causa de minha bebida. Brincadeira.*

Conversa interrompida. Alguém bateu à porta. Que coisa inesperada. Duas da manhã, minha bisavó:

— Desculpa, Camilo. Estou assustada. Minha cabeça vai explodir.

— Estava apenas lendo o livrinho do Degas.

— É desse tempo que as ideias não se amansam.

— Fala que teu bisneto escuta.

— Que bom! Lembrei a mais divina mulher. Uma puta feita uma santa! Não consigo dormir sem falar pra ninguém inventar de pensar ou dizer mal dela.

— Fala da Dulce?

— A própria. Aquela do meu pai. Ela foi a salvadora. Não me sai da lembrança. Meu pai tornou-se um homem bom. Ela fez dele um cristão. Nunca consegui falar a alguém o bem feito. Uma nossa senhora carregando Deus por onde andava. Uma lenda de bondades. Sem tirar nem pôr. Ordem de cada dia: a perfeição. Esclareço mais. Escreva esta história da família. Mulher da maior caridade. Isso foi o milagre de minha vida. Feita uma ave voadora. Mais alto se ia, como condor dos Andes. Isso eu digo de saber por ver, tamanha foi a correspondência com o bem. Meu pai atracado em bebida se tornou um homem bonito. Até o violáceo do rosto sumiu. Velho já, muito feliz. Nas dobras do rosto cabia dignidade. Um Nico de grandeza. Tua avó Anita e o José podem falar de boca cheia. Estavam longe, mas o benefício das idas dele pra Porto Alegre podem dizer do carinho de ir estrada afora levando mimos de toda sorte. Mesmo você recebeu carinho dele. Cada mimo é devido a ela também.

— Tinha um tico de idade e me lembro de um velho vindo do campo. Pelos passos já ia pro fim. Meu pai falava dele. Velho, criou cabeça. Por isso ressuscito as bênçãos antigas. Como esta de saber de tua fala. Se Dulce tirou um velho da bebida só pode ser uma deusa.

— E era.

— Vou ler pra senhora coisa mais bonita esta do Degas. É coisa pra se dormir em paz.

— Não li nada, pensando que ele só podia dizer bobagem.

Li pacificamente, com atenção do já posto. A bisavó ao final no embalo, já lhe definhava a vista, pronta pra dormir. Minha voz tinha um mistério antigo deflagrado nas palavras escritas. Aprendi humanidades da velha Eufrásia. Li tudo pra Silvana saber da mãe. O desconhecido clamava por mim. Depois ela se retirou.

— Boa noite, querido. Vou dormir mais sábia. Que homem bom tinha minha mãe, a que venceu todas as santas de São Borja.

— E as de Santo Tomé!

— Nem me fale neste lugar, que perco meu sono.

# OUTROS ESCRITOS DE DEGAS

Aquela noite foi criada para ler passados. Mal Silvana saíra me debrucei a conhecer as “obras completas” do Degas. Um sopro antigo inspirava a noite.

*“Escrevo, França, como pediu. Esta terra virou só plantação. De campos livres e de bois berrando sobrou a lembrança., Ia dizer pranta, mas sofrenei a burrice. França, a pobreza se reuniu em São Borja. O campo se demudou. A pionada perdeu emprego de monte. As moça casadoura aprendeu a vadiação. Tentaram a cidade, mas o que tem uma cidade pobre pra dar um bom trabalho? Os proprietários pequenos venderam as terrinhas. Outros rendeiros, como meu pai, também saíram do campo. As máquinas roçadeiras e as outras, plantadeiras, tratores, colhedeiros começaram a tirar os últimos guascas. Gente se amontoava nas vilas e nas cidades. Nem os cavalos resistiram. Te conto essa. Lá se foi meu sonho de menino de ter um. Mais tarde, quando cheio da nota, comprei uns dois por quase nada. Comprei animais tristes. Queriam o dono desaparecido. Tinha um pobrezinho, apanhava por pouco o animalzinho. Comprei por grande preço. Morreu sendo amado quase como gente. Muita população ia pra São Borja deixando Maçambará. De guaiaca cheia, dei pra farreá. Não sobrava nem pro gasto da casa. Noites de primeira. Voltava com o Nico tonto, vendo Eufrásia triste que só. Lá pelas tantas ela cansou. Mandou o Nico passear. Ele se foi morar em São Borja. Vivia do quase nada. Vendeu umas terrinhas e me deu um colônia. Achei demais o presente. Nem registrei. Nunca soprei pra ninguém. O velho era bom de mulher. Achou uma dona de duas casas. Sustentava ele. Não é que eu tinha china de graça. Meu Deus! Mas minha vida começou a demudar. E como! Me encantei*

*por Eufrásia. Me quietei pela mulher mais perfeita. Você, também, me pediu uma história. Eu conto a minha. Não posso deixar de dizer um pouco de ti. A história de querer roubar o livro foi o que contam sem tirar nem pôr. Peço ainda desculpa. Tive fugir de facção e tudo. Disseram que você era meio viado. Viado quando é gente, veado quando é animal, é isso? Encontrei um touro valente. Depois tive comprovação do lado macho nas idas pra Santo Tomé. Uma derribou você pra valer. Chorou o mal feito. Consolava: Olha que menina linda a tua filha! Isto eu escrevo pra você! É um agradecimento. Depois de aprender a escrita, sou outra pessoa. Moro na calma. Sou mais forte. Quando escrevo as minhas figuras de gente me vem como crianças correndo pra mim. Algumas bem brabas. Eu sou um homem de trazer defunto pra conversar. Eles conversam na lembrança. Alguns fantasmas eu invento pra me distrair, porque a vida como ela é, das vezes, me cansa. As crianças que me vem são aquelas que não tive. Tenho vergonha. Deneguei a vontade divina. Gastei meu chumbo e não derribei nem um bugiozinho. Quando amei Eufrásia tava fora deste propósito. Assim eu morro sem criança. É uma história triste, um homem morrer sem dizer meu filho. Tomara que um dia venha gente tirar proveito desse alambique. Deus me proteja, que pouco homem é santo.*

Chorei um pouco e a tristeza quando não é muita, faz dormir. Meus olhos já dormiam. Descansei.

Acordei a dona Silvana. Já cedo o sol ardia. Recebi o comunicado de Alischa. Quando falei da razão de minha andança, ela mostrou uma voz conhecida: baixava o tom e na voz, uma dor. Devia recebê-la no aeroporto. Desconversou a tristeza. Concluiu se traindo.

— Pensei que fosse mais tarde saber de teus parentes velhos e falecidos.

— Querida, se não fosse visitar agora, não veria mais um.

— Está bem, falou menos magoada.

# DEPOIS DE ANDANÇAS

Quinze anos se passaram desde aquela viagem em busca das lendas familiares. Continuamos Alischa, João Vicente e eu nos caminhos já cansativos entre Canadá e Brasil.

Sempre voltava para ver Porto Alegre e aí curtir quem traduzia da melhor maneira a minha vida. Sempre revia os escritos da grande viagem. Traduzir qual fosse a ventura de existir é tarefa muito difícil, imitando o ingresso de Dante nas instâncias eternas. Ternos movimentos de conteúdo diverso. Desde Felícia até Degas se vinham as forças afetivas. Alischa percebeu minha demudança, no dizer do alambiqueiro. Um novo campo surgia carregado de sementes depois das lendas vistas e escritas. Quando voltava de meus trabalhos, João Vicente é que foi. Aí avançariam as vivas sagas tão próximas. Ele crescia robusto auferindo minha palavra. Abraçava meu filho buscando, por osmose, infiltrar a força das andanças antigas e as mais recentes. As paisagens diversas fortaleciam a ternura. Alischa, então, leu os meus escritos. Passei a limpo as páginas do Degas. Não consegui esconder uma lágrima ao narrar vicissitudes e venturas. Terminadas as leituras repetia:

— Isso é loucura latina! Como conseguem viver desse jeito?

— Os lugares e as origens podem tecer vidas sem comparações. Somos outros seres.

— Uma fervura anda pelas casas.

— Já não sei se a fervura ou a quietude é a melhor forma de ser. Não está contente comigo, minha dama canadense?

— Para de querer elogios. E vamos trabalhar que os clientes an-

dam ligeiros no desejo de vender os produtos. Não deixe de aproveitar esta energia pra dar mais intensidade na divulgação.

— Vou dar de mim o que tenho de bom.

— Esta história de sugar o passado como se fosse fruta madura, é muita poesia.

— E minha senhora, de que vivem os poetas?

— Sou menos transcendente, homem.

— Pois está perdendo muito.

— Deixe assim. Já imaginou dois vivendo nas nuvens? Viver com marido sonhador já me basta.

— Gosto das histórias de papai. Deixa ele assim, mãe! Me defendia o João Vicente.

Nós dois nos olhamos. Eu estava no céu. Meu filho dava sinais de estar inoculado da cultura avoenga. Brilhavam os olhos quando contava de acontecidos iguais ao de Degas. Por falar nele, ainda ontem li um texto do velho alambiqueiro. Mais curioso: João Vicente andava já pelos vinte. Silvana já tinha se ido. Joaquim dera adeus: apenas silenciou por completo. José fizera o mesmo. A morte não tem muitas cerimônias. As mulheres resistiam melhor às despedidas. Augusto, o tranquilo, sempre na maior estica, andando em ambivalências, agora já sossegava o pito. Encontrou uma mulher para cuidá-lo. Falei pra ele em exploração sexual. Ele mais se ria por ver a sina dividida. Ela quer assim, se desculpava. Mesmo num semi-viado cai bem a ternura de mulher, justificava.

Buenas, é muita milonga. Escreveu, pois, o Degas:

*“A maior me aconteceu. Estive no maior abalo. Havia bebido meu dinheiro com as mulheres de São Borja. Me veio o Genésio de Maçambará me oferecer uma canas pra moer. Moí tudo, uma carrada delas. Cadê dinheiro pra pagar o homem? Vergonha era pouca. O Nico Freitas, então, não me adiantou um tostão. Pegou pesado: nesse negócio não tem fiado. Foi por este intempestivo tempo de minhas locuragens que me apareceu a Eufrásia. Me fiz de paixão. Precisava de uns trocados. Boa alma foi a dela! Atendi os apelos da carência e não é que dessa pobreza me nasceu o amor. Me inclinei pra ela pra pagar as canas e começou toda esta viagem da melhor companhia que há de ter um homem. Que santo pode haver pra fazer um milagre desse tamanho.*

*Deus é bom! De gastar dinheiro à toa pode surgir a felicidade. Acho até verdade. De uns cobres houve a maior solução. Me veio esta graça divina: minha Eufrásia, a salvadora. Parece impossível, virei pensador. De essa a alegria também? Assim foi. Outro milagre foi você, professor. Até minha alma miorou como expressou o Genésio, depois de eu lhe pagar a conta. Escrever acho que é isso. As coisas boas se prendem na gente. Não há maneira de arrancar. As ruins se amansam. Ponho o pensar nas letras desse papel. Tudo fica mas alumbrado como dizem os castelhanos. Êta mundão aberto sem porteira. França, sou um homem feliz só de pensar. As nossas saídas Pra Santo Tomé só me fizeram bem. No final das contas, pra você também. Uma filha linda te caiu do céu. Amém pra hoje!*

E eu, Camilo, digo: deu muito que falar.



# JOÃO VICENTE PROS TEMPOS DE EUFRÁSIA

Cada dia mais se carece de alma pra ver a realidade. Tudo nos é dado por imagens, à distância. Esta verdade me está assolando. Sou feito de lembranças, fazedoras de meu espírito. É então, e quem há de saber a verdade, a imagem fiel de Degas feita num desenho imaginário. O velho, sem filhos está sendo cada vez mais uma referência de humanidade. Justifico. É um mistério a força das coisas. Ele começou a se insuflar como um espírito feito de exigências. Quanto mais crescia meu piá, mais acercava dele a terra de Maçambará. Nos últimos cinco anos antes da bisavó Silvana partir, João Vicente não se desgrudava de lá. Uma vez por mês pedia para ir pra São Borja, mais precisamente pra Maçambará e ali, no lugar do alambique. E de lá ia para ver as terras de Silvana. Anita não vendera o campo de Degas e de Eufrásia. O João Vicente, apelidei de Jovi, o deus da Alegria, visitava o alambique que só faltava cair. Convidava sempre a bisavó Anita. Não cansava de ouvi-la contar sobre a vida de Eufrásia e Degas, companheiro de Francisco nas idas pra Santo Tomé, por isso, olhado com reservas por Silvana. O meu filho, de espírito de humor ria da aventura. Vivia na trisavó uma lenda velha. Demandava cuidados pela magnífica pessoa. Uma velha inteira, só Deus sabe como, se orgulhava João Vicente.

— Não te entendo, homem. Você se enfiar nessa chichola de lugar!

— Minha tris querida, deixa pra lá. Eu vim dessas estradas. Vou fazer delas minhas andanças.

— Não é possível. De tanta viagem, vem parar num canto.

— Esquece e me conta tudo das histórias do alambique.

— Por que esse interesse?

— Então falo. Quero tomar conta do lugar com tudo que ele contém. Venho morar perto da senhora.

— Não acredito.

Foram essas as palavras de João Vicente, pelo que me contou. Carece de uma explicação mais robusta para chegar a este ponto. A vida se toca mais que o vento que faz curva. Envelheço como mosca de fruta. Os dias breves dela são os meus. Olhei pra ele à distância: um homem. Vinte e cinco anos bem feitos. Uma rara independência foi vindo do talento. Pedi pro rapaz seguir minha carreira. Esperto era pra tanto, longe a vontade. Aliás, um temperamento indócil e decidido. De fácil argumentação, quando dizia pra onde ir. Os ares constantes das alturas fizeram dele um pensamento claro. Puta merda, pensava:

— Não tem jeito não, vou perder meu filho. Pasmei quando disse:

— Vou viver da roça e ponto final. Concluído meu curso de Agronomia, me toco pra Maçambará. Alischa foi mais compreensiva. Desenvolvera uma alma mais sobranceira. Até conversei pra Alischa e pra vó Sílvia. Vê se fazem alguma coisa pro rapaz tirar Maçambará da cabeça. Não tiraram. A avó até achou interessante. Ela volta e meia ia até Uruguaiana melhorar o visual das mulheres de lá. Dizia:

— *Pa no perder la origen me voi también a Santo Tomé.* Tomava um táxi e se ia conversar com sua gente. Não tem jeito: a alma é feita de saudade, às vezes é maior que os dias de agora. Foi mais de cinco vezes pra lá, depois da partida de Felícia. O inventário rendeu um bom dinheiro. Meu pai já desenvolvia um sentimento de tatu: o prazer da toca. Ficava lendo e escrevendo textos e mais textos. Pedia pra eu ler. Tinha aí um grande apelo e reconhecimento. Era competente em explicar as fronteiras gaúchas. Cada um no quadrado profissional, mas de um afeto radical a fazer inveja pra Romeu e Julieta. Ainda assim dona Sílvia o deixava a sós com as fronteiras e se ia *pa Santo Tomé*.

Então, o que importa é dizer de João Vicente. Leu as narrativas anteriores e denotou a resolução de que ia acrescentar o próprio relato. Assim se conclui o que eu havia por dizer. Outros virão, mas nada saberei. Já me dobro, pouco faltará para me estender de vez.

# EU, JOÃO VICENTE: UM COLONO

Antes de avançar eu digo: Silvana, a mais divina mulher, muito obrigado!

Por me perguntarem quem sou, respondo: apenas um colono estimado por quem me conhece.

Não fazia a diferença entre o peão cuidador de meus cavalos e o técnico em agricultura da maior precisão. Servia-me do centro de orientação de agronegócios em São Paulo. Temos maior segurança e proveito se nos reportarmos aos anos na década de 2020. A empresa se desenvolveu tendo por princípio uma orientação cooperativa. Todo trabalhador tornou-se um sócio, bem definidas as formas de distribuição de lucros. E as tecnologias: mais sabiam as máquinas que os homens. Minha convicção é, também, de ser a realização pessoal um resultado da realização social. A comunicação do corpo organizacional pauta pelo reconhecimento dos componentes. Por certo, o desenvolvimento tecnológico limitou muito o corpo de trabalhadores. De outra parte, o princípio comunitário da empresa possui a preocupação de estender o desenvolvimento àqueles que investem em nosso capital. Por favor, peça paciência. Quando falei ao meu pai sobre meu interesse em fazer da terra minha vocação profissional, ele abateu-se:

— Meu filho, tenho um legado pra te dar. Agradei muito. Quando falei de minha vontade de fazer das terras da trisavó Silvana meu lugar, ele assustou-se. Vais pra tão longe, filho. Convenci, avaliando meus estudos na área de Agronomia, pelo meu interesse literário. Seria um gaúcho empreendedor em agronegócio, vendedor de produtos finais, especialmente uma canha pra outros mundos. Em nosso tempo

não existem mais distâncias. Vou reunir o antigo com as ofertas de hoje: um aviãozinho já não se constitui em estranheza. Sabia de meu pai ter uma fortuna razoável:

— Vou investir em tua sorte, rapaz! Assim selamos mais uma vez a unidade de nossa casa. Com recursos de minha mãe Alischa, adquiri as terras de Silvana. Com a generosidade de meu pai, ampliei as terras e os implementos necessários para dar cumprimento ao meu sonho. *Buenas*, já havia demonstrado um caráter confiável. Minha musculatura andava tensa enquanto não iniciasse meu jogo profissional. Cada passo tinha medida. Meu Deus, estou sendo impessoal, de uma fome material. Sou mais gente que esta conversa sem sabor. Temos uma preocupação estética com uma ética solidária. Quem me vê falando desse jeito, vai pensar que o meu cotidiano se faz de uma disciplina sem muita graça. Mais de tudo, aprecio romances de nossa terra. Poesias me deixam de uma aproximação mística. Pra mim, pura oração. O sentimento de transcendência se volta para um espírito de alegria, um sentido permanente de arte. Isso é verdade, temos diversas iniciativas sistemáticas de promoção da arte em diversas formas de se manifestar. Minha empresa não é somente uma indústria, faz fortuna com a beleza.

Formamos neste interior de Maçambará um lugar de cultura não só de plantas e animais, mas de empresas agregadas. Temos um sonho de solidariedade. Oferecemos é bolsa trabalho. Dividimos com exportadores e outras empresas similares o benefício do desenvolvimento. Agora me sinto bem em falar da origem de nossos empreendimentos.

Sim, em respeito a minha trisavó Silvana em virtude de Degas e Dulce cheguei a decifrar devagar a pequena federação de minha maior responsabilidade. As histórias narradas pra mim como criança fizeram minha alma. E aí apareceram sobranceiros o Degas e a Dulce. Não acredito em paternalismos sociais. Acredito em oportunidade de autonomia financeira de quem quer que seja. Degas então, me é um professor de economia e literatura em retalhos de inspiração:

*Pois é França, você pediu pra escrever sobre o Alambique. Le digo. É o lugar de minha vida. Explico. Aqui me senti um senhor. Aliamentei meus irmãos. Minha família não precisou se envergonhar mais de ser tão pobre. Hoje me olham com respeito por causa do alambique. Se não fosse minhas andanças, poderiam estar melhor. De fato, os lugares dão conta da vida. Não adianta sonhar se não tiver onde pôr*

*os pés pra dizer: esta é minha casa. Você sabe, França, aqui me veio a mulher que caiu do céu. Eufrásia, já expliquei, a mulher da maior alegria. Foi aqui que ela começou a fazer de mim um homem bom, um ser humano confiável. Gostou? Fiz desta casa um lugar da alegria e da arte. Um lugar da comunidade. Quanta festa nós fizemos no lugar de meu trabalho. Por causa do alambique me tornei um homem pensador. Me tornei internacional por causa de minha canha. A palavra me move. Meu pensamento está claro como uma manhã de sol. Já não preciso buscar fora do meu lugar o que me dá alegria. Quem trabalha comigo pode ficar contente porque tem a justa medida da recompensa. Quanta arte aqui foi feita.*

Por conta de minha formação humana, não tem dúvida, me servi de Dulce e me encantei por outra de nome igual. Vá saber do poder das palavras. Se as revistas de ciência me mostram as formas para melhorar o campo, por que o caderno de Degas não pode me aperfeiçoar? Vejo então o quanto o escrito dele me levou a ternuras nunca pensadas.

“Admiro a Dulce. Mulher pode quase tudo diante de um homem. Pois le digo França, pra fazer um homem bom de Nico Freitas, carece de ser artista. Ela conseguiu. Fez do Nico, um sujeito vagal como eu, uma pessoa distinta. Assim fala a filha Silvana. Também eu vejo o que conseguiu. Nico um beberrão de fígado esfolado, melhorou. Ficou até bonito o filho da mãe. Este é o maior milagre. E o que é aquilo de ela acompanhar a vida das ex-companheiras. Vivemos num tempo onde até elas perdem o emprego. Já não sei se é a pobreza ou a banalidade sexual. Gostou? Aprendi com a doutora Silvana esta palavra, a banalidade. De tudo que se ouviu neste meu galpão de fazer canha, as melhores coisas vieram dela. Como pode haver tanto luxo de gente em quem podia ser nada? Assim está feito meu tema pra aprender a escrever. Eu admiro Dulce. Fico feliz por ver meu amigo Nico estar em boas mãos.



# COLOMBINA

Se um bem pode ser imputado em meu favor, esse bem é Colombina. Que mulher! De corpo pouco mais que um risco coberto de veste leve. Veio pra Maçambará. Apresentaram-me a dama. Um ar de pura tristeza denotava a angústia. Foi o vigário, o mediador de misérias. Sabia de meu jeito de pensar e ser. Argumentou pra que não fugisse da responsabilidade. Essa é Colombina, uma mulher fugida do marido. Veio aí de Santo Tomé. Trabalhava numa empresa transportadora, responsável pelo controle das rotas, do transporte, da carga e dos motoristas. É de bom estudo. Em castelhano claro, pareando a água limpa de um arroio sobre pedras, *habló*: - *No pido favor, pido trabajo.*

É assim que se pede pão e dignidade semelhante à minha mãe Alischa, voadora de trabalhos distantes. Ela me ensinou a grandeza de mulher. Agora diante de mim: Colombina. Ao dizer a idade, me assustei. Quinze mais da minha. Aí eu via uma velha senhora. Uma velhice precoce. Adquiri uma preciosidade. Em pouco tempo, nada lhe escapava aos olhos. Seja o meu sofisticado alambique, fazedor de cachacas das mais elaboradas, até das bodegas pra matar mágoas e aliviar os cansaços nos finais da tarde. As farinhas do meu moinho rendiam lucros para todos. Só pra ver: aprendi com ela fazer da água, além de mover alambique, mover moinho. Tem um som chovido esta água de meter suavidades. Brincavam até dizendo: pão duro esse João Vicente. Poderia pagar energia da RGE. São coisas primitivas, essas rodas de água. Muito mais me foi necessária. Assim como a Dulce pra Nico, me foi a cuidadosa Colombina em meus empreendimentos. Aí ela, entre motoristas, controlando a distribuição. As lavouras não escapavam do seu olhar. Muito mais que a contabilidade, tudo era medido com

a precisão de um olhar austero quando havia desvio de qualquer rota traçada. Todavia, nela se encontrava uma angústia perene. No fundo, uma agitação. Explico já toda a razão de andar com esses movimentos, parecendo fazer um pavor.

Maldita manhã que trouxe a pior notícia de minha vida: Colombina assassinada. Houve estremecimentos diversos em todos os setores da empresa. Todas as diligências levaram para Santo Tomé. A gendarmaria de lá procedeu a todas as investigações. Prenderam o bandido. Juan Pedro de Ortigaça foi preso. Era o marido, um homem beberrão. Queria pra si a Colombina. Ela fugiu. A bebida em pouco tempo acabara com a segurança dela e da filha, de nome também Dulce. A filha veio até Maçambará. Transportamos o corpo, entre dores. Quero melhor dizer entre dores e olhares agradados. O que tinha ela de ser tão encantadora, pareando à dor de uma deusa a me comover? Vi as lágrimas de uma deusa. São ternas e eternas. Assim foi. Operou-se um milagre. Apareceu a mulher pra me trazer de volta ao convívio de um cotidiano menos negociador. Casei. Em pouco tempo de namoro e de cuidados, casamos. Parece fácil dizer tão de repente, a perda de Colombina. Não me detenho pra não encher de tristeza este livro de família. Por muito tempo imperou uma tristeza sobre toda a empresa; os movimentos dos trabalhadores se haviam como de zumbis pelo campo, dentro do escritório, nos artistas das cachaças e das farinhas. Veio então a Dulce, soberana. Onde pisava deixava a marca da habilidade, quase perfeita como a mãe.

# A MINHA DULCE

Despertou-se em nós o desejo de não estarmos a sós. Em nove meses aparece Esteban Buena Suerte de Oliveira Gonçalves. Ter um filho faz transformação completa. De toda sorte, a morte de Colombina mereceria um reconhecimento maior. O neto veio pra dizer do nome: Buena Suerte. Por ser uma mulher amada por todos e ter otimizado o andar da empresa foi pouco a estátua erguida. Uma deusa se eleva na colina de nossos empreendimentos. Juro por Deus, eu choro por lembrá-la. Esteban há de fazer o nome brilhar. Ela não vai ser uma estrela cadente.

Despertou-se em mim precocemente um sentimento de vínculos inauditos com o piá. Sabia: filho tem extensões diversas. A minha tem um infinito. Pra muito como diz o poeta Yupanqui:

*Pra aquele que olha sem ver,  
A terra é apenas terra no mas  
Nada lhe diz a pampa  
Nem o arroio, nem o salgueiro.*

Pra muito pai, o filho é um filho a mais. Não vê sangue estendido, nem a palavra divina, nascida da própria boca. Fica olhando o pia-zinho como se fosse qualquer menino. Sei de meu pai me querer e levar a dormir como se carregasse um ser muito amado. Bem mais tenho eu, um menino protegido, bem mais do que necessário. Daí mais tarde, ter se tornado de temperamento indócil. Tive medo por mim de sufocar o caminho querendo os passos iguais aos meus. Assim foi por um tempo.

Chegou o dia de uma hora nítida de sol nas nossas testas. Um diálogo surgiu:

— Pai, o senhor não me deixa.

— Claro que não te deixo.

— Também gosto de fazer as coisas por mim. Deixa eu fazer sozinho.

— Você quer dizer que te sufoco?

— É por aí, pai.

Estava parecendo uma choca. Depois não encontrei o meio termo entre proteger e deixá-lo solito no caminho.

Dulce o próprio nome, lembrando a grande mulher de meu tataravô Nico Freitas, me fez um homem quase perfeito. Ela se movia por um coração sagrado. Lembro então, um pouco mais da história. E não veio ela de espírito da outra, viajante da eternidade?

Ela já se tornara brasileira, sem perder um leve chiado argentino. A morte bruta da mãe fez-nos reunir na maior ternura. De nome Dulce, trazia um caráter austero. Dizia-lhe com ternura.

— Você é dura contigo por causa do pai. Disciplina era com ela. Tudo no devido lugar. Dizia peremptória em relação ao Esteban:

— *Quiero* un homem confiável. De outra parte, do caráter, um encanto. Quase febril de tanto amor. Passados dez anos foi ver o pai. Viu um homem convertido, quase um pastor. Uma igreja pouco convencional deixou-o senhor de si. Arrependido, agradeceu o perdão da filha. Tive a oportunidade de conversar com ele. Demudada até a voz. Chorava por citarem o crime. “*Que animal, pero ahora un hombre! Gracias al mi Señor!*” Esteban custou muito a conversar com o avô Farinello. Despertava-se no meu filho uma curiosidade pouco comum. O que aconteceu pra ele matar a vó? Dulce era exímia em explicar o que vai pelo coração humano:

— Dentro da gente existem um anjo e um *diablo*. O vô ouviu só o diabo.

— Eu tenho também um diabo?

— Tem sim.

— E ele pode mandar em mim?

— Se desobedecer o pai e a mãe, pode, sim. Se um dia beber

muito. Se não fizer os temas de casa. Se mentir. Se não for legal com os outros.

— Aí o diabo começa a aparecer?

— Aí você vai começar a fazer o mal.

— Eu não fiz o tema de ontem. Só por isso vou ser mau?

— Só por isso não, mas se isso repetir... Aí ele começa a crescer.

— Aí eu vou matar também?

— Pode ser. O ser humano deve fazer muito bem pra ser confiável.

— O que é a gente ser confiável?

— É fazer o bem sem precisar pedir.

— Acho que o *diablo* não vai crescer em mim.

— Assim todos vão te amar e não vai matar ninguém.

— O *diablo* não está mais com o vô?

— Parece que não. Isso se ele não se bobear. É só ele *empezar* a beber e já o *diablo empeza* a aparecer.

— O professor de religião disse que o *diablo* não existe.

— Querido, a gente fala em *diablo* só pra dar um nome a todos os males.

— Então o *diablo* anda meio solto no Brasil?

— Bien pensado, filho. Agora vai fazer tus temas.

Assim crescia o menino de corpo e de alma. A minha relação protetora controlava de cima, ela deixava o piá andar e somente quando tropeçava alcançava a mão ou até punia. Dizia:

— *Entonces um homem se hace de austeridad* também! Só pra ver, certa feita ela pôs ele de castigo sentado à mesa sobre os temas. Fui retirá-lo da prisão. Ele resistiu:

— Não pai, não saio, a mãe mandou, eu fico.

Respeitei. Fui ter com ela reclamando, pois queria sair numa gineteada com ele:

— Fica preso você, e ele junto! Ele mentiu ter feito o tema e não fez. *Usted* pode esperar hasta *el cumplir con la tarea*.

Brinquei, pedindo pra que me atasse as mãos.

— *No se holga con la educación*, admoestou.



# OS DIAS APRESSADOS

Mais rápidos que os arroios e os ventos, o tempo, presente da eternidade, possui um péssimo costume, o costume das estrelas. Andam em desespero rumo a destinos imprevisíveis. Guardo imagens débeis, outras vigorosas. Sobretudo se apresentam Sílvia e Camilo. Dois vigores da humanidade. Eu, Jovi, filho agradecido, tento passar adiante a tarefa de guardar alguma coisa pra não se perder a alma da família.

E de repente, já estamos em outros tempos, inesperados. Olhei pra Esteban e ele lascou:

— Não tenho vocação pra dar seguimento à obra.

O filho da mãe apenas com 15 anos já decidia o próprio destino. A sorte humana é incerta, disse *no se tiene duda*. Depois dessa, me dei conta ser ele tão diferente, quanto diferentes as gentes de minha casa. A cegonha não estabelece nenhum critério. A natureza brinca com estranhezas. Quando foi pra escolher um curso superior, escolheu um Curso em Tecnologia de Recursos Pesqueiros. Sentindo-me nervoso com a proposta, falou categórico:

— Forma profissionais capazes de viabilizar soluções tecnológicas competitivas para o desenvolvimento da cadeia produtiva de pescados, atendendo aos interesses da comunidade onde estiver inserida. Os egressos do curso terão conhecimento das técnicas relativas à nutrição, reprodução, manejo e processamento de pescados bem como a gestão da cadeia produtiva, incluindo a fronteira da transgenia.

— Decorou bem o texto.

— Não gostei. O senhor não está levando a sério as pretensões de meu ofício.

— Vai criar peixes na lagoa?

— Continua sem entender nada. Se for pra pensar pequeno, ficaria fazendo o que está sendo feito, respondeu ríspido.

— Nossa filho! Estou do teu lado. Explica melhor a ideia.

— O seguinte: Realizado o curso, quero criar uma associação de piscicultores com propostas de tecnologias em criatórios, parecendo ao projeto gaúcho de piscicultura no rio Uruguai. E além do mais, a tecnologia vai muito além do esperado. A biotecnologia está fazendo de peixes sem valor, carnes de primeira. Já não se faz peixes como antigamente. Vou mostrar o meu tamanho. Vou controlar por satélite os peixes em criatório e os soltos, *aunque turvo el rio*.

— Você acha que dá para acreditar em projetos públicos?

— Quem vai controlar serão os sócios a partir de minha fundação. Eles terão orgulho de defender a Real Sociedade dos Peixes do Uruguai. Serão donos de uma ideia protetora e exploradora da riqueza destas águas.

— É um sonho!

Prosseguiu sem ligar.

Pesca livre e pesca particular em sistemas de gaiolas inteligentes. Coisa de outro mundo, pois serão controladas por satélites. Haverá a polícia ambiental apoiada por sensores *muy lejos de acá*. Serão todos conhecedores do habitat, da reprodução, da pesca dos peixes e dos seus hábitos. Teremos os tempos de defenso para os sócios profissionais da pesca. O rio será um celeiro de muitas espécies. Avançarão as tecnologias para a pesca nos rios. Não fugiremos aos cuidados. Não estamos a sós neste projeto. Fui visitar pela Internet, na Europa e nos Estados Unidos as diversas companhias de pesca solidária. Sei bem que aqui a idolatria pessoal é uma doença. Porém, nada resiste quando existe reconhecimento e garantias de melhor sobrevivência. E tem mais, o que não foi feito eu farei. O que é desconhecido me atrai e vou dar jeito nele.

— Tudo isso, filho?

— E muito mais. O senhor sabe pai, do sofrimento histórico dos ribeirinhos. Viviam do chibo, depois de migalhas e contravenções. Muitos fugiram da miséria para as grandes cidades. A pretensão da Real Sociedade será um serviço social.

— Torço como ninguém, Esteban!

A primeira coisa a fazer foi ter com minha esposa Dulce. Não sabia do sonho do rapaz. Ultimamente, é verdade, demonstrava-se silencioso de hábitos severos.

— Escuta Dulce, o que você sabe das pretensões profissionais do Esteban?

— Sei pouco e quem mais sabe é tua avó Sílvia.

— E o vô Arte o que diz?

— Apenas envolvido com as fronteiras do Rio Grande. Nem ta ligado nos sonhos de teu filho. A Doutora Sílvia, não sei se usted sabe, tiene una fortuna em dólares e campo. Soube pela vieja Anita, a dura na queda. Ella me telefonó hablando que Esteban anda de *muchas charlas con la abuela muy querida!*

— Êta piá metido! Só pra ver o que tua família aprontou. Ele parece ter o mesmo sangue castelhano. De repente assume um estilo inesperado e valente.

— E a tua? Perdon. Existe outra, *mas* aventureira?

— A genética parece difícil pro nosso garoto. Aliás, já é um homem e bem longe de nosso controle.

— *Que família! Sabe, el parece un santo con la tarea de hacer una sociedad de pescadores, pero tiene una tez severa demás. No se fue el que, por un poquito más, no asesinó el hijo de Dorneles? Parecido a mi padre!*

— Deus nos proteja!

— *Camilo y Alischa, tus padres, los voadores de todos los Ayres, también muy locos aunque amables, assemblan los mas santos de tu familia. E hablan ustds de Francisco y de Anita también muy perturbados. No es una locura el amor de tus avuelos, Sílvia y Artêmio? E o que hablar de Francisco e Silvana?*

— Ainda bem que junto dos diabos, os anjos andam em revoadas.

— *No me espante, hombre. Não hai otra manera, vamos dar fuerça a nuestro hombrezito pra não perderlo. Se lo sangre de nosotros no es santo, no reprobemos nuestro hijo em su pensamiento de hacer lo bien.*

— Assim será! Quando nervosa, Dulce voltava para o castelhano, melhor,portunhol.



# ESTEBAN SIGUE ADELANTE

Os nervos tinham a tensão de uma espia esticada. Nada fugia da atenção ao que se referia aos estudos e às experiências pesqueiras. Usufruiu como nenhum aluno, custeado por Sílvia, de muitos estágios ao preço de diversas viagens. Os três anos de estudos transformaram meu rapaz num homem adulto. Sua grande obra foi um criatório de pescados. Piava e dourado e outras de menor qualidade foram os principais da coleção. Andava adiantada uma experiência de aperfeiçoamento destas espécies. A transgenia andava às loucas. Até o vigário o fortalecia:

— Vai adiante, dizia. É ordem do senhor, cresci e multipliquei-vos, sonhando com jundiás de vinte quilos.

— Conversa de pescador, brinquei. Daqui a pouco meu filho vai ser devorado pelos peixes criados. A bíblia não tem um que foi comido também?

— Não deboche, Jovi, a ciência é filha de Deus. Se os homens, pra descobrir o código genético, levaram séculos, o quanto é poderosa a ciência divina pra fazer tudo num só dia. Imagina o poder divino, continuou ele, se pra fazer um dourado do tamanho natural, aí está teu filho se matando pra aumentar uns quilos.

Meu filho mostrava diversas técnicas de reprodução. Juntava entusiastas ribeirinhos. Alimentação é um grande segredo, afirmava. Cada sócio será um técnico em alimentos. Eu vou controlar o segredo da reprodução. Quem nunca foi considerado passou a ser. Mal havia se formado já conseguira, em projetos bem feitos, angariar fundos ao serviço. Entre Uruguaiana e São Borja os peixes saltarão à vontade, se alegrava. Entusiasmava-me muito ver o quanto os peixes são fiéis aos

que os tratam bem, me alegrava com meu herói. Fez de cada sócio um policial.

— Meus guardadores do rio, se orgulhava.

Nem bem se passaram dois anos era nítida a renovação das aparências da costa. Já não se via casebres caindo. Casas se erguiam com jardim. Meus investimentos valeram muito. Por outro lado a bisavó Sílvia, envelhecida e *my* rica, viu da obra feita um sentido social para a vida. Perseguia-me uma curiosidade: quantos dólares Sílvia investiu em meu filho? Coragem da castelhana!

O sucesso garantia poder. As notícias vindas de São Borja, porém, revelavam mal estar. Dulce mostrou-se preocupada:

— *Escuchame Jovi, amor. Que cosa és esta de uma charla maledicente de Esteban?*

— Não sei de nada. Vou verificar.

Infelizmente o poder e a maneira extremada de fazer prevalecer a vontade foram confirmados. Meu filho estava mais para déspota. O empresário de boa autoridade andava ao largo. O poder o corrompera. A disciplina austera de meu filho e a forma até violenta de se referir a quem não seguia as normas da sociedade real dos peixes do Uruguai, eram levadas a exageros. Se por um lado, desenvolveu muita admiração, por outro, meu Esteban ofendia alguns membros fazendo deles pessoas ressentidas. Não perdi tempo. Falei:

— Meu filho, sei de teu potencial para organização social, mas não faça de teu trabalho um covil de lobos. Eles são perigosos.

— Não entendi.

Expliquei com clareza sobre os perigos dos ressentidos:

— Nada pode diminuir o espírito de vingança de pessoas desprezadas.

— É preciso respeito às normas.

— Pense um jeito de fazer respeitar as normas sem perder o respeito dos desobedientes. Crie uma diretoria e faça dela a mediação do que for o melhor para a Sociedade.

— Não entendi.

Calei-me. Ouvi de alguns a gratidão, de outros ódio e ressentimento por terem sido alijados do processo. Embora não fosse meu filho

o agente principal da severidade sobre os ribeirinhos, sabiam todos da origem da violência social. Ali as vontades se faziam pouco solidárias. Qualquer criminoso atravessava o rio. Eram exímios nadadores.

Em período de pesca proibida: peixes em desova, Ulisses, pescador sem vergonha, matou mais de uma centena deles justo na área de um pescador muito esquentado.

— Mas veja a conversa geral. Dizem o teu nome como o responsável pela morte do abusador dos peixes.

— O senhor está ouvindo demais.

— Não sou surdo, Esteban. Lembra do Dorneles? Você quase matou o piá. Ele até hoje não perdoa a surra que levou. Por pior que seja nosso desafeto, não convém deixá-lo ferido.

Passei a acompanhar o sucesso do empreendimento da real sociedade. Impressionava-me positivamente o desenvolvimento, apesar da forma autoritária com que era desenvolvida. Dulce vivia com o coração nas mãos. Percebeu, melhor, a dureza das palavras de nosso filho.

— *El es mas rudo que mi padre.*

Íamos no décimo ano de sucesso pesqueiro. Somavam-se as vantagens da organização dos pescadores. Multiplicavam-se conversas sobre a violência na sociedade. Mais grave se tornou a fama de Esteban em relação ao abuso com filhas de alguns pescadores. Não suportei e tirei a limpo:

—E o que é isso de falarem de teu comportamento pra com as filhas de pescadores. Falam de abusos.

—Tenho dois filhos, dois piazinhos. Crias de primeira. Cuido das mães e dos piás. Sem problema.

— Que eu saiba as mães são quase crianças, desafiei perplexo.

— Conversa, pai. São jovens bonitas.

— E já pensou como ficarão as crianças?

— Vão ter orgulho do pai.

— E como ficam os pais destas meninas? O que dizem?

— Um deles não gostou. Aumentei a pensão.

— Te cuida, homem.

Depois soube de outro caso cujo resultado foi uma filha não reconhecida. Não tive coragem de comentar sobre isso com Dulce. Sabia por conversas, mas não tive coragem de confirmar. Ela, porém, intuía sobre os perigos em torno de nosso filho. As desavenças entre pescadores se multiplicavam bem mais que os filhos sobre as costas do rio.

— *Adonde erramos, Juan Vicente. Vos es um hombre bueno. Cuidei del chico pa no ser como su avuelo.*

— Não te culpe, a natureza tem dificuldades com os filhos. Talvez eu tenha sido condescendente. Mostrei um caminho, ele viu outro. Meu consolo é que a costa tem outro rosto. O rio oferece peixes em abundância.

— *No te quedes tan inocente. Que quiero yo con el rio, si mi filho vive en peligro.*

Abracei-a com vontade pra dizer dos netos. Temia ouvir dela o que a dor costuma provocar.

Dois dias depois Esteban veio até nossa casa em Maçambará enquanto eu fazia a ronda no campo. Qual não foi minha surpresa ao ver Dulce correndo em minha direção.

— *Por que no me hablaste que soy una abuela?*

— Não queria deixar você mais preocupada. Procurava encontrar a maneira certa de dizer.

— *Quiero verlos.*

— Deixa eu ir na frente. Prometo trazê-los *pa usted mirarlos*. Sempre achei de brincar quando a casa caía.

# EVENTOS BEM PRENUNCIADOS

Vi de perto os acontecimentos sexuais promovidos por meu filho. Às escondidas tomei de um barco. Fui ver o estrago feito. Puro preconceito meu. Dois meninos bem cuidados. Os pais das garotas, mães das proliferadas uniões, estavam contentes. Fui entrando nas casas, afinal, aí moravam meus netos. Houve resistência inicial. Por saberem quem eu era, das bandas de Maçambará, logo se tornaram cordatos. Em conversas pesqueiras descobri, pela vizinhança, a maneira gentil e amorosa dada aos meninos. Tem mais me disse um pescador. Tem também uma menina: é a cara de teu filho. Proliferam como peixes, os filhos de teu filho. Brinquei pra não chorar.

Vi uma garotinha, mais semelhante não podia ser. Havia um problema, motivo de violência na casa da guria, mãe da Cibele, a pequena. Minha neta, como neta de perdiz, extraviada. Uma ternura de cinco anos veio em minha direção. Averigui o fato. A jovem mãe não se conformava com o estado em que estava posta. Ofereci meus cuidados. Houve resistência, *pero no mucho*. Afiancei poder cuidar a doce garotinha com minha mulher. Vim de longe, apelando para restos de sensibilidade. Pego de supetão, sem qualquer resquício de rancor, a mãe homologou a petição. Que tempo é esse em que nascem filhos sem muito cuidado.

Tomei por surpresa a visita de Esteban. Dulce vivia de temores. Sabia do bravo filho. Vi logo a gravidade em rosto. O valentão intempestivo sumira. Uma nuvem povoava o cenho. Baixou a voz, quase inaudível.

— Estou me rendendo. Levei na dureza o empreendimento. É verdade, se desculpava, a fome já vai longe, mas a coordenação está me

deixando assustado. Não sou de correr da raia e não vou. Infiltraram-se uns sujeitos mal encarados pra derrubar meu trabalho. Conseguiram minar a boa vontade de alguns sócios. Tenho poucas alternativas.

— Quem sabe deixa tudo e vem trabalhar comigo? Minhas forças já não são as mesmas enquanto dobram as preocupações.

— Isso não. Vou superar!

Havia uma soma de violências sobre a testa.

— Sei de teu jeito a ferro e fogo. Cuidado!

— Não se preocupe pai. Não posso esperar. Vou por ordem no galinheiro. Sou galo de rinha. Não nasci pra panela.

— Isso não é vida, rapaz!

— Não tenho outra!

Calei diante da resistência.

Quando então, falei do meu desejo de cuidar da Cibele, ele mostrou outra face.

— Pois é pai. A pequena é minha cara. Não carece de DNA. Estava preocupado com ela. A mãe acabou se enrabichando com um caboclo de más ventas. A pequena está desalentada. A mãe não se importa em deixá-la ir. Se é de agrado, fale com o juiz de São Borja. Assim, se tudo der certo, estará bem protegida.

Agradei comovido pela responsabilidade em vias de acontecer. Não deixei pra outra ocasião o que devia avaliar. Protestei com veemência os descuidos.

— Escuta, se isso é jeito de ter filho! O que faria com a pequena se não oferecesse minha proteção? Deixaria a pequena em maus lençóis?

— Desculpe pai, garanto-lhe nenhum outro vai nascer. Por mais que assim se vão as coisas pela costa, não vou dar bandeiras ao azar.

— Acho bom. Não foi agradável ver tua filhinha chorando.

— Desta vez peço perdão. Mas, por favor, não me deixe pior que estou.

Nos abraçamos. Ao estreitá-lo contra meu peito senti que envelhecia, bem mais que a idade. De fato, as dores envelhecem mais que os dias.

Despedimo-nos e, por Deus, vi uma funda determinação em Esteban. As circunstâncias nos fazem diferentes. Estaria aprendendo a domar a fera?

O juiz era meu amigo e, nesta terra, mais vale uma amizade que a lei.

Fez-se uma semana após a última visita de uma assistente social. Consegui a guarda provisória de Cibele. Que coisa interessante! Minha garotinha carregava o lado avesso do pai: a ternura sempre no rosto. O sofrimento da casa não a afetara. Nascera de antídotos contra a violência.

Dulce desde então, converteu-se em alegria. Não mais se falava nos perigos da costa. Ao final de domingo, me aparece Esteban ladeado por dois meninos. Reconheci os garotos Pedro e Paulo, de rostos tão diferentes, mas distantes as semelhanças do gênio. Um escrito o pai e o outro moderado até no correr. Andamos pelo alambique. Admiravam-se de tudo. Paulo de onze e Pedro de doze. Este o discreto, não lhe calavam as perguntas. O outro tenso, sempre fugidio, sempre distante. A menina mostrava a alegria de ver o pai. Ao retornarmos à casa, a pequena veio ao nosso encontro. Meu pensamento não se conteve: três meio irmãos, assemelhando-se às histórias de meu tempo: quebrando padrões.

Falei mais com Esteban. Não me admirava em vê-lo moderado no meio da tempestade. Se convertera o homem ou escondia sentimentos mal domados?



# PÉSSIMA NOTÍCIA

Não só de alegrias vive o homem. Péssima notícia veio com a morte de minha avó Sílvia. O dia amanhecia. Telefonei para Esteban. Ele que recebera dela o grande apoio para objetivar a ideia da Sociedade de Pescadores, já estava a caminho. Nos encontramos na saída de São Borja, fomos juntos. A pequena vinha conosco. Valeu que estivesse nos acompanhando. Sete anos de pura vida. O ar de tristeza soçobrou pela vitalidade de Cibele.

Oito horas pra chegar a tempo de ver aquele corpo desfeito. Deus há de saber o bem que ela fez. Camilo e Alischa minimizaram a dor com nossa presença. Olharam o neto e com olhos devotos a pequena. Meu Deus, disse Camilo, a nossa bisneta. Artêmio estava em frangalhos. Nada conseguiu demovê-lo do desconsolo. Sua vida estava aí, a paixão sumira. Fiquei ávido por ter os poemas dela. Escrever é isso: tornar menos mortal nosso ser; quem se vai apenas falece que a alma se pendura nas palavras deixadas. Só vendo o Degas; se fez imortal, por que não minha avó? Escrevo agora, exigindo de mim a lembrança de solicitar o que se escondia em gavetas. Meu pai deveria resgatar as palavras guardadas. O silêncio é que era de uma mortalidade do tamanho de todos. A reverberação de sentimentos machucava demais.

Pensei em mim por ter abandonado Porto Alegre. Fora muita decisão: abandonar a presença viva de quem amo, que a olhos vistos desapareciam. De fato, fazia tempo que a mãe morte nos devorava.

Eu os via em imagens nítidas, a tecnologia me favorecia, mas não era o mesmo vê-los assim, meu pai e a voadora de minha mãe. Me concedeu a luz e desaparecia. Que coisa é essa de eu sê-la na célula inicial. Multiplicada ela, sou eu. Multiplicado Camilo, sou eu. Depois...

Entre uma lágrima e outra, olhava as mãos de minha vó, deixando meu pai feito um homem pela segunda vez. Por diversas vezes, Esteban abraçou meu avô.

— Biso querido!

—.....

O silêncio era eterno. De uma ternura avassaladora. Um rosto posto num infinito, perdidos ele e o infinito... Um astronauta solto no espaço. O estudioso de fronteiras perdeu a sua! Depois de um tempo abraçou-se em Camilo. Que vida será a minha? O velho homem conseguiu dizer, pra depois silenciar até outro dia.

Gente pobre e gente rica, devotos chegavam. Todos deviam um milagre à santa falecida. Uma oração foi dita para finalizar a hora mais feia. Os familiares viram Esteban beijá-la e dizer:

- Obrigado bisa do meu coração. Não sei rezar por ti, reze por mim. Me ajude a ser melhor!

Somente Dulce e eu sabíamos da extensão do auxílio concedido e do pedido solicitado. Vô Artêmio abraçou-o. Por certo, queria aliviar o desamparo que pesava sobre os ombros do bisneto. Sílvia, da última vez que veio até São Borja, sentiu o perigo em torno do protegido. A realidade se fizera do tamanho dos sonhos. Dulce e Sílvia, esta enfraquecida, trocaram palavras de esperança sobre Esteban. Sabia do destempero do bisneto.

Ficamos por três dias em Porto Alegre tentando aliviar a solidão. Conseguimos. Todos tinham muito a fazer e a dizer.

Retornamos quase calados. Até a pequena Cibele sentiu o peso que nos unia. Percebi haver uma mudança em Esteban. A onipotência dele desaparecia. Não havia mais a verve agressiva: uma voz arrependida parecia compor um perfil mais humano. Ou seria apenas um surto de bondade passageira?

O retorno prometia, havendo várias questões pendentes. A valentia afetiva seria cuidadosa pondo fim a outros filhos costeiros? Na despedida alertei sobre os cuidados. Filhos não podem ser reproduzidos como peixes! Bati no ombro dele e ele sorriu ao falar:

— Pai, não tenha preocupação. Acho até que vou me casar com a mãe de Paulo. O Piá não pode ficar à deriva. O Pedro não me preocupa, anda bem em tudo que faz e a mãe dele tem mais cabeça. Tem um

jeito irrequieto. O pai escrito nele.

Em casa: me agredia a distância entre minha mãe e eu. Afinal fez de tudo para ser minha mãe. Voava. O destino é incerto, qual a culpa? Desde este dia queria vê-la mais. Eu, mais de sessenta, ouvindo:

— Meu filho, você me faz um bem nunca sentido. Que coisa é esta de envelhecer querendo colo?

Comprei um aviãozinho só pra ver minha mãe.



# UM CASAMENTO OPORTUNO

Um ano depois da morte de Sílvia, cumpriu-se um desejo. Comemoramos a união de Esteban e Priscila. Assustava-me o futuro de Paulo. O pai havia demudado um tanto. A pomada não cicatrizara a ferida de um gênio indômito. Lembrava um de meus cavalos fogosos. Adoecera, andava um matungo pelos cantos. Aos poucos foi recuperando as energias. Depois de dois meses pinoteava pelos campos. Minha dúvida contumaz: meu filho se demudara ou a morte de Sílvia apenas diminuía o ânimo indômito?

Pelo menos, Esteban estava de olho bom sobre os filhos. Me contentava muito em saber de uma das mulheres, a Priscila. Fui mais uma vez, visitá-la. A história provava ser boa. Conversamos sobre o casamento. Procurei apenas dizer do apoio meu e da Dulce. Conversei com ela sobre o Paulo.

— Vou le contar, João Vicente. O bichinho não é fácil. Êta temperamento do cão! Igualzinho o pai. Tá entrando na adolescência.

— Sei o que é isso, Priscila.

Veio mais o pai dela, modelo perfeito dos caboclos da costa.

— Um prazer conhecer o senhor. A gente é só pescador.

— O que é isso, Silvério Borges! Sou só gente. Basta isso pra se carregar.

— O senhor não sabe da alegria de ver minha filha casando com o Esteban.

— Acho que ele faz bem em se casar pelo que estou conhecendo a filha.

Brincamos ainda um pouco sobre os tempos bicudos da política.

— Uma vergonha, falou ele.

— Não suporto o que sempre dá na televisão.

— Mas do fundo do poço a gente pode ver estrelas, apaziguou ela.

Pelo menos tenhamos nós a nossa consciência limpa, alvitrei.

Assim se esgotou o encontro. Antes porém, pedi pra que o meu neto Paulo pudesse me visitar em Maçambará. Quero desde já me aproximar dele.

Voltei pra casa e aos negócios. Como a situação andava feia pra economia popular, minhas canhas menos prestigiadas, começaram a ter mais saída. As melhores iam pra Argentina. Em casa, comentei com Dulce sobre o casamento.

— Vamos a comemorar, animou-se.

— Ao menos uma boa festa familiar.

— *Pelo mio lado, los mios invitados são poucos*, comentou Dulce.

— Artêmio, já menos abalado, vai vir de carona com Camilo e Alischa. A Anita e todos os outros só de espírito. Bem que gostariam de estar junto. Quero que venham os primos da noiva, os pais e os nossos dois netos.

— De mi parte: vem meu pai, dois tios, las mujeres e más cinco primos, expressou-se Dulce.

— E eu posso ir, investiu Cibele, adentrando na sala.

— Querida, você é a mais importante depois dos noivos. Vai carregar as alianças.

— Que bom, vou ver meus irmãos.

Veio o dia e as correrias. Festa em Maçambará! Cuidamos do hotel, na verdade uma pensão pros de Santo Tomé. Dulce ajeitou a casa para os meus. Pedro e Cibele não calavam, querendo saber de tantas histórias. Paulo mostrava-se arredio: o legítimo adolescente, superior às criaturas humanas.

Três núcleos formados: os meus, os da costa e os de Santo Tomé. Me desdobrei, aproximando os convidados. Pedro o mais curioso, ia de mesa em mesa procurando saber quem eram aquelas pessoas estranhas. Por fim, me admirei de Priscila: uma fala delicada, muito delicada para uma costeira.

— Agradeço a presença de todos. Estou muito feliz com meu casamento. Estou acostumada com a dureza de ser pescadora. Tive sorte em me aproximar do maior deles. Fui de sorte em fregar este peixe. Vou cevá-lo ainda mais.

Muitos risos.

— *Gracias as los invitados de Santo Tomé. El amor es to'o e tiene el poder de la unión. Ca estoy con mi marido. Um hombre bueno, pero no manso. En mis manos será mejor.*

Depois olhou para mim:

— Graças ao meu sogro pela bondade de receber tão bem minha família. Dona Dulce, não se preocupe, vou cuidar bem dele. Estou entrando na família de um grande homem e de uma querida mulher. Obrigada!

Depois falou Esteban:

Graças aos que vem de longe. Artêmio, eu te amo como amei minha querida Sílvia a quem tanto devo. Meu vô Camilo e querida vó Alischa. Prometo não ficar tanto tempo sem ver vocês. Vou alugar o aviãozinho de meu pai. Também agradeço aos parentes de Santo Tomé. Meus pescadores do rio Uruguai, minha vida se faz com vocês. Pai e mãe! Sou o que sou, por vocês, um bom pescador. Filhos e filha de meu coração, sou um torcedor de vocês, o jogo continua. Sou companheiro pra o que vier. Priscila vou ser fiel na terra e na água. Perto e longe de casa. Que assim seja. Obrigado.

Fiquei tão admirado, não escondendo a curiosidade. Perguntei:

- Onde uma costeira de apenas Ensino Médio, formara uma linguagem tão bem feita?

Ela mesma me respondeu:

— João Vicente, leio muito e escrevo um pouco. Disparo meu castelhano, sem perguntar muito pela gramática. Vendo meus peixes em Santo Tomé. A fome ensina a falar.

Depois me olhou nos olhos, comovida mais uma vez, agradeceu pelo respeito aos de sua casa. Esteban foi um cavalheiro entre todos, embora ainda distante. Que coisa difícil tornar-se agradável, quando se tem uma fera solta dentro de si. Olhei em torno e veio uma lágrima. O sentimento de igualdade faz bem.



# TEMPOS DE ACERTOS

Dulce amor mio! É isso mesmo: mulher pra se amar. Um mês de promessas boas se sucediam. Enquanto Priscila e Esteban foram ver outras paisagens, Paulo ficou aqui em casa. Tchê diabo! Educar a quem carrega natureza áspera é uma tarefa complicada. O silêncio amoroso de Dulce merecia mais que elogios. Narrei a história da Dulce, a segunda mulher de Nico Freitas. Aquela mulher do maior milagre. O milagre da generosa disposição em acompanhar as fiéis escudeiras da antiga profissão. Se o milagre em salvar Nico Freitas da devassidão, agora outra Dulce, a minha, salva uma casa toda com os habitantes. O mais carente era eu. Desde o tempo em que senhora Colombina, a mãe, criara uma ordem salutar nas empresas emergentes, agora ela, a nossa Dulce, entregara-se a ver se conduzia para bom destino os desacertos de meu filho. É verdade, Cibele tornou-se um presente. Todavia, os cuidados pra com Pedro, distante, exigiam seguida presença da avó apenas pra visitá-lo, ver de perto o menino e abraçar a mãe dele. A distância não faz bem, comentava. Alegrou-se ao saber do casamento da mãe de Pedro com um pescador honesto. O piá teria um bom pai, embora nunca Esteban faltasse. Paulo mal se continha, parecendo arame esticado, sempre tenso. Veio então a sábia Dulce dizendo:

— *Ponga el en actividade de gran exigência. El precisa de maior acción y junto con usted.*

Pensei: “então vou fazer de tudo pra ver se a raiva mal contida possa ser levada a bom efeito.” Dei-lhe um cavalo mal domado. Provoquei-o:

- Duvido tu montar esse cavalo sem cair.
- Vou mostrar quem sou eu!

Firmou-se nas crinas e corcoveava no movimento louco do animal. Este bufava, sentindo o calcanho do domador. Paulo se aprumava na proporção do animal. Começou a gritar ordens raivosas.

— Te acalma, filho de uma puta!

O animal parecia arrefecer. De repente, um jogo inteligente do bichão pra derrubar o montador. Percebendo a manha, mais os calcanhos se firmavam nas virilhas. Mais as crinas serviam de segurança. Começou a chicotear nos flancos. Assim foi por meia hora. Não se sabendo quem se entregaria. Vieram por fim, os últimos saltos desesperados. Depois a fera foi se acalmando, vindo em trote, guiado pelas crinas, na minha direção. Cuidado, Paulo! E não deu outra: o animal andava louco pra derrubar o rapaz. Mais apanhou o bicho. Acalmou-se, por fim.

Paulo saltou. Os primeiros passos revelavam pernas cambotas, parecendo ainda montar o animal domado.

— Tá aqui o bicho, quieto!

— Será? Amei tua valentia e poder, Paulo.

— Você não viu nada, vô.

—O suficiente pra ver um homem forte. Queria ver você levar o animal numa boa. Aí sim você teria um animal companheiro.

— E isso é possível?

— Vou te mostrar, Paulo.

Estive muito atento, buscando momentos oportunos a narrar e fazer alguma coisa mesmo lavando a louça junto com ele. Contava-me sobre as aventuras dos chibeiros e o jeito particular dos moradores das costas.

— Ainda bem que sobrou o rio e meu pai pra ajudar.

— A maioria dos ribeirinhos do rio Uruguai foram empurrados pela pobreza, sobrando muito pouco pra eles. É uma história de gente muito lutadora. De meter orgulho em qualquer um. Se você for pra Alecrim, Porto Lucena e outros lugares você vai ver muita gente saindo... Buscando outros lugares pra sobreviver. Acho que a inteligência de teu pai salvou muita gente mesmo ele sendo um tanto nervoso. Vi que a conversa fazia bem, sabendo quem ele era.

Dois dias depois fomos ao campo. Trouxe um zaino mal encajado. Disse-lhe:

— Vamos ver, Paulo, um outro jeito de amansar um cavalo.

Acaricieie o topetudo. Dei-lhe uma espiga de milho bonita e assim falei:

— Vamos senhor, meu animal!

Mais carinhos nas ilhargas. Lancei um pelego sobre o lombo. O malacara tastaviou. Mais carinho. Abracei a cabeça. Produzi um ôôôô....ôôô, amistoso. Mais pelego e um buçal com arreios. Novamente a rejeição. Uma pequena canção:

Meu cavalo malacara  
Tem andar de saracura  
Não tropeça e nem se espanta  
Viajando em noite escura.  
Assim foi.

Assentei um peso maior... E mais ternura. Dia seguinte o animal veio em nossa direção. Repeti o cerimonial com muita facilidade. A última espiga e depois os arreios. Um peso maior... Assim foi até ele estar bem pronto pra assumir meu peso. Um saco foi erguido no lombo do malacara. Conversei com o bichão. Mais uma espiga de primeira. Não vai derrubar o véio aqui... Subi e andei. Desci.

— Monta ele, Paulo.

Paulo montou. O zaino tinha um andar elegante, nada o espantava. Paulo poderia confiar nele ainda que em noite escura. Dada a volta, veio a mais importante confissão.

— O vô tem razão. Senti confiança nele.

Como ele me dava a bola quicando na frente da área, aproveitei o momento:

— Você viu a diferença entre os dois. Você tem um lado sensível. Admiro você, piá. Tão jovem e tão perspicaz. A violência da primeira doma subjuguou o animal. A segunda fez do malacara um fiel companheiro. Os animais são como nós. Dando bom trato, a gente também consegue confiança.

Vi o quanto eu podia fazer a diferença na vida de Paulo. Se errei com meu filho, não poderia errar com meu neto. Na ausência do pai, partilhamos outros momentos. Teve uma tarde em que começamos a pensar política. Mostrava ele todo o rancor que o tempo provocava. De fato, a pátria revelava um covil de ladrões. Perguntei-lhe sobre uma saída. Fez um discurso cheio de armas e prisões. Revi com ele o estrago de uma intervenção militar e o silêncio de lideranças. Assim entre outras conversas, procurei não me elevar acima dele. Mais perguntava. Não pontifiquei nenhuma vez. Começou então a questionar o pai pela forma autoritária na condução da cooperativa.

— É verdade. Admiro meu pai pela criatividade como a produção em gaiolas no rio, a transgenia, o beneficiamento e o comércio das carnes. Ele é um estudioso. Mas é muito rude com os sócios. Ofende muito. Quer corrigir, magoando. E vejo quanto dói um ressentimento.

Dulce entrou de cheio no diálogo. E vieram as dores do abandono no qual o piá se sentia:

— *Ni siempre se tiene lo mejor*, afiançou a vó. Importa que *se hace bien lo poco o lo mucho*, com o que concordou.

Enfim, foram dias de convivência. Dulce e eu revimos nosso jeito de uma educação opressiva e distante com Esteban. Valeu porém, a lição. Em tudo procurei, por esses dias, da presença de Paulo, buscar surpresas com momentos de muita alegria. Descobrimos nele um homem cheio de bom humor. É verdade, de um humor por vezes negro. Era o jeito de ele lidar com a violência. Aprendemos a rir sobre a miséria humana. Por vezes o surpreendi de cenho duro. Solitário ia revendo as ideias. A natureza impulsiva dele foi sendo mediada por um jovem pensador. Reconhecíamos, principalmente em Dulce, a propriedade das conversas.

# UMA LIÇÃO

Quem semeia ventos, colhe tempestades. Assim é, assim aconteceu.

— Sempre falei ao meu filho: pessoas ressentidas são perigosas.

— Agora é buscar tirar proveito dessa lição.

O fato aconteceu: um tiro anunciado. Ainda bem que apenas atingiu o ombro. A notícia veio ligeira: atiraram no Esteban. Acertaram a asa dele! Ele xingou demais o Elias. De nada adiantou o silêncio do pescador. O Esteban continuou achincalhando. O pescador pediu:

— Não fala assim comigo, doutor.

Esteban, desgovernado, gritava:

— Deixou estragar mais de cem quilos de peixe, grande irresponsável!

Foram as últimas palavras de Esteban. O tiro derribou o homem. Assim aconteceu.

Levaram meu filho pra são Borja, numa sangria só. Salvaram o homem na transfusão. Bendito sangue alheio. E digo bendito tiro. O atirador não suportou a humilhação. O balaço apenas mostrou o tamanho do estrago feito pelas palavras. Depois do tiro corri ao hospital. Feita a cirurgia, viu-se apenas uma larga ferida na omoplata. Reconstituíram o ombro sem maior ameaça.

Conhecia muito bem o Elias. Um profeta do bem. Não suportou o abuso de meu filho. Fui tirar a queixa na delegacia. Não poderia sofrer mais humilhação. Me dirigi ao delegado por solicitação de Esteban. A

primeira reação foi de querer sair do hospital pra tirar satisfação quando ainda de asa caída. Olhei com severidade pra ele:

— Nem isso te ensina? Mil quilos de peixe não valem a dignidade de Elias. Ele até se humilhou pedindo, como uma criança, para você parar. A dor da pobreza já é grande o suficiente.

— Logo o Elias deixar tanto filé apodrecer!

— Você acredita que tinha o direito de ofendê-lo tanto?

— Está certo. Peguei pesado.

— Estou fazendo de tudo pra ajudar o Paulo. Tá mais tranquilo. E agora teu exemplo...

— Obrigado, pai!

— Deixa pra lá, meu touro bravo! Esta família tem de tudo.

— Você me deu esta natureza tão áspera.

— É melhor um cavalo agitado que um matungo moleza. Mas vejo teu filho melhor.

— Minhas rédeas foram muito soltas.

— Bem pensado. E pouca conversa. Estive longe. Muito longe. Não fui um pai que você precisava.

— Deixa de frescura véio. Pensei que podia me segurar depois da morte da bisa Sílvia. Aquela sim é que era.

— Me agrada te ver assim, pensador.

— Semana que vem quero estar na Sociedade. Diz pro Elias tomar a frente dos negócios esta semana.

— Milagre! Milagre! Pulsava um pensamento.

Assim aconteceu.

# CAMINHOS DOS CAMPOS E DAS ÁGUAS

Minha vida tem faces diversas. Ora carrega o infinito, parecendo não se esgotar, pouco depois se apequena. Não sei se é gabolice chegar ao fim com balanço positivo. Alguns fatos revelam razões de bem-estar. Confesso ter vivido intensamente. Muitas horas de coração na mão. Não me acuso de não ter vivido. Acho apenas não ter me dado momentos suficientes de mostrar aos voadores, Camilo e Alischa, o quanto os amei. Voltei-me ao campo como se ali estivesse minha salvação. Não me perdoou a delicada acusação de mamãe:

— Esta distância de ti me mata, filho.

Respondi:

— Não vivemos, voamos.

Me escondi em Maçambará. Não tem como não perder. Encontrei minhas raízes, perdi os ventos de Porto Alegre. Confesso-me agradecido. Consegui dizer a Camilo o quanto minha vida é devedora de testemunho e o quanto minha mãe Alischa deixando sua casa, concedeu a minha. Revistas as loucuras entre Porto Alegre e Canadá, ela assumiu a intensa insegurança de minha pátria. Por vezes, não acreditava no que via:

— Este lugar vive de loucuras. Quem vai levar a sério o teu Brasil, filho? Devemos fazer por nós. Somos guardados por lobos.

Doía nela a falta de proteção. Registro agora: velei na tristeza meu pai e minha mãe. Que vivam o voo que a fê lhes deu. O que de fato assumi, embora tardiamente, foi meu filho. Mais intensamente meus netos. Amei minha amada e gentil senhora, mãe de minhas boas horas: Dulce.

Cibeles, a deusa da fertilidade resolveu ser mãe de cinco filhos. Sentia culpa por perder tantos óvulos, confessava para Dulce. Resolveu traduzir em filhos tanta ternura. Não posso querer muito mais para ela: tenho em meu genro um colono feliz. As mãos de Benício vivem abraçando minha filha e meus netos, quando não enterradas em sementes. Fico matutando sobre a extensão do ser humano. Como pode tanta diferença: um homem de alma de uma pomba. Quando vou à casa dele me sinto de uma proteção benigna, como se o mundo fosse feito de levezas. Também Dulce me confessou: ouvi pela boca de Cibeles que ele é feito de palpitações fortes. E eu brinquei... *Usted sabe, querida... Hai ternura vehemente.*

Dois criaturas merecem um poema épico. Não aprecio delongas, falo o principal. Paulo, depois de realizar um curso técnico em agronegócio, veio ter comigo solicitando um estágio. Sabia de sua intenção. Veio de longe sofismando propostas. Havia disciplina, ideias e vontades. Tornou-se um homem confiável. Fogoso, um potro agitado *pero*, bem domado. Não descansava enquanto não tinha, em fato, um desejo qualquer. Tinha um jeito da senhora Colombina: controlador de tudo. Nada lhe escapava. Depois de dois anos deu aos nossos bens um novo formato. Via o que eu não via. Sabia acontecer o desconhecido. Negociamos a administração dos três negócios com Esteban: pastagens com gados de corte e de leite e o querido alambique eram comigo. Do resto Paulo mandava com positiva autoridade. O alambique era minha morada, meu poder. Tardes ternas vivemos juntos, Dulce e eu, preparando encontros, repetindo eventos antigos. Via neles Anita, Francisco, Silvana, Degas, o Nico, o italiano desbocado, o José, a Dulce e a Eufrásia. Era um círculo de comunhões.

Deus é infinito ao se ver as formas humanas. Descobri em Esteban um narrador. Amava o rio e das costas tirava palavras de rir e chorar. A alma de meu filho floresceu à medida da velhice. Ou estaria eu vendo coisas feitas em meu pensamento?

Falo então de Pedro. Depois do balaço benfeitor, Esteban chamou o filho Pedro. Falou bem assim:

— Pedro, continue o meu trabalho. Chame os sócios.

Fez-se um bom administrador. Ilustrou bem a teoria. Inovou o que o tempo novo trazia. As tecnologias para aproveitamento e cuidados para com o rio Uruguai tornaram-se referências. Avançou com ideias além de nosso rio. Dele se retirou o inconcebível.

Dia desses, coçava minha perna inchada, velha que dava dó. Vi um carro na direção do alambique: Pedro e a noiva Cristina, grávida de palmo e meio, graciosa. Chamei Dulce:

— *Mira ca, querida!* Veja quem chegou.

Era a Cristina, competindo barrigas com Cibele.

Um esparramo de palavras contentes. Chegou-se também o Paulo:

— Esse pessoal parece não ter o que fazer.

Uma prosa breve de pescados e outros bichos. As mulheres já andavam cheias de cadências afetivas.

Paulo como sempre: breve, curto e grosso:

— Pois os bichos não me esperam. Tchau mano véio.

— Sabe vô, do livro de nossa gente? Era o Pedro:

— Sim.

— Li. Quero dar os meus pitacos. Deus é grande em nossa família. Também vou dar forma ao que vem pela frente.

— Pode ficar com a cópia. Guardo o original, me animei.



# PEDRO CONCLUI

— Prometi ao meu vô, João Vicente, escrever também. Arrisco poucas palavras. Prometi pitacos, foi o que consegui fazer. Minha escola foi pouca pra escrituras. No curso de Administração, conta-se, não se divaga. Mesmo do que escrevi, minha neta me ajudou. Depois de muitos anos fui esquecendo quase tudo. Só não esqueço minha Cristina.

Agora estou mais esquecido ainda. Acho que o trabalho pesado foi me tirando o interesse pelo livro. Diz minha neta que ficar velho é ficar sábio. Não estou achando assim. Não fiz muito, mas não fiz feio. Não tive coragem de sair de perto dos rios. Falo rios porque ajudei também na Argentina a fazer das águas uma fonte de muitos peixes

Meus netos estão avançando nos estudos. Não tem muito que inventar mais, pensei. Foi falar isso quando meu neto Tomás veio com umas ideias que me atiçou a curiosidade. Esse mundo é bem de acordo com meu pai. Ele fica do tamanho da invenção. Estou mais ligado nas águas que na terra e vendo meu neto Tomás tirando ideias que é de tirar o chapéu, acho que posso dizer que passo a estafeta adiante. Não vejo ninguém dos sobrinhos e netos dispostos a dar sequência nesta história.

Tenho a dizer que o povo todo do livro já se foi. Meu pai, pra quem não sabe é o Esteban, o homem bom depois de cair-lhe a asa. Ele ainda resiste. Anda um velho querendo mandar em todos. Ele fica nos cascos quando os bisnetos fazem de menos. Guardamos ele com respeito. Ninguém tira dele o mérito de fazer dos rios uma outra coisa. Ele, como diz o Tomás, resignificou a história dos rios. Antes o rio era um lugar de duas margens por onde passava água. Agora um meio de sobrevivência, de beleza com diversidade nas margens.

Volta e meia vou até Santo Tomé, só pra ver a antiga casa de Felícia. Outro lugar que deixamos bonito é a casa de Eufrásia, em Maçambará. Existe um lugar até de visitação.

Meus olhos estão cansados e a lembrança é pouca. Quando busco lembrar me vem só o pensamento do Degas: “São Borja tá demudada...” Daqui mais uns tempos chega o século XXII e nada mais se segura na ordem de antes. Só pra ver as tecnologias das águas. As máquinas sabem demais... Meus netos têm poder. Eu me calo. O saber vem do alto... Nem carece botar os olhos pra saber das águas e da terra. Estava certo meu triso Artêmio falando pro biso Camilo:

—Quem sabe você chegue à conclusão de ser sempre outro. Do que se era ficam os caminhos pra lembrar.





Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



**Agostinho Both** - Autor de diversos livros. Artigos em inúmeras revistas e em capítulos de livros, todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria, escreveu romances sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui estilo literário livre de preceitos acadêmicos. A bagagem, como professor e administrador universitário, faz com que penetre com estilo leve e crítico nas questões do cotidiano da nossa cultura. Acima de tudo, busca forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Agostinho Both narra a história de oito gerações. A complexidade humana com suas tragédias é o motor de inspiração. Rumor nas fronteiras revela diversos conflitos dos personagens: desde os geográficos até os sexuais. O rumor anda nas coxilhas e dentro da cidade. Dentro e fora dos personagens. Os limites das fronteiras são, muitas vezes, tênues e, outras, ruidosas. Doem na maioria dos personagens: as angústias chegam ao desespero. Como suportar a ambivalência afetiva. Entre o passado e o futuro se mostram cargas pesadas. As famílias se multiplicam entre ásperas dificuldades, superações e dores. Mudam-se os tempos e os costumes. Conclui-se no rio Uruguai a solução para a fome e o destino de ribeirinhos. Sonhos se alternam com o duro cotidiano. O campo se transforma e a cidade oferece seu espaço, multiplicando a austeridade. Cada família compõe sortes tensas, outras alegres. Enfim, nada como ler para vibrar com o tumultuado destino humano.



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

